

# REFLETINDO SOBRE O MEU PERCURSO DA CRECHE AO JARDIM DE INFÂNCIA

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada

Anne-Sophie Marques de Sousa

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Alzira Maria Rascão Saraiva

Leiria, abril, 2017

Mestrado em Educação Pré-Escolar

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



## AGRADECIMENTOS

A realização deste relatório só foi possível devido ao apoio constante de algumas pessoas durante todo o percurso:

Primeiramente, um obrigado especial à Doutora Alzira Saraiva por todo o acompanhamento, críticas construtivas e por ter sido o apoio mais fundamental de todo o meu percurso.

Às educadoras cooperantes Hélia, Ana Rita e Margarida por todos os ensinamentos e por serem um exemplo a seguir.

A todas as crianças que tive oportunidade de acompanhar, que tanto me ensinaram e me fizeram acreditar ainda mais no meu sonho.

À minha colega de estágio e parceira para a vida, Leonor, um obrigado especial pela compreensão, a partilha, as gargalhadas, a paciência e por estar sempre lá para me apoiar.

Aos amigos e família que tiveram sempre uma palavra de incentivo nos momentos mais difíceis.

Ao meu pai e ao meu irmão, que não verbalizando, me apoiaram acreditando no meu sonho.

E por último, o mais importante, um enorme obrigado à minha mãe, por ser a pessoa que me amparava sempre, que estava lá quando chegava a casa com dúvidas e tinha sempre a palavra certa para mim e que ouviu todos os desabafos. Foste o meu maior pilar e sem ti não teria sido possível. Obrigada.

A todos os que não especifiquei mas fizeram parte do meu percurso, um muito obrigada!



## RESUMO

O presente relatório surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Este apresenta-se dividido em três partes, a primeira parte refere-se ao vivenciado em contexto de Creche, na segunda parte apresenta-se as experiências realizadas em contexto de Jardim de Infância I e por último, a terceira parte é composta pelo vivenciado em contexto de Jardim de Infância II.

A primeira parte é composta por uma reflexão relativa aos momentos mais relevantes da minha Prática Pedagógica em contexto de Creche.

A segunda parte divide-se em três pontos. Primeiramente é apresentada uma reflexão relativa aos momentos vivenciados em contexto de Jardim de Infância I. Posteriormente segue-se a apresentação de um trabalho desenvolvido segundo a Metodologia de Trabalho por Projeto, intitulado “O Corpo Humano”. O terceiro e último ponto envolve a apresentação do ensaio investigativo realizado com três crianças quatro anos de idade, onde se tentou perceber *que explorações crianças de três e quatro anos de idade realizam quando lhes são disponibilizados objetos*. Os resultados sugerem que as três crianças utilizam o mesmo tipo de explorações e parece não haver grandes diferenças na exploração de objetos conhecidos e de objetos menos conhecidos.

A terceira parte é dividida em dois pontos. Inicialmente é apresentada uma reflexão relativa ao vivenciado em contexto de Jardim de Infância II evidenciando expectativas, dificuldades e aprendizagens realizadas. No segundo ponto dá-se a conhecer o trabalho realizado com o grupo de crianças desta Prática Pedagógica, tendo por base a Metodologia de Trabalho por Projeto, intitulado “A Lua”.

### **Palavras chave**

Aprendizagem, Brincadeira, Matemática, Metodologia de Trabalho por Projeto, Processos Básicos da Ciência, Reflexão.



## ABSTRACT

This report comes within the scope of the Supervised Teaching Practice of the Master in Pre-School Education. This one is divided into three parts, the first part refers to the lived in the context of Day Care, the second part presents the experiences carried out in the context of Kindergarten I and finally, the third part is composed by the experienced in Context of Kindergarten II.

The first part is composed by a reflection on the most relevant moments of my Pedagogical Practice in the context of Creche.

The second part is divided into three points. Firstly, a reflection on the moments experienced in the context of Kindergarten I is presented. Subsequently the presentation of a work developed according to the Methodology of Work by Project, titled "The Human Body". The third and final point involves the presentation of the investigative essay conducted with three children of four years of age, where it was attempted *to realize that exploitations children of three and four years of age perform when they are made available objects*. The results suggest that the three children use the same type of explorations and there seems to be no great difference in the exploration of known objects and less known objects

The third part is divided into two points. Initially, a reflection on the experience in the context of kindergarten II is presented, evidencing expectations, difficulties and learning. In the second point, the work carried out with the group of children in this Pedagogical Practice is known, based on the Methodology of Work by Project, entitled "The Moon".

### **Keywords**

Basic Processes of Science, Learning, Mathematics, Play, Project Work Methodology, , Reflection



# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract.....	vii
Índice Geral .....	ix
Índice de Fotografias .....	xiii
Índice de Quadros .....	xvii
Índice de Tabelas .....	xix
Índice de Anexos .....	xxi
Introdução.....	1
Parte I – Prática Pedagógica em contexto de Creche .....	2
1.1 Reflexão sobre o vivenciado em Creche .....	2
1.1.1 Breve caracterização da instituição e do grupo de crianças .....	2
1.1.2 Ser educador em Creche .....	3
1.1.3 O meu percurso em contexto de Creche .....	4
1.1.4 Importância da observação .....	5
1.1.5 Das dificuldades às aprendizagens .....	6
1.1.6 Evolução da planificação.....	12
1.1.7 Síntese reflexiva .....	13
Parte II – Prática Pedagógica em contexto de Jardim de Infância I .....	14
2.1 Reflexão sobre o vivenciado em Jardim de Infância I.....	14
2.1.1 Breve caracterização da instituição e do grupo de crianças .....	14
2.1.2 Ser educador em Jardim de Infância.....	16
2.1.3 O meu percurso em contexto de Jardim de Infância .....	17
2.1.4 Importância da observação .....	20
2.1.5 Das dificuldades às aprendizagens .....	20
2.1.6 Evolução da planificação.....	25
2.1.7 Síntese reflexiva .....	26

2.2 Trabalho de Projeto: “O Corpo Humano” .....	28
2.2.1 Introdução .....	28
2.2.2 Revisão da Literatura.....	28
2.2.2.1 Metodologia de Trabalho por Projeto.....	28
2.2.2.2 O Corpo Humano .....	30
2.2.3 Projeto: O Corpo Humano .....	30
2.2.3.1 Situação desencadeadora do projeto.....	31
2.2.3.2 Fase II – definição do problema .....	31
2.2.3.3 Fase II – planificação e desenvolvimento do trabalho .....	32
2.2.3.4 Fase III – execução .....	33
2.2.3.5 Fase IV – avaliação/divulgação do projeto.....	35
2.2.4 Conclusões e dificuldades sentidas .....	36
2.3 – Ensaio Investigativo .....	37
2.3.1 Nota introdutória .....	37
2.3.2 Enquadramento Teórico .....	38
2.3.2.1 – Processos básicos da ciência.....	38
2.3.2.2 – Matemática no pré-escolar.....	41
2.3.2.3 – Brincadeira.....	44
2.3.3 – Metodologia.....	45
2.3.3.1 Opções metodológicas .....	45
2.3.3.2 – Participantes do estudo .....	46
2.3.3.3 – Procedimentos metodológicos.....	47
2.3.3.4 – Técnicas/instrumentos de recolha de dados.....	50
2.3.3.5 – Recolha de dados .....	51
2.3.3.6 – Análise e tratamento de dados .....	51
2.3.4 – Resultados e sua discussão .....	52
2.3.4.1 Resultados e sua discussão por tarefa.....	53
2.3.4.2 Resultados e sua discussão por criança para todas as tarefas .....	61

2.3.5 – Conclusões e limitações do ensaio investigativo.....	65
Parte III – Prática Pedagógica em contexto de Jardim de Infância II.....	68
3.1 Reflexão sobre o vivenciado em Jardim de Infância II .....	68
3.1.1 Breve caracterização da instituição e do grupo de crianças .....	68
3.1.2 O meu percurso em contexto de Jardim de Infância II.....	70
3.1.3 Importância da avaliação .....	75
3.1.4 Evolução da planificação.....	76
3.1.5 Síntese reflexiva .....	77
3.2 Trabalho de Projeto: “A Lua” .....	77
3.2.1 Introdução.....	78
3.2.2 Revisão da Literatura.....	78
3.2.2.1 A Lua .....	78
3.2.3 Projeto: A Lua .....	79
3.2.3.1 Situação desencadeadora do projeto.....	79
3.2.3.2 Fase I – definição do problema .....	80
3.2.3.3 Fase II – planificação e desenvolvimento do trabalho .....	82
3.2.3.4 Fase III – execução .....	83
3.2.3.5 Fase IV – avaliação/divulgação do projeto.....	85
3.2.4 Conclusões e dificuldades sentidas .....	87
Conclusão .....	88
Referências Bibliográficas .....	89
Anexos.....	93



## ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Atividade da água .....	11
Fotografia 2 – Ida ao exterior comprar castanhas .....	11
Fotografia 3 – Criança a apanhar flores .....	24
Fotografia 4 – Crianças a interagirem .....	24
Fotografia 5 – Ida à mercearia .....	24
Fotografia 6 - Confeção do bolo .....	24
Fotografia 7 – Atenção individualizada durante o preenchimento do quadro das presenças ..	25
Fotografia 8 – Um momento do projeto “O Corpo Humano” .....	25
Fotografia 9 – Observação de formigas .....	25
Fotografia 10 – Observação de uma tartaruga .....	25
Fotografia 11 – Livro “A mamã pôs um ovo” .....	31
Fotografia 12 – Registo com as crianças .....	31
Fotografia 13 – Observação da informação recolhida .....	34
Fotografia 14 – Corpo a três dimensões .....	34
Fotografia 15 – Registos em cartolina .....	34
Fotografia 16 – Registo do aprendido nas silhuetas humanas .....	34
Fotografia 17 – Apresentação do registo feito nas silhuetas .....	35
Fotografia 18 – Divulgação do projeto .....	35
Fotografia 19 – Desenho realizado por ME .....	35
Fotografia 20 – 15 legos .....	48
Fotografia 21 – 10 carros .....	48
Fotografia 22 – 5 livros .....	48
Fotografia 23 – Peças pequenas .....	48
Fotografia 24 – Peças grandes .....	48
Fotografia 25 – Maçãs .....	49
Fotografia 26 – Pêras .....	49
Fotografia 27 – Bananas .....	49

Fotografia 28 – Laranjas .....	49
Fotografia 29 – Objetos do cotidiano caseiro .....	49
Fotografia 30 – Folhas de árvore .....	49
Fotografia 31 – Milho .....	49
Fotografia 32 – Areia .....	49
Fotografia 33 – Bogalhos .....	49
Fotografia 34 – Garrafas de plástico .....	50
Fotografia 35 – Tampas de garrafas de plástico .....	50
Fotografia 36 – Feijões .....	50
Fotografia 37 – Fios de lã .....	50
Fotografia 38 – Papel de jornal .....	50
Fotografia 39 – Figuras geométricas .....	50
Fotografia 40 – Padrão ABAB.....	62
Fotografia 41 – Avental de histórias .....	72
Fotografia 42 – Estendal de histórias .....	72
Fotografia 43 – Teatro de sombras .....	72
Fotografia 44 – História através de projetor .....	72
Fotografia 45 – Dramatização pelas crianças .....	72
Fotografia 46 – Teatro com dedoches .....	72
Fotografia 47 – Teatro de sombras “A que sabe a Lua” .....	79
Fotografia 48 – Desenho da criança G. ....	80
Fotografia 49 – Desenho da criança P. ....	80
Fotografia 50 – Desenho da criança D. ....	80
Fotografia 51 – Pesquisa em pequeno grupo .....	84
Fotografia 52 – Desenho final da G. ....	86
Fotografia 53 – Desenho final da P. ....	86
Fotografia 54 – Desenho final da D. ....	86
Fotografia 55 – Livro do projeto “A Lua” .....	86

Fotografia 56 – Divulgação do projeto .....87



## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Fases do trabalho por projeto segundo Vasconcelos (s/d) .....	29
Quadro 2 – Ideias prévias das crianças sobre o corpo humano .....	31
Quadro 3 – Questões levantadas pelas crianças sobre o corpo humano .....	32
Quadro 4 – Ideias das crianças sobre onde realizar a pesquisa .....	32
Quadro 5 – Planificação das propostas educativas .....	33
Quadro 6 – O que as crianças descobriram com a pesquisa .....	34
Quadro 7 – Tarefas, objetos, dia e local da recolha de dados .....	51
Quadro 8 – Ideias prévias das crianças sobre a Lua .....	81
Quadro 9 – Questões levantadas pelas crianças sobre a Lua .....	81
Quadro 10 – Ideias das crianças para realizar a pesquisa .....	82
Quadro 11 – Sugestões de actividades .....	82
Quadro 12 – Planificação das propostas educativas .....	83
Quadro 13 – O que já descobrimos .....	85



## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 1, por criança .....	53
Tabela 2 – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 2, por criança .....	54
Tabela 3 – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 3, por criança .....	55
Tabela 4 – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 4, por criança .....	57
Tabela 5 – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 5, por criança .....	58
Tabela 6 – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 6, por criança .....	59
Tabela 7 – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas pelo Alexandre, por tarefa .....	61
Tabela 8 – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas pelo Duarte, por tarefa .....	62
Tabela 9 – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas pela Margarida, por tarefa .....	64



## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Reflexões em Contexto de Creche .....	1
Anexo II – Planificações em Contexto de Creche .....	13
Anexo III – Reflexões em Contexto de Jardim de Infância I .....	22
Anexo IV – Planificações em Contexto de Jardim de Infância I .....	40
Anexo V – Transcrições dos vídeos para o ensaio investigativo .....	47
Anexo VI – Análise das transcrições.....	73
Anexo VII – Reflexões em Contexto de Jardim de Infância II .....	96
Anexo VIII – Planificações em Contexto de Jardim de Infância II .....	104



## INTRODUÇÃO

O presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada foi elaborado no âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, no ano letivo 2016/2017, e retrata as experiências vividas em três contextos educativos: Creche, Jardim de Infância particular e Jardim de Infância da rede pública.

Deste modo, este relatório encontra-se dividido em três partes, sendo a primeira parte correspondente ao meu percurso no decorrer da Prática Pedagógica em contexto de Creche, a segunda parte referente às experiências concretizadas na Prática Pedagógica em contexto de Jardim de Infância I, e por último, a terceira parte correspondente aos momentos vivenciados ao longo da Prática Pedagógica em contexto de Jardim de Infância II.

Na primeira parte, encontra-se uma reflexão realizada sobre o meu percurso no contexto de Creche, desde as minhas dificuldades às aprendizagens com as crianças.

A segunda parte, encontra-se dividida em três pontos. No primeiro ponto, apresenta-se uma reflexão sobre todo o processo e os momentos vivenciados ao longo da Prática Pedagógica em contexto de Jardim de Infância I. Segue-se a apresentação de um trabalho realizado de acordo com a Metodologia de Trabalho por Projeto, intitulado “O Corpo Humano”. Por último, no terceiro ponto deste contexto, descrevo o ensaio investigativo, realizado na sala das “Andorinhas”.

A terceira parte deste relatório encontra-se dividida em dois pontos. No primeiro ponto, à semelhança dos contextos anteriores, apresento uma reflexão sobre o vivenciado ao longo da Prática Pedagógica ao longo do contexto em Jardim de Infância II, seguindo-se um segundo ponto, onde se apresenta o Projeto “A Lua”, realizado segundo a Metodologia de Trabalho por Projeto.

No final do relatório, é apresentada uma conclusão sobre todo o meu percurso como mestranda ao longo das três Práticas Pedagógicas, realçando os momentos mais significativos e que contribuíram para o meu desenvolvimento como futura profissional.

## PARTE I – PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTO DE CRECHE

A presente componente do relatório apresenta uma reflexão sobre o vivenciado na Prática Pedagógica desenvolvida em contexto de Creche no 1º semestre do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

### 1.1 REFLEXÃO SOBRE O VIVENCIADO EM CRECHE

No primeiro semestre do ano letivo 2015/2016, a minha Prática Pedagógica foi desenvolvida em contexto de Creche. Finalizada esta prática, sinto necessidade de realizar uma reflexão sobre o caminho percorrido, fazendo um balanço desta vivência, bem como dos seus aspetos positivos e negativos, das dificuldades sentidas e das aprendizagens realizadas.

#### 1.1.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO GRUPO DE CRIANÇAS

A Prática Pedagógica do primeiro semestre do Mestrado de Educação Pré-Escolar foi realizada numa Instituição Particular de Solidariedade Social, numa sala de atividades, com crianças que no início da Prática Pedagógica tinham entre vinte e três e vinte e nove meses de idade, a que foi dada o nome de “Peixinhos”.

Esta instituição localizava-se no centro histórico da cidade de Leiria e possuía seis valências: Creche; Jardim de Infância; Centro de atividades de tempos livres; Lar de infância e juventude; Serviço Social e Secção desportiva. A instituição possuía treze salas, sendo três de Berçário, quatro de Creche, seis de Jardim de Infância e a sala de CATL.

A sala dos “Peixinhos” tinha dezoito crianças, sendo dez do sexo masculino e oito do sexo feminino, uma educadora e duas auxiliares de ação educativa.

Estas crianças encontravam-se no estágio sensório-motor, período onde ocorre *uma intensa exploração do mundo físico, em que predominam as relações cognitivas com o meio. A criança desenvolve a inteligência prática e capacidade de simbolizar* (Craidy & Kaercher, 2001, p. 28).

A criança pertencente a esta faixa etária, apesar de ainda muito imatura, deixou de ser bebé, começando a *aguentar-se bem nas pernas e começa a juntar algumas palavras* (Gesell, 1979, p. 157). Aos dois anos, a criança ainda não caminha na posição erecta, tendo sempre os cotovelos e os joelhos ligeiramente dobrados e costas encurvadas (Gesell, 1979). Ocorre, também, nesta idade um desenvolvimento intelectual grande devido aos novos meios que vão surgindo e ao início dos progressos da percepção (Bergeron, 1982).

Relativamente ao desenvolvimento motor da criança nesta faixa etária,

Para se levantar da posição de sentada no chão inclina-se para a frente e ergue primeiro as nádegas e depois a cabeça, em vez de erguer o tronco erecto, como fará mais tarde. Sobe e desce escadas avançando sempre o mesmo pé de degrau em degrau. É capaz de dar um pontapé numa bola... mas não é capaz de se aguentar numa só perna (Gesell, 1979, p. 157).

No que diz respeito à fala, a criança com dois anos *usa muitas frases de duas palavras; não balbuceia mais; quer conversar* (Papalia & Olds, 1998, p. 141). É geralmente o ano em que existe um aumento significativo do vocabulário, isto é,

Vocabulário de mais de cinquenta itens (algumas crianças parecem ser capazes de dar nome a tudo no ambiente); começa espontaneamente a juntar itens de vocabulário em frases de duas palavras; todas as frases parecem ser criações próprias; aumento definitivo em comportamento comunicativo e interesse pela linguagem (Papalia & Olds, 1981, p. 153).

Esta experiência pedagógica foi iniciada com muitas expectativas, uma vez que nunca tinha realizado nenhuma prática neste contexto, tal como referi neste extrato da primeira reflexão

Relativamente a este contexto, as minhas expectativas são bastantes elevadas. Uma vez que nunca tive oportunidade de atuar nesta valência, considero que todos os momentos serão de importantes aprendizagens, que com certeza me serão extremamente úteis no meu futuro como educadora de infância (Anexo I – Reflexão 1 em contexto de Creche).

### **1.1.2 SER EDUCADOR EM CRECHE**

O educador de infância tem como objetivo educar e cuidar e deve acompanhar o desenvolvimento da criança, criando situações de aprendizagem que motivem, interessem e estimulem a criança, partindo sempre do que esta sabe. A Creche não é a antecipação do Jardim de Infância, e o educador tem que ter isso presente de modo a proporcionar uma boa aprendizagem às crianças. É através das experiências diárias que as crianças vão aprendendo e desenvolvendo. Em Creche, as atividades orientadas não são as mais importantes, mas sim as rotinas. É através da rotina que a criança se sente segura e é através da sua previsibilidade que se constrói um dia calmo, centrado na criança (Post & Hohmann, 2011). Considera-se que,

Uma rotina coerente é uma estrutura. Liberta igualmente crianças e adultos da preocupação de terem de decidir o que vem a seguir e permite-lhes usar as suas energias criativas nas tarefas que têm em mãos... a criança tem de ter consciência da rotina diária e saber os nomes das partes que a compõem, para não passar o dia a pensar o que irá acontecer a seguir (Hohmann, Banet & Weikart, 1992, p.81).

O educador é quem está presente na ausência dos pais, e como tal deve ser alguém em quem a criança confie e se sinta segura. O educador deve conhecer cada criança individualmente, sabendo quais são os seus interesses e dificuldades de modo a planificar de acordo com esses interesses e essas dificuldades.

O educador, em Creche, deve dar importância a todos os momentos da rotina, estando presente e auxiliando a criança sempre que esta sinta dificuldade. Deve promover também o desenvolvimento pessoal e social da criança, estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, despertar a curiosidade e o pensamento crítico, proporcionar ocasiões de bem estar e de segurança e incentivar a participação das famílias no processo educativo (Ministério da Educação, 1997). O educador deve, ainda, promover um bom relacionamento com os pais e familiares da criança mantendo-os *sempre informados sobre tudo o que ocorrer com ela durante o período em que estiver na instituição, bem como a forma de trabalho e a proposta pedagógica que ali é desenvolvida* (Craidy & Kaercher, 2001, p. 33).

Assim, o educador é o promotor da aprendizagem, e deve trabalhar em grupo com a sua equipa pedagógica com o objetivo de criar *situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só* (Ministério da Educação, 1997, p. 26).

### **1.1.3 O MEU PERCURSO EM CONTEXTO DE CRECHE**

O facto de esta Prática Pedagógica ter um tempo de intervenção maior do que as vivenciadas em Práticas Pedagógicas da licenciatura em Educação Básica deixou-me inicialmente receosa. O impacto inicial foi grande e o medo apoderou-se de mim bem como as dúvidas se realmente conseguiria corresponder a tudo o que me era pedido. No entanto, ainda antes de me apresentar na instituição, ganhei forças para dar o meu melhor.

No primeiro dia de ida à instituição senti-me mais tranquila. Fiquei a conhecer o grupo de crianças, a educadora e as auxiliares com que iria trabalhar, e desde logo senti que era um ambiente onde poderia evoluir. Ao contrário daquilo que pensava e estava à espera, logo no primeiro dia comecei a integrar-me nas rotinas e a ajudar em tudo o que foi necessário. Era um contexto ao qual não estava habituada nem tinha noção de como funcionava, mas desde logo toda a equipa da sala dos “Peixinhos” tentou receber-me da melhor maneira, integrando-me e mostrando-me como deveria intervir. Senti que existia um grande trabalho de equipa e que já estava a ser incluída nesta equipa, pois

Quando se trabalha em instituições educativas, é indispensável realizar um trabalho em equipa com todos os profissionais responsáveis pela tarefa educativa ... Todos que trabalham na escola ou colaboram na realização de uma tarefa educativa e em busca de uma melhoria de qualidade devem atuar da maneira mais coerente e coordenada possível (Bassedas, Huguet & Solé, 1999, p. 244).

Posso afirmar que no final do primeiro dia de Prática Pedagógica fiquei com energias renovadas, pois senti o apoio de toda a equipa e vontade de começar a intervir.

Fui bastante bem recebida, tanto pela equipa da sala dos “Peixinhos”, como por todos os funcionários da instituição, como está evidenciado no seguinte extrato da minha reflexão escrita,

Assim que chegámos a esta instituição fomos desde logo bem recebidas. A educadora [REDACTED] deu-nos a conhecer as instalações e também algumas informações adicionais. Percebi que existe um grande espírito de família e que desde cedo nos tentaram fazer sentir parte dessa família. A educadora da sala do nosso grupo de crianças, educadora [REDACTED] [REDACTED], foi também muito acessível connosco, mostrando-se pronta a ajudar-nos sempre que for necessário, e dando-nos liberdade para experimentarmos (Anexo I – Reflexão 1 em contexto de Creche).

Desde início todos mostraram muita simpatia e vontade de me ajudar e apoiar em tudo aquilo que fosse necessário, o que me transmitiu um sentimento de confiança. Ao longo de toda a Prática Pedagógica senti esse apoio. Existia sempre um sorriso, uma palavra de conforto e motivação, especialmente na sala dos “Peixinhos”. As auxiliares de ação educativa, desta sala, desde sempre me tentaram ensinar como deveria intervir em certas alturas, e em momentos de maior aflição, deram-me confiança e espaço para encontrar respostas, mostraram-me verdadeiramente o amor que

sentem por aquelas crianças e por aquele trabalho e considero que este apoio foi fundamental para mim, tal como referi na Reflexão 4 ...*também as auxiliares nos ajudam muito. Dão-nos muitas dicas de como fazer as coisas e têm sempre uma palavra de apoio, que para alguém como eu que está no início é um enorme incentivo* (Anexo I – Reflexão 4 em contexto de Creche).

Foi também de enorme importância, o apoio da educadora. Desde o início que me tentou inculcar noções extremamente importantes, que espero lembrar-me sempre, especialmente quando for educadora em exercício. Deu-me espaço e à vontade para explorar o que sentisse necessidade, dando-me sempre a sua opinião e conselhos. Considero que aprendi muito com esta educadora, uma vez que ela se mostrou muito disponível para me auxiliar sempre que foi preciso, como mostra o seguinte exemplo:

Outro aspecto que valorizo, são as reflexões que vamos fazendo com a educadora, que nos esclarece sempre e menciona aspetos muito importantes, mantendo-nos em constante aprendizagem. Penso que não há melhor maneira de aprender do que ouvir alguém que já tem muitos anos de experiência e que já está habituada às situações (Anexo I – Reflexão 3 em contexto de Creche).

Ao longo de toda a Prática Pedagógica senti que existiram pontos negativos e positivos e que estive em constante evolução. Muitas das dificuldades sentidas foram ultrapassadas e tornaram-se em aprendizagens significativas.

Existiu uma evolução ao longo do meu percurso, devido às aprendizagens que fui realizando e aos conselhos que fui recebendo. Tirei partido de todas as situações e coloquei em prática, posteriormente, as aprendizagens realizadas. Um aspeto que desenvolvi ao longo da prática, foi o de criar situações potenciadoras de desenvolvimento da auto-estima, uma vez que *Cabe ao adulto ajudar na construção da auto-estima infantil, fornecendo à criança uma imagem positiva de si mesma, aceitando-a e apoiando-a sempre que for preciso* (Craidy & Kaercher, 2001, p. 30).

Ao longo do tempo, fui adaptando diferentes estratégias e sentindo-me mais à vontade ao utilizá-las.

#### **1.1.4 IMPORTÂNCIA DA OBSERVAÇÃO**

De início, comecei por observar as crianças, de maneira a conhecer os seus interesses e necessidades, para mais tarde poder planear de acordo com essas mesmas necessidades, pois

Realizar observações significativas e escutar as crianças torna possível aos adultos conhecerem e aprenderem mais sobre cada criança e assegurar que estão bem colocados para planear, para estimular e responder aos interesses e necessidades individuais da criança e da sua família (Parente, 2012, p. 6).

Estas observações foram importantes para estar preparada para “pegar” no grupo, e se fosse hoje, daria ainda mais importância a este momento, uma vez que quando chegou a altura de intervir senti que a minha recolha de dados, derivada da observação, não tinha sido suficiente.

Quando se observa, deve-se respeitar e apreciar a criança, de modo a conhecê-la, observando para encontrar respostas, ser objetivo, descrever o comportamento desta em vez de a rotular, e escutar a criança (Jablon, Dombro & Dichtelmiller, 2009). Observar, pressupõe

...dar minha atenção a alguém e de tentar entender aquela criança – que abre meu coração. Enquanto observo, começo a conhecer a criança. Constrói-se uma ponte afectiva. Os detalhes que observo começam a se conectar, e começo a ver no quê a criança precisa de mim (Jablon, Dombro & Dichtelmiller, 2009, p. 24).

Para se realizar a observação foi, no entanto, necessário primeiro conceber o instrumento de observação, de seguida testar o instrumento de observação e por último proceder à recolha de dados (Quivy & Campenhoudt, 2008). Como tal, deve-se *observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem* (Ministério da Educação, 1997, p. 25) uma vez que estas são *práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades* (Ministério da Educação, 1997, p. 25).

### **1.1.5 DAS DIFICULDADES ÀS APRENDIZAGENS**

A importância das rotinas foi a minha primeira grande aprendizagem. Como nunca tinha trabalho no contexto de Creche, não tinha a noção da importância das rotinas não só para as crianças, mas também para a construção da minha ligação com as mesmas. Este foi um aspeto que desde cedo tanto a educadora como as auxiliares e a professora supervisora me chamaram a atenção. De modo a conseguir criar uma ligação com as crianças e conseguir ganhar a sua confiança foi necessário estar presente nas suas rotinas, pois

As rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido, e, ainda, substituem a incerteza do futuro (principalmente em relação às crianças com dificuldade para construir um esquema temporal de médio prazo) por um esquema fácil de assumir (Zabalza, 1998, p. 52).

Penso que ao longo de toda esta Prática Pedagógica ficou cada vez mais claro para mim a importância da rotina na Creche, e se inicialmente dava pouca atenção aos momentos de rotina, ao longo do tempo fui utilizando cada vez mais tempo nestes momentos, estando lá, apoiando as crianças e fazendo-as sentir seguras comigo. Tal como a educadora várias vezes me fez compreender, as rotinas têm um papel fundamental na vida de uma criança desta faixa etária e devemos valorizá-las e não desprezá-las. Devemos gastar tempo com elas, tornando estes momentos prazerosos e colaborantes para a criança. Foi, assim, umas das aprendizagens mais importantes que realizei nesta Prática Pedagógica e sei, que no futuro como educadora, darei muita importância a estes momentos, pois estes *deverão permitir experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação ... e possibilitem a interacção com outras pessoas* (Craidy & Kaercher, 2001, p. 68).

Penso que a minha ação e postura, ao longo de toda esta Prática Pedagógica foram evoluindo e à medida que compreendia a importância da rotina, tornava-me mais presente nela, as dificuldades

sentidas ao início foram sendo ultrapassadas e muitas aprendizagens foram sendo adquiridas e desenvolvidas.

No que diz respeito ao acolhimento das crianças, penso que foi o momento onde mais evolui. De início, não competia às estagiárias fazerem o acolhimento das crianças, mas, com o passar do tempo, a professora supervisora e a educadora acharam que deveríamos começar a acolhe-las e a realizar todo aquele momento. Confesso que foi, também, um dos momentos onde mostrei dificuldades, uma vez que inicialmente não me sentia à vontade para acolher as crianças junto dos pais. Mais uma vez, a ajuda da educadora foi imprescindível, uma vez que me fez compreender que uma educadora tem que ser flexível, característica que inicialmente eu não tinha. Sabendo da importância de ser flexível, ao longo do tempo, fui tentando desenvolver esta característica. Fui compreendendo a importância de manter uma boa relação com os pais, pois tal como referi na Reflexão 4, *os pais devem sentir-se seguros sobre a pessoa a quem estão a deixar o filho* (Anexo I - Reflexão 4 em contexto de Creche). Tentei assim, mostrar segurança e confiança para que os pais me confiassem a sua criança, e penso que ao longo do tempo fui conseguindo conquistar essa confiança, pois,

Para os pais, confiar o seu bebé a uma terceira pessoa não é um processo simples. Ao lado de momentos positivos, existem períodos difíceis, emoções complexas, dolorosas e frequentemente secretas: medo de perder um pouco o bebé, medo que este prefira a outra pessoa ou que este não se habitue a outros, frustração por não ser o primeiro a testemunhar as suas aquisições quotidianas, etc (Portugal, 1998, p. 190).

Contudo, este momento nem sempre foi bem sucedido, e por várias vezes a educadora teve que me auxiliar no acolhimento. Houve situações em que as crianças não quiseram ser recebidas por mim, e nestes casos tentei não perder a esperança de conquistar a sua confiança. Compreendi que as crianças tinham um vínculo grande com a educadora e que lhes era difícil deixarem os pais para ficarem comigo. No entanto, nunca desisti e aos poucos todas as crianças foram deixando que eu as acolhesse, à exceção de uma criança, que até ao último dia nunca consegui acolher.

No entanto, o momento do acolhimento não se refere só ao acolhimento das crianças, pois, também era necessário orientar o grupo, levar as crianças à casa de banho, guardar os seus pertences e orientá-las nas suas brincadeiras. Neste ponto, penso que ao longo do tempo me fui tornando mais flexível e competente, necessitando, no entanto, de alguma ajuda da minha colega de estágio nos momentos de maior agitação, tal como está referido na seguinte evidência,

... tenho a responsabilidade de acolher as crianças quando chegam, falar com os pais, fazê-las sentir-se bem-vindas, arrumar as suas mochilas, ver se têm babetes e fraldas no seu interior, levar as crianças à casa de banho ... É necessário da minha parte que haja uma enorme flexibilidade ... Nem sempre foi fácil fazê-lo pois por vezes parecia que as mãos não chegavam (Anexo I – Reflexão 9 em contexto de Creche).

Na reunião na manta, a minha dificuldade, desde o início, era captar a atenção das crianças e penso que esta dificuldade não foi ultrapassada na totalidade. Inicialmente, sentia muita dificuldade nesse

momento, pois as crianças não me ouviam, falavam e não se sentavam mostrando claramente que não me viam como um líder, como mostra o seguinte extrato:

a minha maior dificuldade foi a de consegui captar a atenção ao grupo de crianças. Nem eu nem a minha colega temos ainda aquela experiência para lhes captar atenção, e tendo sido esta a nossa semana de intervir, por diversas vezes perdemos a atenção das crianças, precisando da ajuda da educadora ou das auxiliares para captar de novo esta atenção das crianças (Anexo I – Reflexão 4 em contexto de Creche).

e ainda no extrato:

Outra grande dificuldade, que tem sido recorrente desde o início, é conseguir captar a atenção do grupo. Na segunda-feira, na manta, senti muitas dificuldades, podendo mesmo dizer que me perdi no que estava a fazer... Tentei por diversas vezes chamá-las à atenção, dizendo o seu nome ou pedindo para estarem sentados, mas devido ao seu estado de grande agitação poucas eram as crianças que me ouviram. ... Foi um momento de grande dificuldade para mim que não consegui ultrapassar (Anexo I – Reflexão 13 em contexto de Creche).

De modo a ultrapassar esta dificuldade conversei bastante com a minha colega, discutindo estratégias a utilizar futuramente para lhes captar a atenção. Em conversa com a educadora, esta sugeriu-nos a introdução de algo novo, pois uma surpresa era sempre algo que despertava interesse e curiosidade nas crianças facilitando, assim, a sua concentração. Depois de refletir sobre todos os conselhos, pus em prática diferentes estratégias. Uma das estratégias utilizadas foi o elemento surpresa, outra foi cantar uma canção, outra, ainda, foi improvisar, entre muitas outras que foram sendo utilizadas. Todas elas produziram o efeito pretendido e, assim, consegui captar-lhes a atenção. No entanto, a atenção só durava durante o momento de surpresa. Sinto, portanto, que devo continuar a pesquisar maneiras de estar constantemente a surpreender as crianças, pois

é difícil para a criança pequena sentar-se tranquilamente, prestar atenção em um tópico e ouvir umas às outras, de modo que o professor deve estar preparado com medidas preventivas que evitem problemas e estratégias diretas que lidem com os problemas quando esses ocorrem (DeVries & Zan, 1998, p. 120).

Outro momento onde senti dificuldade em captar a atenção das crianças foi no momento de contar uma história. Este era um momento de muita importância para as crianças, mas nem sempre o realizei da melhor maneira. Antes de mais, aprendi que devo fazer uma pesquisa sobre os livros mais adequados à idade do grupo de crianças. Também devo ter em consideração a maneira como contar a história, pois deve-se criar *uma relação com o objeto livro, no sentido de torná-lo próximo das crianças, tanto quanto um brinquedo* (Craidy & Kaercher, 2001, p. 83). Ao princípio optei por contar a história com o livro no chão, mas refletindo posteriormente sobre isso, percebi que desta forma nem todas as crianças conseguiam visualizar as imagens do livro. Outro aspeto que aprendi a ter em conta, por sugestão da educadora, foi deixar as crianças observarem durante mais tempo cada página, para que estas conseguissem ver e interiorizar a imagem. Como tal,

a apresentação da história deve ser variada usando-se, no entanto, com maior frequência o próprio livro. A variação objectiva enriquece a experiência da criança, colocando-a em contacto com diversos tipos de material e despertando-a para diferentes tipos de expressão (Rizzo, 1989, p. 216).

No momento da higiene, aprendi que devia dar tempo às crianças para primeiro avaliarem o que já conseguiam/queriam fazer, fazendo por elas próprias, auxiliando só se necessário. As crianças desta

sala, no início, precisavam do meu incentivo e ajuda, mas, ao longo do tempo fui dando espaço e confiança para o fazerem por elas próprias, felicitando-as sempre que o conseguiam fazer de modo a elevar-lhes a auto-estima. No entanto, foi o momento da rotina em que sinto que estive menos presente.

Considero que, no início desta Prática Pedagógica, não tinha uma postura correta durante o almoço e o lanche, pois estes não servem *simplesmente como um momento para a satisfação das necessidades nutricionais das crianças* (DeVries & Zan, 1998, p. 248). Deveria ter estado mais presente, circulando mais pelas mesas, auxiliando todas as crianças, nem que fosse só com uma palavra de incentivo. No momento das refeições devia ter permitido que as crianças se tivessem sentado onde pretendiam e ao pé de quem desejavam, devia ter auxiliado-as quando necessário, lembrar-lhe os hábitos de boa saúde, higiene e nutrição e devia ter encorajado a realizar mais interações com as outras crianças (DeVries & Zan, 1998). A minha falta de experiência e o medo de errar afastaram-me deste momento e foi necessário um aviso da educadora, para eu compreender a importância deste momento e começar a vivenciá-lo de outra maneira. A partir daí, passei a estar mais ativa, mostrando às crianças a importância deste momento. Sinto que houve uma grande evolução da minha parte, uma vez que no final da Prática Pedagógica a atenção dada a este momento foi igual à de outros momentos da rotina, pois o momento da toma das refeições é *uma excelente oportunidade para as crianças envolverem-se relaxadamente em experiências compartilhadas com os seus amigos* (DeVries & Zan, 1998, p. 250).

No momento da sesta foi onde senti, pela primeira vez, o meu maior desafio. Ao longo do tempo fui ganhando autonomia para orientar o grupo, mas o momento da sesta foi sempre complicado uma vez que muitas vezes as crianças se encontravam agitadas e adormece-las nem sempre era fácil. No entanto, com a ajuda da educadora sempre o fui conseguindo fazer. Contudo, houve uma semana em que a educadora teve que se ausentar durante este momento da rotina e fiquei apenas eu e a minha colega a orientar o grupo de crianças. Senti grandes dificuldades e tive que arranjar estratégias para as ultrapassar. Penso que foi um dos melhores testes que tive, tal como evidencio neste extrato,

Ficámos apenas nós as duas com o grupo todo, e neste momento ainda todas as crianças se encontravam acordadas e bastante agitadas. Foi um momento bastante difícil para nós, e por momentos pensei que não fossemos conseguir. Tentámos cantar música para os acalmar e foi notório que por terem ficado apenas conosco as crianças se agitaram ainda mais ... Com o passar do tempo as crianças começaram a adormecer ... Foi a primeira vez que tivemos uma situação assim. Sei que foi bastante difícil, mas sei também que foi uma enorme aprendizagem para nós, e posso afirmar, que no final me sentia bastante feliz por o termos conseguido fazer (Anexo I – Reflexão 9 em contexto de Creche).

Também o momento de atividade orientada contribuiu para o meu desenvolvimento como educadora. Com este momento compreendi que devia pensar previamente nos materiais que iria

utilizar na atividade, na sua pertinência e se eram ou não adequados, interessantes e atrativos para aquelas crianças, pois,

É também central que os materiais pedagógicos transportem mensagens e criem oportunidades, sejam responsivos às diferenças, às motivações, aos ritmos, a cada identidade e ao grupo. Neste sentido, os livros, brinquedos, jogos, músicas ou canções deverão ser cuidadosamente escolhidos, de forma a serem responsivos à pluralidade de experiências que se deseja que a criança possa viver (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 17).

Também compreendi que devia ter em conta o número de crianças que iriam realizar a atividade, pois era muito diferente realizar uma atividade em grande grupo, em grupos de quatro crianças ou individualmente. Devia ainda, ter sempre em conta as necessidades da criança, aquilo que pretendia que ela fizesse e devia planificar a atividade de modo a potencializar as aprendizagens das crianças. Outro aspeto a ter em conta era o ambiente onde se realizava a atividade. Ao longo desta Prática Pedagógica aprendi que se devia criar um ambiente familiar e propício para o desenvolvimento da criança pois,

um ambiente bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais. Este ambiente permite que as crianças façam aquilo que naquele momento conseguem fazer, mas que, no entanto, cresce com elas (Post & Hohmann, 2011, p.101).

Com o passar do tempo e com as conversas com a educadora aprendi que era muito importante dar tempo às crianças, em todos os momentos do dia. A criança devia ter sempre oportunidade para falar, dar a sua opinião, ter tempo para realizar a atividade ao seu ritmo, isto é, não ser apressada ou pressionada. Aprendi também, a valorizar cada criança individualmente para que esta não se sentisse “esquecida”, mas sim sentindo-se competente e fazendo parte do grupo.

Ao longo de toda esta Prática Pedagógica, através das dificuldades sentidas nos diversos momentos, senti necessidade de realizar pesquisas bibliográficas para me fundamentar. Penso que desta forma, e também com as reflexões em grupo, consegui ultrapassar muitas das dificuldades sentidas. As reflexões em grupo foram bastante importantes não só para compreender o que poderia melhorar mas, também, para partilhar ideias. Um aspeto muito positivo desta Prática Pedagógica foi o facto de o trabalho ser praticamente todo realizado em conjunto. Quando cheguei à instituição não imaginava qual o método utilizado pela educadora cooperante. Por sorte, o grupo dos “Peixinhos” trabalhava, muitas vezes, em parceria com um outro grupo de crianças de dois anos de idade, o grupo das “Borboletas”, onde estavam a estagiar um grupo de colegas. Considero que foi uma vantagem para nós, pois tentámos dar continuidade ao trabalho realizado pelas educadoras das duas salas, trabalhando e partilhando ideias entre as quatro estagiárias. Desta forma, foi muito enriquecedor este trabalho conjunto, e, muitas das vezes, foi o apoio e a opinião das colegas do outro grupo que me fizeram tentar novas estratégias com as crianças. Esta interação entre salas funcionou durante toda a Prática Pedagógica, e o trabalho de equipa não foi só dentro de sala, como também inter salas.

Partilhámos muito, entre grupos, as letras e melodias de canções infantis. Quando nos deparamos com o nosso grupo de crianças senti muita necessidade em cantar canções para elas, pois esta era uma forma de as acalmar. Esta necessidade surgiu principalmente no momento após a sesta, em que as devia reunir na manta e acalmá-las. Contudo, só quando cheguei a este contexto é que tive noção que sabia muito poucas músicas infantis. Trocámos com o outro grupo de estágio as canções que sabíamos de forma a aumentar o nosso repertório musical. No entanto, senti que não chegou e tentei aumentar ainda mais o meu repertório pesquisando na internet e em cds infantis. Consegui aprender algumas músicas, no entanto sinto que deveria saber ainda mais, pois esta era uma boa estratégia a utilizar quando se pretendia acalmar o grupo ou em momentos de transição.

A improvisação foi outro aspeto que considero ter evoluído muito e como futura educadora devo estar preparada para qualquer situação e pegar nela de modo a ir ao encontro das necessidades das crianças. Houve diversos momentos em que tive de improvisar, nomeadamente, no momento da tarde, depois do lanche, sendo este um grande momento de agitação, onde dificilmente conseguia acalmar as crianças, necessitando, por vezes, de improvisar. Ao início sentia dificuldade em improvisar pois não me sentia confortável e posso mesmo afirmar que sentia vergonha porque naqueles momentos estavam presentes as auxiliares. Com o passar do tempo, com a confiança que fui ganhando com todos, comecei a perceber que deveria pôr de parte os meus medos e arranjar maneiras de cativar as crianças. Desde teatros a números de magia, tentei um pouco de tudo. Algumas vezes não fui bem sucedida, mas, outras vezes a improvisação resultou na perfeição.

Ao longo de toda a prática também foi possível notar as aprendizagens que as crianças faziam quando concretizavam as nossas atividades. Tentámos sempre variar, de modo a ir ao encontro das necessidades das crianças, e existiram atividades que considero que resultaram bastante bem, como foi o caso da atividade que envolveu a água (Fotografia 1). Nesta atividade, crianças que normalmente não partilhavam com as outras as suas experiências, mostraram uma atitude diferente perante os colegas, partilhando e incentivando-os a agir com a água. Outro momento onde senti que as crianças realizaram aprendizagens significativas foi no dia em que fomos à rua comprar castanhas (Fotografia 2). Devido ao facto de esta atividade se ter realizado num contexto diferente, senti que as crianças estavam curiosas e felizes, o que foi importante e facilitou as aprendizagens. Uma vez que esta instituição onde estava a estagiar se encontrava no centro da cidade de Leiria, pareceu-me importante aproveitar o que a cidade tinha para oferecer, levando as crianças à rua, vivendo as tradições, tal como aconteceu nesta atividade.



Fotografia 1 – Atividade da água



Fotografia 2 – Ida ao exterior comprar castanhas

### 1.1.6 EVOLUÇÃO DA PLANIFICAÇÃO

Durante toda a Prática Pedagógica tive dificuldades em construir a planificação. Inicialmente, eu e a minha colega de estágio sentíamo-nos um pouco perdidas e foi necessário o auxílio da educadora para compreendermos como deveríamos construir uma planificação que fosse útil para nós. A nossa planificação passou por diversos momentos de alteração, sempre na tentativa de a melhorar, no entanto, em todos os momentos sentimos dificuldade em compreender o que era suposto colocar nas intencionalidades, sendo por isso algo que batalhámos até ao final da Prática Pedagógica. Nas nossas planificações iniciais (Anexo II – Planificação 2 em contexto de Creche) foi difícil interligar as intencionalidades com as estratégias o que dificultou a nossa intervenção e posterior reflexão sobre como tinha ocorrido o planeado.

É possível identificar esta dificuldade no seguinte extrato: *No que diz respeito à planificação, continuamos com dificuldades nas intencionalidades* (Anexo I – Reflexão 6 em contexto de Creche), neste outro extrato:

Relativamente à planificação, esta semana, em conversa conjunta com as educadoras e o outro grupo, optámos por construir uma em que para cada momento tivéssemos algum aspeto em que nos quiséssemos focar, e apenas planificámos as estratégias e a intencionalidade desse aspeto (Anexo I – Reflexão 8 em contexto de Creche).

e também neste extrato:

em conversa com a educadora, compreendemos que a planificação que vínhamos a fazer há algum tempo não se tornava algo útil a ser utilizado por nós. Em primeiro lugar, as intencionalidades e as estratégias devem estar em concordância, pois se temos uma intencionalidade devemos sempre ter estratégias para ela, o que muitas vezes não acontecia nas nossas planificações (Anexo I – Reflexão 14 em contexto de Creche).

Ao elaborar uma planificação deve-se ter em conta as crianças e o que estas poderão desenvolver, o contexto, a pertinência das atividades e o que se pensa promover para acontecer o desenvolvimento das capacidades infantis. Tentámos sempre proporcionar momentos onde as crianças desenvolvessem competências nos diferentes domínios, o sócio-afetivo, o motor e o cognitivo, mas nem sempre isso ficou presente na planificação. Posteriormente, existiu uma conversa com a educadora que penso que foi muito importante para ficar a compreender como construir uma planificação útil para a minha intervenção. Na última planificação (Anexo II – Planificação 14 em contexto de Creche) conseguimos clarificar melhor as estratégias e construí-las em concordância com as intencionalidades. Penso que depois de uma Prática Pedagógica a batalhar, pesquisando para ultrapassar a dificuldade, e com o auxílio da educadora, conseguimos construir uma planificação com a qual me identifico. Contudo,

Planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização. O planeamento do ambiente educativo permite às crianças explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interações diversificadas com todo o grupo (Ministério da Educação, 1997, p. 26).

### **1.1.7 SÍNTESE REFLEXIVA**

As minhas aprendizagens não foram acontecendo apenas nos meus momentos de intervenção, mas também nos momentos em que a minha colega foi a interveniente. Como futura educadora devo saber trabalhar em equipa, auxiliando os outros sempre que necessário. Considero que os momentos de observação e ajuda à minha colega de estágio foram tão importantes como os momentos da minha intervenção.

A evolução ocorreu, também, de uma forma mais dinâmica e ativa muito por causa das reflexões semanais. Foi importante para mim refletir todas as semanas sobre os pontos positivos e negativos de modo a melhorarem intervenções futuras.

Todas as aprendizagens foram importantes para mim, e fazendo agora uma retrospectiva de toda a Prática Pedagógica sinto que aprendi e evolui muito. De todos os momentos consigo retirar algo para o meu futuro como educadora. Devo pensar primeiro nas crianças, no que elas necessitam, no que posso fazer para proporcionar o seu desenvolvimento, pois

As pessoas que cuidam de bebés e de crianças pequenas tendem a gostar de e a apreciar genuinamente as suas características únicas – a sua energia e curiosidade, os seus rápidos “saltos” de crescimento, a sua capacidade física, a sua forma única de comunicar. As interações com estas crianças podem ser tão variadas e diversas quanto as próprias crianças, pelo que os educadores procuram adaptar o seu estilo de interação a cada criança individualmente (Post & Hohmann, 2011, p. 69).

Como educadora devo compreender a importância da rotina, estar dentro dessa dinâmica e adaptar-me aos ritmos e temperamentos de cada criança, pois todas elas são diferentes e devem ser valorizadas por serem como são, ajudando-as a conhecerem-se, a afirmarem-se, a autodominarem-se e a socializarem-se. É dever do educador conhecer os interesses de todas as crianças do grupo de modo a facilitar a criação de situações de aprendizagem, pois

À medida que os educadores vão passando tempo com as crianças, começam a ver o dia através dos olhos das crianças. Uma vez organizada uma programação diária adequada, os educadores podem abordá-la de forma tranquila, dando tempo às crianças para lidarem com os acontecimentos e as rotinas de cuidados diários de acordo com o temperamento individual (Post & Hohmann, 2011, p. 201).

Foi uma experiência especial e marcante para mim que me proporcionou momentos de grandes aprendizagens significativas. O grupo de crianças era cativante e foi bastante prazeroso poder proporcionar-lhes actividades potenciadoras do seu desenvolvimento. Nunca esquecerei esta Prática Pedagógica onde tive oportunidade de evoluir e sentir-me mais segura como profissional.

## PARTE II – PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTO DE JARDIM DE INFÂNCIA I

A presente componente do relatório apresenta uma reflexão relativa à Prática Pedagógica desenvolvida em contexto de Jardim de Infância I, no segundo semestre do Mestrado em Educação Pré-Escolar, seguida da apresentação de um projeto desenvolvido de acordo com a Metodologia de Trabalho por Projeto, denominada de “O Corpo Humano” e por último a apresentação de um ensaio investigativo.

### **2.1 REFLEXÃO SOBRE O VIVENCIADO EM JARDIM DE INFÂNCIA I**

No segundo semestre do ano letivo 2015/2016, a minha Prática Pedagógica foi desenvolvida em contexto de Jardim de Infância. Terminada esta prática reflito agora sobre o caminho percorrido, bem como as dificuldades sentidas e a forma como as ultrapassei de modo a tornarem-se aprendizagens significativas. Pretendo, também, salientar os aspetos positivos e negativos, fazendo um balanço de todo este percurso marcante para mim e para a minha realização como futura educadora.

#### **2.1.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO GRUPO DE CRIANÇAS**

A Prática Pedagógica do segundo semestre do Mestrado em Educação Pré-Escolar foi realizada na Instituição Particular de Solidariedade Social, numa sala de atividades com crianças de idades compreendidas entre os três e os quatro anos, a que era dada o nome de “Andorinhas”.

Esta prática realizou-se, na mesma instituição onde tinha concretizado a minha Prática Pedagógica em Creche, o que se tornou um fator determinante na adaptação rápida ao contexto de Jardim de Infância.

A instituição onde concretizei esta Prática Pedagógica encontra-se situada no centro da cidade de Leiria, possuindo seis valências, composto por treze salas com crianças agrupadas de acordo com a idade, sendo uma delas a sala das “Andorinhas”, local onde realizei a minha Prática Pedagógica (Ferreira, 2015).

A sala das “Andorinhas” era constituída por dezanove crianças, dez do sexo masculino e nove do sexo feminino, uma educadora e uma auxiliar de ação educativa. Dezasseis destas crianças já tinham feito parte do grupo no ano anterior, sendo que as restantes três apenas se juntaram ao grupo neste ano. Todas as crianças da sala das “Andorinhas” eram de nacionalidade portuguesa, à exceção de duas: uma de nacionalidade ucraniana e a outra de nacionalidade usbequistanesa.

De um modo geral, as crianças desta sala mostraram estar desenvolvidas a nível cognitivo, revelando maiores dificuldades a nível social, nomeadamente no contexto de sala. Eram crianças que revelavam um baixo nível de concentração na manta.

É de salientar que não existia nenhuma criança com necessidades educativas especiais ou seja, acompanhada pela intervenção precoce.

As crianças de três e quatro anos encontram-se na fase do personalismo (Craidy & Kaercher, 2001)

e

Nesta fase ocorre a construção da consciência de si, através das interacções sociais, dirigindo o interesse da criança para as pessoas, predominando assim as relações afectivas. Há uma mistura afectiva e pessoal, que refaz, no plano do pensamento, a indiferenciação inicial entre a inteligência e afectividade (Craidy & Kaercher, 2001, p. 28).

As crianças desta faixa etária encontravam-se no estágio pré-operatório, que está localizado entre os dois e os sete anos. Este período *antecede ao pensamento pré-operatório, o qual se caracteriza pelo desenvolvimento sequencial de uma ideia, de acordo com determinados princípios lógicos* (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro & Gomes, 2007, p. 52).

Aos três anos, a criança demonstra um desenvolvimento do seu autodomínio, nomeadamente a nível motor onde os seus pés se tornam mais firmes e ágeis, consegue caminhar em posição ereta, dá voltas apertadas muito mais facilmente que em meses anteriores e gosta de subir e descer escadas a correr (Gesell, 1979). *Toda a sua organização motora está mais equilibrada e mais fluida* (Gesell, 1979, p. 181). Com esta idade, a criança é capaz de ir à casa de banho sempre que lhe é necessário, abotoa e desabotoa os seus botões, começa a familiarizar-se com as formas fundamentais e demonstra um grande interesse pelas outras pessoas (Gesell, 1979). Também se deve ter em conta que

As crianças entre os 3 e os 6 anos fazem grandes processos nas competências motoras – tanto competências motoras grossas, como correr ou saltar, como as competências motoras finas, como abotoar e desenhar. Também começam a mostrar uma preferência pela mão direita ou pela mão esquerda (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p. 286).

Estes investigadores definem as competências motoras grossas aos três anos como: a criança não consegue virar ou parar repentinamente ou rapidamente; consegue saltar uma distância de 38 a 60 centímetros; consegue subir uma escada sem ajuda, alternando os pés e consegue saltar num só pé, enquanto que a criança com quatro anos: tem um controlo mais eficaz do parar, iniciar e virar; consegue saltar uma distância de 60 a 84 centímetros; consegue descer uma escada alternando os pés e consegue dar quatro a seis saltos num só pé (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Sendo que a criança aos três anos é concordante, aos quatro anos é afirmativa (Gesell, 1979). Aos quatro anos possui uma elevada energia motora que lhe permite atirar, cortar a direita com uma tesoura, atar os sapatos e aguentar-se de pé numa só perna (Gesell, 1979).

Ao nível da linguagem é muito faladora, *gosta de utilizar palavras, de experimentá-las e de brincar com elas. Gosta de palavras novas e diferentes* (Gesell, 1979, p. 200), pois

O desenvolvimento da linguagem evolui de forma escarpada, tornando-se num fator primordial na cognição da criança. O seu léxico mental aumenta significativamente e com bastante facilidade a criança atribui um significado para cada palavra aprendida, categorizando-a numa estrutura mental onde se encontram palavras familiares (Tavares *et al.*, 2007, p. 54).

A generalidade das crianças desta faixa etária *passa a maior parte do tempo a brincar, adquirindo novas capacidades, ideias e valores cruciais para o seu desenvolvimento* (Tavares et al., 2007, p. 51).

Todos estes aspetos são fundamentais para melhor compreender em que nível de desenvolvimento se encontram as crianças da sala das “Andorinhas”.

Tal como ocorreu na Prática Pedagógica em Creche, iniciei esta experiência educativa com muitas expectativas, não estando tão ansiosa uma vez que já me encontrava adaptada à instituição, tal como está evidenciado no seguinte extrato:

Uma vez que na prática anterior estagiámos nesta mesma instituição, o receio e ansiedade não eram tão grandes, pois já conhecia as pessoas e sentia-me confortável neste local. No entanto, o meu maior receio estava relacionado com o grupo de crianças e se conseguiria criar ligações com elas (Anexo III – Reflexão 1 em contexto de Jardim de Infância I).

### **2.1.2 SER EDUCADOR EM JARDIM DE INFÂNCIA**

Com esta Prática Pedagógica aprendi muito sobre o que é ser educador em Jardim de Infância. Todas as situações foram ricas em ensinamentos e consegui tirar de todas elas as aprendizagens que considere mais significativas para mim como futura educadora.

Um educador deve proporcionar às crianças situações potenciadoras de aprendizagem e, para que tal aconteça, este deve conhecer cada criança individualmente, valorizando-a e indo ao encontro das suas necessidades e interesses. Esta foi para mim a minha maior aprendizagem. É importante que o educador vá conseguindo dar a atenção necessária a todas as crianças, pois

... mesmo que não seja possível desenvolver uma atenção individual permanente, é preciso manter, mesmo que seja parcialmente ou de tempos em tempos, contactos individuais com cada criança. É o momento da linguagem pessoal, de reconstruir com ela os procedimentos da acção, de orientar o seu trabalho e dar-lhe pistas novas (Zabalza, 1998, p. 53).

O papel do educador é demasiado importante para que trate todas as crianças de igual modo. Cada criança é um ser diferente, e como tal, necessitam de estratégias diferentes, que o educador previamente planeia.

Planear o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades (Ministério da Educação, 1997, p. 26).

Para além desta vertente, o educador deve promover uma boa relação com a família, o que nem sempre se torna fácil. Integrar a família no processo educativo da criança é algo positivo, e o educador tem um papel fundamental nessa integração e deve conseguir criar uma boa relação com eles, pois *A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas* (Ministério da Educação, 1997, p. 43).

Um educador em Jardim de Infância deve manter sempre uma postura correta, uma vez que é um modelo para a criança, que esta vê como exemplo e segue. Como tal, *a atitude do educador, a forma como se relaciona com as crianças, desempenha um papel fundamental neste processo* (Ministério da Educação, 1997, p. 36).

Cabe ao educador proporcionar às crianças atividades que sejam diversificadas, enriquecedoras e interessantes de modo a que as crianças tenham oportunidade de fortalecer a sua auto-estima bem como desenvolver todas as suas capacidades, e só um educador atento e presente o consegue fazer (Craidy & Kaercher, 2001).

A relação que o educador promove com as crianças é também um fator determinante para o decorrer da rotina bem como para o ambiente sócio-moral (Devries & Zan, 1998), e

as interações com adultos de confiança proporcionam combustível emocional para os bebés e as crianças mais pequenas necessitam para formar um sentido de si próprias e para compreenderem o mundo físico e social ... enfatiza, então, a centralidade das relações de confiança, que deverão pautar-se pela positividade, reciprocidade, consistência e continuidade (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 46).

O educador de infância, além de planear de acordo com os interesses das crianças, deve também planear de modo a articular as diferentes áreas de conteúdo. Este é um dos aspetos que considero mais difícil no papel do educador, mas que possui uma grande importância. Ao longo de toda a Prática Pedagógica senti dificuldades em planear atividades em que existisse esta interligação, mas com o passar do tempo fui compreendendo que em todas as atividades era possível trabalhar as diferentes áreas.

Um aspeto muito importante que um educador deve ter em atenção é manter-se em constante formação. O educador deve estar sempre preparado e, para tal, necessita de se fundamentar sobre os conteúdos que vai abordar com as crianças. No início desta Prática Pedagógica não tinha noção da importância deste fator, mas com o passar do tempo, fui compreendendo a sua importância, e também fui tendo o cuidado de me fundamentar cada vez mais, tal como mostro no seguinte extrato.

Ser educadora é um trabalho que nos obriga a estarmos em constante formação, e com o passar do tempo tenho vindo a perceber melhor isso (...) muitas vezes mostramos às crianças coisas sobre as quais nem nós próprias sabemos bem, o que nunca pode acontecer. Com o passar do tempo, à medida que vou compreendendo esta importância, tenho vindo a sentir maior necessidade de me fundamentar antes de realizar as atividades com as crianças (Anexo III – Reflexão 6 em contexto de Jardim de Infância I).

### **2.1.3 O MEU PERCURSO EM CONTEXTO DE JARDIM DE INFÂNCIA**

Nesta Prática Pedagógica existiram muitas situações que favoreceram o meu crescimento como futura educadora. O percurso foi realizado de um modo crescente, em que todas as situações vivenciadas deram-me oportunidade de refletir de modo a compreender o que poderia ter corrido melhor e como o poderia fazer numa próxima situação.

O facto de permanecer na mesma instituição da Prática Pedagógica em Creche, facilitou o processo de integração inicial. As pessoas eram as mesmas, e mais uma vez voltei a ser muito bem recebida na sala que me foi destinada. Aqui, na sala das “Andorinhas”, tanto a educadora como a auxiliar de

ação educativa mostraram, desde o início, uma enorme predisposição para nos ajudar, o que me fez sentir confortável e segura. Além da equipa, senti-me muito bem recebida pelas crianças, como é demonstrado no seguinte extrato:

No primeiro dia, posso afirmar que superei desde logo as minhas expectativas, uma vez que o grupo nos recebeu bastante bem, deixando-nos entrar nas suas brincadeiras e interagindo connosco por diversas vezes. Também a educadora e a auxiliar nos receberam muito bem, o que considero ter sido um aspeto extremamente importante pois ao sentir-me bem na sala torna-se mais fácil para mim poder evoluir. A educadora mostrou-se pronta a ajudar-nos e em tirar-nos todas as nossas dúvidas (Anexo III – Reflexão 1 em contexto de Jardim de Infância I).

Desde o início que senti que na sala das “Andorinhas” existia um enorme trabalho em equipa, o que considero ter sido benéfico para todas as partes. A forma como nos envolvemos com a equipa foi positiva, pois mesmo não conhecendo bem nem estando há muito tempo na sala, integraram-nos ao máximo e passado pouco tempo já existia uma enorme coesão entre os quatro adultos, realçando um grande trabalho em equipa, e

O trabalho em equipa é um processo interactivo. Ao trabalhar numa equipa os adultos utilizam muitos dos mesmos princípios curriculares e das mesmas estratégias que usam quando trabalham com as crianças. No seu melhor, o trabalho em equipa é um processo de aprendizagem pela acção que implica um clima de apoio e de respeito mútuo (Hohmann & Weikart, 2011, p. 130).

O trabalho em equipa, nesta Prática Pedagógica, não ocorreu apenas com a educadora e auxiliar, mas também com a minha colega. Existiram muitas situações em que nos amparámos uma à outra, e foi importante saber que a colega estava lá para nos ajudar o que, muitas vezes, acalmava-me e fazia-me sentir mais segura. Sei que no futuro irei ter que intervir sozinha, mas nesses momentos de aprendizagem senti que ter o apoio da minha colega deu-me segurança proporcionando-me mais aprendizagens.

Para além disto, existiu também um grande trabalho em equipa com as intervenientes da sala dos “Patinhos”. A sala dos “Patinhos”, era uma sala com crianças de três e quatro anos, e por diversas vezes ocorreram interações entre as crianças das duas salas, como é evidenciado no seguinte extrato:

Aqui, houve um grande trabalho em equipa entre a sala das “Andorinhas” e a sala dos “Patinhos”. Este trabalho em equipa tem existido desde o início, sendo aqui fortalecido. Foi bom ver como todas as pessoas estavam satisfeitas, nós, por termos conseguido preparar uma atividade agradável, as crianças, por estarem visivelmente felizes com os pais e estes atisfeitos com a felicidade das crianças (Anexo III – Reflexão 11 em contexto de Jardim de Infância I).

A interação entre as crianças de ambas as salas foi algo que se foi desenvolvendo um pouco mais com o passar do tempo. Nas saídas à rua iam sempre as crianças das duas salas, bem como na visita de estudo realizada a uma Quinta Pedagógica, nas festas, entre outros momentos, promovendo sempre o contacto entre as crianças das duas salas.

Outra evidência desta interligação está neste excerto:

Ainda relativa à atividade da tartaruga, considerei muito importante o contacto que existiu com a sala dos “Patinhos” (...) É importante que as crianças se habituem desde cedo a relacionar-se com diferentes pares dos seus costumes. Esta, foi uma forma de os “Patinhos” divulgarem o seu projeto, mas conseguimos

também criar um momento em que as crianças tinham que estar em silêncio a ouvir, esperarem pela sua vez para falarem e fazerem perguntas. Foram assim desenvolvidas competências a nível da formação pessoal e social (Anexo III – Reflexão 15 em contexto de Jardim de Infância I).

Outro aspeto que marcou o meu percurso em Jardim de Infância foi o facto de as crianças serem mais autónomas comparativamente às crianças da prática anterior. Eu tinha noção que isso iria ser uma realidade, mas quando me confrontei com a situação foi algo que estranhei pois sentia que eles não precisavam de mim e que conseguiam fazer tudo sozinhos, nomeadamente, as suas rotinas. Com o passar do tempo fui compreendendo que o educador, mesmo que não esteja tão presente deve acompanhar sempre as crianças nas suas rotinas, de modo a verificar se estas estão a fazê-las corretamente ou não. As rotinas possuem, também, em Jardim de Infância uma grande importância, porque

Ao seguirem os indícios e as iniciativas das crianças, as mães e educadores, e conjunto com os pais, estabelecem horários e rotinas consistentes em termos de organização e estilo de interação, de molde a que as crianças antecipem ritmos e temperamentos individuais. Os horários e rotinas são suficientemente repetitivos para permitirem que as crianças explorem, treinem e ganhem confiança nas suas competências em desenvolvimento... (Post & Hohmann, 2011, p. 15).

Relativamente às rotinas destas crianças, existiu um fator que foi novidade para mim, a atividade de adaptação das crianças ao meio aquático. Logo aí, uma vez que ia com as crianças à piscina, existiu uma responsabilidade que até então não tinha sentido. Essa responsabilidade estava relacionada com o facto de todas as semanas ter que acompanhar as crianças até à piscina. O facto de ir com as crianças para um local que não era o habitual deixava-me ansiosa e com receio, mas ao longo do tempo, fui-me habituando e ganhando maior flexibilidade, tornando-se cada vez mais fácil esta ação. Refletindo, agora, sobre a situação, considero que foram momentos muito importantes para mim, que fortaleceram a minha relação com as crianças e me fizeram estar constantemente atenta a qualquer percalço que pudesse surgir. Uma vez que apenas ia eu, a minha colega e a auxiliar de ação educativa sentia uma maior pressão, no entanto, a auxiliar de ação educativa sempre me auxiliou a ultrapassar todas as dificuldades. Esta ajuda da auxiliar de ação educativa está demonstrada no seguinte extrato:

Na última semana, uma vez que se tratava da primeira vez que intervia nesse contexto, sentia-me um pouco perdida, pois nem sempre sabia o que devia de fazer, perguntando muitas vezes à auxiliar de ação educativa [REDACTED], o que fazer. A sua ajuda e prontidão foram fundamentais para que nesta semana me sentisse mais à vontade, não necessitando de estar constantemente a perguntar o que deveria fazer (Anexo III - Reflexão 2 em contexto de Jardim de Infância I).

Ao longo de toda a Prática Pedagógica foram surgindo situações que me criaram dificuldades, mas a partir delas realizei aprendizagens significativas. No entanto, existiram, também, momentos positivos, que me trouxeram forças renovadas para enfrentar os momentos mais complicados. Tive a sorte de fazer parte de uma equipa educativa inspiradora, que por diversas vezes me deram confiança, mostrando que acreditavam em mim, e, assim, nos momentos mais complicados arranjei

as forças necessárias para ultrapassar as adversidades. Penso que o meu percurso foi marcado por este apoio, que me auxiliou a enfrentar as adversidades e a conseguir ultrapassá-las.

Ao longo do tempo fui-me sentido cada vez mais à vontade para experimentar, sem medo de errar, pois sabia que a partir dos erros é que poderia refletir sobre o realizado e transformar as dificuldades em aprendizagens. Com o passar do tempo fui aprendendo a ser uma pessoa mais reflexiva, tentando tirar partido de todas as situações.

#### **2.1.4 IMPORTÂNCIA DA OBSERVAÇÃO**

É importante que um educador proporcione às crianças atividades que vão ao encontro das suas necessidades e interesses, tanto atividades em grupo como atividades individuais. No entanto, para o educador conhecer as crianças individualmente, saber aquilo que mais lhes interessa e que lhe possa ser benéfico, este deve apoiar-se na observação das crianças. O registo do observado por mim consistiu em tomar notas num bloco onde registava todas as situações e factos que considerava importantes para conhecer cada criança e os interesses do grupo.

A observação foi um processo que esteve presente ao longo de toda esta Prática Pedagógica e foi muito refletida como está demonstrado na seguinte evidência:

Estas duas primeiras semanas ficaram marcadas pela nossa observação. Este processo é muito importante pois não conseguimos orientar um grupo de crianças se não as conhecermos bem, as suas particularidades e individualidades, os seus gostos, bem como é necessário conhecermos de forma clara a rotina do grupo. Só depois de realizada uma observação tanto das crianças, da sala bem como das rotinas é que nos é possível começar a intervir indo de encontro às necessidades das mesmas (Anexo III – Reflexão 1 em contexto de Jardim de Infância I).

e ainda no extrato:

compreendi que a observação não é apenas importante no início, mas sim ao longo de todo o tempo, e que devemos estar sempre atentas para recolher evidências, para quando da construção da planificação consigamos ir ao encontro das necessidades da criança (Anexo III – Reflexão 5 em contexto de Jardim de Infância I).

Através da observação conheci melhor as crianças, as suas dificuldades, características, entre outros, como posso demonstrar no seguinte excerto: *através desta atividade pude observar que tem um tempo de concentração curto, uma vez que começou logo a olhar para o lado, acabando por se levantar e ir embora* (Anexo III – Reflexão 2 em contexto de Jardim de Infância I). Com este excerto pretendo demonstrar como a observação foi algo útil para mim, e como a partir dela pude repensar nas atividades futuras, pois

Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades (Ministério da Educação, 1997, p. 25).

#### **2.1.5 DAS DIFICULDADES ÀS APRENDIZAGENS**

Ao longo de todo o meu percurso em Prática Pedagógica, em contexto de Jardim de Infância I, deparei-me com inúmeras situações que me criaram dificuldades e, posteriormente, houve momentos de reflexão sobre o que tinha acontecido que resultaram em aprendizagens. Com o passar

do tempo, o que ao início era uma dificuldade para mim, à medida que começava a ser ultrapassada, foi provocando uma evolução na minha ação educativa. Contudo, nem sempre consegui ultrapassar as diversidades da forma mais fácil mas, através da reflexão, tanto sozinha como em conjunto, compreendi o porquê da situação ter corrido menos bem. Dos momentos de reflexão tirei os ensinamentos necessários, usando-os sempre nas intervenções seguintes, de modo a promover uma melhor intervenção educativa.

No início desta Prática Pedagógica deparei-me com o facto de as crianças serem muito autónomas, o que me deixou um pouco sem saber o que fazer. Estava habituada a estar muito presente nas rotinas das crianças em contexto de Creche mas, as crianças da sala das “Andorinhas” raramente necessitavam do adulto nos momentos da rotina, como pode ser demonstrado no seguinte extrato:

considero que a maior diferença relativamente ao grupo anterior, de crianças de dois anos, está relacionado com a sua autonomia. Estava habituada a estar muito presente na rotina, e que estas necessitassem da nossa ajuda em muitos momentos do dia, o que não acontece com as crianças desta sala. Aqui, pude observar que as crianças já são autónomas, indo à casa de banho sozinhas, indo buscar a fruta, bebendo a água, vestindo os bibes, entre muitas outras situações (Anexo III – Reflexão 1 em contexto de Jardim de Infância I).

Com o decorrer do tempo, fui refletindo e percebendo que devemos sempre acompanhar as crianças nos momentos de rotina para verificar o que estas estão a fazer e como, o que é evidenciado no seguinte extrato:

Quando chegámos à sala das “Andorinhas” percebemos que eles já eram bastante autónomos, especialmente nas idas à casa de banho, e como tal, não fizemos o acompanhamento adequado. Por mais autónomas que as crianças sejam, devemos fazer sempre o acompanhamento para conferir se o estão a fazer de forma correta (Anexo III – Reflexão 13 em contexto de Jardim de Infância I).

Sempre que uma criança adquire uma competência, o educador deve incentivar a desenvolver outra, daí a importância de este acompanhar as rotinas, e a importância das próprias rotinas, pois *Uma rotina coerente é uma estrutura (...) uma vez estabelecida e nela integradas as crianças, a rotina torna-se mais flexível* (Hohmann, Banet & Weikart, 1979, p. 81). Cabe ao educador

levar a criança a tornar-se, gradativamente, independente e capaz de dirigir sua própria atividade; levar a criança a assumir, gradativamente, atitudes de cuidado e preservação da sua própria vida e dos animais e vegetais à sua volta; levar a criança a desempenhar comportamentos facilitadores da sua vida social, baseada na compreensão de seus propósitos (Rizzo, 1989, p. 49).

Neste contexto fortaleci uma aprendizagem que tinha começado a desenvolver em contexto de Creche, que consiste em dar tempo às crianças. Um educador, de modo a valorizar todas as crianças do grupo, quando em grande grupo, deve dar sempre oportunidade a todas as crianças de se expressarem, e quando trabalha individualmente com uma criança deve dar tempo e espaço necessário para que esta o faça ao seu ritmo. Ou seja, o educador não deve dar um tempo fixo para a criança explorar, deve assim, deixar que a criança usufrua o momento de modo a tirar o melhor partido das situações.

Elas precisam de tempo. Então o tempo é um momento em que a criança explora, como protagonista no seu processo de aprendizagem. A criança é exploradora, procura respostas e não as obtém do adulto mas sim em conjunto com o mesmo. É uma descoberta, uma conquista que demora o tempo necessário à exploração, à

reflexão e à interiorização. Pode ocorrer aqui e agora, sozinho ou em grupo e não ficar circunscrito apenas a um único momento (Sampaio, Xavier, Magalhães, Oliveira, Pacheco, Mota, Cambalacho & Ferraz, 2014, p. 39).

Assim, houve necessidade de introduzir nas planificações a preocupação em dar tempo e espaço à criança, como é demonstrado no seguinte extrato de uma planificação:

Atividade 4: Explorando as sementes- Colocar uma bacia com os diferentes tipos de sementes na manta, juntamente com algumas taças, ao alcance das crianças; **Dar tempo às crianças para que explorem livremente**; Incentivar as crianças à formação de conjuntos; Elogiar quando o fazem corretamente; Orientar o pensamento da criança para que observe as diferenças entre as sementes; Incentivar a que utilizem as taças como utensílios, se assim o entenderem; Auxiliar sempre que necessário (Anexo IV – Planificação 9 em contexto de Jardim de Infância I).

e ainda no seguinte extrato: *Dar oportunidade a cada criança para explorar a planta; Dar tempo* (Anexo IV – Planificação 10 em contexto de Jardim de Infância I).

Uma das grandes dificuldades sentidas ao longo de toda a Prática Pedagógica prendeu-se com a dificuldade em conseguir controlar o grupo. As crianças da sala das “Andorinhas” eram crianças que facilmente perdiam a atenção e interesse e como tal, por diversas vezes senti dificuldades em conseguir captar-lhes a atenção. Fui compreendendo que era necessário o educador estar preparado para todas as eventualidades, para que consiga improvisar no momento, pois as coisas podem não seguir o caminho planificado. No entanto, de modo a tentar captar a atenção das crianças foi necessário a utilização de estratégias variadas. O momento da manta, foi sempre muito difícil para mim pois as crianças ficavam agitadas, mas durante a prática fui dando cada vez mais importância a este momento, pensando melhor na sua planificação e como iria atuar. Deste modo, procurava estar preparada para as situações não ficando nervosa quando as crianças começavam a dispersar, pois

O planeamento para a hora da roda é importante a fim de que não ocorram contratempos. Temos percebido que os professores mais bem-sucedidos com a roda frequentemente têm uma agenda escrita que inclui uma ou duas alternativas no caso de as crianças não responderem ao que foi apresentado (Devries & Zan, 1998, p. 117).

Com o tempo, fui ganhando competências relativamente a como gerir o momento da manta tentando arranjar estratégias para as diferentes situações, como pode ser evidenciado no seguinte extrato:

Esta semana, à medida que as crianças iam arrumando os brinquedos e sentando-se na manta, coloquei uma música calma. As crianças estranharam, e a Leonor foi incentivando a que estas a ouvissem, tendo para isso que fazer pouco barulho. A nossa intenção era a de colocar a música apenas nos momentos iniciais, mas como reparámos que estava a correr muito bem, decidimos prolongar a música até ao final do momento da manta. Assim, comeu-se a fruta, cantou-se os bons dias, registaram-se as presenças e realizou-se a atividade da exploração de cheiros, sempre com música de fundo (Anexo III – Reflexão 7 em contexto de Jardim de Infância I).

e ainda evidenciado neste extrato: *Esta semana pretendemos arranjar outra estratégia, de modo a não utilizar a mesma, pois como as crianças já conheciam poderia não resultar tão bem. Assim, esta semana optámos por utilizar dedoches* (Anexo III – Reflexão 8 em contexto de Jardim de Infância I). Também pensamos na estratégia utilizada para tentar promover uma maior calma nos momentos de transição como está evidenciado no seguinte extrato: *A estratégia consistiu em retirar*

*de uma caixa um papel que dizia para onde a criança iria brincar. Com isto, criou-se suspense e as crianças mantiveram-se mais atentas ao que estava a suceder de modo a perceber para onde iriam brincar* (Anexo III – Reflexão 15 em contexto Jardim de Infância I). Todas as estratégias acima mencionadas e, ainda, outras também utilizadas, auxiliaram a gerir melhor o momento da manta mantendo as crianças atentas e calmas. Aprendi que com crianças destas idades devemos usar sempre estratégias novas para que estas não percam o interesse.

Com o passar do tempo fui aprendendo a manter uma postura firme, para que as crianças me vissem como um adulto a respeitar. Ao longo do tempo e à medida que fui conhecendo as crianças tornou-se mais fácil impor-me. Um aspeto que tive sempre em atenção foi em momentos de conflito entre crianças ouvir sempre o que as duas partes tinham a dizer. Um educador deve ter este cuidado para conseguir mediar os conflitos existentes.

Algo que foi novo para mim, nesta Prática Pedagógica, foram as constantes saídas à rua. Em contexto de Creche, apenas tinha saído uma vez, enquanto nesta Prática Pedagógica foi uma constante. As idas à piscina contaram como saídas à rua, pois mesmo sendo uma atividade não planeada por nós, a responsabilidade era a mesma. No entanto, penso que foi nas saídas para a piscina que me fui habituando a orientar o grupo no exterior.

As crianças da sala das “Andorinhas” fizeram muitas saídas ao exterior, nomeadamente, visitaram o museu do MIMO, assistiram à leitura de uma história na Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira, participaram numa atividade de segurança rodoviária, exploraram um espaço verde colhendo plantas e visitaram a Quinta Pedagógica “O Caracol” que ficava em Coimbra.

Todas estas saídas foram importantes para o meu crescimento enquanto profissional, e em todas elas existiram situações potenciadoras de aprendizagens significativas. Foi importante efectuar-se saídas ao exterior pois considero que foram uma mais valia para as crianças, onde estas tiveram oportunidade de explorar a natureza e conhecer contextos que não eram os seus habituais, pois *Fazer visitas de estudo pelos arredores, em que as crianças possam reunir, trazer para a sala e explorar as coisas que encontrarem: pedras, folhas* (Hohmann, Banet & Weikart, 1987, p. 180).

Foi muito importante observar como as crianças estavam felizes durante a visita a um espaço verde (Fotografia 3) e desenvolviam competências ao interagirem com os pares a nível da matemática, do conhecimento do mundo e da formação pessoal (Fotografia 4), pois é

Através das amizades, bem como das interações com companheiros mais ocasionais, as crianças mais novas aprendem a relacionar-se com os outros. Aprendem que ser amigo é a melhor maneira de ter um amigo. Aprendem a resolver os problemas que surgem nas relações, aprendem a colocar-se no lugar do outro e observam modelos de vários tipos de comportamento (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.384).



Fotografia 3 - Criança a apanhar plantas



Fotografia 4 - Crianças a interagirem



Fotografia 5 - Ida à mercearia



Fotografia 6 - Confeção do bolo

Existiu, ainda, uma saída ao exterior que foi muito importante para mim uma vez que esta foi dinamizada por mim e pela minha colega. Já tínhamos saído para o exterior da instituição algumas vezes, mas as saídas eram sempre dinamizadas pela educadora. Sentimos necessidade de testar as nossas competências na preparação e dinamização de uma saída ao exterior. Assim, organizámos uma visita a uma mercearia (Fotografia 5) onde as crianças foram comprar ingredientes para confeccionar um bolo na instituição (Fotografia 6). Nesta atividade tentámos interligar as diferentes áreas, nomeadamente, a matemática, linguagem, conhecimento do mundo e formação pessoal e social.

Foi uma atividade muito rica e muito gratificante, pois, para além de as crianças poderem desenvolver as suas competências, foi-lhes proporcionado uma atividade muito prazerosa.

Para mim, estas atividades tiveram grande impacto pois *este tipo de momentos requerem maior responsabilidade da minha parte, e penso que ter tido estas oportunidades me têm feito crescer e evoluir, estando cada vez mais à vontade neste papel* (Anexo III – Reflexão 9 em contexto de Jardim de Infância I).

Com o passar do tempo e à medida que me ia sentindo mais confiante na gestão do espaço e tempo, ia planificando mais atividades por dia, como por exemplo, à quarta-feira, uma vez que tínhamos a atividade de expressão motora, no início apenas fazíamos uma atividade, no entanto, mais tarde, começámos a arriscar e a planear mais atividades para a quarta-feira de modo a criar mais situações de aprendizagem às crianças.

Uma das minhas maiores dificuldades ao longo de toda esta Prática Pedagógica foi orientar as crianças no preenchimento do quadro de presenças. As crianças da sala das “Andorinhas” demonstravam alguma dificuldade em compreender o seu preenchimento e em perceber para o que este servia. Contudo, ao longo do tempo fomos dando mais espaço ao trabalho realizado em torno do quadro de modo a permitir que as crianças o compreendessem. Para facilitar o acompanhamento das crianças no preenchimento do quadro, decidimos alterar a organização da sala de modo a que todas as crianças o visonassem melhor. Esta decisão foi precedida de uma reflexão como é demonstrado no seguinte extrato: *Percebemos que uma das razões pela qual as crianças perdem um pouco a atenção durante o preenchimento das presenças pode estar relacionado com o*

*posicionamento das crianças em relação ao quadro* (Anexo III – Reflexão 7 em contexto de Jardim de Infância I).

Durante o registo das presenças tentámos dar mais atenção ao modo como cada criança o preenchia, auxiliando-a, quando necessário, para promover a compreensão do seu funcionamento (Fotografia 7). Foi uma luta que durou muito tempo, mas com os esforços realizados posso afirmar que no final desta Prática Pedagógica, a maioria das crianças conseguia compreender a dinâmica do quadro das presenças.

Nesta Prática Pedagógica pude concretizar um projeto utilizando a Metodologia de Trabalho por Projeto, algo que nunca tinha tido oportunidade de vivenciar. Com esta metodologia as crianças puderam pesquisar em conjunto e aprender mais sobre um tema do seu interesse (Fotografia 8).

A ideia de partir dos interesses das crianças foi ficando cada vez mais interiorizada em nós, e ao longo do tempo fomos tendo esse fator cada vez mais em consideração. Assim, as atividades que pensávamos planificar tinham sempre em mente o que as crianças mais mostravam interesse. No caso particular da sala das “Andorinhas”, as crianças mostraram muito interesse em seres vivos e como tal, proporcionámos-lhes momentos onde puderam observar formigas e tartarugas (Fotografias 9 e 10).



Fotografia 7 - Atensão individualizada durante o preenchimento do quadro das presenças



Fotografia 8 – Um momento do projeto “O Corpo Humano”



Fotografia 9 – Observação de formigas



Fotografia 10 – Observação de uma tartaruga

Esta preocupação de ir ao encontro dos interesses das crianças está espelhada no seguinte extrato: *as atividades por nós propostas foram ao encontro dos interesses das crianças. Tentámos colocar nestas atividades, nomeadamente a da tartaruga, todas as aprendizagens que fomos realizando ao longo do semestre* (Anexo III – Reflexão 15 em contexto de Jardim de Infância I).

Todas as dificuldades nomeadas ao longo desta reflexão foram o principal motor para o meu desenvolvimento, pois ao deparar-me com elas, senti necessidade de refletir, pesquisar, e fundamentar-me para perceber como as poderia ultrapassar. Todas elas foram conquistas pessoais que, na minha opinião, trouxeram momentos de aprendizagens significativas não só para mim como também para as crianças.

### **2.1.6 EVOLUÇÃO DA PLANIFICAÇÃO**

Ao longo desta Prática Pedagógica a planificação foi sofrendo algumas alterações. No início da Prática Pedagógica, senti dificuldades em compreender como se construía a planificação, pois

observando algumas reparei que eram muito diferentes daquelas que havíamos construído em contexto de Creche. A planificação deve ser vista como um instrumento útil, e cada educador deve identificar-se com a sua planificação. Assim sendo, o objetivo era construir uma planificação com a qual eu me identificasse e pudesse retirar o maior partido dela, o que não foi um processo fácil. Contudo foi possível alcançá-lo com o auxílio precioso da educadora da sala das “Andorinhas”.

As dificuldades sentidas estão evidenciadas no seguinte extrato:

Relativamente à nossa planificação, sinto que a construída por nós é útil, no entanto, sinto ainda muita dificuldade na construção da mesma. Sempre tive dificuldade em saber como escrever as intencionalidades, e essa dificuldade ainda se mantêm. Espero que com o passar do tempo consiga compreender de que forma o posso fazer da maneira mais adequada (Anexo III – Reflexão 4 em contexto de Jardim de Infância I).

O apoio da educadora está presente no seguinte extrato:

Temos vindo a fazer algumas alterações que consideramos pertinentes para que esta se torne um utensílio útil para nós. Temos tido também muito apoio e auxílio da nossa cooperante, que nos tem ajudado a melhorar a planificação, tornando-a mais completa. Considero este exercício de reformulação da planificação fundamental, de modo a ficarmos mais flexíveis (Anexo III – Reflexão 5 em contexto de Jardim de Infância I).

Com o passar do tempo fomos fazendo as alterações que considerámos pertinentes. Na Planificação 1 podemos perceber que no início desta Prática Pedagógica não desenvolvíamos as atividades (Anexo IV), enquanto que na Planificação 12 já se pode notar um maior cuidado e rigor na elaboração e descrição da atividade (Anexo IV). Esta alteração ocorreu devido à necessidade de ultrapassar a dificuldade sentida quando nos socorriámos da planificação de modo a perceber o que iria ocorrer.

Outra alteração realizada na planificação prendeu-se com a construção das competências onde passamos a incluir o local ou a atividade onde iríamos avaliar aquela competência. Inicialmente não fazíamos corresponder a atividade com a competência, logo era pressuposto que iríamos avaliar essa competência ao longo de todos os momentos, o que não era viável. Sentimos necessidade de colocar a atividade onde queríamos desenvolver essa competência. De seguida apresento algumas evidências do que estou a refletir:

Assim, na Planificação 1: Controla os movimentos de forma voluntária;

Realiza movimentos locomotores com coordenação (Anexo IV);

Enquanto que na Planificação 12: Respeita e escuta os outros, durante a divulgação do projeto;

Mostra capacidade de participar ativamente na exploração da planta (Anexo IV).

Estas pequenas alterações foram sendo feitas ao longo do tempo e permitiram elaborar uma planificação com o qual agora mais me identifico.

### **2.1.7 SÍNTESE REFLEXIVA**

Na presente Prática Pedagógica fui realizando várias aprendizagens ao longo de todos os momentos. Devo salientar, mais uma vez, o papel que o trabalho em equipa teve na minha intervenção ao longo destes meses, em que o apoio mostrado me incentivava sempre a lutar e procurar respostas. Este

trabalho em equipa foi para mim a base de todo o processo, pois considero que sem esta estabilidade teria sido mais complicado ultrapassar todas as adversidades que surgiram. As aprendizagens aconteceram não só nos momentos em que fui eu a intervir como também nos momentos em que foi a minha colega, bem como nos momentos em que observámos a educadora ou a auxiliar de ação educativa a intervir. Todo este processo de observação contínua ajudou a construir esta evolução.

Foi um semestre onde aprendi a ouvir as crianças e a torná-las parte do processo em todos os momentos, o que é apoiado na afirmação de Oliveira-Formosinho, (2008), *A participação efectiva da criança poderá ser promovida através de diferentes formatos de escuta, nomeadamente a observação e o registo, a documentação fotográfica ou a análise das produções das crianças* (Oliveira-Formosinho, 2008, p. 19).

Outro aspeto fundamental que aconteceu nesta Prática Pedagógica esteve relacionado com o facto de eu me ter mantido em constante reflexão com todos os intervenientes do meu processo educativo. Considero que agora consigo refletir de forma mais crítica, o que tem vindo a contribuir para melhorar a minha ação profissional. Através da reflexão, consegui arranjar estratégias que me auxiliaram a desenvolver competências na gestão de conflitos,

estratégias de resolução de conflitos (sobretudo tomada de perspectiva social e estratégias de negociação interpessoal), de forma a lidar eficazmente com o envolvimento sistemático em conflitos por parte de um grupo de crianças a frequentar este contexto (Oliveira-Formosinho, 2008, p. 40).

As estratégias planificadas foram contribuindo para a melhoria da minha relação com as crianças. Criei uma grande afeição com este grupo de crianças. Sinto que conheci verdadeiramente as crianças, os seus gostos, interesses e dificuldades, uma vez que procurei observá-las e conhecê-las para lhes promover uma melhor e mais significativa aprendizagem. Apesar de se tratar de um grupo com algumas dificuldades a nível social e a nível do comportamento na sala, especialmente entre pares, sinto que com o passar do tempo consegui implementar regras que aos poucos as crianças começaram a entender.

Ter a oportunidade de trabalhar com um grupo como as “Andorinhas” foi vantajoso para mim, pois as nossas verdadeiras aprendizagens provêm das dificuldades quando superadas. No entanto, apesar das dificuldades, sinto-me completamente realizada e feliz, pois sinto que deixei a minha marca no grupo, e sinto que evolui como pessoa e como profissional.

Foi sem dúvida uma Prática Pedagógica marcante, que me fez compreender melhor o papel do educador e da educação de infância, pois

O papel do educador incide não apenas nos conteúdos mas também na dinâmica relacional. Deve estar atento às necessidades dos vários grupos e indivíduos. Como atitude determinante do educador é indispensável estar disponível e atento. Crianças e educadores são construtores de saberes e novos saberes (Katz, Ruivo, Silva & Vasconcelos, 1998, p.145).

## **2.2 TRABALHO DE PROJETO: “O CORPO HUMANO”**

Neste tópico do relatório apresenta-se o projeto realizado com as crianças de três e quatro anos no contexto de Jardim de Infância I. Primeiramente é apresentada uma introdução onde se indica a razão da realização deste projeto, a instituição e breve caracterização das crianças, seguida de algumas ideias teóricas sobre Metodologia de Trabalho por Projeto e sobre o corpo humano. Depois é descrito todo o desenvolvimento do projeto, ao longo das quatro fases e por fim apresenta-se uma conclusão sobre todo o trabalho desenvolvido neste projeto.

### **2.2.1 INTRODUÇÃO**

A coordenação da Prática Pedagógica de Ensino Supervisionada propôs a realização de um projeto baseado na Metodologia de Trabalho por Projeto no contexto de Jardim de Infância I. Assim sendo, foi realizado o projeto denominado “O Corpo Humano”, com um grupo de crianças de três e quatro anos, na Instituição onde realizei esta Prática Pedagógica. O grupo era constituído por 19 crianças, 10 eram do sexo feminino e 9 do sexo masculino.

### **2.2.2 REVISÃO DA LITERATURA**

Neste ponto é apresentada a fundamentação teórica que sustentou o trabalho de projeto tendo por base a Metodologia de Trabalho por Projeto. Por último são apresentadas algumas ideias sobre o Corpo Humano.

#### **2.2.2.1 METODOLOGIA DE TRABALHO POR PROJETO**

Os projetos são estudos que surgem de acordo com o interesse, as ideias e os conceitos de um grupo de crianças. Deste modo, é possível integrar no trabalho educacional esses interesses das crianças que surgem nas suas práticas do dia a dia (Lino, 2007).

Segundo Katz, Ruivo, Silva & Vasconcelos (1998), a elaboração de um projeto pressupõe um ponto de partida, que é uma curiosidade ou uma situação que se pretende compreender ou modificar, a antecipação de um ponto de chegada e a previsão do processo, que implica compreender como se vai chegar ao resultado esperado.

Para a realização de um projeto é necessário que se façam planos, ou seja que se planifique as atividades que se pretendem fazer de modo a chegar ao resultado pretendido. Neste plano deve estar espelhado quem serão os intervenientes, como se organizam, onde se organizam, o papel que cada um dos intervenientes terá, as estratégias a utilizar, os recursos necessários para o desenvolvimento do projeto tal como as atividades que serão realizadas no desenrolar do tempo do projeto (Katz *et al.*, 1998), pois

os projetos caracterizam-se por uma cadeia de atividades que se têm de «desenhar» mentalmente. Trata-se de uma ação planeada mentalmente para responder a uma pergunta que fizemos. (...) Muitas atividades podem inspirar projetos, desde o texto livre às construções na carpintaria. A maior parte dos projetos, porém, costuma desencadear-se a partir da conversa de acolhimento da manhã, onde muitas notícias trazidas pelas

crianças se podem transformar em projetos de estudo, de desenvolvimento e clarificação de problemas vividos (Niza, 2007, p.133).

Nos projetos, o trabalho em grupo é uma constante e fundamental para a concretização do mesmo, em que cada elemento desempenha um papel fundamental para o grupo e participa de forma colaborativa.

Para além das crianças, que possuem um papel muito ativo neste tipo de projeto, também o educador possui um papel importante, apoiando as crianças nas suas escolhas.

O educador tem um papel ativo no desenvolvimento dos projectos. As crianças lideram o trabalho que se desenvolve e os professores assumem a responsabilidade de apoiar as dinâmicas cognitivas e sociais e providenciar os recursos para a aprendizagem das crianças (Hoyuelos, 2004, citado por Lino, 2007, p. 113).

Utilizando este tipo de metodologia, a criança tem a oportunidade de fazer sentido da sua própria experiência; ser curiosa; fazer previsões e verificá-las; colocar hipóteses, analisar e elaborar conjeturas; ser empírica; desenvolver a sua resolução de problemas; tomar iniciativa e ser responsável pelo que conseguiu entre outras (Vasconcelos, s/d).

Valorizando estes aspetos, Vasconcelos (s/d) define o projeto em quatro fases (Quadro 1).

#### **Quadro 1** – Fases do trabalho por projeto segundo Vasconcelos (s/d)

<b>Fase I</b>	Definição do problema
<b>Fase II</b>	Planificação e desenvolvimento do trabalho
<b>Fase III</b>	Execução
<b>Fase IV</b>	Divulgação/avaliação

Na Fase I, **definição do problema**, existe o momento da formulação do problema e das questões que se querem investigar.

Formula-se o problema ou as questões a investigar, definem-se as dificuldades a resolver, o assunto a estudar: Partilham-se os saberes que já se possuem sobre o assunto; conversa-se em grande e pequeno grupo; as crianças desenham, esquematizam, escrevem com o apoio do adulto (Vasconcelos, s/d, p.14).

Na Fase II, **planificação e desenvolvimento do trabalho**, faz-se uma previsão de como pode ocorrer o desenvolvimento do projeto em função dos objetivos referidos.

Elaboram-se mapas conceptuais, teias ou redes como linhas de pesquisa: define-se o que se vai fazer, por onde se começa, como se vai fazer; dividem-se tarefas: quem faz o quê? organizam-se os dias, as semanas; inventariam-se recursos: quem pode ajudar? Pais, professores de diferentes níveis educativos, outras crianças ou jovens? Realizam-se questionários “com” e “à medida” das crianças. Que recursos pode oferecer a comunidade? (Vasconcelos, s/d, p.15).

Na Fase III, **execução**, as crianças iniciam a sua pesquisa, preparando o que pretendem descobrir, organizando e seleccionando a informação que consideram pertinente para o seu projeto.

As crianças partem para o processo de pesquisa através de experiências directas, preparando aquilo que desejam saber; organizam, seleccionam e registam a informação: desenham, tiram fotografias, criam textos, fazem construções. Elaboram gráficos e sínteses da informação recolhida. Aprofundam a informação obtida, discutindo, representando e contrastando com as ideias iniciais: “o que sabíamos antes”; “o que sabemos agora”; “o que não era verdade”. As teias iniciais podem ser reconstruídas em diferentes momentos do processo (Vasconcelos, s/d, p.16).

Por último, na fase IV, que é a fase da **divulgação/avaliação**, onde Vasconcelos (s/d) defende que este é o momento em que se expõe aos outros tudo aquilo que se descobriu ao longo do projeto.

#### 2.2.2.2 O CORPO HUMANO

O Corpo Humano é constituído por unidades que são denominadas células. As células têm apenas 0,33 mm de largura, sendo somente visíveis ao microscópio, mas ao crescerem juntas formam a pele, os ossos, os nervos e também o cabelo (Bender, 1989).

Quando o ser humano nasce, o seu corpo possui cerca de 350 ossos, mas com o passar dos anos alguns ossos fundem-se e em fase adulta o ser humano possui 206 ossos, que necessita para dar forma ao seu corpo, sendo que cada um desses ossos tem uma tarefa (Bingham, 1997).

Os órgãos mais importantes, como o cérebro e o coração, estão protegidos pelo crânio e pelas costelas. Os ossos são cheios com medula que fornece a maior parte das células do nosso sangue. Longe de serem objectos secos e quebradiços, os ossos são estruturas vivas (Bingham, 1997, p. 8).

No Corpo Humano existem conjuntos de órgãos que trabalham em conjunto para realizar determinada tarefa, e a estes conjuntos chamamos sistema ou aparelho. O sistema esquelético *proporciona uma estrutura forte e simultaneamente flexível, que se move graças aos músculos* (Fornari, 1993, p.6).

Os mais de 600 músculos existentes no Corpo Humano, formam o sistema muscular. Os músculos estão ligados a outros músculos ou ossos através de tendões, e são necessários para nos deslocarmos (Fornari, 1993).

O sistema tegumentário é o *nome científico da pele, cabelo, unhas e outras partes que cobrem o corpo* (Fornari, 1993, p. 7).

Existe também o sistema nervoso que faz a ligação do corpo ao cérebro. É o cérebro que recebe as mensagens através dos órgãos dos sentidos, decide o que fazer e envia a mensagem aos músculos através dos nervos motores (Fornari, 1993).

No aparelho circulatório o *sangue arterial, carregado de oxigénio, é bombeado pelo coração, chegando a todas as partes do corpo através de canais chamados artérias* (Fornari, 1993, p. 8).

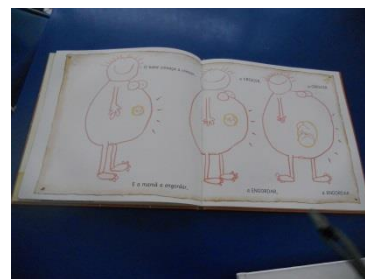
O sistema linfático, transporta nutrientes a todo o corpo, distribuindo glóbulos brancos. O aparelho respiratório tem como principal objetivo fazer chegar o oxigénio do ar ao nosso corpo, enquanto que o aparelho digestivo recebe e transforma todo o tipo de alimentos. Por último, o aparelho urinário liberta os resíduos que se encontram no corpo (Fornari, 1993).

#### 2.2.3 PROJETO: O CORPO HUMANO

Neste ponto expõe-se o trabalho desenvolvido ao longo do projeto desenvolvido com as crianças de três e quatro anos. É apresentada a situação desencadeadora do projeto, a descrição do mesmo e o desenvolvimento das quatro fases de acordo com a perspectiva de Vasconcelos (s/d). Por fim apresentam-se as conclusões e dificuldades sentidas ao longo do projeto.

### 2.2.3.1 SITUAÇÃO DESENCADEADORA DO PROJETO

A situação desencadeadora deste projeto ocorreu no dia 5 de abril de 2016, na sala das “Andorinhas”, no momento da leitura do livro “A mamã pôs um ovo” de Babette Cole, 2011 (Fotografia 11).



Fotografia 11 - Livro "A mamã pôs um ovo"

Era a semana da minha colega intervir, e como tal, foi ela a fazer a leitura da história “A mamã pôs um ovo” para o grupo de crianças.

Após a leitura da história, as crianças através de diversas perguntas, demonstraram interesse em saber como era o corpo humano, querendo descobrir mais acerca dele. Ao ser notório este interesse por parte das crianças, sentimos que era pertinente aproveitar esta questão para o nosso trabalho por projeto.

A grande intenção deste projeto foi proporcionar ao grupo de crianças uma experiência em que pudessem, eles próprios, descobrir as respostas às suas questões, interesses e curiosidades, bem como promover o trabalho em equipa e entre-ajuda.

É importante referir que ao longo da descrição do projeto as crianças vão sendo identificadas por letras e idade com o objetivo de preservar o seu anonimato.

### 2.2.3.2 FASE I – DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A primeira fase da metodologia é a definição do problema. As crianças da sala das “Andorinhas”, ao mostrarem interesse em conhecer como era o corpo humano, foi decidido avançar com o projeto intitulado “O Corpo Humano”.

No dia 11 de abril de 2016, fizemos o levantamento das ideias prévias que as crianças tinham sobre o corpo humano (Quadro 2). À medida que as crianças iam dando as suas ideias, estas eram registadas numa cartolina com o título “O que sabemos sobre o corpo humano?” (Fotografia 12). Neste registo, escrevia-se a ideia, o nome e idade da criança que a disse. Decidimos fazer o registo numa cartolina para o expor na entrada da sala, local de fácil acesso às crianças, e para que estas pudessem sempre acompanhar o projeto, relembrando as suas ideias iniciais e também para ir dando a conhecer aos pais o projeto que estava a ser desenvolvido.



Fotografia 12 - Registo com as crianças

### Quadro 2 – Ideias prévias das crianças sobre o corpo humano

O que sabemos sobre o corpo?	
<i>Tem a cabeça e a barriga (CS, 4 anos).</i> <i>Tem ossos (DC, 4 anos).</i> <i>Tem ombros (SJ, 3 anos).</i> <i>O corpo é isto tudo (MM, 4 anos).</i> <i>Tem nariz (MC, 3 anos).</i> <i>Se eu saltar da varanda eu caio e rasgo (AF, 4 anos).</i> <i>Tem músculo (SM, 3 anos).</i> <i>Tem cotovelo (MS, 4 anos).</i>	<i>Tem as costas (DD, 4 anos).</i> <i>Tem coração (MM, 4 anos).</i> <i>Tem cabelo (SS, 3 anos).</i> <i>Tem ossos e partem-se a correr (EM, 3 anos).</i> <i>Não podemos pôr os dedos nas gavetas senão aleijam-se e faz sangue (LF, 4 anos).</i> <i>Tem língua (DS, 4 anos).</i> <i>Tem joelhos (LS, 3 anos).</i> <i>Tem boca (DV, 3 anos).</i>

Os dados do Quadro 2 mostram que as crianças possuíam conhecimentos sobre o corpo humano e que estes eram maioritariamente sobre os constituintes do corpo, “*tem língua*” (DS), “*tem ombros*” (SJ) e “*tem nariz*” (MC).

Após o levantamento destas ideias prévias das crianças, questionou-se as mesmas sobre o que gostariam mais de saber sobre o corpo humano (Quadro 3), registando as suas questões numa cartolina.

**Quadro 3** – Questões levantadas pelas crianças sobre o corpo humano

<b>O que queremos saber sobre o corpo?</b>	
<i>Para onde vai a comida?</i>	<i>Como se partem os ossos?</i>
<i>O que temos dentro do corpo?</i>	<i>Como se chamam as partes do corpo?</i>

Os dados do Quadro 3 mostram o interesse das crianças em conhecer o nome das partes do corpo, conhecer o seu interior e o seu funcionamento.

**2.2.3.3 FASE II – PLANIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO**

Ainda no dia 11 de abril, após as crianças decidirem o que queriam saber sobre o corpo humano, questionámos as mesmas sobre onde poderíamos procurar informação para responder às perguntas que tínhamos registado. Em grande grupo, as crianças deram ideias sobre onde ir procurar informação para trazer para a sala e ideias sobre atividades a realizar.

As ideias das crianças sobre onde descobrir (Quadro 4) foram registadas numa cartolina, devidamente datada, que foi posteriormente colocada no exterior da sala junto às restantes cartolinas, que continham o que sabemos e o que queremos saber.

**Quadro 4** – Ideias das crianças sobre onde realizar a pesquisa

<b>Onde vamos descobrir?</b>	
<i>No computador (DD, 4 anos).</i>	<i>Na revista (CS, 4 anos).</i>
<i>No telefone (DD, 4 anos).</i>	<i>No tablet (DC, 4 anos e DD, 4 anos).</i>
<i>Na televisão (MM, 4 anos).</i>	<i>No livro (DC, 4 anos).</i>

No que diz respeito à questão de onde vamos descobrir, as respostas das crianças incidiram nos meios que estão mais habituadas a utilizar no seu dia a dia, como “*no computador*” (DD), “*na televisão*” (MM) e “*no tablet*”, sugerido por duas crianças (DC e DD). Além destes meios, foram sugeridas formas de pesquisar que eram utilizadas frequentemente na sala como por exemplo “*no livro*” (DC).

Depois de decidido onde iríamos descobrir a informação necessária, as crianças planificaram a construção de quatro silhuetas, em que em cada uma das silhuetas iriam responder às perguntas inicialmente elaboradas. Esta planificação feita em conjunto com as crianças, continha todas as propostas educativas planeadas para serem realizadas (Quadro 5).

## Quadro 5 – Planificação das propostas educativas

Dia	Propostas educativas
12 e 13 de abril	Vamos pesquisar
18 de abril	O que já descobrimos?
19 de abril	Vamos construir uma silhueta: as partes constituintes do corpo humano
26 de abril	Vamos construir uma silhueta: o corpo humano por dentro
27 de abril	Vamos construir uma silhueta: os ossos do corpo humano Vamos construir uma silhueta: o local por onde a comida passa
3 de maio	Vamos apresentar a pesquisa aos amigos
9 de maio	Desenho sobre o que aprenderam

### 2.2.3.4 FASE III – EXECUÇÃO

Esta fase do projeto iniciou-se no dia 12 de abril. Nos dias 12 e 13 de abril, as crianças levaram para a sala a informação que tinham recolhido em casa, com os pais, de modo a podermos fazer uma análise conjunta de toda a informação recolhida (Fotografia 13). As crianças organizaram a informação recolhida na internet em dois documentos intitulados de “*Os órgãos*” e “*O corpo humano*”, e levaram também um livro “*À descoberta do Corpo Humano*” da Porto Editora. Para além das crianças, também nós, estagiárias, levámos livros que considerámos que possuíam informação pertinente para as perguntas das crianças. Os livros por nós levados foram: “*Atlas Juvenil do Corpo Humano*”; “*O Corpo Humano a três dimensões*” e “*Tu e o teu corpo*”. Uma criança levou ainda um trabalho manual que tinha realizado com os pais e mostrou aos amigos. Colocámos toda a informação trazida na manta da sala (Fotografia 13), de modo a ser visível por todas as crianças e para que pudéssemos em grupo fazer a pesquisa, estando assim todas as crianças a participar ativamente no trabalho de projeto.

Lemos excertos dos livros e analisámos as imagens. Ao longo de todo o momento, as crianças iam escolhendo a informação que queriam analisar e nós estagiárias liamos e auxiliávamos na compreensão da informação. Analisámos em conjunto um corpo a três dimensões (Fotografia 14), onde as crianças conseguiram encontrar algumas respostas às perguntas iniciais. Foi neste momento de exploração do corpo de grandes dimensões que as crianças demonstraram maior interesse e atenção, querendo saber o nome dos órgãos. Com esta pesquisa conjunta, as crianças desenvolveram competências a nível do conhecimento do mundo, nos momentos em que nomeavam os diversos órgãos. Esta atividade também foi potenciadora do desenvolvimento sócio afectivo das crianças, pois estas tiveram momentos de partilha, de escutar o outro e esperar pela sua vez para falar. A nível da comunicação, com esta atividade tiveram oportunidade de adquirir novo vocabulário, e mostraram capacidade de utilizar frases sintaticamente corretas no diálogo.



Fotografia 13 – Observação da informação recolhida



Fotografia 14 - Corpo a três dimensões



Fotografia 15 - Registos em cartolina

Após a pesquisa realizada em grande grupo, no dia 18 de abril, fez-se o levantamento daquilo que as crianças já tinham aprendido (Quadro 6), ficando registado numa cartolina que se colocou junto aos restantes registos que se foram construindo ao longo do projeto (Fotografia 15).

**Quadro 6 - O que as crianças descobriram com a pesquisa**

O que já descobrimos...				
As partes externas do corpo chamam-se:		Dentro do corpo temos...	A comida vai para...	Os ossos partem-se quando...
<i>Cabeça;</i>	<i>Umbigo;</i>	<i>Barriga;</i>	<i>1º Boca</i>	<i>Damos grandes quedas;</i>
<i>Braços;</i>	<i>Joelhos;</i>	<i>Pilinha;</i>	<i>2º Esófago</i>	<i>Estão muito fracos;</i>
<i>Nariz;</i>	<i>Cotovelos;</i>	<i>Rabo;</i>	<i>3º Estômago</i>	<i>Temos acidentes.</i>
<i>Ombros;</i>	<i>Orelhas;</i>	<i>Cabelo;</i>	<i>4º Intestino delgado</i>	
<i>Pernas;</i>	<i>Queixo;</i>	<i>Dedos;</i>		
<i>Pés;</i>	<i>Olhos;</i>	<i>Dentes;</i>		
<i>Costas;</i>	<i>Garganta;</i>	<i>Língua.</i>		
<i>Mãos;</i>	<i>Boca;</i>	<i>Coração;</i>		
		<i>Pulmões;</i>		
		<i>Fígado;</i>		
		<i>Intestino;</i>		
		<i>Esqueleto;</i>		
		<i>Cérebro; músculos;</i>		
		<i>Estômago.</i>		

Os dados do Quadro 6 mostram grande aquisição de vocabulário específico, especialmente o relacionado com partes/órgãos externos do corpo humano. É interessante salientar a aquisição de nomenclatura relacionada com órgãos internos do corpo humano e ainda o percurso realizado pela comida dentro do corpo humano.

Após este levantamento de ideias foram construídas quatro silhuetas humanas, uma para cada pergunta (Quadro 3). As crianças foram distribuídas em quatro grupos e cada grupo de crianças registou numa das silhuetas o que o grupo tinha descoberto e aprendido relativamente aquela pergunta. Todas as crianças participaram neste processo com muito entusiasmo e interesse, querendo colocar na silhueta tudo o que tinha sido aprendido (Fotografia 16).



Fotografia 16 – Registo do aprendido nas silhuetas humanas

Este registo foi realizado durante vários dias. Assim, no dia 19 de abril construiu-se a silhueta sobre “*As partes do corpo*” e no dia 26 de abril a silhueta “*Dentro do corpo*”. No dia 27 de abril foram elaboradas as últimas silhuetas, nomeadamente “*A comida vai para...*” e “*Os ossos partem-se quando...*”.

Ao longo de todos estes momentos foram desenvolvidas competências a nível da área da expressão e comunicação, nomeadamente na comunicação entre pares e com o adulto.

Na área da expressão e comunicação, também foi possível as crianças desenvolverem competências do domínio da plástica, ao manusearem as canetas de feltro para construírem a silhueta humana,

registrando nela as diferentes partes do corpo e órgãos que aprenderam. Ainda ao nível da plástica, as crianças atribuíram significados às suas representações.

No decorrer do projeto as áreas de conteúdo de maior incidência foram a área da formação pessoal e social e a do conhecimento do mundo, existindo no entanto interligação entre todas as áreas tornando-se um projeto interdisciplinar.

Ao nível da formação pessoal e social as crianças mostraram capacidade de participar ativamente nas atividades, nomeadamente na pesquisa da informação e na construção das silhuetas humanas.

#### 2.2.3.5 FASE IV – AVALIAÇÃO/DIVULGAÇÃO DO PROJETO

No dia 3 de maio, cada grupo de crianças apresentou aos seus colegas as silhuetas que tinham construído (Fotografia 17) e explicou o que tinha colocado na sua silhueta, tendo tido todas as crianças do grupo oportunidade de falar. Os restantes grupos de crianças ouviram com atenção os colegas, demonstrando muito interesse e respeito por estes.

A divulgação deste projeto também foi sendo feita ao longo do tempo, no exterior da sala, onde se colocavam os registos feitos em cartolina e os feitos nas silhuetas. Deste modo, as crianças foram mostrando aos familiares o trabalho que estavam a desenvolver. Além disto, com esta exposição no exterior, as crianças puderam sempre que o desejavam ir observar o que já tinham realizado (Fotografia 18).

A avaliação deste projeto ocorreu no dia 9 de maio, quando as crianças realizaram um desenho sobre o corpo. À medida que a criança realizava o seu desenho, fomos questionando-a sobre o desenho que esta estava a realizar com o objetivo de percebermos aquilo que a criança tinha aprendido.



Fotografia 17 - Apresentação do registo feito nas silhuetas



Fotografia 18 - Divulgação do projeto



Fotografia 19 - Desenho realizado por ME

Na Fotografia 19 é possível observar o desenho de uma das crianças, a ME, e através do seu discurso compreender os conceitos que adquiriu “*Vou fazer o que está dentro do corpo humano. Os intestinos, o coração. Fiz a barriga e a cabeça, os olhos e a boca. Também fiz um bebé dentro da barriga*” (ME, 4 anos).

Neste desenho a criança representou a figura do ser humano, realizando uma bola para representar a cabeça e outra bola para representar o restante corpo. É possível observar que a ME, no que diz respeito à cabeça, desenhou apenas as partes do exterior, nomeadamente a boca, os olhos, o nariz e o cabelo. Já no restante corpo optou por desenhar o interior, como a própria afirma *vou fazer o que*

*está dentro do corpo humano.* Desenhou um coração e as restantes linhas aparentam representar os intestinos. Desenhou também um bebé, o que evidencia que percebeu que os bebés vêm da barriga. Um aspeto curioso é o facto de tudo o que é externo no corpo humano a ME desenhou a cor de laranja, e para o que era interno no corpo humano a criança optou por utilizar o cor de rosa. Analisando o desenho é possível perceber que a criança compreendeu que existem órgãos externos e internos no corpo humano. O desenho parece sugerir que a criança aprendeu o local onde estão os órgãos, pois desenhou o coração em cima e os intestinos em baixo, e não aleatoriamente.

#### **2.2.4 CONCLUSÕES E DIFICULDADES SENTIDAS**

Assim, chega ao fim o projeto do corpo humano da sala das “Andorinhas”, realizado no contexto de Jardim de Infância I. Este projeto proporcionou a todas as crianças oportunidades de desenvolverem competências o que é sempre um objetivo na Educação Pré-Escolar. Sinto que foi significativo para as crianças e que estas mostraram sempre grande interesse e curiosidades, querendo descobrir sempre mais. Neste projeto, o meu papel, como educadora, foi de orientar e auxiliar naquilo que as crianças necessitassem, dando-lhes o espaço e o tempo para pesquisarem e aprenderem.

Tendo sido a primeira vez que participei na concretização de um trabalho por projeto, sinto que é algo a que no futuro, como educadora, devo dar bastante importância uma vez que com esta metodologia as crianças alargaram os seus conhecimentos de acordo com os seus interesses.

A minha maior dificuldade esteve relacionada com a gestão do tempo e com a elaboração de propostas educativas. Tendo sido a primeira vez a concretizar esta metodologia, sinto que poderia ter dado mais tempo às crianças para elas fazerem as suas aprendizagens e deveria ter proporcionado mais propostas educativas. No entanto, estas dificuldades não serão esquecidas e espero que sejam ultrapassadas em futuros projetos desenvolvidos de acordo com a Metodologia de Trabalho por Projeto.

Realizando uma retrospectiva do projeto, é possível afirmar que a maior fragilidade do mesmo foi a avaliação. Este foi um ponto que não foi devidamente pensado e preparado e como tal, no final não o executei da melhor forma. De modo a conseguir compreender melhor o que as crianças aprenderam com o projeto, teria sido importante as crianças realizarem no início do mesmo, um desenho com o que estas sabiam acerca do corpo humano, para depois de finalizado o projeto, se poder comparar o que estas sabiam no momento final com o que sabiam no momento inicial do projeto. Desta comparação, teria sido possível perceber se as crianças tinham adquirido conhecimentos novos com a realização do projeto.

Foi importante ter oportunidade de concretizar este projeto para perceber as minhas fragilidades e refletir sobre como as posso ultrapassar num projeto futuro.

## 2.3 – ENSAIO INVESTIGATIVO

Esta parte do relatório inicia-se com uma nota introdutória onde se apresenta o contexto do estudo, a pergunta de partida e objectivos da investigação. Segue-se o enquadramento teórico onde se procura obter a base teórica que sustenta o estudo, seguida da apresentação da Metodologia. Posteriormente apresenta-se os resultados e a sua análise seguida das conclusões do ensaio investigativo.

### 2.3.1 NOTA INTRODUTÓRIA

No decorrer da realização da Prática Pedagógica em Jardim de Infância I, do Mestrado de Educação Pré-Escolar, no ano letivo 2015/2016, fui-me deparando com diversas situações que me fizeram perceber a importância que a investigação pode ter para um educador, proporcionando a este constante aprendizagem e, procurando sempre ir ao encontro das necessidades e dos gostos das crianças. Para responder às necessidades das crianças, o educador investiga. Esta dimensão investigativa é de grande importância, uma vez que

Uma investigação trata-se de um processo de estruturação do conhecimento, tendo como objectivos fundamentais conceber novo conhecimento ou validar algum conhecimento preexistente (...) Trata-se portanto, de um processo de aprendizagem (Sousa & Baptista, 2011, p.3).

Investigar em ciências sociais, implica *compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta* (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 19).

Investigar *implica interpretar acções de quem é também interprete, envolve interpretações de interpretações* (Coutinho, 2011, p. 17).

Como tal, durante esta Prática Pedagógica pretendeu-se investigar de que modo é que crianças de quatro anos exploram livremente objetos, bem como o tipo de brincadeira que realizam durante a exploração. Os participantes desta investigação envolveram três crianças do grupo de dezanove, de uma sala três/quatro anos de idade.

Assim sendo, o tema desta investigação é a exploração de objetos.

Esta investigação é sustentada pela pergunta de partida *Que explorações crianças de quatro anos de idade realizam quando lhes são disponibilizados objetos?* Foram definidos os objetivos para a investigação:

- Identificar que explorações as crianças Duarte, Margarida e Alexandre realizam quando exploram livremente os objetos disponibilizados;
- Identificar os processos básicos da Ciência utilizados pelas crianças Duarte, Margarida e Alexandre, na exploração livre de objetos disponibilizados;
- Identificar os conceitos matemáticos que o Duarte, a Margarida e o Alexandre utilizaram na exploração livre de objetos disponibilizados;

- Identificar as brincadeiras que o Duarte, a Margarida e o Alexandre realizaram na exploração livre de objetos disponibilizados;
- Refletir sobre as explorações que as crianças de quatro anos de idade fazem com os objetos.

Partindo dos objetivos definidos, e com o intuito de responder à pergunta de partida, definiram-se seis tarefas a realizar ao longo do tempo.

### 2.3.2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste tópico, encontra-se o enquadramento teórico que suporta esta investigação, abordando os pontos essenciais que surgiram após a definição da pergunta de partida e dos objetivos. Como tal, encontra-se dividido em três pontos: processos básicos da ciência, matemática no pré-escolar e brincadeira.

#### 2.3.2.1 – PROCESSOS BÁSICOS DA CIÊNCIA

Os processos básicos da ciência são um conjunto de processos que as crianças utilizam como instrumentos para os ajudar a progredir não só cientificamente como também na sua capacidade de aprender a aprender (Pereira, 1992). Assim,

Os processos da ciência correspondem às formas de raciocínio e destrezas intelectuais usadas de forma sistemática na actividade científica. Estas formas de pensamento fazem parte da racionalidade científica e funcionam como ferramentas cognitivas básicas, ou procedimentos mentais, usados de forma tácita nas diversas situações que se colocam a um investigador (Pereira, 2002, p. 44).

Como processos básicos da ciência existem a *observação, ordenação e seriação, classificação, medição, previsão e comunicação* (Pereira, 1992). É importante refletir sobre estes processos e de que modo as crianças podem ser incentivadas a utilizá-los nas suas atividades (Pereira, 2002).

#### Observação

A observação é o processo mais básico das ciências, e aquele que a criança utiliza em primeira instância. No entanto, não devemos entender observação como ver ou olhar, pois a olhar estamos apenas a focar-nos em aspetos visuais e perdemos todas as outras características. Assim, a observação pode ser realizada através dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, tato e paladar, de modo a conseguirmos uma observação mais detalhada e rigorosa na identificação de propriedades (Pereira, 2002). No entanto *muitas das observações têm subjacentes comparações, embora não entendidas como tal* (Pereira, 1992, p. 34), o que faz com que,

Todas as observações são influenciadas pela nossa experiência passada e pelo conhecimento que temos. Por outras palavras, as observações são guiadas pelas teorias em que acreditamos e pela nossa cultura. Decidir o que observar faz também parte do processo de observar (Pereira, 2002, p. 46).

Deste modo, torna-se importante que crianças de idade pré-escolar tenham oportunidade de realizar observação para poderem aplicar os vários sentidos, desenvolvendo-os (Pereira, 2002).

## Ordenação e Seriações

Nesta faixa etária, as crianças ainda não possuem capacidade de seriação completa, mas conseguem ordenar caixas pelo tamanho ou até mesmo colocar brinquedos de acordo com aqueles de que mais gostam (Moreira & Oliveira, 2003).

Seriar objectos é dispô-los, atendendo a uma qualidade em relação à qual se pode estabelecer maior ou menor efectividade dessa qualidade, segundo uma ordem sempre ascendente (ou sempre descendente) da existência dessa qualidade (Barros & Palhares, 1997, p. 28).

A capacidade de uma criança seriar, é uma das capacidades mais importantes que a criança desenvolve na idade pré-escolar, conseguindo seriar ou ordenar objetos consoante uma propriedade que possuam em comum, como por exemplo ao ordenarem bolas da mais pequena para a maior (Hohmann, Banet & Weikart, 1979).

A capacidade de seriar das crianças vai-se alterando, evoluindo ao longo do tempo, e aos três e quatro anos, encontram-se no período «pré-operatório», conseguindo *construir torres piramidais mais complexas e meter um maior número de caixas umas dentro das outras do que as crianças mais pequenas* (Hohmann, Banet & Weikart, 1979, p. 270).

As seriações que as crianças fazem podem estar relacionadas com diferentes características dos objetos, como por exemplo: a altura (alto/baixo); o tamanho (pequeno/grande); a luminosidade (claro/escuro); a espessura (fino/grosso); a velocidade (rápido/lento); a duração (muito tempo/pouco tempo); entre muitas outras propriedades (Ministério da Educação, 1997). Podemos ainda afirmar que a seriação é uma forma de classificação, mas de um modo mais específico (Pereira, 2002).

## Classificação

A classificação para além de ser um processo básico da ciência, é também um dos conhecimentos matemáticos mais importantes que a criança utiliza. Quando esta classifica, não está apenas a utilizar um processo da ciência, mas está também a desenvolver conhecimentos matemáticos.

Um conjunto é um grupo de objetos, que podem ser ou não matemáticos (Barros & Palhares, 1997). Trata-se de uma coleção de objetos. Contudo, também existe o conjunto vazio, que é a noção mais complicada da teoria de conjuntos (*idem*), pois a *um conjunto que não tenha nenhum elemento chama-se conjunto vazio* (Barros & Palhares, 1997, p. 21).

No que diz respeito aos conjuntos existem: subconjuntos; complementar de um conjunto; interseção de dois conjuntos; reunião de conjuntos; participação de um conjunto; conjunto vazio; cardinal; conjuntos iguais; relações binárias num conjunto; propriedades das relações binárias num conjunto; produto cartesiano de dois conjuntos; correspondência entre conjuntos; comparação de cardinais de conjuntos; princípio do 3<sup>a</sup> excluído e princípio da não contradição (Barros & Palhares, 1997).

Formar conjuntos é um processo lento mas muito importante que a criança inicia ainda antes de saber falar. A criança começa a explorar as propriedades dos objetos muito cedo e a reunir os objetos em grupos (Barros & Palhares, 1997).

Formar conjuntos consiste, num nível concreto, em agrupar objectos. Assim, se a criança agrupa objectos sem usar nenhuma propriedade consistente, está já a formar conjuntos. Depois de agrupados, a propriedade que os une é a proximidade e a partir desse momento temos, portanto, uma propriedade, ainda que de ordem espacial (Barros & Palhares, 1997, p. 26).

Assim que a criança começa a ter a capacidade de reunir objetos por grupos, de acordo com as propriedades que têm iguais, ela já está a formar conjuntos em compreensão, como por exemplo, *o conjunto dos vermelhos, que inclui todo e qualquer objeto de cor vermelha* (Barros & Palhares, 1997, p. 26). A criança, ao

Agrupar objetos formando conjuntos que obedeçam a uma propriedade determinada, por exemplo, juntar todas as bolas que existem na sala ou todos os livros que tenham na capa cor verde, motiva e solidifica aprendizagens matemáticas (Moreira & Oliveira, 2003, p. 68).

Com o passar do tempo, a criança vai começando a reunir objetos consoante diversas propriedades, que podem ser todas do mesmo tipo como é o caso do verde, vermelho, amarelo, entre outras (Barros & Palhares, 1997). Depois deste momento, a criança começa a conseguir fazer classificações por um critério, que no caso anterior é a cor (Barros & Palhares, 1997).

Classificar implica para a criança momentos de exploração e observação dos objetos. Quando classificam,

Estas crianças estão a exercitar a sua capacidade de observar os atributos dos objectos, de dar conta das semelhanças, de agrupar os objectos semelhantes, de distinguir o significado de «igual» e «diferente». Em resumo, estão a começar a classificar, a utilizar as técnicas de pensamento lógico que dominam, para distinguir as características de coisas e para as separar e agrupar de acordo com essas características (Hohmann, Banet & Weikart, 1979, p. 242).

A forma como as crianças agrupam os objetos vai sofrendo alterações ao longo do tempo. Quando as crianças separam e agrupam os objetos sem uma lógica aparente, apenas elas compreendem o porquê de agrupar assim, sem existirem semelhanças ou diferenças notórias. A esta fase, Piaget chama «coleções gráficas», desenvolvendo para outras fases (Hohmann, Banet & Weikart, 1979).

À medida que as crianças se desenvolvem, deixam de fazer coleções gráficas para começarem a escolher objectos segundo critérios coerentes. Estes primeiros conjuntos não gráficos têm tendência a ser grupos de objectos que são exactamente iguais nas várias dimensões (Hohmann, Banet & Weikart, 1979, p. 244).

As crianças em idade pré-escolar devem ser incentivadas a realizar tanto seriações como classificações, uma vez que estas atividades são *requisitos prévios para que as crianças sejam, mais tarde, capazes de identificar e de pensar relações entre materiais, objectos e situações* (Pereira, 2002, p. 48).

## **Medição**

A medição torna a observação mais precisa e rigorosa, permitindo fazer comparações entre materiais, objetos ou situações. Esta, é realizada através de comparação, em que se utiliza uma

unidade estandarizada ou não. As crianças, para realizar estas comparações podem utilizar um outro objeto que sirva de medida, como um lápis, o dedo, uma folha, entre outros (Pereira, 2002). Medir é então, *um modo de expressar quantitativamente alguma das propriedades observadas* (Pereira, 1992, p. 37).

## **Previsão**

A partir da observação, é também possível à criança efectuar previsões. A previsão consiste em a criança conseguir perceber e explicitar o que vai ocorrer a seguir a determinada situação. Estas,

São baseadas em conhecimentos anteriores, em inferências feitas a partir de várias observações semelhantes realizadas no passado, ou em hipóteses previamente construídas e que correspondem a explicações e a padrões gerais que se esperam repetíveis (Pereira, 2002, p. 50).

## **Comunicação**

A comunicação está presente desde o nascimento da criança, e entende-se por,

O processo activo de troca de informação que envolve a codificação (ou formulação), a transmissão e a descodificação (ou compreensão) de uma mensagem entre dois, ou mais, intervenientes (Sim-Sim, 1998, p. 21).

De modo a explicarem o que observam e pensam, as crianças utilizam a comunicação. Para esta comunicação, as crianças têm primeiro que organizar as suas ideias e informações de uma forma que considerem coerente, para a conseguirem comunicar a outros (Pereira, 1992). No entanto, comunicar não se traduz apenas em falar. Também desenhar ou escrever são atos comunicacionais que as crianças podem utilizar (Pereira, 2002). De um modo geral, *quer se trate de comunicações orais, quer se trate de artigos escritos, a actividade científica assenta no uso de actividades de comunicação* (Pereira, 2002, p. 54).

Para além da comunicação escrita, existe também a comunicação oral, que é a que torna a criança num comunicador fluente e é através dela que as crianças adquirem a sua língua materna.

Um melhor domínio da linguagem oral é um objectivo essencial na educação pré-escolar. Escutar as crianças, conversar com elas, criar espaços para o diálogo, estimular a expressão oral e o desejo de comunicar favorecem o desenvolvimento da competência comunicativa, em geral, e o desenvolvimento da linguagem oral, em particular (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p. 35).

A comunicação não se realiza apenas através da fala ou dos registos escritos, mas também através de gestos, a chamada comunicação não verbal. De um modo geral,

Comunicamos face a face e à distância, em situações formais e planeadas e informal e espontaneamente; quando falamos e quando, através do silêncio, evitamos falar; comunicamos oralmente e por escrito, verbalmente e por gestos (Sim-Sim, 1998, p. 22).

### **2.3.2.2 – MATEMÁTICA NO PRÉ-ESCOLAR**

A matemática é uma área que está presente na vida das crianças desde muito cedo, e que se manterá até ao resto da vida. É fácil compreender como a matemática está presente em todas as atividades do quotidiano, e como tal, devemos proporcionar às crianças situações em que possam desenvolver os seus conceitos matemáticos.

A capacidade de uma criança em aprender matemática vai-se desenvolvendo com os anos, bem como o nível de dificuldade do que aprendem, ou seja, a matemática que se aprende não é a mesma ao longo de todo o período escolar.

A matemática possui diversos benefícios, sendo *reconhecidamente decisiva para a estruturação do pensamento humano e a plena integração na vida social* (Barros & Palhares, 1997, p.9).

A matemática no pré-escolar ocorre de uma forma integrada, ou seja relacionada com as outras áreas de conteúdo. A matemática pode ser encontrada em muitas situações, e como tal, o educador deve conseguir tirar partido das atividades que planeia de modo a que as crianças se possam desenvolver ao nível da matemática. *Este planeamento terá em conta as diferentes áreas de conteúdo e a sua articulação* (Ministério da Educação, 1997, p. 26).

A matemática surge em muitas atividades do quotidiano, e é partir destas vivências que as crianças vão construindo noções matemáticas (Ministério da Educação, 1997). A matemática possui um papel de extrema importância na estruturação do pensamento das crianças, nas funções que tem na vida das mesmas, e é também fundamental para realizar aprendizagens no futuro, e como tal, deve-lhe ser dada a devida atenção e espaço na educação (Ministério da Educação, 1997) e

Cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas. A construção de noções matemáticas fundamenta-se na vivência do espaço e do tempo, tendo como ponto de partida as actividades espontâneas e lúdicas da criança (Ministério da Educação, 1997, p. 73).

Com crianças de três e quatro anos, nomeadamente, *é importante aproveitar as oportunidades de contagem surgidas durante as situações reais de vida para deixar a criança ouvir, com prazer, o recitativo dos numerais na sua ordem natural* (Rizzo, 1989, p. 332). Existem diversas situações da rotina das crianças no Jardim de Infância que o educador pode aproveitar para desenvolver a matemática, como por exemplo durante a distribuição de crianças pela sala, quando pergunta “quem quer desenhar? 1, 2, 3 ...”, “então vamos ver quantas crianças temos e quantos lugares vamos precisar”, ou também durante a colocação dos lugares na mesa, contando o número de copos e talheres e até mesmo depois de colocadas as presenças, pode-se confirmar quantos meninos estão presentes e quantas meninas (Rizzo, 1989). Para além destas situações,

As crianças fazem construções com blocos, pedras, areia ou outros materiais e, nestas explorações vão aprendendo a distinguir, encaixar, comparar e transformar formas, bem como a representá-las e a classificá-las e, ao fazerem isto, estão a aprender conceitos e a desenvolver capacidades espaciais (Moreira & Oliveira, 2003, p. 40).

Para que a criança construa o seu próprio significado é importante

proporcionar situações em que as crianças se envolvam em partilhas sobre o seu pensamento matemático, quando, por exemplo, estão a manipular materiais e a tentar resolver problemas (Moreira & Oliveira, 2003, p. 21).

## Padrões

As crianças usam os padrões para se organizarem. Por exemplo, quando falam do seu cotidiano dizem: primeiro tomei o pequeno almoço, depois lavei os dentes, depois vesti-me, depois vim para o jardim. Este processo ajuda a criança a organizar-se e a prever o que vem a seguir (Moreira & Oliveira, 2003, p. 158).

As crianças, com o desenvolvimento do seu raciocínio lógico, começam a encontrar e a estabelecer padrões, isto é, *formar sequências que têm regras lógicas subjacentes* (Ministério da Educação, 1997, p. 74).

Os padrões que as crianças fazem são de dois tipos: repetitivos ou não repetitivos.

Um exemplo de um padrão repetitivo é a sequência dos dias da semana, em que temos o domingo, segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado, e depois se repete tudo de novo, da mesma forma (Barros & Palhares, 1997). Como exemplo de um padrão não repetitivo encontramos a sequência dos números naturais (*idem*).

## Número, numeração e contagem

Através da classificação e seriação, a criança desenvolve o conceito de número bem como de numeração. *As oportunidades variadas de classificação e seriação são também fundamentais para que a criança vá construindo a noção de número, como correspondendo a uma série (número ordinal) ou uma hierarquia (número cardinal)* (Ministério da Educação, 1997, p. 74).

O conceito de número vai sendo desenvolvido através de contagens, combinações, agrupamentos e comparações. Quando as crianças começam a compreender o conceito de número, começam a preparar-se para compreender as operações matemáticas (Hohmann, Banet & Weikart, 1979).

Por volta dos três ou quatro anos de idade, no período pré-operatório, a criança começa a perceber que duas espécies de objectos se podem emparelhar uma a uma (...) mas não percebe que os dois conjuntos são iguais em número quando há o mesmo número de blocos grandes e pequenos (Hohmann, Banet & Weikart, 1979, p. 284).

De modo a que a criança consiga desenvolver o conceito de número, o educador tem um papel fundamental a criar situações que proporcionem esse desenvolvimento.

Ao advogar a quantificação de objectos pela criança, peço que os professores lembrem-se de que o objetivo real não deve ser o de observar o comportamento de quantificar acertadamente. O foco do professor deve estar localizado no pensamento que se desenvolve na cabeça da criança (Kamii, 1985, p. 38).

A contagem está então ligada à compreensão que as crianças possuem do número. Segundo Gelman e Gallistel (1983) citados por Barros & Palhares (1997), as crianças têm uma sequência de capacidades de contagem que são:

usar uma e uma só palavra para cada item contado; usar as palavras em ordem estável; utilizar a última palavra para indicar o número de elementos do conjunto de itens; contar colecções heterogéneas de objectos considerano-os indistintamente como elementos do grupo e reconhecer que a ordem na qual se contam é irrelevante (Barros & Palhares, 1997, p. 52).

Na contagem, muitas são as crianças que conhecem a sequência dos números, mas ao contarem objetos cometem erros. Isto acontece quando as crianças necessitam de contar apontando para o

objeto pois, *não conseguem ainda estabelecer uma correspondência um a um entre o objeto e a palavra número (termo)* (Castro & Rodrigues, 2008, p. 18). Nestas situações as crianças ainda não possuem a consciência de que a cada palavra corresponde apenas um objeto, necessitando de ter oportunidades de exercitar (Castro & Rodrigues, 2008). Para contar objetos, a crianças necessita de dominar diferentes capacidades e compreender:

que a cada objeto corresponde um e um só termo de contagem; como não perder nem repetir nenhum objeto; o conceito de cardinalidade (o último termo dito corresponde ao número total de objetos contados); que a contagem não depende da ordem pela qual os objetos são contados (Castro & Rodrigues, 2008, p. 18).

À medida que a criança se vai apropriando do sentido de número, começa a construir relações numéricas. Quando a criança tem a percepção de valores pequenos, sem recorrer à contagem, está a desenvolver o sentido de número e a construir as relações mentais entre números, denominando-se a esta ação, *subitizing*. O *subitizing* consiste assim no reconhecimento da mancha por parte da criança através da sua percepção visual. Aqui, num conjunto de quatro objetos, a criança consegue identificar que são quatro sem recorrer à sua contagem termo a termo (Castro & Rodrigues, 2008).

### 2.3.2.3 – BRINCADEIRA

A brincadeira é um aspeto fundamental da rotina de uma criança. É aqui que surgem conflitos que estas têm oportunidade de os resolver, procurando soluções para os seus problemas. Ao educador, cabe o papel de proporcionar um bom ambiente para a brincadeira, os materiais adequados para que as crianças os possam manipular e ser potenciadores de aprendizagens, levar as crianças a tomarem consciência dos outros, conversar sobre o que estão a fazer e o que sentem, observando sempre e mediando as situações exageradas (Hohmann & Weikart, 2009). É através da brincadeira que as crianças comunicam, e como tal, o educador deve ver e ouvir, observando-as com atenção de modo a compreender os seus interesses.

A brincadeira das crianças não ocorre sempre da mesma forma, mas sim, vai desenvolvendo-se à medida que a própria criança cresce e muda. Quando muito pequenas, as crianças envolvem-se em

brincadeiras exploratórias – experiências lúdicas simples, repetitivas, nas quais elas exploram as propriedades e funções dos materiais e dos instrumentos, não com o objectivo de construir alguma coisa, mas apenas pelo prazer de “mexer” (Hohmann & Weikart, 2009, p.88).

Depois da fase da brincadeira exploratória, esta evolui para um tipo de brincadeira mais complexa, a construtiva, onde a criança realiza construções, estruturas e criações diversificadas com os objetos. Num outro momento, a criança evolui para a brincadeira dramática, ou faz de conta, onde esta representa papéis imaginados de pessoas ou animais utiliza cenários. À medida que a criança cresce, também o tipo de brincadeira evolui, e numa fase mais velha começam a brincar a jogos com regras.

### 2.3.3 – METODOLOGIA

No presente tópico apresenta-se a metodologia utilizada na concretização do meu ensaio investigativo com crianças de quatro anos, e encontra-se organizado em seis pontos essenciais: opções metodológicas; participantes do estudo; procedimentos metodológicos; técnicas/instrumentos de recolha de dados; recolha de dados e análise e tratamento de dados.

#### 2.3.3.1 OPÇÕES METODOLÓGICAS

A investigação objeto deste relatório, decorreu no contexto de Prática Pedagógica de Jardim de Infância I, do Mestrado em Educação Pré-Escolar, entre abril de 2016 e junho de 2016. No decorrer desta Prática Pedagógica surgiu a problemática “Exploração de objetos”, devido ao interesse que as crianças demonstravam nos momentos de exploração livre de objetos.

Este ensaio investigativo sustenta-se num paradigma interpretativo, que também pode ser designado por hermenêutico, naturalista, qualitativo ou construtivista (Coutinho, 2011), pois

Este paradigma adota uma posição relativista – há múltiplas realidades que existem sob a forma de construções mentais e social e experiencialmente localizadas -, inspira-se numa epistemologia que valoriza o papel do investigador/construtor do conhecimento (Coutinho, 2011, p. 16).

Partindo do paradigma interpretativo e tendo como objetivos: (i) Identificar que explorações as crianças Duarte, Margarida e Alexandre realizam quando exploram livremente os objetos disponibilizados; (ii) Identificar os processos básicos da Ciência utilizados pelas crianças Duarte, Margarida e Alexandre, na exploração livre de objetos disponibilizados; (iii) Identificar os conceitos matemáticos que o Duarte, a Margarida e o Alexandre utilizaram na exploração livre de objetos disponibilizados; (iv) Identificar as brincadeiras que o Duarte, a Margarida e o Alexandre realizaram na exploração livre de objetos disponibilizados; (v) Refletir sobre as explorações que as crianças de quatro anos de idade fazem com os objetos. O presente estudo é um estudo de caso, analisado através de uma metodologia qualitativa.

Segundo Yin, (2010), *o método do estudo de caso permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real* (Yin, 2010, p. 24), tais como por exemplo os comportamentos em pequenos grupos, a mudança de vizinhança, o desempenho na escola, entre muitos outros.

Carmo & Ferreira (1998) definem um estudo de caso como *uma abordagem empírica que: - investiga um fenómeno actual no seu contexto real; quando os limites entre determinados fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes; e no qual são utilizadas muitas fontes de dados* (Carmo & Ferreira, 1998, p. 216).

Bogdan & Biklen (1994) afirmam que *o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico* (Bogdan & Biklen, 1994, p.89).

Para Coutinho (2011), relembrando Yin (1994); Punch (1998); Gomez, Flores & Jimenez, (1996), afirma que no estudo de caso *examina-se o caso (ou um pequeno número de casos) em detalhe, em profundidade, no seu contexto natural, reconhecendo-se a sua complexidade e recorrendo-se para isso todos os métodos que se revelem apropriados* (Coutinho, 2011, p. 293).

Relativamente ao tratar-se de uma metodologia qualitativa, esta *surgiu como alternativa ao paradigma positivista e à investigação quantitativa, os quais se mostraram ineficazes para a análise e estudo da subjectividade inerente ao comportamento e à atividade das pessoas* (Sousa & Baptista, 2008, p. 56). *Na abordagem qualitativa, o investigador não se coloca como perito, dado que é de uma nova relação sujeito-objeto que se trata* (Fortin, 2009, p. 148).

Esta metodologia de investigação caracteriza-se por existir um maior interesse no processo de investigação e não apenas nos resultados, em que o investigador demonstra maior sensibilidade, é uma investigação indutiva e holística e o investigador pretende compreender o sujeito dando muita importância ao significado dos acontecimentos e das suas acções (Sousa & Baptista, 2008).

#### 2.3.3.2 – PARTICIPANTES DO ESTUDO

Para concretizar este ensaio investigativo foram seleccionadas três crianças com quatro anos de idade.

A escolha da amostra em estudo, pode ser de dois tipos: a amostragem probabilística e amostragem não probabilística (Coutinho, 2013).

A seleção da amostra para este estudo foi feita segundo cinco critérios pré-definidos, tratando-se assim de uma amostragem criterial não probabilística. Esta amostragem acontece *se o investigador selecciona segmentos da população para o seu estudo segundo um critério pré-definido* (Coutinho, 2013, p. 95).

Para a escolha dos participantes da amostra utilizou-se os seguintes critérios:

- **Idade:** isto é, crianças da mesma idade;
- **Género:** isto é, crianças de ambos os géneros;
- **Capacidade de comunicação:** isto é, crianças com boa capacidade de comunicação oral;
- **Espontaneidade:** isto é, crianças com facilidade em realizar interações com os adultos ou pares;
- **Assiduidade:** isto é, crianças que assiduamente frequentavam o Jardim de Infância.

Do grupo de 18 que faziam parte da sala das “Andorinhas” foram seleccionadas três, que no início deste estudo tinham todas 50 meses, ou seja, 4 anos e 2 meses. A amostra ficou constituída por duas crianças do sexo masculino, Alexandre e Duarte, e uma do sexo feminino, Margarida.

Estas três crianças são, então, a amostra, ou seja, o *conjunto de sujeitos* (pessoas, documentos, etc.) de quem se recolherá os dados e deve ter as mesmas características da população de onde for extraída (Coutinho, 2013, p. 89).

Os nomes dados às crianças selecionadas para este estudo são fictícios, de modo a manter o seu anonimato.

O Duarte era interessado e curioso, e demonstrava facilidade nas interações com os pares e com os adultos. Sempre que existiu a oportunidade de o observar, notou-se que era empenhado. Possuía um vocabulário desenvolvido o que facilitava a comunicação.

A Margarida possuía características semelhantes ao Duarte. Era uma criança curiosa e empenhada, revelando também um vocabulário desenvolvido.

O Alexandre possuía uma personalidade que contrastava com as outras duas crianças. Era mais reservado, não se expressando oralmente com facilidade, mas mostrava-se empenhado em todas as situações e revelava capacidade de concentração.

#### 2.3.3.3 – *PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS*

Para a realização deste estudo de investigação, optei por realizar seis tarefas, tendo então o estudo uma duração de seis semanas. Estas tarefas foram concretizadas todas à quarta-feira, entre as 16h e as 17h. As tarefas foram realizadas numa sala diferente da sala das “Andorinhas” onde cada criança explorava livremente e sozinha os objetos disponibilizados pela investigadora. Cada criança foi convidada a deslocar-se a uma sala diferente da sua seguindo sempre a mesma ordem: 1º Alexandre; 2º Duarte; 3º Margarida. Não foi estipulado limite de tempo para a exploração de objetos, sendo que as crianças poderiam explorar os objetos até ao momento que desejassem. Os objetos foram disponibilizados às crianças sempre da mesma forma.

A primeira semana de investigação decorreu na sala de música da instituição, tal como tinha sido estipulado, no entanto, as restantes semanas ocorreram na sala das “Joaninhas”, uma sala adjacente à sala das crianças participantes no estudo. A alteração do local foi ponderada e ocorreu depois da concretização da primeira tarefa. A sala de música estava virada para o quintal e o barulho que as restantes crianças do grupo da sala das “Andorinhas” faziam ao brincar no quintal, desconcentrava os participantes do estudo que se mostravam mais interessados em participar nas brincadeiras que estavam a ocorrer no quintal do que na exploração livre dos objetos. Assim, decidiu-se alterar o local do estudo para uma sala mais silenciosa, onde as crianças pudessem aproveitar melhor o momento, nomeadamente a sala das “Joaninhas”.

Em todas as tarefas cada criança explorava individualmente os objetos disponibilizados. Enquanto a criança explorava livremente os objetos a investigadora fazia o registo, num bloco de notas do que considerava mais significativo, bem como fazia registos fotográficos e videográficos.

Inicialmente foi dado tempo à criança para explorar livremente os objetos, seguido de um diálogo entre a criança e a investigadora, para que esta explicasse o que estava a fazer. Durante o diálogo não se orientou ou condicionou, apenas se tentou compreender o que a criança estava a fazer, preocupando-se, assim, esta em observar a forma como cada criança explorava os diferentes objetos.

As tarefas foram pensadas de modo a disponibilizar às crianças objetos variados, iniciando com objetos que as crianças estavam familiarizadas, seguindo para objetos que as crianças não conheciam tão bem, ou seja, partindo-se de uma exploração de objetos conhecidos para objetos cada vez menos conhecidos das crianças.

De seguida apresenta-se a descrição do tipo de objetos disponibilizados em cada tarefa, sendo que foram sempre disponibilizados de igual modo a cada criança.

### **Tarefa 1 – Objetos da sala das Andorinhas**

15 Legos: 10 de tamanho grande (5 de cor verde, 2 de cor vermelha e 3 de cor azul, todos com o mesmo encaixe) e 5 de tamanho pequeno (2 de cor azul e 3 de cor vermelha, todos com o mesmo encaixe) (Fotografia 20).



Fotografia 20 - 15 legos

10 Carros: de diferentes formatos e cores (Fotografia 21);

5 Livros da área da biblioteca (Fotografia 22);

30 Peças de puzzle: 20 de um puzzle (peças pequenas) e 10 de outro puzzle (peças grandes) (Fotografias 23 e 24); em ambos os puzzles o número de peças distribuído às crianças não foi o equivalente ao total do puzzle, mas sim uma porção.

**Escolha dos objetos:** A seleção dos objetos baseou-se em materiais existentes na sala das “Andorinhas” e por serem objetos de fácil acesso às crianças e que estas utilizavam frequentemente nos momentos de brincadeira livre.



Fotografia 21 – 10 carros



Fotografia 22 – 5 livros



Fotografia 23 – peças pequenas



Fotografia 24 – peças grandes

### **Tarefa 2 – Frutos da sobremesa**

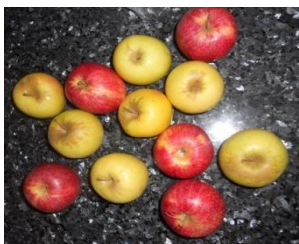
12 Maçãs: 7 verdes e 5 vermelhas de tamanhos variados (Fotografia 25).

7 Pêras: de tamanhos variados (Fotografia 26).

8 Bananas: 4 de maior tamanho e 4 de menor tamanho (Fotografia 27).

7 Laranjas: de tamanhos variados (Fotografia 28).

**Escolha dos objetos:** A escolha destes frutos baseou-se no facto destes servirem frequentemente de sobremesa, durante o almoço, e como tal bem conhecidos pelas crianças.



Fotografia 25 - Maçãs



Fotografia 26 - Pêras



Fotografia 27 - Bananas



Fotografia 28 - Laranjas

### Tarefa 3 – Objetos do quotidiano caseiro das crianças (Fotografia 29)

4 Comandos de televisão: todos diferentes;

5 Escovas do cabelo: três iguais na cor e no formato e duas diferentes na cor e no formato;

10 Colheres: seis de igual tamanho e formato, de alumínio e quatro de igual tamanho, cor e material;

10 Copos: todos de igual tamanho e forma, cinco de cor branca e cinco incolores;

6 Bolas: três de igual tamanho, forma e cor, e três diferentes na forma, tamanho e cor.

**Escolha dos objetos:** A seleção destes objetos caseiros baseou-se no facto de serem objetos familiares às crianças e de acesso e uso diário.



Fotografia 29 – Objetos do quotidiano caseiro

### Tarefa 4 – Elementos naturais

14 Folhas de árvore: 7 folhas de laranjeira, com o mesmo tamanho e formato e 7 folhas de eucalipto com o mesmo tamanho e formato (Fotografia 30);

Milho: 25 grãos de milho de tamanho e formato igual (Fotografia 31);

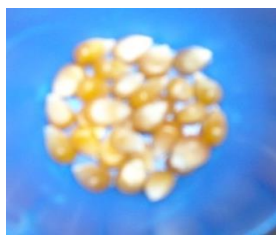
Areia (Fotografia 32);

5 Bogalhos: 5 bogalhos de igual forma e tamanho (Fotografia 33).

**Escolha dos objetos:** A escolha destes objetos baseou-se no facto de a maioria ser partes de seres vivos, não familiares às crianças, mas que existiam no meio natural que as rodeava, e a areia ser um material inanimado.



Fotografia 30 – Folhas de árvore



Fotografia 31 - Milho



Fotografia 32 - Areia



Fotografia 33 - Bogalhos

## Tarefa 5 – Objetos diversos

7 garrafas de água de plástico: Sete garrafas de água de igual forma e tamanho, todas de plástico. Quatro garrafas com tampa verde e três garrafas com tampa azul (Fotografia 34);

10 tampas de garrafas de água: Dez tampas de garrafas de água, com o mesmo tamanho, formato e material. Quatro tampas são de cor verde, três de cor azul escura e três de cor azul clara (Fotografia 35);

20 feijões: Vinte feijões da mesma cor (Fotografia 36);

Lã: Oito fios de lã de tamanho grande, sendo quatro de cor amarela e quatro cor de rosa. Dez fios de lã de tamanho pequeno, sendo cinco de cor amarela e cinco cor de rosa (Fotografia 37);

Papel de jornal: Duas folhas de jornal de tamanho grande e três folhas de jornal de tamanho pequeno (Fotografia 38).



Fotografia 34 – Garrafas de plástico



Fotografia 35 – Tampas de garrafas de plástico



Fotografia 36 - Feijões



Fotografia 37 – Fios de lã



Fotografia 38 – Papel de Jornal

**Escolha dos objetos:** A seleção destes objetos teve por base a mistura de objetos naturais com objetos artificiais e por serem, possivelmente, objetos menos acessíveis diariamente às crianças.

## Tarefa 6 – Figuras geométricas (Fotografia 39)

10 hexágonos amarelos;

7 quadrados cor de laranja;

1 círculo amarelo;

1 hexágono vermelho;

12 trapézios vermelhos;

7 losangos azuis.



Fotografia 39 – Figuras geométricas

**Escolha dos objetos:** A seleção destes objetos teve por base serem objetos direcionados à matemática.

### 2.3.3.4 – TÉCNICAS/INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Para a realização deste ensaio investigativo utilizou-se a observação participante como técnica de recolha de dados, pois

Na observação participante é o próprio investigador o instrumento principal da observação. Ele integra o meio a “investigar”, podendo, assim, ter acesso às perspectivas das pessoas com quem interage, ao viver os mesmos problemas e as mesmas situações que eles (Sousa & Baptista, 2008, p. 88).

De modo a registar as evidências necessárias para a realização do estudo, utilizou-se como instrumentos de recolha de dados o registo audiovisual, o registo fotográfico e as notas de campo. Estas últimas, foram muito utilizadas uma vez que

Dão uma descrição das pessoas, objectos, lugares, acontecimentos, actividades e conversas (...) Isto são notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de estudo qualitativo (Bogdan & Biklen, 1994, p. 150).

Relativamente ao registo áudio visual, este foi um instrumento utilizado, devido às vantagens que possui, nomeadamente voltar atrás para lembrar um acontecimento, observar de novo, analisar com maior pormenor, parar, e repetir as vezes que o investigador necessitar de modo a tirar os dados corretos da ocorrência (Sousa, 2009), pois *A câmara de vídeo pode ser considerada como um instrumento de observação directa, objectiva e isenta, que regista e repete honestamente os acontecimentos tal como eles sucederam. Uma excelente “ferramenta” de observação* (Sousa, 2009, p. 200).

O registo audiovisual também foi utilizado neste estudo investigativo para gravar o diálogo entre a investigadora e cada uma das crianças durante a concretização das tarefas.

A utilização do registo fotográfico permitiu registar os momentos que a investigadora considerou mais significativos da ação da criança.

#### 2.3.2.5 – RECOLHA DE DADOS

A recolha de dados decorreu entre o dia 27 de abril e 1 de junho (Quadro 7).

**Quadro 7** – Tarefa, objetos, dia e local da recolha de dados

Tarefa	Objetos	Dia	Local
1	Objetos da sala das “Andorinhas”	27 de abril	Sala de música
2	Frutos da sobremesa	4 de maio	Sala das “Joaninhas”
3	Objetos do quotidiano caseiro	11 de maio	Sala das “Joaninhas”
4	Elementos naturais	18 de maio	Sala das “Joaninhas”
5	Objetos diversos	25 de maio	Sala das “Joaninhas”
6	Figuras geométricas	1 de junho	Sala das “Joaninhas”

Os dados do Quadro 7 mostram o dia e o local em que cada tarefa foi concretizada e os dias em que os dados foram recolhidos, bem como os objetos utilizados em cada tarefa.

Os registos áudio visuais, posteriormente, foram transcritos. Nas transcrições a investigadora juntou as notas de campo (Anexo V).

#### 2.3.3.6 – ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

Finalizada a recolha de dados, numa primeira fase foi necessário realizar a transcrição dos vídeos (Anexo V). Em seguida, iniciou-se a análise de conteúdo dos dados recolhidos e transcritos.

A análise de conteúdo é entendida como um conjunto de procedimentos, onde se incluem as técnicas utilizadas, sistematizando-as, e fazendo uma análise documental (Sousa, 2009). Esta é *uma*

*técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objetivo a sua interpretação* (Berelson, 1982, citado por Carmo & Ferreira, 1998, p. 251).

De modo a conseguir efectuar a análise de conteúdo foi necessário organizar os dados recolhidos em categorias, segundo características que estes tivessem em comum. As categorias escolhidas tiveram por base a transcrição dos vídeos e o enquadramento teórico.

Com isto, para a realização da análise de conteúdo foram definidas três grandes categorias: processos básicos da ciência, matemática e brincadeira.

Para a categoria **Processos Básicos da Ciência** foram criadas seis subcategorias tendo por base o que defendem Pereira (1992) e Pereira (2002), que foram a *observação, ordenação e seriação, classificação, medição, previsão e comunicação*. Na *observação*, a investigadora criou ainda cinco divisões, visão, audição, tato, paladar e olfato, segundo o que defende Pereira (2002). Para a *classificação*, a investigadora baseou-se no que defende Barros & Palhares (1997), criando subdivisões da *classificação*, neste caso por cor, forma, tamanho, cor e forma, cor e tamanho e forma e tamanho.

Para a categoria **Matemática**, foram encontradas duas subcategorias, padrões e contagem, baseadas no que defendem Barros & Palhares (1997), Rizzo (1989), Moreira & Oliveira (2003) e Hohmann, Banet & Weikart (1979).

Para a categoria **Brincadeira**, foram definidas pela investigadora após observar os dados recolhidos e segundo Hohmann & Weikart (2009), quatro subcategorias: brincadeira exploratória, brincadeira construtiva, faz de conta e jogo de regras.

A investigadora organizou as categorias e subcategorias seleccionadas em tabela. No preenchimento de cada tabela teve-se em consideração o tipo de ação que a criança realizou quando agiu sobre o material disponibilizado e não o número de vezes que essa ação ocorreu. Assim, quando se identificou uma dada ação esta era assinalada na subcategoria correspondente com a letra X. Quando a criança durante a exploração dos materiais disponibilizados referentes a uma dada tarefa não revelou nenhuma ação que pudesse ser incluída numa dada subcategoria, esta ficou em branco.

#### **2.3.4 – RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO**

Neste ponto do relatório apresentam-se e analisam-se os dados recolhidos ao longo da investigação. Primeiramente é realizada uma análise por tarefa para todas as crianças e posteriormente uma análise para todas as tarefas por criança.

### 2.3.4.1 RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO POR TAREFA

Neste tópico apresentam-se organizados os dados por tarefa, sendo primeiramente apresentados os dados referentes à Tarefa 1, seguindo-se a apresentação das restantes tarefas realizada de acordo com a sua ordem numérica

#### **Tarefa 1**

**Tabela 1** – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 1, por criança

Categorias		Criança	Alexandre	Duarte	Margarida
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	X	X	X
		Audição			
		Tato			X
		Paladar			
		Olfacto			
	Ordenação e Seriação		X		
	Classificação	Cor	X	X	
		Forma	X	X	X
		Tamanho			
		Cor e forma		X	X
		Cor e tamanho			
	Forma e tamanho		X	X	
	Medição			X	X
Previsão					
Comunicação		X	X	X	
Matemática	Padrões		X		X
	Contagem		X	X	X
Brincadeira	Exploratória		X	X	X
	Construtiva		X	X	X
	Faz de Conta			X	X
	Jogo de regras				

Os dados da **Tabela 1** mostram que na Tarefa 1 as crianças participantes neste ensaio investigativo exploraram os objetos de uma forma muito semelhante, isto é, utilizaram as mesmas categorias na exploração realizada. Este facto é visível nas subcategorias: *observação* através da visão, *classificação* por forma, *comunicação*, *contagem*, *brincadeira exploratória* e *brincadeira construtiva*, que todas as crianças utilizaram.

Os dados da **Tabela 1** mostram que o Duarte utilizou a *classificação* por um critério relativamente à forma e à cor e por dois critérios em simultâneo relativamente à cor e à forma e forma e tamanho. Os dados também mostram que a Margarida apenas classificou pela forma e ainda por dois critérios em simultâneo relativamente à cor e forma e à forma e tamanho, enquanto o Alexandre apenas realizou classificações pelo critério cor e pelo critério forma. Contudo, os dados mostram que apenas o Alexandre utilizou a *ordenação e seriação* na sua exploração.

De modo a ilustrar de que forma ocorreu a *contagem*, apresento as evidências desta subcategoria para as três crianças: “Alexandre: (vai apontando com o dedo) um, dois, três, quatro, cinco, seis,

sete, oito, nove, dez”; “Duarte: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez”; “Margarida: Um, dois, três, quatro, cinco, seis”. Os dados parecem mostrar que todas as crianças associam o termo a um objeto (Castro & Rodrigues, 2008).

Os dados mostram que o Alexandre e a Margarida realizam *padrões*, do tipo ABAB.

Tendo por base o que defendem Hohmann & Weikart (2009) sobre a *brincadeira*, é possível afirmar todas as crianças realizaram a *brincadeira exploratória* e a *construtiva* e só o Alexandre não realizou a *brincadeira faz de conta*. Os dados parecem mostrar que as crianças seguem a ordem da evolução da *brincadeira*, não saltando nenhuma delas (Hohmann & Weikart, 2009).

## Tarefa 2

**Tabela 2** – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 2, por criança

Categorias		Criança	Alexandre	Duarte	Margarida
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão			X
		Audição			
		Tato			X
		Paladar			
		Olfacto			
	Ordenação e Seriação				
	Classificação	Cor			
		Forma	X	X	X
		Tamanho		X	
		Cor e forma		X	X
		Cor e tamanho			
	Forma e tamanho				X
	Medição			X	
Previsão					
Comunicação			X	X	
Matemática	Padrões			X	X
	Contagem		X	X	X
Brincadeira	Exploratória		X	X	X
	Construtiva				
	Faz de Conta			X	X
	Jogo de regras				

Os dados da **Tabela 2** mostram que a exploração feitas pelas crianças nesta tarefa foi diferente, como é possível observar pelo facto de o Alexandre ter oferecido evidências em três subcategorias, enquanto que o Duarte apresentou evidências em nove subcategorias e a Margarida em dez subcategorias. Os dados parecem mostrar que a exploração da Margarida foi a mais rica e a do Alexandre a que me menos ações diferentes realizou. No que diz respeito à *observação*, os dados mostram que apenas a Margarida utilizou este processo básico da ciência, nomeadamente através da visão e tato, como é ilustrado na seguinte evidência: “a Margarida dirige-se até aos materiais e senta-se a olhar para eles”.

Na *classificação*, os dados mostram que as crianças utilizaram preferencialmente a *classificação* pela forma. Contudo, o Duarte e a Margarida mostraram evidências onde classificavam por dois critérios em simultâneo, cor e forma. Os dados mostram que apenas o Duarte revelou ações que envolveram a *medição*, enquanto que o Duarte e a Margarida revelaram evidências na *comunicação*.

No que diz respeito à matemática, as três crianças realizaram *contagem* um a um entre o objeto e a palavra número (Castro & Rodrigues, 2008) e apenas o Duarte e a Margarida realizaram *padrões* do tipo ABAB, estando assim a formar sequências com regras específicas (Ministério da Educação, 1997). Apresento uma evidência dessa situação relativamente à Margarida: “coloca no seu comboio uma laranja, uma maçã verde, uma laranja, uma maçã vermelha”, realizando assim um padrão do tipo ABAB.

A nível da *brincadeira*, os dados da **Tabela 2** mostram que todas as crianças realizaram a *brincadeira exploratória*, onde pareciam explorar as propriedades dos objetos (Hohmann & Weikart, 2009).

A Margarida e o Duarte mostraram evidências de brincadeiras que caíram na categoria *faz de conta*.

### **Tarefa 3**

**Tabela 3** – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 3, por criança

Criança		Alexandre	Duarte	Margarida	
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	X	X	X
		Audição			
		Tato			X
		Paladar			
		Olfacto			
	Ordenação e Seriação			X	
	Classificação	Cor		X	X
		Forma	X	X	
		Tamanho			
		Cor e forma	X	X	X
		Cor e tamanho			
	Forma e tamanho				
	Medição			X	X
Previsão					
Comunicação			X	X	
Matemática	Padrões		X	X	
	Contagem		X	X	X
Brincadeira	Exploratória		X		X
	Construtiva		X		X
	Faz de Conta			X	X
	Jogo de regras				

Os dados da **Tabela 3** mostram que todas as crianças realizaram *observação* através da visão, como ilustro através das seguintes evidências: Alexandre “olha para o copo e retira a bola”; Duarte

“dirige-se aos materiais, observa-os e começa a nomeá-los”; Margarida “olha para os materiais”. Das restantes formas de *observação*, apenas existe evidência da Margarida utilizar o tato: “atira a bola verde de uma mão para a outra repetidamente”. A *ordenação e seriação* apenas ocorre na exploração do Duarte. Ao nível da *classificação*, os dados mostram que as crianças utilizaram preferencialmente a classificação de objetos utilizando um só critério, cor e forma e por dois critérios simultâneos cor e forma. A *medição e comunicação* apresentam duas ocorrências, ambas do Duarte e da Margarida. Apresento uma evidência de *comunicação* por parte do Duarte: “o Duarte dirige-se aos materiais, observa-os e começa a nomeá-los”, o que parece mostrar que o Duarte utilizou a *comunicação* para indicar o que observava e pensava, indo ao encontro do defendido por Pereira (1992).

Na matemática, os dados mostram que o Duarte e o Alexandre formaram *padrões*, enquanto que as três crianças realizaram *contagens* um a um entre o objeto e a palavra número (Castro & Rodrigues, 2008). Ilustro a formação de *padrão* por parte do Alexandre com a seguinte evidência: “começa a empilhar os copos. Ao reparar que empilhou branco, transparente, branco, para e retira os copos, empilhando por cor”, formando um padrão do tipo ABAB. Este tipo de padrão é um padrão repetitivo (Barros & Palhares, 1997).

Das crianças participantes no ensaio investigativo, nesta tarefa, o Duarte apenas realizou a *brincadeira faz de conta*. O Alexandre, realizou a *exploratória* evoluindo para a *construtiva*, enquanto que a Margarida evolui ao ponto de chegar ao *faz de conta* como ilustro com a seguinte evidência: “com uma colher faz o movimento de levar a colher à boca”.

## Tarefa 4

**Tabela 4** – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa, 4 por criança

Categorias		Criança	Alexandre	Duarte	Margarida
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	X		X
		Audição	X		
		Tato	X		X
		Paladar			
		Olfacto			
	Ordenação e Seriação			X	
	Classificação	Cor			
		Forma	X		X
		Tamanho			
		Cor e forma			
		Cor e tamanho			
Medição			X	X	
Previsão					
Comunicação			X	X	
Matemática	Padrões				
	Contagem			X	X
Brincadeira	Exploratória		X	X	X
	Construtiva		X	X	X
	Faz de Conta			X	X
	Jogo de regras				

Os dados da **Tabela 4** mostram que nesta tarefa o Alexandre tirou grande partido da observação, utilizando a *observação* através da visão, audição e tato. Por outro lado, o Duarte não apresentou nenhuma evidência de utilizar a *observação*. A Margarida utilizou a *observação* através da visão e do tato. Os dados parecem mostrar que com as oportunidades de explorarem objetos as crianças têm utilizado mais os sentidos nas explorações (Pereira, 2002). Nesta exploração, apenas o Duarte utilizou a *ordenação e seriação* como ilustro com a seguinte evidência da Tarefa 4: “coloca as folhas todas em fila”. É de salientar que nesta tarefa, o Alexandre e a Margarida apenas utilizaram a *classificação* por um critério, nomeadamente pela forma. Os dados parecem sugerir que os objetos não eram os mais adequados para as crianças realizarem classificações. O Duarte e a Margarida utilizaram a *medição* e a *comunicação* na sua exploração. Apresento uma evidência da medição da Margarida: “Vou fazer uma coisa. Tem **pouca** areia. E **muita** areia”. O Duarte e a Margarida mostraram que realizam contagens de objetos, como ilustro com a seguinte evidência do Duarte: “dois feijões”. Ao dizer dois feijões, o Duarte mostrou que já não necessita de realizar *contagem* termo a termo, conseguindo reconhecer a mancha e perceber que aquele conjunto é dois (Castro & Rodrigues, 2008).

Os dados da **Tabela 4** mostram que todas as crianças realizaram *brincadeira exploratória*, evoluindo para a *construtiva*. O Duarte e a Margarida, evoluíram ainda para *faz de conta*, mostrando ser capazes de realizarem as brincadeiras anteriores (Hohmann & Weikart, 2009).

## **Tarefa 5**

**Tabela 5** – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 5, por criança

Categorias		Criança	Alexandre	Duarte	Margarida
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	X	X	X
		Audição	X	X	
		Tato	X	X	
		Paladar			
		Olfacto	X		
	Ordenação e Seriação				
	Classificação	Cor	X		X
		Forma	X	X	X
		Tamanho			
		Cor e forma	X		
		Cor e tamanho			
	Forma e tamanho				
	Medição			X	X
Previsão			X		
Comunicação			X		
Matemática	Padrões		X	X	
	Contagem			X	X
Brincadeira	Exploratória		X	X	X
	Construtiva				
	Faz de Conta			X	X
	Jogo de regras				

Os dados da **Tabela 5** mostram que nesta exploração as crianças para recolherem dados, utilizaram com grande expressividade a *observação*. A *observação* através da visão foi utilizada pelas três crianças. O Alexandre foi a criança que mais sentidos utilizou para observar os objetos, pois só não utilizou a *observação* através do paladar. Os dados parecem mostrar que os objetos eram facilitadores para a recolha de informação através dos sentidos (Pereira, 1992). No que diz respeito à *classificação*, as três crianças utilizaram a organização de objetos tendo em conta uma só propriedade sendo a forma o tipo de organização realizado pelas três crianças. O Alexandre foi a única criança que agrupou os objetos tendo dois critérios em simultâneo, cor e forma. Ilustro uma *classificação* por forma por parte do Alexandre e da Margarida, através das seguintes evidências: “junta as garrafas vazias uma à outra” e “junta os dois feijões”.

A *medição*, *previsão* e *comunicação* foram processos utilizados pelo Duarte. A Margarida, utilizou apenas a *medição*, como ilustra a seguinte evidência: “(...) esta é mais **pequenina** e esta é mais **grande**”. Na *Matemática*, o Duarte oferece evidências onde mostrou ações que foram incluídas nos

*padrões* e na *contagem*. Os dados parecem sugerir que o Duarte é a criança que mais utiliza a matemática na sua exploração.

Todas as crianças realizaram *brincadeira exploratória*, sendo que nesta tarefa o Duarte e a Margarida também realizaram a *brincadeira faz de conta*.

Os dados parecem mostrar que o Alexandre é uma criança que utilizou mais os órgãos dos sentidos nas suas explorações. O Duarte parece ser a criança que fez uma exploração mais diversificada, mostrando ocorrências em onze subcategorias. A Margarida é a criança que menos explorações diferentes realizou, focando-se muito na *brincadeira de faz de conta* onde representa papéis (Hohmann & Weikart, 2009).

## **Tarefa 6**

**Tabela 6** – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas na Tarefa 6, por criança

Categorias		Criança	Alexandre	Duarte	Margarida
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	X	X	
		Audição			
		Tato			
		Paladar			
		Olfacto			
	Ordenação e Seriação				
	Classificação	Cor		X	X
		Forma			
		Tamanho			
		Cor e forma		X	
		Cor e tamanho	X		X
	Forma e tamanho				
Medição				X	
Previsão					
Comunicação			X		
Matemática	Padrões			X	X
	Contagem			X	X
Brincadeira	Exploratória				
	Construtiva		X	X	X
	Faz de Conta			X	
	Jogo de regras				

Os dados da **Tabela 6** mostram que o Alexandre e o Duarte realizaram a *observação* através da visão. A realização de *classificações* teve pouca expressividade, sendo que o Alexandre e o Duarte realizaram apenas uma e por um critério, enquanto a Margarida realizou uma pelo critério cor e outra pelos critérios cor e tamanho em simultâneo. A *medição* foi utilizada apenas pela Margarida e a *comunicação* apenas pelo Duarte.

Os dados parecem mostrar que apenas o Duarte e a Margarida utilizaram conhecimentos matemáticos, tendo ambos utilizado a *contagem* e formado *padrões* do tipo ABAB. Ao nível da

*brincadeira*, todos realizaram a *construtiva*, o que parece sugerir que os objetos eram propícios para a realização de construções. Apenas o Duarte realizou a *brincadeira faz de conta*.

Os dados da **Tabela 6** parecem mostrar que nesta tarefa as crianças realizaram poucas explorações. É de salientar, que neste dia festejava-se o dia da criança, com uma festa na instituição, e para esta exploração as crianças foram retiradas da festa por um período de tempo. Esta pode ter sido uma condicionante para a concentração das crianças nas suas explorações.

### 2.3.4.2 RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO POR CRIANÇA PARA TODAS AS TAREFAS

Neste ponto apresentam-se os dados organizados por criança para todas as tarefas. Inicia-se com a apresentação dos dados referentes ao Alexandre, seguida dos dados referentes ao Duarte, e, por último, apresentam-se os dados referentes à Margarida.

#### Alexandre

**Tabela 7** – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas pelo Alexandre, por tarefa

Categorias		Tarefas	1	2	3	4	5	6
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	X		X	X	X	X
		Audição				X	X	
		Tato				X	X	
		Paladar						
		Olfacto					X	
	Ordenação e Seriação		X					
	Classificação	Cor	X				X	
		Forma	X	X	X	X	X	
		Tamanho						
		Cor e forma			X		X	
		Cor e tamanho						X
		Forma e tamanho						
	Medição							
	Previsão							
Comunicação		X						
Matemática	Padrões		X		X		X	
	Contagem		X	X	X			
Brincadeira	Exploratória		X	X	X	X	X	
	Construtiva		X		X	X		X
	Faz de Conta							
	Jogo de regras							

Os dados da **Tabela 7** mostram as explorações que o Alexandre realizou. Durante a exploração livre de objetos o Alexandre, ao longo das tarefas, foi recorrendo na maioria das vezes, aos mesmos processos básicos da ciência, tendo por base o que defende Pereira (1992). O Alexandre, para recolher dados, utilizou essencialmente a visão e nunca utilizou o paladar. A *observação* através da audição e tato ocorreram duas vezes, enquanto que apenas na Tarefa 5 o Alexandre utilizou a *observação* através do olfacto que ilustro com a seguinte evidência: “abre a garrafa e cheira”. Não se detetaram ocorrências a nível da *medição* e *previsão* em nenhuma das seis tarefas, e apenas a ocorrência de uma evidência a nível da *comunicação* na Tarefa 1.

A nível da *classificação*, o Alexandre mostrou que na maioria das situações realizou classificações pela forma, como ilustra a seguinte evidência da Tarefa 4: “junta um bogalho aos outros dois (...) de seguida, agarra noutra bogalho e junta-o aos restantes três”. Aqui, a criança mostra conseguir

classificar segundo um critério, neste caso a forma, indo ao encontro do que defendem Barros & Palhares (1997). Das seis tarefas, existiu apenas uma onde o Alexandre não utilizou esta classificação. A *classificação* por cor foi utilizada em duas tarefas, por cor e forma em simultâneo em duas tarefas e a *classificação* por cor e tamanho em apenas uma tarefa.

No que concerne à *Matemática*, o Alexandre realizou construção de *padrões* do tipo ABAB em metade das tarefas bem como *contagem*. O Alexandre mostrou conhecer a sequência dos números como mostra a seguinte evidência da Tarefa 1: “(vai apontando com o dedo) um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez” o que mostra que a criança associa o termo a um objeto (Castro & Rodrigues, 2008). Ilustro a formação de padrões na Tarefa 1, onde a criança produz um padrão do tipo ABAB (Fotografia 40).



Fotografia 40 - padrão ABAB

No que diz respeito à *brincadeira*, analisando os dados da **Tabela 7**, é notória que a mais utilizada pelo Alexandre é a *exploratória*, tendo ocorrido em cinco tarefas. Isto pode demonstrar que o Alexandre ainda se encontra num nível básico da *brincadeira*, não atingindo a *brincadeira faz de conta* nem a *brincadeira jogo de regras*.

## Duarte

**Tabela 8** – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas pelo Duarte, por tarefa

Categorias		Tarefas	1	2	3	4	5	6
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	X		X		X	X
		Audição					X	
		Tato					X	
		Paladar						
		Olfacto						
	Ordenação e Seriação				X	X		
	Classificação	Cor	X		X			X
		Forma	X	X	X		X	
		Tamanho		X				
		Cor e forma	X	X	X			X
		Cor e tamanho						
	Forma e tamanho	X						
Medição		X	X	X	X	X		
Previsão						X		
Comunicação		X	X	X	X	X	X	
Matemática	Padrões			X	X		X	X
	Contagem		X	X	X	X	X	X
Brincadeira	Exploratória		X	X		X	X	
	Construtiva		X			X		X
	Faz de Conta		X	X	X	X	X	X
	Jogo de regras							

Através da análise dos dados da **Tabela 8**, os dados mostram que o Duarte não utilizou muito os diferentes órgãos dos sentidos na exploração livre de objetos. Além da visão na Tarefa 5, utilizou na *observação* dos objetos a visão, audição e tato.

É importante salientar que em todas as tarefas ocorreram situações de *comunicação*, o que parece mostrar ser uma criança bastante comunicativa, como está ilustrado na seguinte evidência da Tarefa 2: “atirando as duas ao mesmo tempo exclamando «não há melhor que atirar duas maçãs»” e “o Duarte exclama «falta os olhos, vou buscar duas maçãs»”, o que parece mostrar o afirmado por Pereira (1992) relativamente a que a criança tem primeiro que organizar as suas ideias de uma forma que as considere coerentes. Os dados mostram que o Duarte realizou *medição* em cinco das seis tarefas propostas e ilustro este facto com a evidência da Tarefa 4: “(...) este vai para o **grande** e este vai para o **grande**. Já está os **grandes**. E os **pequenos** faltam mais alguns”, o que mostra que a criança fez comparações entre objetos (Pereira, 2002). A *ordenação e seriação* ocorreram em duas tarefas, o que parece mostrar que esta subcategoria ainda se encontra em desenvolvimento (Hohmann, Banet & Weikart, 1979). No entanto, este processo começou a ser mais utilizado a partir da Tarefa 3 inclusive o que pode querer dizer que com a exploração dos objetos o Duarte foi desenvolvendo novos processos básicos da ciência.

No que diz respeito à *classificação*, o Duarte utiliza uma grande variedade de maneiras para realizar a organização dos objetos. Na *classificação* as subcategorias de maior expressão, foram forma e a forma e cor em simultâneo, estando presente em quatro das seis tarefas. A *classificação* pela cor esteve presente em três tarefas. A *classificação* por tamanho e a *classificação* por forma e tamanho em simultâneo ocorreu apenas uma vez, o que pode estar relacionado com os objetos utilizados nessa tarefa. Ilustro a *classificação* por tamanho, com esta evidência da Tarefa 2: “De seguida agarra em três bananas pequenas numa mão e duas bananas grandes na outra mão, afirmando «pequenas » «grandes»”. Os dados referentes à subcategoria *classificação* sugerem que esta criança utiliza as técnicas de pensamento lógico para separar e agrupar de acordo com características distintas (Hohmann, Banet & Weikart, 1979).

Na categoria *Matemática* o Duarte realizou *padrões* em quatro tarefas. Ao explorar os objetos, o Duarte utilizou *contagem* em todas as tarefas, o que parece mostrar que é recorrente nas suas explorações. Apresenta-se a seguinte evidência da Tarefa 5 dessa situação: “retira os feijões de dentro da garrafa e conta-os”. Ao realizar estas contagens a criança desenvolve o conceito de número (Hohmann, Banet & Weikart, 1979).

No que diz respeito ao tipo de *brincadeira* realizado pelo Duarte, os dados mostram que esta criança realiza a *brincadeira faz de conta* nas seis tarefas. Ao longo das tarefas, o Duarte foi realizando inicialmente uma *brincadeira exploratória* com os objetos, realizando depois *brincadeira* na subcategoria *faz de conta*. Ilustro a *brincadeira exploratória* com uma evidência da Tarefa 5:

“continua a abanar a garrafa, de diferentes formas. Agarra noutra garrafa, que está sem feijões e abana-a”. A *brincadeira construtiva*, ocorreu em apenas três tarefas, o que pode estar relacionado com o tipo e forma dos objetos. Neste tipo de brincadeira a criança realizou contruções com os objetos, o que vai ao encontro do que defendem Hohmann & Weikart (2009).

## Margarida

**Tabela 9** – Categorias de respostas relacionadas com ações realizadas pela Margarida, por tarefa

Categorias		Tarefas	1	2	3	4	5	6
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	X	X	X	X	X	
		Audição						
		Tato	X	X	X	X		
		Paladar						
		Olfacto						
	Ordenação e Seriação							
	Classificação	Cor			X		X	X
		Forma	X	X		X	X	
		Tamanho						
		Cor e forma	X	X	X			
		Cor e tamanho						X
	Forma e tamanho	X	X					
	Medição		X		X	X	X	X
	Previsão							
Comunicação		X	X	X	X			
Matemática	Padrões		X	X				X
	Contagem		X	X	X	X	X	X
Brincadeira	Exploratória		X	X	X	X	X	
	Construtiva		X		X	X		X
	Faz de Conta		X	X	X	X	X	
	Jogo de regras							

Os dados da **Tabela 9** mostram que a Margarida é uma criança que utilizou na grande parte das tarefas a *observação*. A Margarida apenas utilizou a *observação* através da visão em cinco das tarefas e através do tato em quatro das seis tarefas. Isto pode querer dizer que a criança não está habituada a utilizar os outros sentidos, não tirando proveito deles para conhecer melhor os objetos explorados.

A Margarida utilizou a *comunicação* nas quatro primeiras tarefas, o que pode indicar o entusiasmo que a criança estava a sentir com as tarefas, e que esse entusiasmo foi diminuindo com o tempo. Para ilustrar a *comunicação* por parte da Margarida, apresento uma evidência da Tarefa 1: “nomeia o nome diversos animais”. A *previsão* foi o único processo da ciência onde não ocorreu nenhuma evidência.

Na subcategoria da *classificação*, a Margarida ao longo das tarefas foi utilizando todas as subcategorias defendidas por Barros & Palhares (1997), sendo que por vezes numa tarefa

classificava por mais do que um critério em simultâneo. Na Tarefa 1 a Margarida utilizou a *classificação* pelo critério forma, a *classificação* pelos critérios cor e forma em simultâneo e pelos critérios forma e tamanho em simultâneo, enquanto que na Tarefa 2 realizou *classificações* por forma, cor e forma e forma e tamanho. Das várias categorias a mais utilizada foi a *classificação* pelo critério forma, em quatro das seis tarefas. A menos utilizada foi a *classificação* por cor e tamanho em simultâneo, ocorrida apenas na Tarefa 6, como mostro na seguinte evidência: “não existindo peças mais pequenas que a laranja, começa a colocar mais peças laranjas, umas por cima das outras”.

A *medição* parece ser um processo básico da ciência muito utilizado na exploração livre de objetos pela Margarida, uma vez que ocorreu em cinco tarefas. Ao utilizar a *medição* a Margarida tornou a sua observação mais precisa e rigorosa, conseguindo realizar comparações entre objetos (Pereira, 2002), como mostra a evidência da Tarefa 5: “(...) Esta é mais pequenina e esta é mais grande”.

No que diz respeito à *Matemática*, a Margarida recorreu em cinco tarefas à contagem e apenas em três tarefas à formação de padrões do tipo ABAB. Mais uma vez, a ocorrência de formação de padrões pode estar associada ao tipo de objetos utilizados nas explorações. Para ilustrar a contagem, apresento a seguinte evidência da Tarefa 5: “(...) Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, oito” mostrando que ainda não domina o subitizing e necessita de realizar contagem termo a termo. No entanto, os dados mostram que a criança já possui o princípio da cardinalidade, em que compreende que a última palavra corresponde ao número total de objetos (Castro & Rodrigues, 2008).

Na subcategoria da *brincadeira*, os dados da **Tabela 9** mostram uma grande expressão na *brincadeira exploratória* e na *brincadeira faz de conta*, ambas com evidências nas cinco primeiras tarefas. Não ofereceu evidências de *jogo de regras*.

### **2.3.5 – CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES DO ENSAIO INVESTIGATIVO**

Com a realização deste ensaio investigativo pretendia-se compreender que explorações crianças de quatro anos de idade realizam quando lhes eram disponibilizados objetos. Foram realizadas seis tarefas com objetos diferentes onde se envolveram três crianças, Alexandre, Duarte e Margarida.

De um modo geral, as crianças realizaram um tipo de explorações muito semelhantes. É de salientar, que das três crianças participantes no ensaio investigativo, o Duarte e a Margarida foram as que apresentaram um número de ações incluídas em subcategorias mais elevado.

No que diz respeito aos *processos básicos da ciência*, o Alexandre mostrou ser a criança que mais utilizou a *observação* para recolher informações, sendo que na Tarefa 5, apresentou evidências de recolher dados com quatro dos cinco sentidos. A Margarida, ao longo do decorrer das tarefas, foi muito constante, utilizando preferencialmente a visão e o tato na recolha de dados.

Relativamente à *ordenação e seriação*, os dados parecem mostrar que as crianças não a privilegiavam nas suas explorações, sendo o Duarte o que mais vezes recorreu a esse processo, com evidências em três tarefas.

O Duarte mostrou ser uma criança que mais facilmente realizou *classificações*. Realizou *classificações* por um critério em todas as tarefas, e em cada tarefa realizou *classificações* por mais do que um critério em simultâneo. A Margarida ao longo das tarefas realizou *classificações* de maneira muito constante. Maioritariamente classificou pelo critério forma e quando utiliza dois critérios em simultâneo classifica por cor e forma ou por forma e tamanho. O Alexandre parece ser a criança que menos recorreu à *classificação*, pois maioritariamente classificou pelo critério forma, com evidências em cinco das seis tarefas.

Ao explorarem os objetos, o Duarte e a Margarida mostraram muitas evidências na *comunicação* e na *medição*, e a *previsão* apenas foi utilizado uma vez pelo Duarte. O Alexandre não utilizou nenhum destes processos, o que parece sugerir que esta criança ainda está numa fase onde apenas utilizou os processos básicos da ciência mais simples.

Ao nível da *Matemática* as explorações foram muito ricas por parte do Duarte e da Margarida. O Duarte utilizou a *contagem* e a formação de *padrões* do tipo ABAB em todas as tarefas. No entanto, o Duarte mostrou ser capaz de identificar a quantidade sem precisar de realizar a contagem termo a termo. A Margarida utilizou a *contagem* em todas as tarefas, e a fez *padrões* do tipo ABAB em quatro das seis tarefas, o que parece mostrar que estas ações fazem parte das suas explorações regularmente. O Alexandre realizou *contagem* termo a termo e realizou *padrões* do tipo ABAB em metade das tarefas.

Relativamente aos resultados obtidos, os dados parecem mostrar que todas as crianças têm adquirida a *brincadeira exploratória*. O Alexandre mostrou evidências em quatro tarefas de *brincadeira construtiva*. O Duarte e a Margarida, nas suas explorações, mostraram evidências de *brincadeira faz de conta*, o que parece mostrar que já possuem um nível de brincadeira mais elaborado do que o Alexandre. Os dados também mostram que nenhuma criança realizou a *brincadeira com jogo de regras*.

Os objetos foram sendo disponibilizados às crianças do conhecido para o desconhecido. A Margarida apresenta um maior número de ações incluídas nas subcategorias consideradas nas primeiras tarefas, o que parece mostrar que explorou mais os objetos conhecidos. O Duarte e o Alexandre mostram que o número de ações incluídas nas subcategorias consideradas não variou muito de tarefa para tarefa, o que parece mostrar não ter havido diferença na exploração de objetos conhecidos e dos menos conhecidos.

Os resultados obtidos neste ensaio investigativo não podem ser generalizados a todas as crianças de quatro anos.

Perante o acima descrito conseguiu-se responder à pergunta de partida e atingir todos os objetivos definidos previamente.

Refletindo sobre todo o trabalho desenvolvido ao longo deste ensaio investigativo considero que existiram algumas limitações que condicionaram os resultados obtidos. Um dos fatores que considero ser limitador no ensaio investigativo pretende-se com a pequena amostra escolhida. Com uma amostra maior poderia ser mais perceptível as explorações que as crianças de quatro anos realizam. Outro aspeto que considero fundamental referir é a falta de experiência da investigadora. Esta falta de experiência fez-se sentir na forma como recolhia e observava os dados. O facto da escolha dos materiais não ter sido realizada com antecedência também condicionou o ensaio, pois por vezes os objetos seleccionados parecem não ter potenciado a realização de ações diversificadas. É importante ter em atenção todas as fragilidades numa próxima investigação.

## **PARTE III – PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTO DE JARDIM DE INFÂNCIA II**

Nesta parte do relatório é apresentada uma reflexão sobre a experiência vivida em contexto de Jardim de Infância II. Seguidamente apresenta-se o projeto intitulado “A Lua”, desenvolvido de acordo com a Metodologia de Trabalho por Projeto, com o grupo de crianças do Jardim de Infância II.

### **3.1 REFLEXÃO SOBRE O VIVENCIADO EM JARDIM DE INFÂNCIA II**

No terceiro semestre do Mestrado em Educação Pré-Escolar, a minha Prática Pedagógica foi desenvolvida em contexto de Jardim de Infância da rede pública. Finalizada esta etapa procedo a uma reflexão sobre o caminho percorrido, as dificuldades sentidas, a forma como ultrapassei essas dificuldades de modo a tornarem-se aprendizagens significativas e a evolução que existiu na planificação e avaliação. Procuro salientar os aspetos positivos e negativos, de modo a realizar um balanço sobre todo o processo realizado neste contexto.

#### **3.1.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO GRUPO DE CRIANÇAS**

A Prática Pedagógica do terceiro semestre do Mestrado de Educação Pré-Escolar foi realizada num Jardim de Infância da rede pública, numa sala de atividades com crianças com idades compreendidas entre os dois e os cinco anos, existindo crianças que já tinham frequentado aquele jardim e crianças que entraram para o grupo este ano letivo.

Esta instituição situa-se próxima da cidade de Leiria e pertence a um agrupamento que assume como missão,

o desenvolvimento de uma escola pública de qualidade, assente numa cultura de eficiência e eficácia aos níveis organizacional, administrativo e pedagógico, que respeita as diferenças e a diversidade do meio escolar, uma escola inclusiva, incentivadora do mérito e da competência e da formação integral dos seus alunos, nos valores da Cultura, do Humanismo e da Educação para a Cidadania” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Domingos Sequeira, do triénio 2014/2017, s/d, p.7).

Aqui, existem duas salas, apoiadas cada uma por um hall de entrada, um salão polivalente com acesso a um gabinete e também ao exterior. No exterior, esta instituição possui um parque de areia, um espaço verde e um espaço em cimento para as crianças brincarem. As atividades de tempos livres funcionam a partir das 15h30 no salão polivalente.

Ao realizar a Prática Pedagógica num contexto da rede pública foi necessário mudar o local da mesma, algo que ainda não tinha acontecido ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Tanto no primeiro semestre como no segundo tive a oportunidade de realizar a Prática Pedagógica na mesma instituição, o que facilitou a minha integração principalmente no segundo semestre. Ao estar um ano no mesmo local já me sentia confiante e fazendo parte de uma equipa, o que facilitava a minha intervenção. Ao acontecer esta mudança tudo se tornou novidade o que me deixou bastante

receosa. Foi necessário conhecer novos membros de uma equipa, adaptar-me a eles, conhecer um novo espaço físico, que era bastante diferente do anterior, interiorizar novas rotinas, entre muitas outras dificuldades que surgiram de início. Para esta adaptação foi essencial as primeiras semanas de observação que me permitiram observar e absorver o máximo de informação possível numa tentativa de conhecer e compreender esta nova dinâmica. Para esta adaptação foi também fundamental o apoio sentido por parte das duas educadoras da instituição bem como das assistentes operacionais que desde o início se mostraram disponíveis a ajudar-me e esclarecer-me todas as dúvidas ou situações. Esta adaptação não foi fácil para mim, como é possível comprovar com o seguinte extrato:

Ao mudarmos de instituição depois de termos passado um ano na mesma, a ansiedade foi maior. Tudo era desconhecido para nós, e penso que estas duas primeiras semanas foram de adaptação para que no futuro possamos intervir com maior sucesso. A nível de espaço físico achei muito agradável e com todas as condições para proporcionar aprendizagens significativas às crianças (Anexo VII – Reflexão 1 em Contexto de Jardim de Infância II).

O grupo era constituído por vinte e três crianças, com idades entre os dois e os cinco anos. Esta diversidade relativa às idades das crianças requer um conhecimento de todas as faixas etárias para poder proporcionar experiências significativas, uma vez que,

Os primeiros cinco anos do ciclo de desenvolvimento da criança são os mais essenciais e os mais formativos pela razão simples, mais suficiente, de serem os primeiros. A sua influência sobre os anos que depois se seguem é incalculável (Gesell, 1979, p. 31).

De um modo muito geral, as crianças nesta fase passam por um processo de evolução das suas competências. A nível físico, aos três anos a criança não é capaz de virar ou parar subitamente, aos quatro anos já tem controle mais eficaz em parar, iniciar e virar enquanto que com cinco anos é totalmente capaz de iniciar, virar e parar eficazmente em jogos. No que diz respeito à gramática, com três anos as suas frases são curtas e simples, enquanto que com quatro e cinco anos as suas frases já possuem em média cinco palavras, podendo ser frases declarativas, negativas, interrogativas ou imperativas (Papalia, Olds & Feldman, 2006). A evolução da criança cognitivamente começa com o uso de símbolos para a compreensão de identidades, compreensão de causa e efeito, para a capacidade em classificar, compreensão de números, a empatia que consiste em as crianças tornarem-se capazes de imaginar como os outros poderiam sentir-se, e por último a teoria da mente onde as crianças tornam-se mais conscientes do funcionamento da sua mente e da atividade mental (Papalia, Olds & Feldman, 2006).

No que diz respeito ao grupo de crianças com quem concretizei esta Prática Pedagógica devo salientar a autonomia que encontrei quando cheguei. Este foi um dos aspetos que mais me impressionou ao chegar a este novo contexto. Era um grupo de crianças bastante desafiantes onde todas mostravam um grande nível de autonomia para a realização das diversas rotinas e atividades. O facto de existirem crianças de idades muito variadas potenciava o desenvolvimento desta

autonomia, pois desde cedo, as crianças mais novas, por imitação das crianças mais velhas, começavam sozinhas a aprender a fazer, isto é, as crianças mais velhas auxiliavam as mais novas até estas ganharem competências para realizarem as atividades sozinhas. A autonomia existente no grupo de crianças, de início, foi uma dificuldade para mim, pois como vinha de um contexto onde as crianças necessitavam muito da minha ajuda e intervenção, por vezes ficava sem saber o que fazer ou como agir. Com o tempo, fui interiorizando a dinâmica e percebendo qual o meu papel e quando devia agir. Esta dificuldade sentida ao início está presente no seguinte extrato:

Relativamente ao grupo de crianças gosto muito da dinâmica que existe em que as crianças mais velhas ajudam as mais novas. Neste contexto é notório como as crianças são muito autónomas, algo que não acontecia tanto nas práticas anteriores. Devido a esta autonomia das crianças, por vezes fico um pouco sem saber o que fazer, visto que elas fazem quase tudo sozinhas (Anexo VII – Reflexão 1 em Contexto de Jardim de Infância II).

### **3.1.2 O MEU PERCURSO EM CONTEXTO DE JARDIM DE INFÂNCIA II**

Ao longo deste contexto em Jardim de Infância II deparei-me com inúmeras situações com as quais ainda não tinha contactado e que de início foram uma dificuldade para mim, mas que com o passar do tempo e com as estratégias que fui utilizando para as colmatar consegui transformá-las em aprendizagens significativas.

Um aspeto que considero bastante diferente neste contexto foi o facto de neste contexto as crianças realizarem mais atividades, ou seja, o tempo era utilizado e aproveitado de uma maneira diferente. Assim, por dia, realizavam-se várias atividades e a dinâmica era muito rápida e intensa, o que considero um aspeto bastante positivo. De início foi um pouco complicado perceber como realizar tantas atividades e ao mesmo tempo conseguir dar atenção necessária às crianças, mas ao longo do tempo, tornei-me mais flexível, e o que ao início parecia algo difícil de fazer, depois foi algo normal e rotineiro e neste momento acharia estranho manter um ritmo mais lento.

Considero que este contexto foi bastante desafiante, principalmente por ter crianças de idades diferentes. Ao início desta Prática Pedagógica tinha estado com grupos de crianças com a mesma idade, e inicialmente foi difícil compreender qual deveria ser o meu papel de modo a poder orientar todas as crianças e conseguir simultaneamente estimulá-las positivamente. Nem sempre foi fácil, mas com o passar do tempo consegui cativar todo o grupo e responder às necessidades das diferentes crianças.

Uma dificuldade bastante sentida no início desta Prática Pedagógica estava relacionada com o não conseguir orientar mais do que três crianças simultaneamente numa atividade, ou seja, propunha atividades em pequeno grupo, no máximo com três crianças, e raramente planificava atividades em grande grupo, como demonstra o extrato seguinte:

num momento fiquei a auxiliar sozinha três crianças. Ainda sinto muita insegurança quando estou sozinha com um grupo de três ou mais crianças. Como educadora terei de o fazer, e por vezes com grupos muito maiores, e como tal, sei que é uma das dificuldades que tenho que batalhar muito e tentar ultrapassar (Anexo VII – Reflexão 2 em Contexto de Jardim de Infância II).

Este foi um aspeto pelo qual batalhei muito pois tinha noção que como futura educadora tinha que conseguir orientar todo o grupo de crianças sozinha, e mesmo que estivesse a orientar uma atividade em pequeno grupo, tinha que conseguir não perder de vista as restantes crianças de modo a criar um ambiente calmo na sala. Para combater esta dificuldade foi fundamental o apoio da educadora que me incentivou a optar por atividades em grande grupo, de modo a desenvolver esta competência, e nos momentos de trabalho em pequeno grupo, constantemente me lembrava a necessidade de não esquecer o restante grupo. É importante valorizar as atividades em grande grupo pois possuem oportunidades para as crianças.

Com o passar do tempo deixou de ser necessário a educadora alertar-me pois já conseguia orientar todas as crianças. Esta foi uma grande vitória conseguida, pois num grupo muito heterógeno consegui realizar diversas atividades em grande grupo como também em pequeno sem nunca desvalorizar e esquecer-me das restantes crianças.

Ao longo de toda a Prática Pedagógica foi necessário realizar o exercício de observação pois as crianças estavam em constante desenvolvimento, e o que elas eram num dia, passado algum tempo, já não correspondia à verdade. De modo a proporcionar atividades significativas à criança o educador deve observá-la constantemente para perceber o que a criança necessita ou que já adquiriu ou desenvolveu.

Observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental da recolha de informação. Porém, essa observação não se pode limitar às impressões que os/as educadores/as vão obtendo no seu contacto diário com as crianças, existindo um registo que lhes permita contextualizar o que foi observado e situar essas informações no tempo (Silva *et al.*, 2016, p. 13).

Através da observação que fui realizando, fui constatando a necessidade de arranjar mais estratégias para cativar a atenção das crianças e como tal, consciencializei-me que era no decurso da Prática Pedagógica que tinha oportunidade de experimentar o máximo de estratégias possíveis, para depois refletir sobre o ocorrido ou sobre como poderia ter sido feito para obter outros resultados. Assim, mais do que nos outros contextos, experimentei estratégias diversificadas.

Um momento onde apliquei diferentes estratégias foi na hora do conto. Desde o início que sentia que este era um ponto fraco, pois lia sempre a história da mesma forma, o que por vezes não cativava as crianças. Ao dinamizar as histórias de diferentes maneiras os resultados foram muito positivos, e refletindo agora considero que alterando a dinâmica da hora do conto as crianças sentiam-se sempre motivadas, curiosas e interessadas.

Uma das estratégias utilizadas foi contar a história através de um avental de histórias (Fotografia 41). Nunca tinha tido oportunidade de contar uma história deste modo e penso que foi uma forma interessante de cativar as crianças. Sentia-me bastante receosa pois não sabia como as crianças iriam reagir mas o extrato seguinte mostra que as crianças participaram ativamente no momento:

Era um momento para o qual estava bastante receosa uma vez que se tratava de uma forma de contar a história em que não teria nenhum suporte para me guiar. Para precaver alguma situação treinei várias vezes o conto da mesma. Na minha opinião correu bem e as crianças mostraram-se entusiasmadas e curiosas por se tratar de algo diferente. Ao longo da história as crianças iam dando as suas dicas e eu tentei aproveitar e integrar na história a maior parte delas (Anexo VII – Reflexão 5 em Contexto de Jardim de Infância II).



Fotografia 41 - Avental de histórias



Fotografia 42 - Estendal de histórias



Fotografia 43 - Teatro de sombras



Fotografia 44 - História através de projetor

Para além desta estratégia também foi utilizado o contar a história através da observação de imagens retiradas do livro, sem ler o texto do mesmo e as crianças fazerem o reconto da história tendo por base o estendal de imagens da história (Fotografia 42), contar a história através de um teatro de sombras (Fotografia 43), contar a história utilizando um projetor (Fotografia 44), dramatizar a história, utilizar dedoches, entre outras. Para além de contar a história de formas diferentes existiram situações onde percebi que bastava alterar a disposição da sala, ou alterar a posição das crianças para lhes cativar a atenção.

De todas estas estratégias a que gostei mais de realizar foi a do teatro de sombras, pois deste modo as crianças mantiveram-se concentradas do início ao fim. Tudo isto envolvia magia o que para as crianças criava um sentimento de curiosidade sobre o que iria acontecer em seguida.

É importante existir tempo para a exploração deste tipo de estratégias pois,

A observação de diferentes manifestações teatrais contribui para a apreciação da arte dramática ou teatro e para o desenvolvimento da sensibilidade estética das crianças. Proporciona ainda um diálogo no grupo, que permite explorar a especificidade dos meios e linguagens do teatro e de confrontar diferentes interpretações e apreciações, facilitando a emergência de uma opinião crítica (Silva *et al*, 2016, p. 53).

Na hora do conto, surgiu, ainda, outro ponto que considero que foi uma aprendizagem bastante significativa para mim. Por vezes, depois de eu ou a minha colega contarmos a história de forma dinâmica, as crianças mostravam interesse em contarem elas o conto às outras crianças, tal como aconteceu na dramatização da Lenda de São Martinho (Fotografia 45) ou na história com dedoches (Fotografia 46). A primeira vez que surgiu o interesse, por parte das crianças, de contarem a história, não foi dada importância a esse interesse o que foi errado. Depois de conversar com a educadora, compreendi que era importante valorizar esse desejo, e se as crianças



Fotografia 45 - Dramatização pelas crianças



Fotografia 46- Teatro com dedoches

demonstrarem interesse em realizar a dramatização devemos dar oportunidade para que elas o façam. Assim, nas vezes seguintes, sempre que as crianças mostravam este interesse foi-lhes dado esse espaço. Nunca nenhuma criança foi obrigada a contar a história, mas todas as que quiseram fazê-lo era-lhes dada oportunidade de o realizar, e assim, algo que nem me ocorria ser importante, passou a fazer parte da planificação.

Relativamente às crianças representarem, foi a maneira de ir ao encontro dos seus interesses e de as começar a habituar a estas situações. Quando questionei as crianças sobre quem queria representar quase todas responderam afirmativamente, existindo poucas que disseram que não, (...). Damos oportunidade às crianças de decidir se queriam ou não, não as obrigando a fazer algo que não queriam. Foi muito interessante observar como as crianças mais novas todas quiseram representar (Anexo VII – Reflexão 7 em Contexto de Jardim de Infância II).

Outro aspeto que considero muito significativo relativo às minhas aprendizagens realizadas neste contexto foi o facto de valorizar muito os interesses das crianças. Como tal, por diversas vezes, não se seguiu o planificado para se poder ir ao encontro do que as crianças queriam e que tinha significado para elas no momento. É importante o educador ter esta flexibilidade, pois a planificação é um instrumento de auxílio mas não é algo que deve ser seguido à letra. Ao longo de toda esta Prática Pedagógica este foi um cuidado que esteve sempre presente, e sempre que as crianças mostravam interesse numa situação não planeada e que considerássemos importante para elas, abdicávamos do planificado. Nestas situações o que não se concretizava num dia era sempre realizado noutra altura, e o interesse das crianças era aproveitado no momento que lhes fazia sentido. É possível constatar este cuidado em dois extratos de reflexão, um de uma situação ocorrida no início desta Prática Pedagógica, e outra situação ocorrida no final da mesma.

No extrato da Reflexão 4 é possível constatar que:

alterámos o que tínhamos planificado. Na minha opinião faz sentido realizar essa alteração porque no momento foi o rumo que a atividade levou e as crianças estavam entusiasmadas, sendo importante aproveitar esse entusiasmo. Não estava planificado logo no momento da manhã as crianças colocarem a sua fotografia no mês correspondente, mas criou-se um momento de magia com a caixa, de onde saíam as fotos, e proporcionou-se então desta forma (Anexo VII – Reflexão 4 em Contexto de Jardim de Infância II).

Já num momento mais avançado da prática,

surgiu um momento em que deixámos de parte aquilo que tínhamos planificado para ir ao encontro dos interesses das crianças. (...) Deste interesse que as crianças mostraram, decidimos deixar de parte o que tínhamos planificado e realizar então o que as crianças nos pediam. (...) Para mim este foi um momento importante pois não nos podemos manter completamente fiéis à planificação, ou seja, temos que ter capacidade de ser flexíveis e seguir os interesses das crianças, nomeadamente quando estes surgem (Anexo VII – Reflexão 12 em Contexto de Jardim de Infância II).

Refletindo sobre toda esta Prática Pedagógica, existiram momento que me fizeram pensar e questionar, e que me criaram oportunidades de aprendizagem. Um aspeto que neste momento considero muito importante para a criança é ao final do dia realizar um momento em grande grupo, onde se relembra o que foi feito nesse dia, o que se aprendeu, auxiliando, assim, as crianças a consolidarem as suas aprendizagens. É importante que neste recordar do que aconteceu ao longo do

dia todas as crianças tenham oportunidade de pensar e participar. Este aspeto foi algo que eu própria aprendi nesta Prática Pedagógica e foi refletido como é demonstrado no seguinte extrato:

realizei também uma aprendizagem muito importante. Se no final do dia conversarmos com as crianças sobre o que fizeram nesse dia e o que aprenderam torna-se mais fácil para elas interiorizarem essas aprendizagens. Para tal, é importante utilizarmos mais uma vez o quadro para registarmos as aprendizagens das crianças, registarmos o que elas nos dizem (Anexo VII – Reflexão 5 em Contexto de Jardim de Infância II).

O registo feito em grande grupo foi outra situação que inicialmente foi uma dificuldade sentida mas, com o passar do tempo, fui compreendendo a sua importância até chegar ao momento em que eu própria senti necessidade de o fazer. Quando cheguei a este contexto, deparei-me com a educadora a registar frequentemente as ideias de todas as crianças do grupo, o que para mim não era uma prática comum. Nas primeiras semanas sempre que existia um levantamento de ideias eu não sentia necessidade de realizar esse registo, o que levava a educadora a chamar-me a atenção para a importância do mesmo. Com o tempo, fui tentando sempre interiorizar esta ideia, e pude mesmo constatar que as crianças sentiam prazer ao perceber que a sua ideia ficava registada. Finalizada a prática, posso afirmar que neste momento, sempre que existe um levantamento de ideias sinto automaticamente necessidade de fazer o registo. Para mim, esta foi uma das aprendizagens que me permitiu crescer.

A minha flexibilidade não evolui somente em relação ao grupo de crianças, mas também na dinamização e na utilização dos espaços. É importante o educador conseguir tirar o melhor partido dos espaços que tem, tanto interior como exterior. Inicialmente estava muito presa à sala, mais precisamente ao local da manta. Com o tempo, fui conseguindo utilizar os outros espaços e também utilizar diferentes espaços como estratégia de cativar a atenção das crianças. Segundo Craidy & Kaercher (2001), *o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais* (Craidy & Kaercher, 2001, p. 73).

Para além de todas as aprendizagens que tive oportunidade de realizar, existiu também espaço para consolidar e ampliar outras que já tinha aprendido previamente, como foi o caso da relação com a família e da sua importância para o desenvolvimento da criança.

Tal como referi, nem sempre a relação com as famílias foi fácil mas *é necessário que os pais entendam por que lhes perguntamos coisas a respeito de seu filho e dos próprios pais, para que não o vejam como uma invasão, nem como uma avaliação da sua tarefa educativa* (Bassedas, Huguet & Solé, 1999, p. 292-293).

Tive a oportunidade de assistir a uma reunião de pais, o que para mim foi um fator muito importante para o meu desenvolvimento como futura profissional de educação. Foi a segunda vez que tive esta oportunidade, tratando-se, no entanto, de um contexto muito diferente, o que modificou o tipo de reunião. Para mim, estas reuniões foram algo que me suscitou dúvidas, na

forma como falar, o que dizer, sobre o que falar, como abordar os pais, entre outros. Como tal, esta oportunidade permitiu-me explorar um pouco esse aspeto e observar como posso no futuro agir.

Todos os passos do processo da reunião serão devidamente planificados, mas com flexibilidade como tónica (...) quanto melhor preparada for uma reunião, mais natural ela aparecerá aos olhos de quem nele participa (Rigolet, 2006, p. 23).

Para mim, tal como refiro no extrato da Reflexão 12:

esta oportunidade é uma mais valia, pois este é um momento raro e podermos assistir para ver como é muito importante. Esta interação com as famílias é algo que existe sempre, mas nem sempre é fácil. Foi importante para mim observar de que modo se deve conduzir uma reunião deste tipo, de que forma abordar os pais, quais as questões a colocar entre outros aspetos (Anexo VII – Reflexão 12 em Contexto de Jardim de Infância II).

### **3.1.3 IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO**

Desde o início deste mestrado que a avaliação tem sido uma aspeto que considero negativo na minha prática. Ao longo do tempo tenho vindo a tentar melhorar este ponto, mas neste momento ainda não me sinto completamente à vontade a fazer a avaliação das crianças. Isto é algo que com a prática se vai adquirindo e sei que com o passar do tempo vou começar a interiorizar e a executá-la com maior facilidade.

A finalidade básica da avaliação é que sirva para intervir, para tomar decisões educativas, para observar a evolução e progresso da criança e para planejar se é preciso intervir ou modificar determinadas situações, relações ou actividades na aula (Bassedas, Huguet & Solé, 1999, p. 173).

A avaliação no Pré-Escolar *compreende práticas que avaliam a criança no próprio processo de realização de tarefas reais do seu quotidiano e com relevância para o seu desenvolvimento e aprendizagem* (Oliveira & Godinho, 2013, p. 81).

Com o intuito de conseguir realizar a avaliação, nesta prática realizei um portefólio de avaliação com duas crianças, de modo a tentar compreender a sua evolução. Existem diferentes formas de avaliar, mas a escolhida foi o portefólio de evidências.

Um portefólio de evidências de aprendizagem é uma colecção organizada e devidamente planeada de documentação recolhida pelo educador ao longo de um dado período de tempo, de forma a poder proporcionar uma visão alargada e pormenorizada quanto possível das aprendizagens da criança em vários âmbitos (Oliveira & Godinho, 2013, p. 88).

Senti dificuldades na construção destes portefólios pois não sabia que tipo de evidências eram mais aconselhadas para colocar no mesmo, como descrever as situações e de que modo conseguiria observar a evolução da criança através dele. Ao longo do tempo fui escolhendo algumas evidências de momentos que para mim foram mais significativos e também de momentos que as crianças me demonstraram ser significativo para elas. Foi um processo de experiência em que ainda não está bem consolidado, mas sinto que agora já possuo uma visão mais alargada do que é necessário no portefólio e do que não é. Se não tivesse experimentado, ainda hoje sentia insegurança relativamente a este método de avaliação.

Analisando os portefólios foi possível constatar que as crianças avaliadas demonstraram evolução em algumas competências. Através da análise do portefólio foi possível também preparar atividades

que promovessem o desenvolvimento de competências. Assim, o portfólio serviu também para preparar as atividades de acordo com as necessidades que as crianças mostravam sentir.

A avaliação através do portfólio começou por ser uma situação difícil para mim, mas após alguma pesquisa sobre o mesmo, e depois de algum tempo a explorar o mesmo, comecei a conseguir utilizá-lo de modo a compreender se tinha existido evolução por parte da criança. Um aspeto que facilitou este processo de aprendizagem foi só realizar o portfólio com duas crianças. Deste modo, pude concentrar-me totalmente nas crianças escolhidas e dispor de tempo necessário para realizar a análise das evidências. No futuro, como educadora, terei de utilizar o portfólio com todas as crianças do grupo, o que implicará mais esforço e atenção da minha parte. No entanto, penso que esta Prática Pedagógica me deu oportunidade de compreender a vantagem de utilizar o portfólio como instrumento de avaliação.

### **3.1.4 EVOLUÇÃO DA PLANIFICAÇÃO**

No que diz respeito à planificação, esta foi sofrendo alterações à medida que sentia que a presente já não correspondia às minhas necessidades. A planificação tem de ser um instrumento útil ao educador e tem que fazer sentido para o mesmo, tal como já tinha aprendido anteriormente. Assim sendo, a planificação é um documento que se encontra em constante alteração e evolução.

Nesta Prática Pedagógica, a planificação passou por diversas fases, sendo que para mim existiram dois momentos mais significativos. A primeira mudança mais significativa para mim ocorreu na sexta planificação. Até então construíamos uma planificação onde primeiro surgia uma tabela com as intencionalidades e competências e só depois as atividades descritas. Deste modo, começámos a sentir que era confuso fazer a leitura da mesma, e que era necessário estar constantemente a ler e reler as competências, intencionalidade e estratégias. Para colmatar esta situação, em conjunto com a minha colega de prática, optámos por experimentar outro tipo de planificação. A nova planificação tinha assim em cada atividade a intencionalidade e competência associadas, bem como a forma de avaliar essa competência. Desta maneira, tornou-se para mim mais fácil realizar a leitura da planificação (Anexo VIII).

A segunda mudança significativa aconteceu na décima planificação, em que começámos a colocar fundamentação metodológica. A introdução desta fundamentação fez com que no momento da construção da planificação existisse um momento em que pensava na forma como iria atuar. Este momento passou a ser importante para mim pois fez-me pensar e refletir sobre assuntos que normalmente me passavam despercebidos (Anexo VIII).

Ao manter a planificação em constante evolução permitiu que eu fizesse constantemente uma reflexão do que estava correto e incorreto, procurando sempre o melhor para a intervenção. Este

tem sido um aspeto que considero ter melhorado significativamente desde o início do mestrado, e para tal contribuíram as ajudas de todas as educadoras bem como a visão da professora supervisora.

### **3.1.5 SÍNTESE REFLEXIVA**

Fazendo uma reflexão de todo o meu percurso nesta Prática Pedagógica e neste contexto, posso afirmar que foi um semestre muito importante para mim, pois desenvolvi competências fundamentais para o meu futuro como educadora, nomeadamente a nível de estratégias a utilizar e forma de orientar um grupo de crianças.

Foi o contexto onde a adaptação foi mais difícil devido aos ritmos estabelecidos e exigiu de mim muito esforço, e agora que a Prática Pedagógica acabou sinto uma alegria enorme por saber que consegui superar todos os obstáculos que foram surgindo.

Para a minha evolução, em todo este processo, foi fundamental o apoio da minha colega, com a qual realizei reflexões diárias, partilhei experiências e sentimentos, e com a qual em conjunto, ultrapassámos situações que sozinha se teriam tornado difíceis. Trabalhar em conjunto nem sempre foi fácil, mas nesta minha experiência foi uma mais valia para o meu crescimento. Para além da minha colega também foi essencial a restante equipa educativa, com a qual pude sempre contar.

No que diz respeito ao grupo de crianças, proporcionaram-me situações muito importantes, pois sendo um grupo interessado, empenhado e curioso, exigiram sempre muito de mim. Este aspeto foi uma constante ao longo de toda a Prática Pedagógica, que por mais que me esforçasse sabia que precisava de lutar e trabalhar ainda mais, e fui sempre conseguindo progredir. Nunca desisti e procurei sempre soluções e estratégias para inovar.

Hoje sinto que cresci muito a nível pessoal e profissional, que me tornei uma pessoa reflexiva e que utilizo essa reflexão para melhorar e adequar a minha prática. Hoje, sei que dou mais atenção às crianças e vou ao encontro dos seus interesses e das suas necessidades. Aprendi a dar voz à criança, e a dar-lhe o seu espaço e tempo, pois cada criança é um ser diferente e precisa de ser respeitado.

Sei que tenho ainda muito para evoluir, pois como educadora estou em aprendizagem constante, mas posso afirmar que me sinto hoje preparada para ter o meu próprio grupo, conhecê-los, orientá-los e adaptar atividades para eles.

Uma educadora vai crescendo através das experiências por que vai passando, e para mim, a experiência neste contexto foi maravilhosa e fez-me compreender que consigo planificar de forma integradora e globalizante.

### **3.2 TRABALHO DE PROJETO: “A LUA”**

Neste tópico do relatório apresenta-se o projeto realizado com as crianças no contexto de Jardim de Infância II. Primeiramente é apresentada uma introdução onde se explica por que se realizou este projeto e uma breve caracterização do grupo de crianças. Em seguida apresenta-se uma

fundamentação teórica sobre a lua, a descrição de todo o processo ao longo do projeto e por último, uma conclusão relativa ao mesmo.

### **3.2.1 INTRODUÇÃO**

O projeto “A Lua”, baseado na Metodologia de Trabalho por Projeto, surgiu da proposta da coordenação da Prática Pedagógica de Ensino Supervisionado. Deste modo, este projeto foi concretizado em contexto de Jardim de Infância II, com um grupo de vinte e três crianças com idades compreendidas entre os dois e os cinco anos. Deste grupo, onze crianças eram do sexo masculino e doze crianças do sexo feminino.

### **3.2.2 REVISÃO DA LITERATURA**

Neste ponto do relatório são apresentadas algumas ideias sobre a Lua, que sustentaram o projeto. A revisão da literatura sobre a Metodologia de Trabalho por Projeto, de acordo com vários autores, está descrita nas páginas 28-30 deste relatório.

#### *3.2.2.1 A LUA*

Todos nós conhecemos a Lua como sendo o satélite natural da Terra, mas para além desta definição, a Lua possui diversas características específicas que a tornam um elemento fundamental do universo, especialmente para o nosso planeta, o planeta Terra.

Não se conhece ao certo a origem da Lua, mas devido à sua densidade similar à da crosta terrestre, acredita-se que após a formação da Terra, um meteorito terá colidido com a mesma, libertando-se assim uma massa que ficou a gravitar em torno do planeta-mãe, neste caso, em torno da Terra (Binder, 1971).

A Lua é visível da Terra, e se durante o dia o Sol é para nós o maior objeto do céu, à noite este papel cabe à Lua, que na ausência do Sol, se torna ela o maior objeto do céu. A sua dimensão é um quarto da Terra, e acompanha sempre a Terra no seu movimento em torno do sol, como refere Stott (1999),

A Lua é o satélite natural da Terra e parece, de longe, o maior objeto do céu nocturno. É uma bola de rocha cheia de crateras, com cerca de um quarto do tamanho da Terra e acompanha-a na sua órbita à volta do Sol. A Lua não tem luz própria mas brilha através da luz do Sol reflectida. De dia para dia, o disco lunar parece assumir diferentes formas. Estas formas são conhecidas como fases e um ciclo completo, da Lua Nova à Lua Nova, demora 29,5 dias (Stott, 1999, p. 62).

As fases mencionadas são denominadas fases da Lua. Existem quatro fases da Lua: Lua Nova, Quarto Crescente, Lua Cheia e Quarto Minguante, que ocorrem ciclicamente. Estas fases ocorrem devido ao *movimento de translação da Lua em volta da Terra. Durante essa translação a porção da sua superfície que pode reflectir a luz do Sol para a Terra vai variando* (Binder, 1971, p. 30).

Quando ocorre a fase da Lua Nova, esta torna-se invisível para nós, uma vez que o lado da Lua que vemos da Terra não se encontra iluminado pelo Sol, e como a Lua não possui luz própria não a conseguimos observar com clareza (Stott, 1999). Em seguida, na fase do Quarto Crescente,

começamos a observar a Lua a aumentar de tamanho até chegar à fase da Lua Cheia. Nesta fase, *a Lua está no lado oposto da Terra em relação ao Sol e está totalmente iluminada. Da Terra, vemos um disco completo* (Stott, 1999, p. 63). Por último ocorre a fase do Quarto Minguante até atingir de novo a Lua Nova. Este é um processo cíclico, pois a Lua para além do movimento de translação que realiza em volta da Terra, realiza também um movimento de rotação em torno de si mesma, o que faz com que vejamos sempre a mesma face da Lua (Marchand, 1997). A Lua também acompanha a Terra no seu movimento de translação em volta do Sol. A Lua, tem assim, três movimentos, dois de translação e um de rotação.

Observando a Lua, é possível encontrar detalhes na sua superfície, que ficam intactos com o passar dos anos devido à ausência de atmosfera. A Lua, é assim,

Um mundo rochoso sem vida, sem ar e sem água. A paisagem lunar tem permanecido inalterada durante milhões de anos. Durante a sua formação inicial, a Lua foi bombardeada por rochas espaciais que formaram as crateras. O impacto das rochas formou as montanhas. Com o correr dos tempos, a lava saiu do interior da Lua e encheu algumas das crateras; isto deu origem a áreas planas escuras que pareciam mares (Stott, 1999, p. 64).

Devido a estas características, a Lua é um elemento interessante para ser explorado com crianças de idade pré-escolar, para que tenham noção do que existe fora do nosso planeta.

### 3.2.3 PROJETO: A LUA

Neste tópico é apresentado todo o trabalho que foi desenvolvido ao longo da concretização do projeto “A Lua”, com um grupo de crianças com idades entre os dois e os cinco anos. Primeiramente é exposta a situação desencadeadora do projeto, seguido da descrição e de uma conclusão do mesmo.

#### 3.2.3.1 SITUAÇÃO DESENCADEADORA DO PROJETO

A situação desencadeadora deste projeto ocorreu no dia 21 de novembro de 2016, no momento do conto da história “A que sabe a lua” de Michael Grejniec (2002), através da técnica do teatro de sombras (Fotografia 47).

A semana de 21 de novembro tratava-se da minha semana de intervenção, e como tal fui eu a realizar o conto da história através do teatro de sombras. Neste dia, comemorava-se o dia do pijama, e por isso optámos por utilizar esta estratégia de contar a história, em que no final as crianças tiveram a oportunidade de recontarem a história por detrás do lençol, existindo mais magia em todo o momento. No momento do reconto, as crianças demonstraram interesse em saber a que sabia a Lua, criando entre elas diálogo, onde cada uma dava a sua opinião sobre o que achava a que sabia a Lua. Neste diálogo entre elas, foi notório que o aspeto central era a Lua, e as várias curiosidades que



Fotografia 47- Teatro de Sombras “A que sabe a Lua”

tinham acerca da mesma. Ao se tornar tão evidente para nós o interesse pela Lua por parte das crianças, considerámos que fazia sentido realizar um projeto em que pudessemos tentar responder às suas questões. Assim, aproveitámos a temática “Lua”, para realizar o nosso trabalho por projeto. Com a realização deste trabalho por projeto, pretendíamos que as crianças tivessem um papel ativo na procura das respostas às questões por elas colocadas. Decidimos, também, realizar este projeto de modo a valorizar os interesses do grupo, as suas curiosidades e promover neles próprios um sentimento de trabalho em equipa para um objetivo comum.

De modo a preservar o anonimato das crianças deste grupo, ao longo de toda a descrição do projeto, estas serão identificadas por letras e idade.

### 3.2.3.2 FASE I – DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A primeira fase deste projeto teve início no dia 21 de novembro onde cada criança realizou um desenho sobre o que sabia acerca da Lua. Através da análise destes desenhos fiquei a saber o que as crianças sabiam acerca das características da Lua, como a representavam e o que esta significava para eles. Para além do desenho foi registado numa folha as ideias que as crianças verbalizavam enquanto realizavam o desenho.

Analisei mais aprofundadamente o desenho de três crianças, escolhidas aleatoriamente, onde foi possível observar as conceções destas três crianças. É importante referir que para a realização destes desenhos foi relembrada às crianças a história “A que sabe a Lua” de Michael Greijniec (2002).



Fotografia 48 - Desenho criança G.



Fotografia 49 - Desenho criança P.



Fotografia 50 - desenho da criança D.

A criança G. (5 anos) verbalizou as seguintes ideias: “A Lua é boa. A Lua é doce. A Lua é cheia no céu. A Lua ao meio é de dia e é branca. A Lua anda no céu” (G., 5 anos). No desenho, a G. representou uma Lua Cheia, branca no seu interior e que se encontrava no céu (Fotografia 48), o que parece sugerir que esta criança tentou registar muito do verbalizado.

A criança P. (4 anos), afirmou que “A Lua quando está sol fica metade, quando está de noite fica cheia. Ela é de pedra. Tem boca e nariz”. No desenho (Fotografia 49), representou uma bola, possivelmente a Lua Cheia, e manchas que se encontram no interior da bola, provavelmente tentando representar as pedras que este afirmou que a Lua tinha no seu interior. É possível perceber

que enquanto a G. pensou mais no sabor da Lua e na sua localização, o P. pensou na sua constituição.

Por último, a criança D. (4 anos), afirmou que “A Lua sabe a pastilhas. A Lua é feita por rochas. A Lua cheira bem. A Lua é cheirosa”. O seu desenho (Fotografia 50), parecia não mostrar nenhuma evidência do verbalizado pela criança. A aparente falta de ligação entre o verbalizado e o registo feito talvez possa ser explicada pelo facto de esta ser a criança mais nova das três. No entanto, esta criança no seu discurso deu informações relativas ao sabor da Lua, ao seu cheiro e também à sua constituição.

No dia 22 de novembro de 2016, fez-se um levantamento das ideias das crianças sobre o que estas sabiam sobre a Lua (Quadro 8). Todas as ideias que as crianças deram foram registadas numa folha de tamanho A3 com o título “O que sabemos sobre a Lua?”. Também se fez a identificação de quem tinha dado a ideia. O registo foi realizado numa folha para depois ser colocado no exterior da sala onde os familiares das crianças puderam acompanhar o projeto que estava a ser concretizado.

#### Quadro 8 – Ideias prévias das crianças sobre a Lua

O que sabemos sobre a Lua?	
<p>Às vezes a lua fica cheia (C., 4 anos).            Depois fica meia (J., 5 anos).            De noite, de nossa casa vemos a lua (Todos).            A Lua está no céu (C., 4 anos).            A Lua vai para o espaço quando está de dia (J., 5 anos).</p>	<p>A Lua cai (reflexo da lua na água) (C., 4 anos).            Quando o sol vem para cá a lua vai esconder-se atrás das nuvens (T., 5 anos).            E também está no ar, tão alta (P., 4 anos).</p>

Os dados do Quadro 8 mostram que as crianças possuíam alguns conhecimentos sobre a Lua, nomeadamente a forma como mostra as seguintes evidências: “Às vezes a lua fica cheia” (C., 4 anos) e “Depois fica meia” (J., 5 anos), e também sobre a sua localização “A Lua está no céu” (C., 4 anos) e “está no ar, tão alta” (P., 4 anos).

Nesse dia também foi realizado o levantamento de ideias sobre o que queriam saber sobre a Lua, que foram registadas numa folha A3 (Quadro 9).

#### Quadro 9 – Questões levantadas pelas crianças sobre a Lua

O que queremos saber sobre a Lua?	
<p>A que sabe a Lua? Será que tem sabor? (G., 5 anos).</p>	<p>Quantas metades tem a Lua? (C., 5 anos).</p>
<p>De que é feita a Lua?            -Será de rochas? (J., 5 anos).            -Será mole? (P., 4 anos).            -Será lizinha? (A., 5 anos).</p>	<p>O que é o espaço? (Todos).            - Uma terra com muitos planetas (J., 5 anos).            - Tem muitos planetas (C., 4 anos).</p>
<p>Que bolas são aquelas dentro da Lua? (F., 5 anos).</p>	

Os dados do Quadro 9 mostram que as crianças estavam muito interessadas em saber algumas características da Lua, dando hipóteses para responder àquela questão, como por exemplo para a questão “O que é o espaço?”, a J. afirmou que é “uma terra com muitos planetas” (J., 5 anos) e a C. disse que “Tem muitos planetas” (C., 4 anos).

Os dados do Quadro 9 mostram ainda o interesse das crianças em conhecer a que sabe a lua, como é constituída e as metades (fases) da mesma.

### 2.2.3.3 FASE II – PLANIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

No dia 28 de novembro foi iniciada a segunda fase do projeto com o levantamento de ideias das crianças relativos a onde se iria procurar informação e sobre o que planear para concretizar o projeto.

Nesse dia, foram lidas, às crianças, as questões levantadas por elas no dia 22 de novembro (Quadro 9) e as crianças foram questionadas sobre onde se poderia procurar e encontrar informações que respondessem àquelas perguntas. Em grande grupo, as crianças deram ideias sobre locais onde procurar informação e ideias sobre atividades a realizar.

As ideias das crianças sobre onde procurar informação para responder às questões levantadas foram registadas numa folha A3, devidamente datada, que foi posteriormente colocada no exterior da sala para dar conhecimento aos familiares do progresso do projeto (Quadro 10).

#### Quadro 10 – Ideias das crianças para realizar a pesquisa

Onde vamos descobrir?	
Nos livros (J., 5 anos). Na natureza (C., 4 anos). Nas revistas (C., 4 anos). No computador (MP., 5 anos). Na biblioteca (T., 5 anos e G., 5 anos).	Na televisão (F., 5 anos). Nos jornais (MM., 3 anos). No tablet (C., 4 anos). No telemóvel (MM., 4 anos). No museu (J., 5 anos).

Os dados do Quadro 10 mostram que as sugestões envolveram pesquisas em locais habituais para as crianças como em livros, revistas, computador, jornais, televisão e telemóvel. Para além destes locais, é de salientar as sugestões de pesquisa na biblioteca e museu, mostrando um pensamento mais abrangente, como também a pesquisa na natureza, uma vez que a Lua é um elemento que encontramos no exterior da sala.

Em seguida, as crianças deram sugestões sobre o que gostariam de realizar ao longo das semanas seguintes, relativamente à Lua, tendo sido o registo feito em grande grupo numa folha de papel A3 (Quadro 11).

#### Quadro 11 – Sugestões de actividades

O que vamos fazer?	
Pesquisar nos livros e fazer um desenho (P., 4 anos).	Desenhar uma Lua (M., 3 anos).
Procurar Luas nas revistas (M., 5 anos).	Fazer os planetas a Terra e a Lua (R., 4 anos).
Recortar e colar informação sobre a Lua (G., 4 anos).	Fazer um cartão grande com a Lua e pintar (P., 4 anos).
Procurar no computador e imprimir (T., 5 anos).	Podemos mostrar lá fora aos pais e às mães (T., 5 anos).
Tirar fotografias à Lua (C., 4 anos).	A Vanda desenha a Lua com lápis de carvão e nós pintamos (G., 4 anos).
Fazer uma Lua grande e pôr brilhantes (T., 5 anos).	Fazer uma Lua Cheia e uma metade para pintar às cores (T., 5 anos e P., 4 anos).

Os dados do Quadro 11 mostram um grande interesse das crianças em atividades inseridas na área da expressão e comunicação, nomeadamente no domínio da educação artística. No entanto, devido à transversalidade que existe na elaboração de um projeto, todas as áreas de conteúdo foram exploradas de uma forma integradora.

Este levantamento de ideias relativas a atividades a concretizar foi realizado em grande grupo e foi notório que as crianças apenas se focaram em duas atividades repetidamente, o que dificultou o planeamento.

Depois de um diálogo conjunto foi realizada a planificação, com o conjunto de sugestões dadas pelas crianças (Quadro 12).

**Quadro 12** – Planificação das atividades

<b>Dia</b>	<b>Atividades</b>
29 de Novembro	Vamos pesquisar nos livros
29 de Novembro	Jornal da Lua
30 de Novembro	Vídeos e descoberta do movimento de rotação através de modelos
30 de Novembro	Continuação da descoberta dos modelos
30 de Novembro	Desenho do que descobrimos com os modelos
5 de Dezembro	Vamos pesquisar no computador
6 de Dezembro	Fases da Lua e seu desenho em cartolina preta
7 de Dezembro	Luas doces de oreo
12 de dezembro	Crateras doces de cheerios
13 de dezembro	História “Papá, apanhas-me a Lua?”
19 de dezembro	Crateras em massa de moldar
19 de dezembro	Desenho final da Lua (o que aprenderam, mais gostaram e menos gostaram)
9 de Janeiro	Vamos ensaiar
10 de Janeiro	Vamos divulgar o nosso projeto aos amigos!

#### **3.2.3.4 FASE III – EXECUÇÃO**

Nesta fase do projeto, demos início à execução das atividades que tinham sido planeadas em conjunto no dia 28 de novembro. A diversidade de atividades existentes permitiu que as crianças chegassem de uma forma dinâmica às respostas, como também, permitiu a exploração das várias áreas de conteúdo, sempre com o intuito de aprofundar e consolidar conhecimentos.

Esta fase do projeto iniciou-se no dia 29 de novembro e decorreu até ao dia 19 de dezembro. De todas as atividades realizadas vou apresentar apenas duas, uma vez que considero estas como fundamentais para a compreensão do projeto e seu desenvolvimento. É de salientar que para além das atividades que foram realizadas em sala, as crianças também trouxeram trabalhos que concretizaram em casa com as famílias, e existiu sempre um tempo para que estas pudessem apresentar e explicar aos amigos o trabalho realizado.

No dia 29 de novembro, as crianças realizaram uma pesquisa em livros, que foram levados por nós, estagiárias, para a sala. Esta pesquisa foi realizada em pequenos grupos (Fotografia 51). Nos momentos de pesquisa, as crianças foram sempre acompanhadas por uma estagiária, que auxiliava as crianças a compreender o que estava escrito, e esclarecia as dúvidas apresentadas pelas crianças. Depois desta pesquisa, cada grupo foi registrar numa folha A3



Fotografia 51 - Pesquisa em pequeno grupo

aquilo que aprendeu para mais tarde apresentar aos amigos. Foi uma atividade onde existiu muito trabalho de equipa e interajuda entre as várias crianças, pois as crianças mais velhas ajudavam as crianças mais novas a procurar a informação pretendida.

Os livros onde as crianças realizaram a pesquisa foram: “*O céu e os seus mistérios*” de Marchand, (1997); “*O universo a terra, os planetas, as estrelas, as galáxias*” de Alter & Weil, (2002); “*Escola ativa 2 – enciclopédia escolar*” de Gispert, (s/d); “*Understanding Science ideas*” de Newson, (1997); “*Ciência a brincar descobre o céu*” de Pereira, (2005) e “*O Guia do astrónomo – guia prático para as experiências técnicas de observação do céu*” de Stott, (1999).

Ao analisar esta atividade de pesquisa, pode referir-se que as crianças desenvolveram competências a nível da área do conhecimento do mundo, nomeadamente quando: a criança demonstrou envolvimento no processo de descoberta e exploração e revelou satisfação com os novos conhecimentos que construiu. Na área da formação pessoal e social, as crianças desenvolveram a sua autonomia no momento de pesquisarem nos livros, respeitando os colegas e vivenciando valores de responsabilidade. No que diz respeito à área da expressão e comunicação, nomeadamente no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, as crianças desenvolveram competências ao expressarem as suas opiniões e aquilo que tinham aprendido. Relativamente ao domínio da expressão plástica as crianças, na elaboração do desenho, recriaram plasticamente a temática da Lua, mais concretamente aquilo que tinham descoberto, através de meios de expressão como a pintura e o desenho.

Uma outra proposta educativa que considero importante apresentar foi a atividade do Jornal da Lua. A implementação do Jornal da Lua ocorreu no dia 29 de novembro, tornando-se depois numa prática semanal até ao final do projeto. O Jornal da Lua, surgiu da necessidade de existir um local onde pudessemos colocar tudo o que fôssemos aprendendo ao longo do projeto, tendo como objetivo de não nos esquecermos da informação recolhida, como também para informarmos os familiares do modo como estava a decorrer o projeto. Assim, todas as semanas, registávamos no nosso jornal da Lua, devidamente datado, tudo o que tínhamos descoberto e aprendido sobre a Lua, nas diferentes atividades realizadas.

Com esta proposta educativa, na área da formação pessoal e social, a criança desenvolveu competências ao justificar as suas ideias e ao aceitar as ideias e opiniões dos outros. Ao revelar interesse e gosto por aprender, expressando as suas opiniões, contribuindo para o funcionamento e aprendizagem do grupo e sendo progressivamente capaz de explicitar e de partilhar o que descobriu e aprendeu.

No que concerne à área da expressão e comunicação, a criança desenvolveu competências, relativamente à linguagem oral e abordagem à escrita, quando elaborou frases completas, relatou acontecimentos usando o vocabulário aprendido, ou quando usou o livro adequadamente e pediu ao adulto que lhe lesse numa situação concreta para responder à sua curiosidade.

Esta atividade foi potenciadora também do desenvolvimento de competências ao nível da área do conhecimento do mundo, quando permitiu à criança encontrar explicações provisórias para dar resposta às questões colocadas, participar na organização e apresentação da informação e mostrar curiosidade pelo mundo que a rodeia.

A análise detalhada dos vários Jornais da Lua, mostra em que incidiu esta pesquisa das crianças, e o que elas foram descobrindo. O Quadro 13, mostra um resumo do que as crianças decidiram colocar no seu Jornal, como algo que tivessem aprendido nas propostas educativas.

**Quadro 13** – O que já descobrimos

<b>O que já descobrimos...</b>	
<b>Sobre a Terra...</b>	<b>Sobre a Lua...</b>
<p><i>Descobrimos que o Planeta Terra roda devagarinho e que o Sol bate no Planeta Terra.</i></p> <p><i>O Planeta Terra tem um movimento de rotação.</i></p> <p><i>Um dia demora 24 horas.</i></p>	<p><i>De noite a Lua é muito fria. De dia está muito calor.</i></p> <p><i>A Lua é branca, preta, cinzenta e castanha.</i></p> <p><i>A Lua anda à volta do planeta Terra.</i></p> <p><i>A Lua tem 4 fases: Nova, Crescente, Cheia e Minguante.</i></p> <p><i>A Lua tem crateras de vários tamanhos.</i></p>

Os dados do Quadro 13 mostram que as crianças adquiriram conhecimentos relacionados com o Planeta Terra e com a Lua, nomeadamente vocabulário específico sobre os planetas, Terra e Lua.

A área do conhecimento do mundo e a de expressão e comunicação, domínio da educação artística, foram as áreas mais trabalhadas, no entanto, todas as outras estiveram integradas tornando este um projeto interdisciplinar.

### 3.2.3.5 FASE IV – AVALIAÇÃO/DIVULGAÇÃO DO PROJETO

Nesta fase do projeto, as crianças têm a oportunidade de transmitir a outras pessoas, todas as aprendizagens adquiridas ao longo do projeto. Para além desta divulgação é também nesta fase que ocorre a avaliação, para compreender o que é que as crianças realmente aprenderam com o projeto.

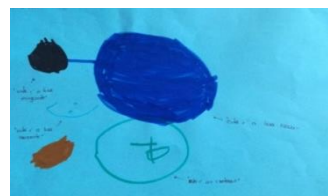
No dia 19 de dezembro, as crianças realizaram um desenho sobre o que tinham aprendido com o projeto, e através de um pequeno diálogo com a estagiária foram questionadas sobre o que mais gostaram e o que aprenderam. O registo das ideias das crianças foi feito no próprio desenho.



Fotografia 52 - Desenho final da G.



Fotografia 53- Desenho final do P.



Fotografia 54- Desenho final do D.

Através da análise dos desenhos realizados pelas crianças é possível observar o que estas aprenderam, fazendo uma comparação com os desenhos iniciais das mesmas, onde estas registaram o que sabiam sobre a Lua, antes de iniciarem o projeto.

Através da análise do desenho da criança G. (Fotografia 52), é possível observar que esta desenhou “As fases da Lua”. Quando questionada sobre o que aprendeu ao longo do projeto, a criança G. verbalizou “Aprendi que as fases da lua. Também aprendi que a lua, vem o sol e bate na lua. A Lua roda à volta do planeta e isso que dizer que é rotação. Tem crateras”. Quando questionada sobre o que sentiu com o projeto disse: “Gostei muito” (G., 5 anos).

No que diz respeito à criança P., esta desenhou o “Planeta Terra”, a “Lua”, o “Sol frio” e o “Sol quente” (Fotografia 53). Quando questionada sobre o que aprendeu com o projeto, a criança afirmou: “Aprendi que a Lua é pequena. O sol é quente. Também aprendi que a lua tem crateras”. Por último, quando questionada sobre se gostou de realizar este projeto a criança disse: “Gostei”.

Por último, a criança D, a mais nova das três crianças, desenhou “Esta é a Lua Minguante”, “Esta é a Lua Crescente”, “Esta é a Lua Nova” e “Isto é as crateras” (Fotografia 54). Quando questionada sobre o que aprendeu responde “Que a lua anda à volta do planeta Terra e que o sol bate no planeta Terra”. À pergunta sobre o que mais gostou de fazer durante o projeto, respondeu “ver o filme da lua”.

De um modo geral, através dos desenhos analisados, as crianças adquiriram conhecimentos sobre a Lua, nomeadamente o nome das quatro fases da Lua e que esta possui crateras. Ao comparar com os desenhos iniciais é possível observar essa aquisição de conhecimento e vocabulário que ocorreu de forma dinâmica, integradora e prazerosa para as crianças.

Para a realização da divulgação, no dia 9 de janeiro existiu uma conversa conjunta para se decidir como fazer a divulgação. Desta conversa surgiu a ideia de apresentar o projeto ao grupo de crianças do Jardim de Infância da sala 1. Decidiu-se em seguida que havia necessidade de preparar a apresentação. Nesse mesmo dia começámos a fazê-lo. Uma das ideias que surgiu foi a construção de um livro, com tudo o que tinha sido realizado (Fotografia 55). Preparou-se também uma pequena apresentação em powerpoint com fotografias que elucidavam todo o trabalho desenvolvido ao longo do projeto. Em seguida selecionou-se a criança que falaria durante a apresentação do projeto e, ainda, se



Fotografia 55- Livro do projeto “A Lua”

preparou a informação que seria disponibilizada.

No dia 10 de janeiro as crianças mostraram aos amigos o que tinham feito ao longo do projeto, através das imagens, e explicaram como o tinham feito e o que tinham aprendido (Fotografia 56). Seguidamente, as crianças mostraram o livro com as evidências dos trabalhos realizados neste projeto. Por fim, foi dado algum tempo para que as crianças da sala 1 colocassem perguntas e as crianças da sala 2 responderam às perguntas formuladas.



Fotografia 56 -  
Divulgação do  
projeto

### 3.2.4 CONCLUSÕES E DIFICULDADES SENTIDAS

Realizando uma retrospectiva sobre o trabalho por projeto realizado neste contexto, mais propriamente o projeto “A Lua”, considero que as atividades realizadas englobaram todas as áreas de conteúdo, e surgiram de forma integradora ao longo do tempo. Na minha opinião, seguimos sempre os interesses das crianças, desde a escolha do tema para o projeto até à escolha da forma como iríamos divulgar o mesmo. Tornou-se fundamental, para mim, ouvir as crianças, dar-lhes voz para compreender o seu modo de agir. É importante as crianças terem o seu tempo e espaço para partilharem as suas ideias, de modo a sentirem-se valorizadas, e também a utilizar na prática essas mesmas ideias.

Ao realizarem um projeto como este, as crianças estão a participar na construção do seu processo de aprendizagem, tanto individualmente, em pequenos grupos e em grandes grupos, sendo um *suporte da aprendizagem nas diferentes áreas de conteúdo* (Silva *et al.*, 2016).

Durante a concretização deste projeto existiram fragilidades que condicionaram o potencial do mesmo. Como fragilidade principal é de salientar o facto de os conteúdos abordados não terem sido aprofundados. Isto ocorreu devido à idade das crianças, que permitiu apenas que os conteúdos fossem abordados de forma simples. Para podermos aprofundar esta temática com as crianças teria sido necessário que o projeto fosse prolongado, o que não ocorreu devido à falta de tempo. Outra fragilidade sentida na implementação deste projeto está relacionada com a gestão do tempo, pois por vezes foi difícil conseguir concluir as atividades planeadas no tempo que lhes estava destinado, devido ao interesse que as crianças mostravam.

A realização deste projeto foi marcante, para mim, uma vez que me alertou para a importância da realização de projetos com crianças para a sua formação e desenvolvimento intelectual e pessoal. Como futura educadora, sinto que devo ter um papel ativo na aprendizagem das crianças, orientando-as de modo a construírem as suas próprias aprendizagens através de experiências que têm por base as suas curiosidades e os seus interesses.

## CONCLUSÃO

Com a concretização deste relatório de Prática de Ensino Supervisionada tive a oportunidade de refletir sobre todas as aprendizagens realizadas no âmbito das Práticas Pedagógicas nos contextos de Creche, Jardim de Infância I e Jardim de Infância II. Toda a reflexão ao longo deste ano e meio de Mestrado em Educação Pré-Escolar foram fundamentais para o meu amadurecimento como educadora de infância.

Ter a oportunidade de acompanhar crianças de diferentes faixas etárias, nomeadamente dos dois aos cinco anos, permitiu-me compreender a flexibilidade que é necessário uma educadora possuir de modo a conseguir acompanhar todas elas, e conseguir responder às suas necessidades e interesses. Sinto que cresci muito a nível do observar, e em como essa observação tem um papel fundamental na atuação do educador. Foi gratificante para mim, poder acompanhar as crianças no seu processo de desenvolvimento e participar nele. As Práticas Pedagógicas foram também essenciais para desenvolver o trabalho em equipa e aprender a partilhar e tomar decisões, refletindo sempre sobre a sua pertinência para o momento e sobre o modo como poderei melhorar no futuro.

A dimensão investigativa deste relatório, ocorreu em contexto de Jardim de Infância I e foi uma mais valia para o meu desenvolvimento como futura educadora de infância. Tive a oportunidade de investigar um tema que surgiu do interesse demonstrado por parte das crianças e que me despertou interesse. No final da concretização do mesmo tive a oportunidade de refletir sobre todo o processo e o que faria diferente numa próxima investigação.

Relativamente aos dois trabalhos realizados segundo a Metodologia de Trabalho por Projeto tive a oportunidade de colocar em prática no segundo trabalho o que achava que deveria ter feito melhor no primeiro. Esta possibilidade de realizar um projeto, refletir sobre o ocorrido, as dificuldades e o que correu bem e ter depois uma nova oportunidade de realizar um novo projeto, permitiu-me ponderar sobre como melhorar a minha ação e ter realmente a oportunidade de colocar o refletido em prática. Através destes dois projetos consolidei os meus conhecimentos sobre dar voz e espaço à criança, partindo sempre dos seus interesses, e utilizando as suas ideias e sugestões para chegarem às suas respostas.

De um modo geral, a realização deste relatório permitiu-me crescer a nível profissional, mas também a nível pessoal, dando-me oportunidade de superar as minhas dificuldades transformando-as em aprendizagens significativas. Todas as experiências foram importantes para compreender a educadora que ambiciono ser, uma educadora que reflete, que ouve as crianças, que está disponível, que dá valor às particularidades de cada criança e que no final do dia, o seu objetivo é tornar o dia de cada criança especial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alter, A. & Weil, P. (2002). *O Universo a Terra, os Planetas, as estrelas, as galáxias*. Sintra: Marus Editor.
- Barros, M. & Palhares, P. (1997). *Emergência da Matemática no Jardim-de-infância*. Porto: Porto Editora.
- Bassedas, E., Huguet, T. & Solé, I. (1999). *Aprender e Ensinar na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Bender, L. (1989). *O Corpo Humano*. Londres: Edinter.
- Bergeron, M. (1982). *O Desenvolvimento Psicológico da Criança da Primeira Infância à Adolescência*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Binder, O. (1971). *A Lua*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Bingham, C. (1997). *O Corpo Humano a três dimensões*. Londres: Civilização Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bonavista, J. (2015). *À descoberta do Corpo Humano*. Porto Editora.
- Brasil, L. (1977). *Aplicações da teoria de Piaget ao ensino da matemática*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Brickman, N. & Taylor, L. (1991). *Aprendizagem Activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, J., & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Cole, B. (2011). *A mamã pôs um ovo*. Planeta Júnior.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Coutinho, C. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática 2ª Edição*. V.N. Famalicão: Almedina.
- Craidy, C. & Kaercher, G. (2001). *Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- DeVries, R. & Zan, B. (1998). *A Ética na Educação Infantil*. São Paulo: Artmed.
- Ferreira, L. (2015). *Projeto Educativo "De mãos dadas... Escola & Família"*. Leiria Centro Social Paroquial Paulo VI
- Fornari, G. (1993). *Atlas do Corpo Humano*. Londres: Civilização.
- Fortin, M. (2009). *O processo de investigação- da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

- Gesell, A. (1979). *A criança dos 0 aos 5 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gispert, C. (s/d). *Escola Ativa 2 - enciclopédia escolar*. Porto: Editorial Oceano.
- Grejniec, M. (2002). *A que sabe a lua*. Kalandraka.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. (1979). *A criança em ação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. P. (1987). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. (1992). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jablon, J. Dombro, A. & Dichtelmiller, M. (2009). *O Poder da Observação - do nascimento aos 8 anos*. São Paulo: Artmed.
- Lino, D. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância- construindo uma práxis de participação*. Porto : Porto Editora.
- Kamii, C. (1985). *A criança e o número*. Campinas: Papirus.
- Katz, L., Ruivo, J., Silva, M. & Vasconcelos, T. (1998). *Qualidade e Projeto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Marchand, P. (1997). *O Céu e os seus mistérios*. São Paulo: Editoriale Libreria.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moreira, D., & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no Jardim de Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Newson, L. (1997). *Understanding science ideas*. London: Collins Educacional.
- Niza, S. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância- construindo uma práxis de participação*. Porto : Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2008). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira, M. & Godinho, A. (2013). *Práticas Pedagógicas em Contextos de Participação e Criatividade*. Leiria: Folheto Edições.

- Papalia, D. & Olds, S. (1981). *O Mundo da Criança*. McGraw-Hill.
- Papalia, D. & Olds, S. (1998). *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Artmed.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw Hill.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2006). *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Artmed.
- Parente, C. (2012). *Observar e Escutar na Creche*. Porto: Universidade do Minho.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a Ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, M. (1992). *Didáctica das Ciências da Natureza*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, S. (2005). *Ciência a brincar descobre o céu*. Mafra: Editorial Bizancio.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creche - Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Domingos Sequeira, do triénio 2014/2017. Disponível in: HYPERLINK "http://www.aedsequeira.com/agrupamento/instrumentos-deautonomia/" <http://www.aedsequeira.com/agrupamento/instrumentos-deautonomia/>
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rigolet, S. (2006). *Organizar e Gerir Reuniões de Pais*. Porto: Porto Editora.
- Rizzo, G. (1989). *Educação Pré-Escolar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Sampaio, A., Xavier, A., Magalhães, C., Oliveira, D., Pacheco, D. & Mota, P., (2014). *Pedagogia da consideração pela criança - Inovar em educação de infância*. Porto: Positivagenda - Edições Periódicas e Multimédia, Lda.
- Samuel, M. (1996). *Tu e o Teu Corpo*. Rio de Mouro: Nova Presença.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, M. & Baptista, C. (2008). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Pactor.

- Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Pactor.
- Stott, C. (1999). *O Guia do astrónomo- Guia prático para as experiências técnicas de observação do céu*. Barcelos: Editora do Minho.
- Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A., Monteiro, S. & Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Vasconcelos, T. (s/d) *Trabalho por projeto na educação de infância*. Lisboa: Ministério da Educação .
- Walker, R. (s/d). *Atlas Juvenil do Corpo Humano*. Notícias editorial.
- Yin, R. (2010). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. São Paulo: Bookman.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

## ANEXOS

# ANEXO I: Reflexões em Contexto de Creche

## REFLEXÃO 1

### *REFLEXÃO DOS DIAS 21, 22 E 23 DE SETEMBRO*

No âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância – Creche, foi-me proposto a realização de uma reflexão relativamente aos acontecimentos da primeira semana, bem como das minhas expectativas e receios. Nesta prática pedagógica, foi-me atribuída uma Instituição Particular de Solidariedade Social, nomeadamente o [REDACTED], numa sala com um grupo de crianças de dois anos.

Assim que chegámos a esta instituição fomos desde logo bem recebidas. A educadora [REDACTED] deu-nos a conhecer as instalações e também algumas informações adicionais. Percebi que existe um grande espírito de família e que desde cedo nos tentaram fazer sentir parte dessa família. A educadora da sala do nosso grupo de crianças, educadora [REDACTED], foi também muito acessível connosco, mostrando-se pronta a ajudar-nos sempre que for necessário, e dando-nos liberdade para experimentarmos.

Relativamente a este contexto, as minhas expectativas são bastantes elevadas. Uma vez que nunca tive oportunidade de atuar nesta valência, considero que todos os momentos serão de importantes aprendizagens, que com certeza me serão extremamente úteis no meu futuro como educadora de infância. Por esta mesma razão, comecei esta prática bastante entusiasmada e com vontade de evoluir. No entanto, a falta de experiência da minha parte neste contexto deixou-me também bastante nervosa e inquieta.

Nunca tinha estado com crianças de dois anos e, por isso, o meu maior receio foi que não me conseguisse integrar no grupo de crianças, ou seja, que elas não me “aceitassem” e eu não conseguisse contornar esse obstáculo.

Fazendo uma retrospectiva sobre o dia em que estive presente na instituição, posso afirmar que a maior dificuldade foi o não conhecer as crianças e as suas individualidades, o que me impossibilitou uma maior aproximação às mesmas. De forma a ultrapassar esta dificuldade é de grande importância observar cada criança, as suas rotinas e particularidades, de modo a conhecê-las melhor.

Para realizar esta observação, eu e a minha colega optámos por construir alguns instrumentos de recolha de dados tais como listas de verificação, grelhas de observação e também através de observação participante. Estes instrumentos são muito importantes para nós uma vez que “*são construídos com o objetivo de revelar certos aspectos pertinentes de uma dada realidade, de outro modo não perceptíveis, com o fito de a estudar, de a diagnosticar e/ou d agir sobre ela*” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 113).

Para mim, foi muito importante a reflexão oral de quarta-feira com a Professora Alzira, pois podemos expor as situações que nos tinham acontecido e também fazer uma preparação para a semana seguinte.

Esta prática é o indicado para nós experimentarmos as nossas ideias e para encontrarmos o nosso estilo, pois receberemos sempre feedback, e é por esta razão que me sinto confiante para o futuro.

## **Bibliografia**

Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

---

## REFLEXÃO 4

### *REFLEXÃO DOS DIAS 12, 13 E 14 DE OUTUBRO*

Ao longo destes três dias de prática muitas foram as mudanças sentidas relativamente às semanas passadas. Sinto-me mais confiante e sinto também uma maior proximidade com as crianças. Acredito que este será um fator que de semana para semana irá melhorar pois com o tempo e com a convivência neste contexto vou-me sentindo sempre mais integrada e motivada. No entanto as dificuldades permanecem. Não fico desanimada com os problemas que vão surgindo, pois é a partir deles que eu vou realizando aprendizagens significativas que me ajudarão no meu futuro como educadora. Tenho noção que estou aqui para aprender, e isso implica não só os momentos bons mas também aqueles que correm menos bem, e graças a isso posso afirmar que nestas quatro semanas no “[REDACTED]” já aprendi muito e só por isso sinto-me já bastante realizada e feliz.

Durante estes dias, senti muita necessidade de cantar para as crianças, com o intuito de as acalmar, e isso requer que eu saiba muitas canções infantis, o que não acontece. Foi uma das minhas dificuldades, pois o introduzir uma música funciona quase como um elemento surpresa e o facto de eu saber poucas músicas dificulta esta minha acção. Para resolver esta questão, comecei logo na segunda-feira a pesquisar músicas para que no futuro tanto eu como a minha colega não fiquemos atrapalhadas na altura de lhes captar a atenção.

Tal como na semana passada, a minha maior dificuldade foi a de consegui captar a atenção ao grupo de crianças. Nem eu nem a minha colega temos ainda aquela experiência para lhes captar atenção, e tendo sido esta a nossa semana de intervir, por diversas vezes perdemos a atenção das crianças, precisando da ajuda da educadora ou das auxiliares para captar de novo esta atenção das crianças. Em conversa com a educadora, e também através da observação feita anteriormente, percebi que uma criança não tem um tempo de atenção muito elevado, especialmente se for na manta, onde esta não se consegue manter muito tempo sentada. Para tal, é necessário que estejamos constantemente a criar suspense e curiosidade na criança. Sabendo isto, na atividade das folhas de segunda-feira planeamos desde logo que a meio da atividade iríamos introduzir um elemento novo para que as crianças ficassem de novo curiosas. Com a agitação da atividade não introduzimos esse elemento a meio, mas introduzimos no final as cestas, e pude observar que resultou muito bem, pois as crianças que já se encontravam a dispersar encontraram um novo foco e dirigiram-se para ele. Foi uma das aprendizagens mais importantes para mim. Ainda na segunda-feira, á tarde, voltámos a usar a técnica de introduzir um elemento surpresa que resultou muito bem. A educadora não se encontrava na sala, e as auxiliares estavam a fazer a rotina da higiene com as crianças, ficando eu e a Leonor com o grupo de crianças. Sendo esta uma hora em que por norma as criança já se encontram mais agitadas porque vieram do lanche, e ainda por cima por estarem a ir à casa de banho ao mesmo tempo, nem eu nem a Leonor estávamos a conseguir captar a atenção das crianças. Elas brincavam, saltavam, corriam, e nós sem sabermos o que fazer. Estávamos a ficar já bastante aflitas pois nada resultava, nem falar com eles, nem cantar, nem pedir para se acalmarem, e foi então que nos lembrámos de introduzir um elemento novo. Assim, fui buscar uma tartaruga da sala e apareci como se fosse a tartaruga a falar, e logo de imediato todas as crianças se acalmaram e ficaram muito espantadas a ouvir a tartaruga. A partir daqui conseguimos captar-lhe a atenção, e foi para mim, uma grande vitória. Também na terça-feira optámos por esta técnica, tendo aparecido com uma caixa preta, de maneira a criar curiosidade na criança sobre o que estava dentro dele. Penso que foi algo da nossa planificação que resultou muito bem.

Na terça-feira, aprendi uma lição muito importante, que nunca me tinha debruçado sobre ela. Todas as crianças devem entrar no refeitório ao mesmo tempo. Digo isto pois houve uma situação, nomeadamente na ida para o lanche em que eu ia na frente do comboio, e as crianças que iam mais á frente descerem as escadas mais rápido que as outras. Eu deveria ter esperado que todas acabassem de descer para me dirigir para o refeitório, mas não o fiz. Não foi por mal, apenas nunca tinha ponderado sobre este assunto, e dei por mim no refeitório com as crianças que vinham à frente enquanto as outras ainda desciam as escadas. Percebi logo que tinha errado, e quando os restantes chegaram, a auxiliar veio-me avisar que nestas situações devemos esperar que todos desçam para que se possa entrar para o lanche em grupo. São estas pequenas situações que por vezes passam despercebidas mas são bastante importantes. Compreendi que errei e sei que não o voltarei a fazer.

Relativamente à planificação, senti muitas dificuldades nas intencionalidades educativas. Cometemos também alguns erros tal como não incluir os recursos humanos e materiais ou como fazer três planificações praticamente iguais. Sentimos maior dificuldade por ser a primeira, mas já tivemos em conta estes erros na realização da planificação da semana seguinte. Contudo, identifico-me com a estrutura da planificação que realizámos. Penso que se torna de fácil compreensão, pelo menos do meu ponto de vista.

No que diz respeito à nossa atuação penso que tivemos aspectos positivos e negativos. Como aspectos positivos saliento o facto de termos realizado com as crianças uma atividade que lhes proporcionou sensações de alegria e emoções. Senti prazer por parte das crianças durante a atividade das folhas. Conseguimos introduzir a atividade criando algum suspense e dando igual oportunidade às crianças. Perguntámos ao grupo o que achavam que estava dentro da caixa preta e demos oportunidade a todos que dessem a sua opinião. Durante a atividade nem todas as crianças reagiram da mesma forma, mas fomos incentivando e motivando, elogiando as suas acções. Para uma primeira intervenção sinto-me bastante satisfeita com o decorrido. Claro que durante todo o tempo fomos auxiliadas pela educadora, e devemos-lhe um enorme agradecimento por isso. Nos momentos em que começávamos a perder a atenção das crianças, a educadora intervia, ou até mesmo durante a atividade foi-nos dando dicas preciosas. O seu apoio foi fundamental e deu-me maior estabilidade em momentos de maior ansiedade.

Outro aspeto positivo é o facto de já estarmos um pouco mais introduzidas no acolhimento, recebendo as crianças quando chegam. Aqui, a Leonor destacou-se, tendo já recebido crianças sozinha o que é bastante bom. Sei que é um aspeto que mesmo não me sentindo ainda muito confiante para isso, tenho que melhorar, pois os pais devem sentir-se seguros sobre a pessoa a quem estão a deixar o filho. Segundo Portugal,

Para os pais, confiar o seu bebé a uma terceira pessoa não é um processo simples. Ao lado de momentos positivos, existem períodos difíceis, emoções complexas, dolorosas e frequentemente secretas: medo de perder um pouco o bebé, medo que este prefira a outra pessoa ou que este não se habitue a outros, frustração por não ser o primeiro a testemunhar as suas aquisições quotidianas, etc (Portugal, 1998, p. 190).

Como aspectos negativos saliento o facto de a atuação não decorrer como planeamos. Muitas das vezes acontece algo imprevisível, algo que uma criança faz ou diz que não estávamos à espera e em que ficamos um pouco sem saber o que fazer. Isto vai acontecer sempre, mas isto que foi a nossa primeira atuação ainda nos é difícil contornar este obstáculo. Mais uma vez, a ajuda da educadora nestas situações foi fundamental. No geral, esta semana proporcionou-me muitas aprendizagens e sensações novas. Chego ao fim feliz e motivada para mais uma semana.

Admito também que a ajuda da educadora contribui muito tanto para o sucesso das situações bem como para contornar outras situações. Além da sua ajuda durante os momentos com as crianças, valorizo muito as conversas que vamos tendo, tanto no momento da sesta bem como numa sala depois da hora de almoço. Estas conversas fazem-me sempre ver as coisas de uma maneira mais clara, dão-me imensa motivação e esclarecem-me sobre diversos tópicos. Sinto que é mesmo uma mais valia para a nossa aprendizagem e tento ao máximo absorver a sabedoria que ela nos transmite.

Além da educadora, também as auxiliares nos ajudam muito. Dão-nos muitas dicas de como fazer as coisas e têm sempre uma palavra de apoio, que para alguém como eu que está no início é um enorme incentivo.

Também as conversas que vou tendo com as minhas colegas são de extrema importância, pois vamos percebendo o que corre mal, porque corre mal, o que podemos fazer para evitar e para melhor, entre outros. Por último, e como forma de fazer uma última reflexão, a reunião com a professora Alzira ajuda-nos a esclarecer dúvidas e a compreender porque razão certas situações se passaram de determinada maneira.

## **Bibliografia**

Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creche - Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.

---

## **REFLEXÃO 3**

### *REFLEXÃO DOS DIAS 05, 06 E 07 DE OUTUBRO*

Durante estes três dias de intervenção o nosso objetivo já foi diferente do que o das semanas passadas. Anteriormente, o nosso maior objetivo era o de observar, recolhendo o maior número de dados e informações que fossem pertinentes para as nossas futuras intervenções, de modo a conhecermos o grupo, as suas rotinas e características. Esta semana o nosso objetivo foi o de apoiar a planificação da orientadora. No entanto, uma vez que nas duas primeiras semanas não nos limitámos a observar, tentando ser o mais participativas possíveis, acabamos também aí por dar algum apoio sempre que conseguíssemos à planificação da orientadora.

Assim, esta semana acabou por ser muito semelhante à semana passada no que diz respeito à nossa intervenção. Tentámos interagir com as crianças, integrar as suas rotinas e em algumas situações acabamos por ficar nós “encarregues” do grupo de crianças.

Na minha opinião, a nossa interação com as crianças esta semana, ocorreu de uma forma muito mais natural. Isto deve-se ao facto de as crianças já nos reconhecerem e começarem a aceitar-nos nas suas rotinas. Por algumas vezes, foram as próprias crianças a vir ter connosco, chamando-nos para mostrar algo ou para brincar, o que para mim é bastante positivo uma vez que anteriormente a interação com o grupo tinha que partir sempre da nossa parte. De todas as vezes que isto aconteceu, senti-me bastante feliz, pois sinto que cada vez confiam mais em nós.

No entanto, além desta interação ser maior, mais natural e partir da parte de ambas as partes, considero que ainda temos muita dificuldade em fazer com que as crianças nos respeitem e nos vejam como o líder. Digo isto porque, por diversas vezes, principalmente na área da manta, as crianças tiveram um comportamento com o intuito de nos testarem, e de cada vez que as advertíamos elas simplesmente não nos respeitavam.

Para mim, esta é uma grande dificuldade, pois vejo como eles com a educadora se acalmam de imediato, respeitando o que diz, e eu não consigo exercer esse efeito. Ainda estou muito no início, e sei que devo manter uma postura com eles para que entendam até onde podem ir comigo, devo ser assertiva, elogiá-los sempre que fazem bem e motivá-los. Com o passar do tempo, espero que me consiga impor, e que eles olhem para mim como um modelo, respeitando-me. Para isto, todos os momentos contribuem, e são esses momentos que tenho tentando utilizar para criar essa relação. Houve uma situação em que uma criança começou a chorar por ser eu a deitá-la e a mudar a fralda, querendo claramente que fosse a educadora e testando-me. A minha primeira reacção foi de pânico, pois a criança chorava muito e eu também não a queria fazer sofrer, mas tal como a educadora me disse, eu tinha que levar aquela situação até ao fim, mostrando à criança que eu era sua amiga e só queria o seu bem. Se eu tivesse desistido, muito provavelmente numa próxima situação a criança voltaria a chorar e desta forma ela compreendeu e aceitou. Foi um momento muito importante para mim, pois mostrou-me que ir sempre até ao fim é o mais benéfico tanto para mim como para a criança.

Na quarta-feira foi quando senti maiores dificuldades, uma vez que estava sem voz. Esta incapacidade de falar prejudicou muito a minha interacção com as crianças, pois muitas das vezes não me conseguia dirigir a elas, e quando dirigia, notei que elas estranhavam a voz rouca e ficavam desconfiadas. Tentei ao máximo manter a minha postura de todos os outros dias, mas foi bastante complicado. Tenho medo que em algum dia de intervenção volte a ficar sem voz, pois a voz é o meu instrumento de comunicação e sem ela torna-se muito complicado conseguir intervir, ainda por cima quando não domino muitas técnicas de interagir com o grupo.

Ao longo desta semana, compreendi e observei ainda mais a importância dos momentos de transição. Nestes momentos, a educadora pretende que as crianças depois de um momento de maior agitação retornem à calma, utilizando para isso uma canção, um objeto que apareça nesse momento entre outras técnicas. Esta semana presenciei uma muito engraçada que me agradou muito. Com o intuito de acalmar o grupo, a educadora fez uma magia com as crianças em que todos juntos diziam “zusca zusca salamadrusca”. Gostei particularmente deste momento pois as crianças estavam bastante agitadas e com isto ficaram de novo atentas. Outro momento que me agradou muito aconteceu no salão enquanto decorria a atividade da terra no exterior. As crianças brincavam no salão e eu pensei em brincar com elas, então comecei a correr atrás delas. Isto resultou muito bem, pois logo de seguida já tinha grande parte do grupo a correr comigo, a apanhar-me, a abraçar-me e a pedir para que as pegasse ao colo e as fizesse voar. Foi talvez o momento onde senti maior ligação com as crianças e foi também aquele onde me senti mais feliz, e senti que podia ficar o dia todo ali com elas. Foi um momento de muita energia e muito divertido, e notei que foi a partir daí que as crianças começaram a vir mais à minha procura.

Durante esta semana, realizámos um trabalho sobre o desenvolvimento das crianças desta faixa etária, o que já nos ajudou bastante tanto para fazer as planificações mas também para a interacção com elas e para perceber o que é específico de cada idade. Para conseguirmos proporcionar às crianças uma boa aprendizagem devemos ter em conta os vários domínios do desenvolvimento da criança, como o desenvolvimento sócio-afetivo, o motor e o cognitivo. Segundo Papalia & Feldman (2012):

O crescimento do corpo e do cérebro, as capacidades sensoriais, as habilidades motoras e a saúde fazem parte do desenvolvimento físico. Aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento raciocínio e criatividade compõem o desenvolvimento cognitivo. Emoções, personalidade e relações sociais são aspectos do desenvolvimento psicossocial (Papalia&Feldman, 2012, p.37).

Outro aspecto que valorizo, são as reflexões que vamos fazendo com a educadora, que nos esclarece sempre e menciona aspectos muito importantes, mantendo-nos em constante aprendizagem. Penso que não há melhor maneira de aprender do que ouvir alguém que já tem muitos anos de experiência e que já está habituada às situações. Também as reuniões com a Professora Alzira nos são extremamente úteis, pois faz-nos pensar e questionar sobre aspectos que por vezes deixamos passar.

Foi mais uma semana de aprendizagens significativas, úteis para o futuro.

## **Bibliografia**

Papalia, D., & Feldman, R. (2012). *O Desenvolvimento Humano*. McGraw Hill.

---

## REFLEXÃO 9

### *REFLEXÃO DOS DIAS 16, 17 E 18 DE NOVEMBRO*

Esta semana ficou marcada por ter sido a minha vez de intervir e também por ter sido a primeira vez em que tinha como objetivo orientar todas as situações, desde o acolhimento, à atividade orientada, bem como ao adormecer as crianças. Foi uma semana bastante positiva para mim, onde me deparei com diversas situações que me proporcionaram momentos de aprendizagens significativas, importantes para o meu desenvolvimento como futura educadora. Posso dizer que senti muitas dificuldades, mas fazendo um balanço do que sucedeu esta semana, sinto-me bastante feliz por ter tido a oportunidade de passar por estes momentos. Cada semana que passa sinto mais a importância desta prática pedagógica, e sinto, como temos crescido como profissionais.

Tal como referi a semana passada, a partir deste momento a nossa presença nas rotinas da sala será mais presente, tendo já começado a semana passada com a Leonor. No entanto, só esta semana, tendo sido eu a intervir, consegui compreender as responsabilidades que advém desta situação e das dificuldades. Uma grande diferença das outras semanas para esta foi que agora só eu que tenho a responsabilidade de acolher as crianças quando chegam, falar com os pais, fazê-las sentir-se bem-vindas, arrumar as suas mochilas, ver se têm babetes e fraldas no seu interior, levar as crianças à casa de banho. Fazer este papel com todas as crianças e tentar ainda implementar as estratégias pensadas na planificação, foi bastante difícil. É necessário da minha parte que haja uma enorme flexibilidade, ou seja, tenho que conseguir dar resposta a todas as situações sozinhas, pelo menos é isso o pretendido. Nem sempre foi fácil fazê-lo pois por vezes parecia que as mãos não chegavam. No entanto, ao longo dos dias, fui entrando mais na rotina e começou a ser mais fácil contornar os obstáculos, principalmente no que diz respeito ao arrumar as malas, as fraldas, babetes, águas e levá-los à casa de banho. Na segunda-feira, não consegui levar todas as crianças à casa de banho, tendo tido a ajuda da Leonor e da Educadora, mas na quarta-feira, já consegui ser eu a levar as crianças quase todas à casa de banho. Relativamente ao receber as crianças dos pais nem sempre foi fácil, primeiro porque a início ainda sentia algum medo, mas depois também porque senti que alguns pais não têm confiança em deixar comigo a criança. Percebi que devia deixar o meu medo de lado e tentei reagir com a maior naturalidade, e isso facilitou-me para que na quarta-feira este acolhimento tenha sido mais fácil para mim. Houve no entanto pais que preferiram que fosse a educadora a receber as crianças ou que mostraram alguma reticência comigo, algo que considero perfeitamente normal. Sei no entanto, que devo tentar ir conquistando os pais para que se torne mais fácil este momento. Também algumas crianças demonstraram alguma dificuldade em ser acolhidas por mim, mas com alguma conversa e algum mimo penso que consegui resolver as situações. Ainda no acolhimento houve ainda uma situação bastante importante. Uma criança começou a chorar quando tentei arranjar a água que trazia de casa, não me deixando arranjá-la. Tentei acalmá-lo durante algum tempo mas não resultou. Em outras semanas, a educadora teria intervindo de modo a acalmar a criança, mas esta semana aconselhou-me a que fosse eu a levar aquela “luta” até ao fim para que a criança compreendesse até onde pode ir comigo e que sou uma figura que deve ouvir, tal como à educadora ou às auxiliares. Foi bastante difícil para mim uma vez que a criança demonstrou muita resistência, mas passado algum tempo a criança compreendeu tendo sido uma vitória para mim. Estes são momentos bastante importantes pois é aqui que marcamos a nossa posição.

Esta semana ficou também marcada pela introdução do quadro de presenças na segunda-feira. Tentei criar algum suspense para que as crianças ficassem interessadas no momento. Penso que as crianças compreenderam a funcionalidade do quadro e que é uma mais valia para a sala, pois assim o grupo pode ter sempre noção de quem está na sala e de quem está a faltar, promovendo o desenvolvimento da noção do eu e do outro. Devido à presença do quadro de presenças foi necessário alterar a disposição da manta para que as crianças não estivessem de costas para o quadro. Inicialmente optámos que a introdução da presença no quadro de presenças seria feita à medida que íamos cantando a canção do bom dia, e como tal, na terça-feira foi este o nosso método. No entanto, depois de uma breve reflexão sobre como tinha corrido a intervenção, eu e a Leonor achámos que daquela forma perdia-se um pouco a dinâmica do bom dia, e que as crianças acabam muitas vezes por nem dizer o bom dia pois estavam só à espera do momento em que eram chamadas para colocar a sua foto no quadro. Assim, decidimos que na quarta-feira iríamos optar por outro método, em que primeiro cantava-se a canção do bom dia e só depois se fazia um momento para que todas as crianças pudessem ir colocar a sua foto no quadro. Agora, acho que a maneira que melhor resulta é a de quarta-feira, pois assim não se retira o espaço do bom dia, que tem muita importância, e faz-se de seguida, de uma forma mais calma, a marcação das presenças.

Relativamente aos momentos na manta, sinto ainda uma grande dificuldade em conseguir captar a atenção do grupo durante maiores períodos de tempo. Também me é difícil chamar as crianças para que venham para a manta. Em intervenções futuras devo tentar introduzir uma música nestes momentos. Também aqui tive um momento de grande importância com uma criança. Por muito que eu lhe dissesse que deveria estar sentado, a criança não o fazia, deitando-se e desafiando-me. Mais uma vez a educadora incentivou-me a resolver aquela situação sozinha, e como tal, retirei a criança do grupo que se encontrava na manta e levei-o para ao pé da porta onde o sentei e expliquei que devia permanecer ali até eu lhe dizer, e que só o chamaria quando estivesse sentado. Deixei-o ali durante algum tempo, e chamei-o. A partir desse momento aquela criança começou a ouvir o que eu lhe dizia, e por algumas vezes, quando eu o chamava ela sabia que se devia sentar. Estes momentos são importantes pois para eu conseguir com que o grupo me ouça e respeite o que lhes digo, tenho que criar uma relação com eles, em que eles entendam até que ponto podem ir.

No que diz respeito à atividade orientada, esta não correu como o esperado. As crianças mostraram mais interesse em “encher” e “esvaziar” as garrafas do que propriamente em perceber o som que as mesmas faziam com os diversos elementos. Diversas crianças desconstruíram o instrumento depois de colocarem lá dentro o elemento escolhido. Apenas três crianças conseguiram por elas próprias descobrir o som que a garrafa fazia com a massa, o milho ou as pedras. Foi assim uma atividade que não correu como o planejado uma vez que as crianças mostraram interesse noutros aspectos. Mais uma vez, percebemos a importância de não condicionar a ação das crianças, deixando-as explorar, e que o mais importante é que a criança faça uma aprendizagem ativa.

Desde o nascimento que os bebés e as crianças aprendem ativamente. Através das relações que estabelecem com as pessoas e das explorações dos materiais do seu mundo imediato, descobrem como se não-de deslocar; como segurar e agir sobre objectos; e como comunicar e interagir com os pais, familiares, pares e educadores. Como aprendizes ativos, os bebés e as crianças observam, alcançam e agarram pessoas e materiais que especialmente atraem a sua atenção (Post & Hohmann, 2011, p.11).

Uma outra situação bastante importante para nós ocorreu na quarta-feira na hora da sesta. Desde a hora de almoço que nos encontrávamos com menos uma auxiliar, na hora da sesta a educadora teve que se ausentar. Quando chegou a hora de a outra auxiliar se ausentar, ficámos apenas nós as duas com o grupo todo, e neste momento ainda todas as crianças se encontravam acordadas e bastante agitadas. Foi um momento bastante difícil para nós, e por momentos pensei que não fossemos conseguir. Tentámos cantar música para os acalmar e foi notório que por terem ficado apenas conosco as crianças se agitaram ainda mais. As músicas não resultaram, e estávamos constantemente a saltar de criança em criança tentando fazer com que se acalmasse. Com o passar do tempo as crianças começaram a adormecer e quando a educadora chegou já todas as crianças se encontravam a dormir. Foi a primeira vez que tivemos uma situação assim. Sei que foi bastante difícil, mas sei também que foi uma enorme aprendizagem para nós, e posso afirmar, que no final me sentia bastante feliz por o termos conseguido fazer. As aprendizagens mais significativas advêm sempre dos momentos de maior dificuldade.

Esta semana preparamos ainda uma outra surpresa para as crianças. Escolhemos várias fotos de todas as actividades que realizamos com as crianças, imprimimos e colocámo-las na sala, acompanhadas de um texto direccionado às crianças, onde dizemos o que temos sentido ao longo desta prática. Esta exposição foi feita com as crianças. Com o auxílio da educadora, mostrei as fotos às crianças, para que elas se pudessem ver e só depois as coloquei no placard. Decidimos fazer assim pois considerámos ser importante que as crianças vejam e que façam parte daquele momento. Aqui, estavam curiosas e bastante contentes por se verem nas fotos.

Com esta semana posso afirmar que as dificuldades começam a deixar de o ser. Este tipo de intervenção mais ativo proporciona-nos momentos bastante ricos, em que mediamos conflitos e em que temos que nos impor. De outra maneira não o conseguiríamos fazer. Foi sem dúvida, a semana em que senti mais dificuldades mas também maior evolução. Na segunda-feira foi-me bastante difícil orientar o momento em que as crianças acordam da sesta, pois não as conseguia manter calmas e serenas, mas com o passar dos dias, comecei a sentir-me mais solta e mais à vontade e sinto que este momento fluiu de uma forma mais natural, em que as crianças já acordadas iam ficando sentadas ao pé de mim enquanto eu cantava uma canção, as calçava e penteava os cabelos. A escolha da canção nem sempre foi a mais acertada, uma vez que devia ter em atenção o momento que era e escolher uma canção adequada, mas devido à minha falta de reportório, ia cantando todas as músicas que conhecia.

É também central que os materiais pedagógicos transportem mensagens e criem oportunidades, sejam responsivos às diferenças, às motivações, aos ritmos, a cada identidade e ao grupo. Neste sentido, os livros, brinquedos, jogos, músicas ou canções deverão ser cuidadosamente escolhidos, de forma a serem responsivos à pluralidade de experiências que se deseja que a criança possa viver (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 17).

Foi sem dúvida uma semana bastante positiva para mim como interveniente. A Leonor manteve-se sempre disponível para me ajudar sempre que necessitasse. Sendo uma semana em que teve um papel mais de auxiliar acho que conseguiu colocar em práticas as estratégias planificadas por nós.

### **Bibliografia**

Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

---

## **REFLEXÃO 13**

### *REFLEXÃO DOS DIAS 14, 15 E 16 DE DEZEMBRO*

Esta semana ficou marcada por ter sido a minha vez de intervir. Ficou também marcada por ser a nossa última semana de intervenção antes do Natal, época essa que se festejou ao longo de toda a semana, nomeadamente na preparação para a festa de Natal que se realizou na sexta-feira. Senti alguma agitação, talvez por a festa se aproximar, e também eu me senti mais ansiosa.

Ao longo desta semana as crianças fizeram o presente para levar para casa. A educadora já tinha iniciado com o grupo na semana anterior e como tal, na segunda-feira não fiz uma introdução mas sim relembrei ao grupo o que tinham feito na semana anterior e que esta semana as crianças que ainda não tinham tido oportunidade de o fazer o iriam fazer. Senti que as crianças estavam muito felizes na construção do seu presente, sendo por isso algo prazeroso para elas, o que torna a atividade muito mais significativa para a mesma, uma vez que assim, em casa, provavelmente falará sobre ela. Tentei fazer o planeado na nossa planificação, e penso que correu bem uma vez que as crianças estavam bastante empenhadas e a demonstrar muito interesse, como foi o caso do [REDACTED], que muito concentrado rasgou o jornal e posteriormente o colou no cartão. Foi bastante interessante notar como todas as crianças demonstravam interesse na atividade até esta estar finalizada.

Algo que foi diferente e novo estes dias foi que em todos os eles nos dirigimos ao palco para ensaiar a música de Natal. Nestes momentos era a educadora quem orientava as crianças, uma vez que no dia de Natal não iríamos estar no palco, mas mesmo assim senti uma enorme responsabilidade uma vez que se trata de um sítio diferente e as crianças ficam muito entusiasmadas e agitadas. Tentei estar sempre muito atenta para que nenhuma caísse do palco, e tentei também incentivá-las a dançar. Algumas crianças demonstravam algum receio quando a música começava precisando de algum incentivo. Todos estes momentos foram de enorme valor para mim pois poder presenciar momentos fora do habitual da rotina do grupo é algo bastante importante, pois um dia, também nós temos que estar preparadas para estes momentos. Sentir esta felicidade nas crianças e poder vivenciar estes momentos com elas foi algo que gostei muito.

Relativamente à minha intervenção, esta semana ficou marcada por grandes dificuldades da minha parte. Na segunda-feira, senti muita dificuldade no acolhimento, uma vez que as crianças ficavam sempre receosas com a minha presença. Na terça e quarta-feira o acolhimento já decorreu de forma mais natural, o que me faz pensar que na segunda as crianças podem ter tido aquela reacção por ser o início da semana. Outra grande dificuldade, que tem sido recorrente desde o início, é o conseguir captar a atenção do grupo. Na segunda-feira, na manta, senti muitas dificuldades, podendo mesmo dizer que me perdi no que estava a fazer. Estavam já muitas crianças na manta, e ao mesmo tempo iam chegando as restantes. Neste entra e sai instalou-se na sala algum barulho e as crianças estavam curiosas com o que se passava na porta. Tentei por diversas vezes chamá-las à atenção, dizendo o seu nome ou pedindo para estarem sentados, mas devido ao seu estado de grande agitação poucas eram as crianças que me ouviam. Tentei também aproximar-me das mais agitadas, conversando com elas de modo a acalmar-se, mas com isto, colocava-me de costas para as restantes que perdiam de novo a atenção. Foi um momento de grande dificuldade para mim que não consegui ultrapassar. Devido a esta situação, não terminei o quadro das presenças. Foi uma escolha minha que na altura achei a mais acertada. Ainda ia a meio do quadro e as crianças que já tinham colocado a sua foto estavam completamente distraídas. Senti que não conseguia controlar o grupo até ao fim deste momento e que necessitava de fazer uma transição de modo a captar-lhes a atenção. No entanto, sabia que ao fazer isto várias crianças não iam colocar a sua fotografia no quadro e estaria a quebrar uma rotina importante para eles. Pensei durante alguns segundos, sabendo da importância da rotina, mas por fim, acabei por fazer a

transição. Na minha opinião tomei a decisão certa pois se prolongasse aquele momento não iria conseguir orientar o grupo, e assim, votei a captar-lhes a atenção com algo de diferente.

Nos restantes momentos do dia penso que consegui orientar devidamente o grupo, conforme o planeado e contornando as situações que aparecessem.

Outro aspeto muito importante esta semana foi o facto de termos estado presentes na festa de Natal. Na sexta-feira, ajudámos em tudo o que foi necessário na preparação para o espectáculo. Este dia foi muito importante pois podemos vivenciar com as crianças este momento e também podemos conversar um pouco mais com alguns pais o que é sempre positivo. Houve uma mãe em particular, a mãe dos gémeos, que esteve um bom bocado a conversar connosco, perguntando-nos sobre como os filhos se portam e contando coisas sobre eles. Senti que a mãe estava muito à vontade connosco e estava feliz ao ouvir-nos contar o que os filhos fazem. Todos estes momentos servem para construir uma boa relação com os pais, o que é muito importante pois, segundo Portugal,

Para os pais, confiar o seu bebé a uma terceira pessoa não é um processo simples. Ao lado de momentos positivos, existem períodos difíceis, emoções complexas, dolorosas e frequentemente secretas: medo de perder um pouco o bebé, medo que este prefira a outra pessoa ou que este não se habitue a outros, frustração por não ser o primeiro a testemunhar as suas aquisições quotidianas, etc (Portugal, 1998, p. 190).

Foi uma semana com diferentes aprendizagens mas sempre importantes.

### **Bibliografia**

Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creche - Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.

---

## **REFLEXÃO 6**

### *REFLEXÃO DOS DIAS 26, 27 E 28 DE OUTUBRO*

Esta semana ficou marcada por ter sido a primeira intervenção da Leonor. Da minha parte, auxiliiei em tudo o que foi necessário, dando sempre maior espaço à Leonor para a sua intervenção. Não estando eu no papel de intervir senti-me menos nervosa em comparação com a semana passada, o que beneficiou a minha relação com as crianças. De semana para semana sinto-me mais próxima do grupo. Quando chegam de manhã, algumas das crianças já se dirigem a mim para me abraçar, durante o dia já sentem necessidade de me pedir ajuda ou de mostrar algo, e ao final do dia já me dizem adeus com bastante entusiasmo. Fico bastante feliz por sentir que gradualmente, estamos a conseguir integrar-nos nas rotinas das crianças e conseguimos fazê-las confiar em nós. Posso afirmar, que para mim, estes momentos em me sinto próxima das crianças são recompensadores e dão-me ainda mais motivação.

Relativamente a esta semana, uma das minhas maiores dificuldades foi o compreender até que pode deveria de intervir sem prejudicar a Leonor. Sendo a sua vez de intervir não me quis de maneira nenhuma sobrepor a ela, no entanto, também não pretendia ficar de lado sem ajudar. Foi por isso uma grande dificuldade para mim perceber até onde poderia ir, o que me competia a mim. Um exemplo desta situação foi na atividade orientada que consistia em enfeitar os saquinhos do bolinho. Deixei a Leonor intervir auxiliando apenas nos pequenos pormenores como ir buscar papel, tirar as fotos e registar o desempenho da criança, no entanto, em algumas situações senti que poderia ter intervindo mais pois sentia-me só a “olhar”. É-me ainda difícil compreender até que ponto devo ir.

Em relação à intervenção da Leonor, considero que foi uma semana muito positiva. Consegui captar a atenção das crianças em alguns momentos difíceis, contornou situações que lhe surgiram de forma calma, manteve uma postura assertiva e conseguiu orientar as diferentes rotinas. Esta parte de orientar as rotinas é muito importante, pois assim transmitimos maior segurança à criança. Sinto que de dia para dia compreendo melhor a importância das rotinas e lhes dou cada vez mais atenção. Segundo Zabalza (1998),

As rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido, e, ainda, substituem a incerteza do futuro (principalmente em relação às crianças com dificuldade para construir um esquema temporal de médio prazo) por um esquema fácil de assumir (Zabalza, 1998, p. 52).

Ao longo desta semana pude constatar que o vocabulário das crianças está a aumentar. Começam a reconhecer novas palavras e a associá-las. Muitas das crianças estão a adquirir vocabulário novo e a utilizá-lo, especialmente durante a atividade orientada. Este é um momento onde se verifica que as crianças adquirem com facilidade vocabulário, desenvolvendo a linguagem. Segundo Garrison, Kingston & Bernard (1971), “a linguagem é elemento essencial para participar da vida social, veículo para a auto-realização,

*expressão e comunicação, instrumento para ordenação dos processos mentais*” (Garrison, Kingston & Bernard, 1971, p. 184).

Durante a atividade, foi bastante interessante notar como as crianças já demonstram o seu interesse muito através da linguagem. Temos o exemplo da Matilde Iria, que quando a Leonor lhe perguntou para que servia o saco ela respondeu “é para por o bolo”. Houve muito a utilização do “aqui”, “aqui não” e “ali” para dizerem em que sitio queriam colocar o enfeite, o “este”, “este aqui”, “este também” e “mais” para escolherem os enfeites que queriam utilizar. Houve no entanto uma criança que se destacou neste sentido da verbalização, criando frases mais complexas que as outras, como por exemplo: “não é para pôr todos”, “Vai ficar todos”, “Agora são faltam colar estas”, “só faltam estas”, “toma lá”, “Aqui em baixo”, “uma, duas, três”, entre muitas outras. Esta criança demonstra já um desenvolvimento da linguagem bastante grande. Um estudo realizado por Madorah Smith registou a existência de firmeza e constante crescimento do vocabulário ao longo do crescimento da criança. Neste estudo, o número médio de palavras faladas para os dezoito meses foi de 22 palavras enquanto que aos dois anos o número médio de palavras faladas é de 272 palavras. (Garrison, Kingston & Bernard, 1971, p. 191).

No que diz respeito à planificação, continuamos com dificuldades nas intencionalidades. No entanto, identifiquei-me com o tipo de planificação por nós feita e considero-a um elemento importante para que a intervenção seja um sucesso.

Um aspeto bastante positivo para nós esta semana foi o podermos assistir à reunião de pais, dando-nos assim uma ideia daquilo que no futuro nos espera.

### **Bibliografia**

Garrison, K. C., Kingston, A. J., & Bernard, H. W. (1971). *Psicologia da Criança - Estudo Geral e Meticuloso do Desenvolvimento e da Socialização*. São Paulo: IBRASA.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

---

## **REFLEXÃO 8**

### *REFLEXÃO DOS DIAS 9, 10 E 11 DE NOVEMBRO*

Durante esta semana foi a vez de a Leonor intervir sendo o meu papel de auxiliar sempre que necessário. Foi uma semana marcada por uma saída à rua dos peixinhos, nomeadamente para ir comprar castanhas. Esta semana ficou também marcada pelo facto de ter havido uma mudança no nosso papel como intervenientes. Começámos a ter um papel mais ativo, competindo a quem intervém realizar todas as situações que competem à educadora, como receber as crianças durante o acolhimento, promover a calma durante o repouso, entre muitas outras situações.

Esta mudança deveu-se principalmente à Professora Alzira, que considerou que devíamos mudar de patamar. Para mim, foi uma decisão acertada pois já estávamos dentro do mesmo registo à algumas semanas, e desta forma iremos colocar-nos à prova, o que será benéfico para nós e para que tenhamos aprendizagens mais significativas. A princípio esta ideia assustou-me, uma vez que ainda não me sinto capaz de orientar o grupo sozinha, o que significa que orientá-lo durante todo o dia será uma dificuldade acrescida para mim, mas só assim, e cometendo erros, poderei compreender melhor a dinâmica e as estratégias que devo utilizar para conseguir captar o grupo. Ainda não pus isto em prática, mas pude observar a Leonor e notei que sentiu algumas dificuldades, o que considero normal uma vez que se trata de uma mudança no nosso registo. No primeiro dia, em que ainda não tínhamos este papel de intervir em todos os momentos, senti que a Leonor conseguiu captar bastante bem a atenção do grupo, não deixando a sua atenção dispersar. Com a atividade realizada, a exploração do ouriço e das castanhas, ela conseguiu criar situações de aprendizagem para todas as crianças e foi muito positivo observar como todas estavam interessadas na atividade. Do meu ponto de vista, a Leonor tentou sempre colocar em prática o que tinha sido planificado. No acolhimento reparei que por diversas vezes ela tentou promover interação entre pares, nomeadamente na área dos puzzles, e tentou promover o desenvolvimento do sentido de lógica e orientação. Também eu tentei colocar em prática a nossa planificação, utilizando as estratégias previstas como utilizar palavras de incentivo tais como “boa”, “estás a ir muito bem” ou “vê com atenção, secalhar essa peça encaixa noutra lugar”. Também no acolhimento tentámos criar um ambiente bom quando as crianças chegavam, fazendo-as sentir seguras para ali ficarem. Devemos batalhar muito neste sentido, de proporcionar uma boa receção à criança quando chega à sala pois,

na hora da chegada, as boas vindas calorosas e descontraídas por parte dos educadores ajudam os bebés e as crianças a terem a certeza de que, mesmo que os pais tenham de se ausentar, eles estão nas mãos de pessoas em quem poderão confiar e que os irão respeitar e deixá-los em segurança até que os pais os venham buscar (Post & Hohmann, 2011 ,p.210).

No que diz respeito à reunião na manta, tivemos como intenção promover o ambiente sócio-moral da sala em que as crianças deviam conseguir esperar pela sua vez para beber água. Neste ponto, sinto que houve uma evolução, uma vez que na segunda-feira as crianças não esperavam pela sua vez para beber água, levantando-se, enquanto que na quarta-feira a grande maioria das crianças já compreendia que devia esperar até que o seu nome fosse chamado. Foi uma intencionalidade que aliada às suas estratégias foi bem sucedida. No momento da higiene, senti alguma dificuldade em conseguir colocar em prática as estratégias planificadas uma vez que na grande maioria das vezes não estava presente na casa de banho neste momento. Relativamente à Leonor, neste ponto, não consegui perceber se o consegui implementar ou não pois nunca estive com ela neste momento, estando cada uma a moderar uma situação diferente, ou na sala dos filmes ou no corredor.

No momento do almoço, por diversas vezes reparei que a Leonor tinha a preocupação de tentar mostrar às crianças que não devemos deitar a comida para fora do prato, dizendo “a nossa comida deve estar dentro do prato” e “se deitarmos para fora vamos estar a desperdiçar”. Sinto que durante toda a semana tanto eu como a ela tentámos colocar em prática as estratégias previamente pensadas, o que considero bastante positivo da nossa parte.

Um aspeto menos positivo esta semana foi a saída à rua. Não porque tenha corrido mal, mas pelo facto de nem eu nem a Leonor nos sentirmos muito à vontade nesta situação. Foi um momento de enorme responsabilidade em que era preciso uma flexibilidade muito grande. Aqui, o auxílio da educadora para que tudo corresse bem foi crucial. Não consegui promover conversas com as crianças sobre o que as rodeava, pois estava bastante preocupada em que nenhuma criança fugisse ou caísse. Foi, no entanto, uma experiência que adorei, pois ver as crianças tão felizes e animadas deixou-me a mim muito feliz.

A quarta-feira, dia em que se iniciou a nova etapa da nossa prática, ficou também marcada por ter sido a primeira vez que eu e a Leonor nos separamos, tendo ficado ela na sala dirigindo a atividade, e eu no parque exterior com as restantes crianças. Desde o início temos ficado as duas no momento da atividade, mas como futuras educadoras, devemos estar preparadas para todas as situações, e isso implica que também tenhamos a experiência de orientar uma atividade sozinhas, tirando as fotos e os desempenhos. Algo a que também nos devemos habituar é a estarmos com o grupo todo. Assim, tendo ficado no parque pude experienciar situações diferentes, em que tive que mediar conflitos relacionados com quem ficava com determinado brinquedo ou por exemplo com crianças que se aleijaram. Também a relação com as auxiliares é muito importante, e o saber trabalhar em conjunto com elas, e para esta relação, este momento no exterior foi também muito importante. Considero que são estes aspectos novos que vamos introduzindo que nos proporcionam aprendizagens significativas.

Durante esta semana, tomei consciência de algo bastante importante: brincar é aprender. Segundo Martins, 1997, “*a educação terá que ser sempre em criatividade. Só no viver criativo é possível a comunicação e só se comunica quando se está com...e/ou próximo de...*” (Martins, 1997, p.233). Cada vez mais compreendo que é através da brincadeira que as crianças aprendem, como foi o caso da atividade da exploração da água realizada na quarta-feira. As crianças tiram partido da brincadeira e realizam aprendizagens. Através de actividades como esta, ou como a de segunda-feira, exploração de ouriços e castanhas, as crianças desenvolvem não só a linguagem mas também noções matemáticas. Durante a semana, em momentos como o acolhimento, foi também possível observar as noções matemática que as crianças já possuem, como a realização de sequências e padrões. As crianças da sala dos peixinhos encontram-se numa fase em que, constroem ativamente o conhecimento matemático ao interagirem com o ambiente físico e social e ao pensarem sobre estas interações. As crianças resolvem problemas e alcançam a compreensão dos processos que usam e por que os usam. Como resultado de suas acções matemáticas sobre os objectos, elas criam esquemas de ordem matemática que descobrem (Spodek & Saracho, 1998, p.304).

Relativamente à planificação, esta semana, em conversa conjunta com as educadoras e o outro grupo, optámos por construir uma em que para cada momento tivéssemos algum aspeto em que nos quiséssemos focar, e apenas planificámos as estratégias e a intencionalidade desse aspeto. Na minha opinião foi uma boa ideia, pois assim, em cada momento, tentámos pôr em prática o que havia sido planificado. O sucesso desta planificação foi maior do que as planificações anteriores.

## **Bibliografia**

- Martins, M. (1997). *X Colóquio de Psicologia e Educação*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebês em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artmed
- 

## **REFLEXÃO 14**

### *REFLEXÃO DOS DIAS 4, 5 E 6 DE JANEIRO*

Esta semana ficou marcada por ter sido a vez da Leonor intervir. Estava bastante receosa uma vez que não vimos as crianças durante duas semanas, devido à nossa interrupção, o que pode fazer diferença. Pensei que elas se pudessem ter esquecido um pouco de nós e tivessem medo de se aproximar, o que não aconteceu. Pelo contrário, as crianças esta semana estavam bastante felizes, talvez por voltarem à escola e voltarem a ver os amigos, e como tal o nosso papel também saiu facilitado. Nomeadamente no acolhimento, senti que a Leonor conseguiu acolher a grande maioria das crianças sem existir medo da parte delas.

No que diz respeito à nossa planificação, tentámos colocar em prática as nossas estratégias, e penso que a maior parte das vezes o conseguimos fazer. No entanto, em conversa com a educadora, compreendemos que a planificação que vínhamos a fazer há algum tempo não se tornava algo útil a ser utilizado por nós. Em primeiro lugar, as intencionalidades e as estratégias devem estar em concordância, pois se temos uma intencionalidade devemos sempre ter estratégias para ela, o que por muitas vezes não acontecia nas nossas planificações. Na prática realizamos essas estratégias mas elas não estavam explícitas na nossa planificação, e esse foi um ponto que a educadora achou por bem melhorarmos. A educadora [REDACTED], esclareceu-nos também sobre algumas dúvidas que vínhamos a demonstrar desde o início, nomeadamente a que desenvolvimento pertenciam certas intencionalidades. Penso que estas conversas com a educadora nos auxiliaram muito, e nos deram uma visão mais acertada daquilo que é necessário que a planificação contenha. Com base no que foi discutido, esta semana eu e a Leonor optámos por fazer uma planificação completamente nova, respeitando os pontos falados. Posso afirmar que desta forma sentimos muito mais necessidade de pensar sobre o que queremos induzir nas crianças, qual a intencionalidade e as estratégias que vamos utilizar para tal. Desta forma a planificação torna-se um instrumento útil para nós, que faz mais sentido. Foi um aspeto positivo esta semana, pela qual batalhámos muito.

Sobre a intervenção da Leonor, sinto que existe uma grande evolução desde o início das nossas intervenções. No momento do acolhimento sinto um grande à vontade por parte da Leonor ao receber as crianças aos pais e sinto também que demonstra uma grande flexibilidade, pois consegue ir acolhendo crianças, arrumando os seus pertences, levá-las à casa de banho e auxilia-las nas suas brincadeiras de forma muito natural. Ao longo do dia consegue controlar bem os tempos, respeitando-os, e orienta o grupo nas transições sem que exista uma “quebra”. Um aspeto que penso que ainda demonstra alguma dificuldade diz respeito ao momento da tarde, que requer muitas vezes improvisação. Neste momento, as crianças encontram-se mais agitadas, uma vez que vieram do lanche, e quando chegam à sala por vezes torna-se difícil acalmá-las e sentá-las, como já me aconteceu a mim por diversas vezes. Neste momento senti que a Leonor perdia um pouco o grupo tendo dificuldade em captar-lhes de novo a atenção. Notei que se esforçou muito para combater este fator, mas por vezes falta aquele à vontade, ficando nervosa e demonstrando isso para as crianças. Devia soltar-se mais e mostrar a sua presença de modo a captar a atenção do grupo, como fez na terça-feira antes do lanche. Nesse momento, estava a chamar as crianças para o comboio para irem lanchar, e optou por chamá-las como se fosse um concurso. A forma como o fez e o entusiasmo que utilizou captou imenso a atenção das crianças e era notória a expectativa com que estas estavam à espera que ela dissesse o seu nome. Foi um ponto bastante positivo da semana da Leonor.

Relativamente a mim, tentei auxiliar em tudo o que fosse necessário, mas sendo a vez da Leonor intervir tive maior oportunidade de estar com as crianças em momento de brincadeira o que é sempre um momento que gosto muito. Nestes momentos construímos laços importantes, com cada uma delas, pois todas elas são diferentes e é nestes pequenos momentos que temos oportunidade de as conhecer verdadeiramente e de lhes transmitir confiança. Segundo Post&Hohmann (2011),

*As pessoas que cuidam de bebês e de crianças pequenas tendem a gostar de e a apreciar genuinamente as suas características únicas – a sua energia e curiosidade, os seus rápidos “saltos” de crescimento, a sua capacidade física, a sua forma única de comunicar. As interações com estas crianças podem ser tão variadas e diversas quanto as próprias*

crianças, pelo que os educadores procuram adaptar o seu estilo de interacção a cada criança individualmente”(Post&Hohmann, 2011, p. 69).

Foi uma semana que me permitiu estar mais próxima das crianças e pude sentir a sua alegria ao estar perto delas nesses momentos. Como estamos na reta final, sinto ainda mais a necessidade de aproveitar os momentos possíveis com este grupo de crianças que tanto me tem ensinado.

### **Bibliografia**

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

---

## ANEXO II: Planificações em Contexto de Creche

### PLANIFICAÇÃO 2

PLANIFICAÇÃO DIA 9, 10 E 11 DE NOVEMBRO

#### Acolhimento (8h30- 9h15)

<b>Intencionalidade Educativa</b>
<b>Desenvolvimento cognitivo:</b> Promover o desenvolvimento do sentido de lógica e orientação espacial.
<b>Desenvolvimento motor:</b> Fomentar a coordenação motora.
<b>Desenvolvimento socio-afetivo:</b> Promover a interação entre pares.
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora.
<b>Recursos materiais:</b> área dos puzzles
<b>Descrição:</b> Durante o acolhimento a estagiária incentiva à escolha de um puzzle por parte de cada uma das crianças. Caso estas se dirijam a outras áreas com o puzzle a estagiária informa que estes devem ser feitos na mesa, estando corretamente sentados e tendo as suas peças junto a si. A estagiária tem um tom de voz calmo e baixo, tentando assim mostrar as crianças que se trata de um momento em que é necessária a concentração para a correta resolução do puzzle. Sempre que uma criança mostrar dificuldades na resolução do puzzle a estagiária ajuda com palavras de incentivo como “boa”, “estas a ir muito bem”, “vê com atenção, secalhar essa peça encaixa noutra local”, “e se virares a peça”. Após o término do puzzle a estagiária incentiva a que cada criança arrume o seu puzzle no móvel e que se pretender traga outro puzzle para a mesa.

#### Reunião na manta (9h15- 9h45)

<b>Intencionalidade Educativa</b>
<b>Desenvolvimento socio-afetivo:</b> Promover o ambiente socio moral da sala
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 1 auxiliar
<b>Recursos materiais:</b> área da manta; garrafas de água
<b>Descrição:</b> Após a canção do bom a estagiária questiona as crianças de estas sabem o que se deve fazer a seguir, surgindo com as garrafas de água. Neste momento a estagiária chama pelo nome cada criança a se dirigir até si para beber água informando as restantes que é necessário esperar calmamente pela sua vez, permanecendo no seu lugar e que todas irão beber água. Sempre que alguma criança comece a dispersar a estagiária relembra as regras deste momento, e a importância do respeito pelo outro. Sempre que necessário a estagiárias adverte as crianças com frases como “devemos esperar pela nossa vez”, “os teus colegas estão a fazer um esforço e estão sentados, tu também o deves fazer”, “todos terão oportunidade de beber”, “só te deves levantar quando chamar pelo teu nome”.

### Atividade orientada (9h45-10h50) – dia 9 de novembro – exploração do ouriço e da castanha

<p><b>Intencionalidade Educativa</b></p> <p><b>Desenvolvimento socio-afetivo:</b> Fomentar a relação e respeito pelo outro; proporcionar momentos lúdicos e de interesse.</p> <p><b>Desenvolvimento motor:</b> Promover o desenvolvimento da motricidade fina e global.</p> <p><b>Desenvolvimento cognitivo:</b> Fomentar a atenção e concentração; Dar tempo para manipular; promover a capacidade de analisar, dominar e compreender os materiais.</p>
<p><b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 1 auxiliar</p> <p><b>Recursos materiais:</b> área da manta; ouriços, castanhas, cesto, jornais</p>
<p><b>Descrição:</b> A estagiária surge na sala com um cesto mistério, com suspense a estagiária questiona o que estará dentro da cesta. “o que será que está dentro da cesta?” “vou tentar tirar” “ai! Pica! O que será?” Esta dá tempo às crianças para pensarem e responderem, quando alguma criança dispersar a estagiária adverte dizendo “temos de respeitar os colegas, vamos ouvir com atenção”. Depois de mostrar o que contém a cesta a estagiária leva até junto das crianças um ouriço avisando que este pica e que é necessário termos cuidado, depois de todos verem visto de perto o ouriço a estagiária mostra o que este tem dentro dele (castanha). Em seguida a estagiária disponibiliza castanhas pelas crianças para que estas possam manipular e explorar livremente, após algum tempo a estagiária explica que no dia seguinte os peixinhos irão à rua comprar castanhas e que é necessário traze-las de alguma forma, dizendo “então e como vamos trazer as nossas castanhas?”, depois de dar tempo as crianças para responderem a estagiária introduz o jornal exemplificando as crianças como este irá estar para ser possível trazer as castanhas. De seguida as crianças tem oportunidade de explorar livremente o jornal. A atividade termina com o aviso da estagiária que chegou a hora de ir brincar para o salão.</p>

### Atividade orientada (10h00-11h00) – dia 10 de novembro - saída à rua para comprar castanhas

<p><b>Intencionalidade Educativa</b></p> <p><b>Desenvolvimento socio-afetivo:</b> Fomentar a relação e respeito pelo outro; proporcionar momentos lúdicos e de interesse; Promover a curiosidade e o desejo de observar e interpretar; Promover a autonomia.</p> <p><b>Desenvolvimento motor:</b> Promover o desenvolvimento da motricidade fina e global.</p> <p><b>Desenvolvimento cognitivo:</b> Fomentar a atenção e concentração; Dar tempo para manipular.</p>
<p><b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares</p> <p><b>Recursos materiais:</b> dinheiro, cartuchos e castanhas</p>
<p><b>Descrição:</b> A estagiária relembra que neste dia irão à rua comprar castanhas e que para tal é necessário se organizarem, indo a casa de banho e vestindo os casacos pois na rua está frio. Durante este momento a estagiária comunica de forma calma clara e tranquila tentando transmitir as crianças segurança para o momento diferente que se aproxima. Dirigem-se à entrada onde cada criança se junta a uma criança da Pré I. Ao longo de todo o percurso a estagiária promove conversas com as crianças onde as leva a olharem em seu redor vendo tudo o que se está a passar, como “já viste aquela árvore?” , “aquela casa é tão antiga, está a cair o telhado”, “temos de ter atenção aos carros enquanto atravessamos a rua”, “olhem o castelo lá em cima”, etc. Quando chegarem à senhora das castanhas a estagiária incentiva as crianças a permanecem em fila esperando pela sua vez e dirige-se para junto da senhora distribuindo o dinheiro as crianças quando chegam junto desta para que sejam elas a pagar. A estagiária auxilia ao longo de todo o momento elogiando as crianças no processo “muito bem, pagaste à senhora, agora tens as tuas castanhas”. De seguida as crianças dirigem-se para o parque onde terão tempo para descascar e comer as suas castanhas, aqui a estagiária promove conversas como “o que estas a sentir?”, “consegues levar o teu cartucho?”, “vamos saborear as nossas castanhas”, “precisas de ajuda a descascar?”, “muito bem, conseguiste abrir a tua castanha”. Terminado este momento a estagiária identifica e recolhe o cartucho de cada criança, auxiliando no caminho de regresso ao ninho e promovendo novas conversas sobre todo o momento que viveram.</p>

## Atividade orientada (9h45-10h50) – dia 11 de novembro- exploração da água

<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b> <b>Desenvolvimento socio-afetivo:</b> Fomentar a relação e respeito pelo outro; proporcionar momentos lúdicos e de interesse. <b>Desenvolvimento motor:</b> Promover o desenvolvimento da motricidade fina e global. <b>Desenvolvimento cognitivo:</b> Fomentar a atenção e concentração; Dar tempo para manipular; promover a capacidade de analisar, dominar e compreender os materiais; promover os conceitos como “encher” e “esvaziar”.
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 1 auxiliar <b>Recursos materiais:</b> 1 bacia; água; folhas de árvores; pedras; grãos de milho; taças transparentes; 2 proteções de plástico; toalhas.
<b>Descrição:</b> A estagiária promove uma conversa relembrando o que foi feito na semana anterior com algumas crianças. Pergunta se alguém se lembra de quais foram os primeiros e informa que hoje irão continuar a brincar com a água, sendo que todos terão oportunidade de o fazer. A estagiária escolhe as duas crianças que serão as primeiras e informa as restantes que irão brincar livremente no salão, devendo ir num comboio organizado até lá chegar. A estagiária organiza a sala, colocando algumas toalhas na manta e uma bacia com água no meio desta e levando as duas crianças à casa de banho para fazer chichi. Inicialmente a estagiária disponibiliza as taças e depois de dar tempo para que as crianças explorem introduz os restantes elementos, dando sempre espaço à criança para esta ser criativa e explorar da forma que pretender. Durante a atividade a estagiária incentiva à manipulação dos elementos naturais dizendo “muito bem”, “estás muito empenhado”, fazendo também observações abertas que permitam à criança se expressar explicando o que está a fazer, e mediando sempre que necessário os entusiasmos excessivos por parte das crianças, que possam condicionar o decorrer da atividade, explicando que para conseguirem brincar se devem acalmar e concentrar. Está prevista uma duração de vinte minutos para cada par, podendo variar consoante o interesse e motivação de cada uma.

## Brincadeira livre (10-40-11h00)

<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b> <b>Desenvolvimento socio-afetivo:</b> Promover a calma no momento de transição
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Descrição:</b> Após o término da atividade orientada a estagiária informa as crianças que estas irão até ao salão onde poderão correr e brincar livremente, mas que para tal é necessário sair da sala de forma calma. Com o auxílio de uma canção a estagiária vai chamando o nome de cada criança para se juntar ao comboio, sempre que se verificar alguma agitação a estagiária informa “só chamo os meninos que estiverem sentados”, “só devem vir para o comboio quando o vosso nome for chamado”, ao longo do percurso a estagiária vai incentivando a permanência no comboio com palavras como “boa”, “que lindo comboio”, “o comboio dos peixinhos está muito organizado”, “os peixinhos conseguem”.

## Higiene (11h00-11h15)

<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b> <b>Desenvolvimento cognitivo:</b> Fomentar hábitos de higiene
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares <b>Recursos materiais:</b> lavatório, líquido das mãos e papel
<b>Descrição:</b> Durante o momento da higiene a estagiária incentiva as crianças a lavarem as suas mãos sozinhas e em seguida a seca-las. A estagiária ao longo de todo o momento vai incentivando com palavras de auxílio e orientação, como “esfrega bem as mãos” “já colocaste o líquido?” “devemos esfregar os dedos todos” “esfrega todos os cantinhos da tua mão”, “temos de tirar bem o líquido”, “secar bem as mãos”, a estagiária elogia também sempre que as crianças conseguem lavar as suas mãos como, “muito bem”, “já és capaz de lavar as mãos sozinho”.

## Almoço (11h15- 12h00)

<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento motor:</b> Fomentar a capacidade de manter a comida no prato organizada.
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Recursos materiais:</b> Refeitório
<b>Descrição:</b> Durante o almoço a estagiária incentiva a criança a que esta mantenha o seu prato limpo e organizado, não colocando comida para fora. Ao longo deste momento a estagiária percorre as mesas, onde auxilia as crianças a organizarem o seu prato ajudando-as com a colher, esta tenta mostrar que não devemos deitar comida para fora do prato dizendo “a nossa comida deve estar no nosso prato”, “se colocarmos para fora vamos estar a desperdiçar” “é mais fácil comermos os alimentos se eles estiverem organizados dentro do prato”, e vai também incentivando as crianças quando estas o conseguem fazer, “boa”, “muito bem”, “tens o teu prato muito organizado”, “a mesa está limpa!”, “estou muito contente contigo”.

## Higiene (12h00-12h15)

<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento cognitivo:</b> Fomentar hábitos de higiene
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Recursos materiais:</b> lavatório, líquido das mãos e papel
<b>Descrição:</b> Durante o momento da higiene a estagiária incentiva as crianças a lavarem as suas mãos sozinhas e em seguida a seca-las. A estagiária ao longo de todo o momento vai incentivando com palavras de auxílio e orientação, como “esfrega bem as mãos” “já colocaste o líquido?” “devemos esfregar os dedos todos” “esfrega todos os cantinhos da tua mão”, “temos de tirar bem o líquido”, “secar bem as mãos”, a estagiária elogia também sempre que as crianças conseguem lavar as suas mãos como, “muito bem”, “já és capaz de lavar as mãos sozinho”. Durante este momento a estagiária vai também cantando a música do panda e dos caricas –lava as mãos.

## Sesta (12h15-15h15)

<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento Socio-afetivo:</b> Fomentar a autonomia
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Recursos materiais:</b> sala dos peixinhos
<b>Descrição:</b> Quando as crianças se dirigem para a sala a estagiária incentiva a que cada uma retire os seus sapatos e os guarde debaixo da sua cama. Para tal a estagiária num tom de voz calmo e baixo diz “peixinhos vamos tirar os sapatos para irmos dormir”, “temos de os arrumar debaixo da cama”, a estagiária vai também chamando a criança pelo seu nome e elogiando quando esta revela autonomia nesta tarefa com palavra como “muito bem” “tu conseguiste”, “já consegues sozinho”, “boa”, “estou contente”.

## Levantar com ritual de higiene e preparação para o lanche (15h15- 16h00)

<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento Socio-afetivo:</b> Promover situações do desenvolvimento da identidade
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Recursos materiais:</b> sala dos peixinhos, babetes
<b>Descrição:</b> Após a sesta no momento em que as crianças aguardam para ir para o lanche a estagiária procede à distribuição de babetes. Esta mostra um babete de cada vez perguntando “de quem é este babete?” “alguém sabe?” dando tempo às crianças para identificarem a quem pertence aquele babete, elogiando sempre que o conseguirem. A estagiária utiliza um tom de voz normal, tentando apelar à atenção das crianças.

## Lanche (16h00- 16h20)

<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento cognitivo:</b> Promover a capacidade de autocontrolo/ autodomínio.
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Recursos materiais:</b> refeitório
<b>Descrição:</b> Durante o momento do lanche a estagiária incentiva a criança a que esta permaneça sentada durante todo o tempo, mesmo que já tenha terminado, devemos esperar pelos colegas para nos levantarmos todos na mesma altura. Esta circula pelas mesas, advertindo sempre que necessário e elogiando quando permanecem bem sentados e virados para a frente, com palavras como “muito bem, estás sentado direitinho”, “devemos permanecer sentados até todos terem terminado”, “estou contente de ter ver sentado”.

## Higiene e conversa na manta (16h25-17h00)

<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento motor:</b> Fomentar a calma e tranquilidade após um momento de excitação.
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Recursos materiais:</b> área da manta
<b>Descrição:</b> Terminado o lanche quando as crianças chegam à sala a estagiária incentiva a que estas se sentem na manta e começa a cantar uma música num tom de voz baixo e calmo, tentando transmitir tranquilidade e relaxamento do corpo. Associa gestos à música e ao longo de toda a canção canta baixo e de modo as crianças façam o mesmo.

---

## PLANIFICAÇÃO 14

### PLANIFICAÇÃO DIAS 4, 5 E 6 DE JANEIRO

<b>Acolhimento (8h30- 9h15)- Partilha de brinquedos</b>
<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento sócio-afetivo:</b> Promover a interação entre pares; Fomentar a partilha; Criar situações promotoras do desenvolvimento do autoconceito
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora.
<b>Recursos materiais:</b> sala dos peixinhos
<b>Descrição:</b> Durante o acolhimento a estagiária incentiva a que as crianças partilhem os brinquedos disponibilizados na sala e aqueles que por vezes trazem de casa. Para tal, diz, “vamos emprestar o brinquedo”, “se brincarmos em conjunto é mais divertido”, “mostra aos peixinhos o brinquedo que trouxeste de casa”. A estagiária tenta mediar de forma calma os conflitos que possam surgir fazendo mostrar a importância da partilha. A estagiária tenta incutir o sentimento de partilha de modo a que a criança o queira fazer espontaneamente referindo “quando partilhamos sentimos-nos bem”, “é bom podermos mostrar aos nossos amigos os brinquedos que trazemos de casa”, “podemos sentir-nos todos bem a brincar em conjunto”. Sempre que a criança partilha a estagiária elogia com palavras como “muito bem”, “estou a gostar de te ver partilhar”.

### Reunião na manta (9h15- 9h45) – “bom dia”

#### **Intencionalidade Educativa**

**Desenvolvimento sócio-afetivo:** Promover situações de regras de convivência, respeitando a sua vez.

**Desenvolvimento cognitivo:** Promover situações de identificação do próprio nome e dos colegas.

**Recursos humanos:** 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 1 auxiliar

**Recursos materiais:** área da manta

**Descrição:** Durante a canção do bom dia, a estagiária vai chamando cada criança para que esta diga o bom dia, lembrando que deve estar atenta e esperar pela sua vez. Aqui, sempre que alguma criança diz bom dia sem ser a sua vez, a estagiária adverte “agora é a vez da...”, “só devemos dizer bom dia quando o nosso nome é chamado”, “temos que ouvir quem foi chamado”, “temos que estar com atenção para ver quando é a nossa vez de dizer bom dia”. Ao longo deste momento, a estagiária utiliza um tom de voz baixo e calmo tentando não levar a entusiasmos excessivos.

### Atividade orientada (10h00-11h00) – 4 de janeiro - Desenhar com pincel

#### **Intencionalidade Educativa**

**Desenvolvimento sócio-afetivo:** Proporcionar momentos lúdicos e de interesse; Promover a autonomia; Fomentar o autocontrole; fomentar a escolha de uma cor

**Desenvolvimento motor:** Promover o desenvolvimento da motricidade fina (pinça)

**Desenvolvimento cognitivo:** Fomentar a atenção e concentração; Dar tempo para manipular; Promover a noção espacial; Promover situações de criatividade e representação;

**Recursos humanos:** 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares

**Recursos materiais:** sala dos peixinhos; mesa dos puzzles; pinceis; boiões com tintas;

**Descrição:** Após terminada a leitura da história a estagiária surge na manta com uma caixa mistério (com os pinceis, tintas e folhas em branco). A estagiária questiona as crianças sobre o que será que está dentro da caixa, dando tempo às mesmas para que possam pensar e responder. Durante este momento a estagiária utiliza um tom de voz curioso e vai mexendo a caixa para que as crianças possam ouvir o barulho que faz dizendo “peixinhos conseguem ouvir?”, “o que será que está aqui dentro?”, “vamos descobrir?”. Depois de ser dado tempo às crianças a estagiária revela o que se encontra dentro da caixa, perguntando de que objetos se tratam, dando novamente tempo para que possam responder. Aqui a estagiária fala do que é possível fazer com estes materiais e explica que todas as crianças irão ter oportunidade de desenhar com as tintas e pinceis, mas que será necessário fazer uma criança de cada vez, indo as restantes crianças brincar pelas diferentes áreas da sala. Neste momento a estagiária distribui as crianças pelas diferentes áreas e dirige-se com uma criança para a mesa dos puzzles, onde disponibiliza uma folha branca e pergunta à criança qual a cor com que quer pintar, após a escolha da cor a estagiária coloca a mesma no boião e disponibiliza-o à criança juntamente com um pincel. Durante toda a atividade a estagiária dá liberdade à criança para desenhar auxiliando apenas quando necessário tendo sempre em atenção o facto de sair fora da folha dizendo “vamos desenhar dentro da nossa folha”, “que bonito que está o teu desenho” “não vamos pintar a nossa mesa, temos de pintar dentro da folha”, “que cor bonita, já pintaste deste lado, e se tentasses pintar agora deste?”, “aqui tem muita cor, em que sítio é que ainda não desenhaste?”, “estiveste tanto tempo em casa com o pai e a mãe, vamos desenhar para eles?” a estagiária tem também a atenção a forma como a criança agarra o pincel e se utiliza a outra mão para auxiliar a segurar a folha, aqui sempre que necessário a estagiária tenta mediar entusiasmos excessivos. Quando a criança terminar o seu desenho a estagiária encaminha-a para uma área trazendo outra criança para que possa fazer o seu desenho.

### Atividade orientada (10h00-11h00) – 5 e 6 de janeiro- Desenhar com pincel

#### **Intencionalidade Educativa**

**Desenvolvimento socio-afetivo:** Proporcionar momentos lúdicos e de interesse; Promover a autonomia; Fomentar o autocontrole; Fomentar a escolha de uma cor

**Desenvolvimento motor:** Promover o desenvolvimento da motricidade fina (pinça)

**Desenvolvimento cognitivo:** Fomentar a atenção e concentração; Dar tempo para manipular; Promover a noção espacial; Promover situações de criatividade e representação.

**Recursos humanos:** 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares

**Recursos materiais:** sala dos peixinhos; mesa dos puzzles; pinceis; boiões com tintas;

**Descrição:** A estagiária promove uma conversa com as crianças lembrando o que foi feito no dia anterior dando tempo às crianças para que possam pensar e responder, depois de as crianças responderem a estagiária relembra quem já fez o seu desenho mostrando-os ao grupo e deixando que as crianças digam a quem pertence o desenho. Aqui a estagiária diz “estes meninos já fizeram os seus desenhos, e vocês também querem fazer?”, “não podemos fazer todos ao mesmo tempo”. Neste momento a estagiária distribui as crianças pelas diferentes áreas e dirige-se com uma criança para a mesa dos puzzles, onde disponibiliza uma folha branca e pergunta à criança qual a cor com que quer pintar, após a escolha da cor a estagiária coloca a mesma no boião e disponibiliza-o à criança juntamente com um pincel. Durante toda a atividade a estagiária dá liberdade à criança para desenhar auxiliando apenas quando necessário tendo sempre em atenção o facto de sair fora da folha dizendo “vamos desenhar dentro da nossa folha”, “que bonito que está o teu desenho” “não vamos pintar a nossa mesa, temos de pintar dentro da folha”, “que cor bonita, já pintaste deste lado, e se tentasses pintar agora deste?”, “aqui tem muita cor, em que sítio é que ainda não desenhaste?”, a estagiária tem também e atenção a forma como a criança agarra o pincel e se utiliza a outra mão para auxiliar a segurar a folha, aqui sempre que necessário a estagiária tenta mediar entusiasmos excessivos. Quando a criança terminar o seu desenho a estagiária encaminha-a para uma área trazendo outra criança para que possa fazer o seu desenho.

### Higiene (11h00-11h15) – Puxar o autoclismo

#### **Intencionalidade Educativa**

**Desenvolvimento motor:** Promover o desenvolvimento da motricidade fina

**Desenvolvimento cognitivo:** Fomentar hábitos de higiene

**Desenvolvimento socio-afetivo** – Criar situações de autonomia e autoestima

**Recursos humanos:** 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares

**Recursos materiais:** casa de banho

**Descrição:** Durante o momento da higiene a estagiária incentiva as crianças a que depois de fazerem as suas necessidades e de se vestirem sozinhas puxarem o autoclismo. A estagiária ao longo de todo o momento, vai lembrando as crianças com palavras como “não te esqueças que tens de puxar o autoclismo”, “quando acabares deves puxar o autoclismo” e incentivando com palavras como “boa”, “muito bem”, “conseguieste puxar o autoclismo”, “estou muito orgulhosa”, “estou muito contente”. Sempre que uma criança se esquecer de puxar o autoclismo, a estagiária lembra que o deve fazer. Quando alguma criança puxar o autoclismo mais que uma vez a estagiária adverte que só é necessário fazê-lo uma vez dizendo “só devemos puxar o autoclismo uma vez”, “se puxarmos mais que uma vez estamos a desperdiçar água”.

### Almoço (11h15- 12h00) – Promover a calma

#### Intencionalidade Educativa

**Desenvolvimento sócio-afetivo:** Promover o ambiente sócio-moral; criar situações promotoras do autoconceito positivo

**Recursos humanos:** 1 criança; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares

**Recursos materiais:** Refeitório

**Descrição:** Durante o almoço, a estagiária circula pelas mesas promovendo a calma neste momento e mostrando às crianças a importância do mesmo. Ao longo de todo o almoço a estagiária vai incentivando as crianças com palavras como “vamos comer com calma”, “temos que nos portar bem à mesa”, “quando estamos à mesa devemos fazer pouco barulho”, “este é um momento muito importante, eu sei que os peixinhos conseguem almoçar com calma”. Sempre que uma criança mostrar maior inquietação ou agitação, a estagiária aproxima-se da mesma, baixa-se ao seu nível e, com um tom de voz baixo, explica-lhe que se deve acalmar, que à mesa deve acalmar-se e que se os amigos conseguem ele também consegue. Quando as crianças o fazem sem ser necessária a intervenção da estagiária, esta utiliza palavras como “boa”, “muito bem”, “estou muito contente contigo”, “tens que te portar sempre assim à mesa”, “estou feliz por conseguires estar a almoçar calmamente”. No final deste momento, a estagiária relembra as crianças “à mesa não devemos estar agitados”, “amanhã quero ver os peixinhos a portarem-se muito bem”.

### Higiene (11h00-11h15) – Puxar o autoclismo

#### Intencionalidade Educativa

**Desenvolvimento motor:** Promover o desenvolvimento da motricidade fina

**Desenvolvimento cognitivo:** Fomentar hábitos de higiene

**Desenvolvimento socio-afetivo** – Criar situações de autonomia e autoestima

**Recursos humanos:** 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares

**Recursos materiais:** casa de banho

**Descrição:** Durante o momento da higiene a estagiária incentiva as crianças a que depois de fazerem as suas necessidades e de se vestirem sozinhas puxarem o autoclismo. A estagiária ao longo de todo o momento, vai relembando as crianças com palavras como “não te esqueças que tens de puxar o autoclismo”, “quando acabares deves puxar o autoclismo” e incentivando com palavras como “boa”, “muito bem”, “conseguieste puxar o autoclismo”, “estou muito orgulhosa”, “estou muito contente”. Sempre que uma criança se esquecer de puxar o autoclismo, a estagiária relembra que o deve fazer. Quando alguma criança puxar o autoclismo mais que uma vez a estagiária adverte que só é necessário fazê-lo uma vez dizendo “só devemos puxar o autoclismo uma vez”, “se puxarmos mais que uma vez estamos a desperdiçar água”.

### Sesta (12h15-15h15)- calma na hora de deitar

#### Intencionalidade Educativa

**Desenvolvimento Socio-afetivo:** Promover o conforto e bem-estar da criança; Promover o autocontrolo; Promover as regras de convivência.

**Recursos humanos:** 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares

**Recursos materiais:** sala dos peixinhos

**Descrição:** Quando as crianças chegam à sala a estagiária incentiva que se dirijam para a sua cama de forma calma e sem agitações, dizendo “está na hora de nos deitarmos”, “vamos para a nossa cama porque já está na hora de dormirmos”, “temos que dormir agora para depois à tarde termos energia para brincar”. Ao longo deste momento, a estagiária adota uma postura calma, falando baixo e devagar. Quando alguma criança demonstra maior agitação, a estagiária promove uma conversa com a mesma, relembando-lhe que está na hora de nos deitarmos e que devemos fazer pouco barulho para que todos os amigos consigam adormecer e descansar, auxiliando-a se deitar e a acalmar.

<b>Levantar com ritual de higiene e preparação para o lanche (15h15- 16h00) – Juntar grupo na manta</b>
<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento Socio-afetivo:</b> Promover a calma após acordar.
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Recursos materiais:</b> sala dos peixinhos
<b>Descrição:</b> Depois da sesta, à medida que as crianças vão acordando, a estagiária vai reunindo as mesmas na manta chamando-as de forma calma tentando não provocar agitações. Aqui, a estagiária canta canções num de voz baixo ao mesmo tempo que vai calçando e arranjando o cabelo das crianças. Sempre que alguma criança mostrar maior agitação ou perturbar os colegas que ainda estão a dormir, a estagiária diz “vamos, senta-te aqui connosco e vamos cantar uma canção”, “que canção é que queres que eu cante?”, “temos que estar sentados e cantar baixinhos porque ainda há peixinhos a dormir”. Neste momento, a estagiária vai reunindo todas as crianças à medida que estas vão acordando, tentando sempre manter a serenidade na sala. À medida que mais crianças vão acordando e juntando-se na manta, a estagiária vai aumentando o seu tom de voz.

<b>Lanche (16h00- 16h20) – Promover a calma</b>
<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento sócio-afetivo:</b> Promover o ambiente sócio-moral; criar situações promotoras do autoconceito positivo
<b>Recursos humanos:</b> 1 criança; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Recursos materiais:</b> Refeitório
<b>Descrição:</b> Durante o lanche, a estagiária circula pelas mesas promovendo a calma neste momento e mostrando às crianças a importância do mesmo. Explica-lhes que em todos os momentos à mesa, não devem estar agitadas para não perturbar os colegas e porque se trata de um momento muito importante. Ao longo de todo o lanche a estagiária vai incentivando as crianças com palavras como “vamos comer com calma”, “temos que nos portar bem à mesa”, “quando estamos à mesa devemos fazer pouco barulho”, “este é um momento muito importante, eu sei que os peixinhos conseguem almoçar com calma”. Sempre que uma criança mostrar maior inquietação ou agitação, a estagiária aproxima-se da mesma, baixa-se ao seu nível e, com um tom de voz baixo, explica-lhe que se deve acalmar, que à mesa deve acalmar-se e que se os amigos conseguem ele também consegue. Quando as crianças o fazem sem ser necessária a intervenção da estagiária, esta utiliza palavras como “boa”, “muito bem”, “estou muito contente contigo”, “tens que te portar sempre assim à mesa”, “estou feliz por conseguires estar a lanchar calmamente”. No final deste momento, a estagiária relembra as crianças “à mesa não devemos estar agitados”, “amanhã quero ver os peixinhos a portarem-se muito bem”.
<b>Higiene e conversa na manta (16h25-17h00) - Brincar com a Dory</b>
<b><u>Intencionalidade Educativa</u></b>
<b>Desenvolvimento sócio-afetivo:</b> Promover situações de partilha.
<b>Recursos humanos:</b> 18 crianças; 2 estagiárias; 1 educadora; 2 auxiliares
<b>Recursos materiais:</b> área da manta
<b>Descrição:</b> Terminado o lanche quando as crianças chegam à sala a estagiária incentiva a que estas se sentem na manta dizendo “peixinhos, agora vamos sentar-nos na manta”. Quando todo o grupo se encontrar reunido na manta, a estagiária promove uma conversa com as crianças onde diz “os peixinhos estiveram de férias e a Dory também”, “os peixinhos já devem ter muitas saudades de brincar com a Dory”, “a Dory também já tem muitas saudades de brincar com os peixinhos”. Finalizada esta breve conversa com as crianças, a estagiária vai buscar a tartaruga e coloca-a na manta dando oportunidade a que à vez, cada criança lhe possa tocar, mostrando-lhes a importância de partilhar e de dar oportunidade a todos. Depois de todas as crianças terem tido oportunidade de tocar na tartaruga, a estagiária deixa-a andar livremente pela manta. Sempre que alguma criança mostrar maior agitação ou que quer a Dory só para si, a estagiária relembra que se a Dory se assusta, que para brincarem com ela devem estar sentados e que devem saber partilhar para todos poderem brincar com ela.

# ANEXO III: Reflexões em Contexto de Jardim de Infância I

## REFLEXÃO 1

### *REFLEXÃO DOS DIAS 23, 24 E 29 DE FEVEREIRO E 1 E 2 DE MARÇO*

No âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância – Jardim de Infância I, do Mestrado de Educação Pré-Escolar, foi-me proposto a realização de uma reflexão relativamente aos acontecimentos das duas primeiras semanas, das minhas expectativas e dos meus receios. Nesta segunda Prática Pedagógica permanecemos na mesma instituição, o [REDACTED], tendo-nos sido atribuída a sala das “Andorinhas”. O grupo de crianças desta sala tem entre três e quatro anos.

Uma vez que na prática anterior estagiámos nesta mesma instituição, o receio e ansiedade não eram tão grandes, pois já conhecia as pessoas e sentia-me confortável neste local. No entanto, o meu maior receio estava relacionado com o grupo de crianças e se conseguiria criar ligações com elas. Sabia que as crianças desta faixa etária são mais autónomas comparativamente às crianças da prática anterior, mas não sabia de que forma é que iria ser necessária a minha intervenção nas suas rotinas, e esse ponto deixou-me um pouco expectante de início. No primeiro dia, posso afirmar que superei desde logo as minhas expectativas, uma vez que o grupo nos recebeu bastante bem, deixando-nos entrar nas suas brincadeiras e interagindo connosco por diversas vezes. Também a educadora e a auxiliar nos receberam muito bem, o que considero ter sido um aspeto extremamente importante pois ao sentir-me bem na sala torna-se mais fácil para mim poder evoluir. A educadora mostrou-se pronta a ajudar-nos e em tirar-nos todas as nossas dúvidas.

Estas duas primeiras semanas ficaram marcadas pela nossa observação. Este processo é muito importante pois não conseguimos orientar um grupo de crianças se não as conhecermos bem, as suas particularidades e individualidades, os seus gostos, bem como é necessário conhecermos de forma clara a rotina do grupo. Só depois de realizada uma observação tanto das crianças, da sala bem como das rotinas é que nos é possível começar a intervir indo de encontro às necessidades das mesmas.

realizar observações significativas e escutar as crianças torna possível aos adultos conhecerem e aprenderem mais sobre cada criança e assegurar que estão bem colocados para planear, para estimular e responder aos interesses e necessidades individuais da criança e da sua família (Parente, 2012, p. 6).

Assim sendo, durante estas duas semanas a nossa maior preocupação, para além de criar laços com as crianças, foi a de observar. Na primeira semana, optámos por realizar apenas observação direta, enquanto que na segunda semana utilizámos também registo fotográfico e análise documental. Além destas estratégias, recorremos por diversas vezes à educadora para que esta nos pudesse dar informações que não conseguiríamos de outra maneira. Toda a informação recolhida além de ser utilizada no trabalho da caracterização do grupo de crianças, será também muito útil para nós para conhecermos as crianças.

Finalizadas estas duas semanas de observação, considero que a maior diferença relativamente ao grupo anterior, de crianças de dois anos, está relacionado com a sua autonomia. Estava habituada a estar muito presente na rotina, e que estas necessitassem da nossa ajuda em muitos momentos do dia, o que não acontece com as crianças desta sala. Aqui, pude observar que as crianças já são autónomas, indo à casa de banho sozinhas, indo buscar a fruta, bebendo a água, vestindo os bibes, entre muitas outras situações. Continuamos a estar muito presentes nas rotinas, no entanto, as crianças não necessitam tanto da nossa ajuda.

Ao seguirem os indícios e as iniciativas das crianças, as mães e educadores, e conjunto com os pais, estabelecem horários e rotinas consistentes em termos de organização e estilo de interação, de molde a que as crianças antecipem ritmos e temperamentos individuais. Os horários e rotinas são suficientemente repetitivos para permitirem que as crianças explorem, treinem e ganhem confiança nas suas competências em desenvolvimento... (Post & Hohmann, 2011, p. 15).

Também ao nível do vocabulário foi possível notar uma grande diferença, uma vez que nesta idade já têm um discurso muito mais elaborado.

Gostei muito de sentir que as crianças nos receberam bem, gostando da nossa presença. Sinto no entanto alguma dificuldade em fazê-las compreender que sou um adulto a respeitar, mas sei que isso se deve ao pouco tempo que ainda tive com elas. Vêem-me ainda como alguém amigo, para brincar, e desta forma consigo criar maiores afinidades, mas não posso nunca deixar de mostrar o meu papel na sala.

Relativamente às rotinas, existem diferenças comparativamente com a prática anterior, no entanto penso que já as compreendi e interiorizei.

Uma situação diferente, ao qual nunca tinha tido acesso ocorreu na segunda-feira. Todas as semanas, as andorinhas deslocam-se até às piscinas Belo Horizonte para terem a atividade de iniciação ao meio aquático. Foi uma experiência nova para mim da qual gostei bastante, uma vez que é num contexto diferente do habitual. Nem todas as crianças realizam esta atividade, e as que não vão permanecem com a educadora na sala. Foi uma grande aprendizagem para mim levar as crianças à piscina implica a responsabilidade de as levar no autocarro, prepará-las para a aula e no fim vesti-las. Foi uma experiência positiva para mim. Outra

realidade ao qual ainda não tive acesso diz respeito à atividade da expressão motora que ocorre todas as quartas-feiras. Sinto-me bastante curiosa para poder observar este momento e compreender de que forma as crianças reagem. Não houve oportunidade de observar esta atividade uma vez que na primeira semana as crianças realizaram a atividade da chuva e na segunda semana realizou-se uma visita ao MIMO. Também esta visita ao MIMO foi muito interessante, pois mais uma vez trata-se de um momento num contexto diferente que requer muita atenção. Foi importante para mim pois não estou habituada a estas situações, principalmente de andar com o grupo na estrada, e devemos ter sempre muita atenção. Este tipo de actividades são enriquecedoras tanto para as crianças como para nós, e tentei ao máximo tirar partido delas, uma vez que também aqui foram óptimas oportunidades de criar laços com as crianças, fazendo-as confiar em nós, sentindo-se bem e seguras connosco. Estas duas semanas foram recheadas de momentos importantes para o meu desenvolvimento como educadora, que exigiram de mim responsabilidade, atenção e empenho. Tentei ao máximo responder às minhas expectativas e penso que o consegui.

Sinto que finalizadas estas duas semanas já consigo compreender a rotina do grupo e relacionar-me com elas. Através desta observação foi possível notar que este se trata de um grupo difícil que possui algumas dificuldades de relações sociais. Existem nomeadamente duas crianças, o Daniel e o Salvador, que por diversas vezes nos testaram, sendo ainda difícil para mim saber como reagir.

Foram semanas importantes para a minha futura intervenção, e considero que em suma foram duas semanas positivas em que consegui fazer parte das suas rotinas, ajudando sempre que necessário e criando laços importantes com as crianças.

## Bibliografia

Parente, C. (2012). *Observar e Escutar na Creche*. Porto: Universidade do Minho.

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

---

## REFLEXÃO 6

### REFLEXÃO DOS DIAS 11, 12 E 13 DE ABRIL

Esta semana ficou marcada por ter sido a minha primeira intervenção individual neste contexto. Ao início sentia-me um pouco receosa de como iria ocorrer a semana, mas com o passar dos dias o nervosismo foi desaparecendo e fui sentindo-me cada vez mais à vontade. Foi uma semana importante para mim uma vez que tivemos a oportunidade de sair à rua, o que é sempre um desafio interessante.

Relativamente à segunda-feira, surgiu-nos a oportunidade de uma de nós ficar na sala enquanto a outra vai com as restantes crianças à piscina. Esta situação não aconteceu, mas percebi que de modo a progredir devemos dar este passo, planificando assim uma atividade a realizar com as crianças que ficarem na sala. Este momento está apenas presente na planificação das rotinas, mas como futuras educadoras devemos também planificar algo a fazer com as crianças que não forem à piscina.

Ainda na segunda-feira, nomeadamente na hora da sesta, ocorreu um momento que considero de conquista para mim. Uma das crianças, o [REDACTED], estava bastante irrequieto, não parando sossegado e tirando sempre o cobertor quando eu o cobria. Com isto, decidi levá-lo até ao exterior da sala e ter uma conversa com ele, explicando-lhe que se devia acalmar, que era hora de dormir e que os amigos estavam todos a tentar dormir por isso devia fazer silêncio. Depois da conversa, entrei com ele na sala, onde se dirigiu para a sua cama não perturbando mais. Foi uma conquista para mim uma vez que neste contexto ainda não o tinha conseguido fazer sozinho. Esta situação já tinha ocorrido algumas vezes, e em todas elas senti dificuldade em acalmar a criança. Esta situação fez-me reflectir como é importante ter tempo para todas as crianças, existindo sempre momentos de atenção individualizada.

... mesmo que não seja possível desenvolver uma atenção individual permanente, é preciso manter, mesmo que seja parcialmente ou de tempos em tempos, contactos individuais com cada criança. É o momento da linguagem pessoal, de reconstruir com ela os procedimentos da acção, de orientar o seu trabalho e dar-lhe pistas novas (Zabalza, 1998, p. 53).

Depois da sesta, tive a oportunidade de mostrar às crianças uma caixa com caracóis (Fotografia 1). Este momento foi interessante para mim pois pude observar como as crianças estavam interessadas, sendo também um bom momento para treinar como orientar o grupo sozinho. Ainda sinto muitas dificuldades nos momentos em que tenho que orientar o grupo, sinto que não lhes consigo captar a atenção o que



Fotografia 1 – Caracóis

dificulta o decorrer de todos os momentos. Sei que é algo que devo trabalhar, tentando arranjar estratégias.

No momento após o lanche, demos início ao trabalho por projeto, proporcionando uma conversa em grande grupo, onde cada criança disse uma coisa que sabia sobre o corpo. Todas as ideias das crianças foram sendo registadas numa cartolina (Fotografia 2). De seguida, em conjunto, decidimos o que queríamos saber sobre o corpo e onde o iríamos saber. Para dar início ao trabalho por projeto, eu e a Leonor realizámos previamente uma pesquisa sobre como funciona o trabalho por projeto e de que forma deve ser feito. Esta pesquisa foi importante para nos sentirmos mais à vontade e para que o possamos fazer o mais correto possível.

Na terça-feira, devido ao bom tempo, tivemos a oportunidade de sair à rua, indo até um jardim com as crianças, para que estas pudessem apanhar plantas e ter contacto com a natureza. Sempre que possível, é importante *Fazer visitas de estudo pelos arredores, em que as crianças possam reunir, trazer para a sala e explorar as coisas que encontrarem: pedras, folhas* (Hohmann, Banet & Weikart, 1987, p. 180) Foi uma atividade que gostei muito, uma vez que senti que as crianças estavam muito felizes. Incentivei-as a observar o que estava à sua volta, tal como tínhamos planificado. Apesar de ter sido uma atividade que me deu muito gosto, estava um pouco receosa,

principalmente pelo percurso. Como normalmente tenho dificuldades em orientar o grupo, tinha medo desse momento, mas tudo decorreu da melhor forma possível. Aqui, foi essencial o trabalho em equipa. O trabalho em equipa é fundamental não só nestes momentos como em todos os restantes momentos.

Quando os adultos trabalham em conjunto para estabelecer e manter contextos de aprendizagem ativa para as crianças, os efeitos são inúmeros. Ao colaborarem, os elementos da equipa obtêm reconhecimento, um sentido de trabalho bem sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante (Hohmann & Weikart, 2011, p. 131).

Durante toda a atividade, tentei orientar o grupo, e auxiliar sempre que necessário. Sinto que as crianças realizaram aprendizagens significativas para elas, e que tiveram prazer neste momento como posso comprovar na Fotografia 3, em que a [REDACTED] se senta no chão, apanhando as plantas. Ao longo de todo o momento, as crianças interagiram umas com as outras, com os adultos, falaram do que viam, do que sentiam, apanhar inúmeras plantas e deram significado ao que faziam (ex: “estou a apanhar uma flor para dar à minha mãe”).

Em concordância com o que ocorreu na parte da manhã, à tarde, demos oportunidade às crianças de explorarem diferentes plantas. Para este momento, eu e a Leonor, sentimos necessidade de fazer uma pesquisa sobre as plantas. Cada vez mais sinto necessidade de me fundamentar e compreendo a sua importância. Como futuras educadoras, devemos ter em atenção aquilo que dizemos às crianças, pois não as podemos induzir em erro, e sempre que não estamos confiantes sobre algo devemos realizar pesquisa. Ser educadora é um trabalho que nos obriga a estarmos em constante formação, e com o passar do tempo tenho vindo a perceber melhor isso. Tal como a professora Alzira nos disse, muitas vezes mostramos às crianças coisas sobre as quais nem nós próprias sabemos bem, o que nunca pode acontecer. Com o passar do tempo, à medida que vou compreendendo esta importância, tenho vindo a sentir maior necessidade de me fundamentar antes de realizar as actividades com as crianças. Esta tem vindo a ser uma das minhas maiores aprendizagens ao longo desta prática.

Relativamente ao que sucedeu na quarta-feira, vem ao encontro do facto de a professora Alzira nos ter alertado para o facto de estarmos a estagnar. Com isso, eu e a Leonor reflectimos e chegámos à conclusão que devemos arriscar mais, tentando coisas novas e diferentes. Assim, na quarta-feira, realizámos duas atividades, a de expressão motora (Fotografia 4) e a atividade das sombras (Fotografia 5). Na minha opinião ambas as actividades foram bem sucedidas. Na atividade de expressão motora, no ginásio, senti dificuldade em fazer-me ouvir, mas penso que no geral as crianças corresponderam ao que estava planificado, no que diz respeito às competências a desenvolver e considero que consegui orientar o momento de forma positiva, auxiliando sempre as crianças. Na atividade das sombras sinto que devia ter tido um papel mais ativo. Tendo sido um tipo de atividade novo para mim, por vezes deixava de orientar as crianças, sendo necessária a intervenção da educadora. No entanto, considero que foi uma atividade positiva, enriquecedora para as crianças, em que estas descobriam a que amigo pertencia a sombra.



Fotografia 2 - Ideias das crianças



Fotografia 3 - Maria Estrela no Jardim



Fotografia 4 - Atividade Exp. Motora



Fotografia 5 - Atividade das sombras

Durante toda a semana, fui sentido uma maior flexibilidade da minha parte nos diferentes momentos. O acolhimento é um momento em que sinto que devo investir mais, procurando uma maior evolução, bem como o momento do tapete, em que sinto que não consigo captar a atenção do grupo. Ao longo da semana, fomos também realizando o registo para o portefólio, outra estratégia que implementámos esta semana com o intuito de promover alguma evolução da nossa parte.

### **Bibliografia**

Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.  
Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. (1987). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.  
Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

---

## **REFLEXÃO 11**

### *REFLEXÃO DOS DIAS 16, 17 E 18 DE MAIO*

Esta semana ficou marcada por ter sido a intervenção individual da Leonor, sendo o meu papel de auxiliar em tudo o que fosse necessário. Nesta altura, a nossa cooperação já funciona de forma muito dinâmica, existindo sempre um auxílio mútuo.

Relativamente à atividade de terça-feira, a confecção dos biscoitos para o dia da família, sinto que foi uma atividade significativa para as crianças e que todas se encontravam entusiasmadas. Na minha opinião, a Leonor conseguiu orientar o momento de forma muito positiva, cativando o grupo e mantendo-os interessados, o que nem sempre se torna fácil. Foi importante todas as crianças terem a oportunidade de fazer parte da confecção dos biscoitos, tal como aconteceu no momento em que mexeram (Fotografia 1) e posteriormente realizaram três biscoitos individualmente (Fotografia 2). Finalizada a atividade e em conversa com a professora Alzira, percebemos que não tínhamos preparado da melhor maneira a confecção dos biscoitos, uma vez que dissemos 250g, em vez de o traduzirmos por exemplo em chávenas. Para as crianças, 250g é algo abstrato, elas não têm noção do que isso significa. Para explicarmos a quantidade que era necessário deveríamos ter utilizado uma medida não convencional. Em vezes anteriores, nomeadamente na confecção do bolo no dia quatro de maio e na confecção da massa de moldar, utilizamos uma medida não convencional, um copo no entanto, desta vez, por laspo nosso, esquecemo-nos deste aspeto tão importante para a compreensão das crianças de todo o processo. Ainda assim, considero que foi uma atividade que proporcionou aprendizagens significativas para as crianças, também porque estas sabiam que estes biscoitos seriam para darem aos pais na parte da tarde, na festa da família.



Fotografia 1 - [Redacted] a mexer a massa



Fotografia 2 - [Redacted] a fazer o biscoito

No que diz respeito à festa da família, na terça à tarde, na minha opinião correu muito bem. A maioria dos pais aderiu à festa, deixando assim as crianças visivelmente felizes. Com as crianças cujos pais não compareceram, tentámos ir conversando com elas, para que estas não se sentissem tristes, e fazermos com elas aquilo que era suposto as crianças fazerem com a família. Foi importante para mim pois foi a primeira vez que vivenciei esta situação, da festa da família, e é sempre importante compreender como funcionam estes momentos. Aqui, houve um grande trabalho em equipa entre a sala das “Andorinhas” e a sala dos “Patinhos”. Este trabalho em equipa tem existido desde o início, sendo aqui fortalecido. Foi bom ver como todas as pessoas estavam satisfeitas, nós, por termos conseguido preparar uma atividade agradável, as crianças, por estarem visivelmente felizes com os pais, e estes satisfeitos com a felicidade das crianças. Este tipo de actividades são importantes para promover a relação com os pais. *A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas* (Ministério da Educação 1997, p. 43).



Fotografia 3 – Atividade de expressão motora

Na quarta-feira, realizamos uma atividade de expressão motora que envolveu diversas bolas coloridas. O maior objetivo foi trabalhar o lançar a bola e o agarrar a bola, mas no final, realizamos um jogo de equipas e foi notório o impacto que essa atividade teve nas crianças. Comportaram-se bastante bem, e respeitaram sempre as regras impostas pelos adultos. Demos também espaço para as crianças brincarem um pouco livremente com as bolas, lançando-as, e foi muito bom observar como todas elas estavam empenhadas e interessadas (Fotografia 3).

A quarta-feira ficou também marcada por a educadora [redacted] não ter estado presente. Ao início estávamos um pouco receosas de como iria ser, nomeadamente como reagiriam as crianças à ausência da educadora. Felizmente, correu bastante bem o dia. Existiu uma grande cooperação entre mim, a Leonor e a auxiliar de acção educativa, que permitiu que o dia corresse de forma bastante normal. É sempre diferente quando temos a educadora presente, e tendo sido esta a primeira vez que intervimos sem a presença da educadora, penso que o balanço é positivo. Este dia deu-me oportunidade de perceber um pouco como será no futuro quando não terei ninguém para me auxiliar. Foi um momento importante nesta prática pedagógica.

### **Bibliografia**

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação

---

## **REFLEXÃO 15**

### *REFLEXÃO DOS DIAS 13, 14 E 15 DE JUNHO*

Durante estes três dias da Prática Pedagógica em Jardim de Infância, na Instituição “[redacted]”, foi a vez da Leonor intervir.

Tratou-se de uma semana especial para nós, uma vez que foi a nossa última semana, não só na sala das “Andorinhas” mas sim a última semana de estágio no [redacted]. Este local tornou-se muito importante e especial para mim pois permitiu-me aprender muito sobre o que é ser educador, e como ser uma profissional que pensa nas crianças, nas suas necessidades e no seu bem-estar. Foi a primeira vez que tive um estágio em que estivesse tanto tempo na instituição, e estou muito satisfeita por ter ficado nesta instituição. Agradeço ao [redacted] e a todos os seus funcionários a oportunidade que tive para crescer, e sinto, que ao longo deste ano, esse crescimento foi notório. Saio uma pessoa diferente, com mais certezas e pronta para aprender sempre mais.

Relativamente ao decorrer da semana penso que se notou um pouco a ansiedade que tínhamos por se estar a chegar o fim. Tentámos ao máximo corresponder ao que nos é possível, mas tornou-se difícil para mim manter a concentração até ao fim. Dei por mim a aproveitar os momentos que tinha com as crianças.

Na minha opinião, as atividades por nós propostas foram ao encontro dos interesses das crianças. Tentámos colocar nestas atividades, nomeadamente a da tartaruga, todas as aprendizagens que fomos realizando ao longo do semestre.

Planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização. O planeamento do ambiente



Fotografia 1 - Andorinhas e Patinhos

educativo permite às crianças explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interações diversificadas com todo o grupo, em pequenos grupos e entre pares (Ministério da Educação, 1997, p. 26).

Ainda relativa à atividade da tartaruga, considere muito importante o contacto que existiu com a sala dos “Patinhos” (Fotografia 1). É importante que as crianças se habituem desde cedo a relacionar com diferentes pares dos seus costumes. Esta, foi uma forma de os “Patinhos” divulgarem o seu projeto, mas conseguimos também criar um momento em que as crianças tinham que estar em silêncio a ouvir, esperarem pela sua vez para falarem e fazerem perguntas. Foram assim desenvolvidas competências a nível da formação pessoal e social.

Uma vez que ia existir este momento com os “Patinhos”, e como sabemos que as crianças da sala das “Andorinhas” mostram muito interesse por seres vivos, demos também oportunidade às crianças de darem comida à Dory, uma tartaruga da sala dos “Peixinhos”, construindo no final a sua representação com plasticina. Planeámos deste modo uma vez que consideramos que todas as actividades devem estar interligadas. Durante o momento da construção da tartaruga com plasticina não estive muito presente, pois sendo a semana da Leonor intervir cabia-me a mim orientar as restantes crianças pela sala. No entanto, daquilo que pude constatar as crianças criaram construções muito diferentes dando-lhes sempre um significado (Fotografia 2).

Existe uma situação que pretendo destacar esta semana. Ao longo do tempo, temos vindo a sentir dificuldade nos momentos de transição, e como tal, utilizámos uma estratégia de modo a tentar ultrapassar essa dificuldade. A estratégia consistiu em retirar de uma caixa um papel que dizia para onde a criança iria brincar. Com isto, criou-se suspense e as crianças mantiveram-se mais atentas ao que estava a suceder de modo a perceber para onde iriam brincar. Na minha opinião esta estratégia foi bem sucedida, no entanto, como educador, devemos estar constantemente à procura de estratégias novas que cativem as crianças.

Na quarta-feira, o dia foi mais dedicado a ser nossa despedida. Na atividade de expressão motora, proporcionamos um momento de brincadeira livre com balões, onde nós brincámos com as crianças (Fotografia 3).

Na parte da tarde, o lanche ocorreu em conjunto com a sala dos patinhos, no parque. Escolhemos fazer desta forma de modo a aproximar as duas salas neste momento de despedida, e como sempre existiu um trabalho em equipa, não faria sentido de outra forma. Aqui, mais uma vez proporcionámos um momento de brincadeira com as crianças.



Fotografia 2 - [redacted] a construir tartaruga



Fotografia 3 - Brincar com balões

## Bibliografia

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação

---

## REFLEXÃO 2

### REFLEXÃO DOS DIAS 7, 8 E 9 DE MARÇO

Ao longo destes três dias de prática, senti já algumas evoluções comparativamente com as semanas anteriores. O facto de as crianças nos receberem de forma tão positiva contribuiu para que me sentisse mais confortável no momento de intervir.

Esta semana ficou marcada pela nossa colaboração nas actividades da educadora cooperante. Uma vez que desde o início a educadora [redacted] nos colocou à vontade para fazermos questões e aprendermos, esta semana não senti o nervosismo e ansiedade que tinha sentido no semestre passado. As minhas inquietações estavam mais relacionadas com o facto de não saber se iria conseguir responder ao que me fosse pedido e pretendido. Finalizada a semana, considero que foi positiva e que nos proporcionou momentos de grandes aprendizagens.

Relativamente à segunda-feira e à ida à piscina, esta semana senti-me mais confortável e com a sensação de saber o que deveria fazer. Na última semana, uma vez que se tratava da primeira vez que intervia nesse contexto, sentia-me um pouco perdida, pois nem sempre sabia o que devia de fazer, perguntando muitas vezes à auxiliar de acção educativa [redacted], o que fazer. A sua ajuda e prontidão foram fundamentais para que nesta semana me sentisse mais à vontade, não necessitando de estar constantemente a perguntar o que

deveria fazer. Penso que ao longo do tempo será uma atividade que se tornará mais fácil pois cada vez vou estando mais dentro da situação.

Na terça-feira, tivemos então oportunidade de colaborar na atividade da educadora. Uma vez que se aproxima o dia do pai, cada criança está a fazer um porta-chaves e um postal, e nesse postal estará escrito o que a criança quer dizer ao pai. Uma vez que nem todas as crianças tinham dito o que queriam dizer ao pai, eu e a Leonor conversámos com algumas crianças, fazendo perguntas sobre o mesmo, tais como: o que queres dizer ao pai? Tu gostas muito do pai? Que prenda vais dar ao pai?, de maneira recolher o que elas dissessem para colocar no postal. Aqui, houve situações distintas pois algumas crianças mostraram-se bastante predispostas a colaborar tendo sido mais fácil escrever o que disseram, enquanto que outras crianças não se mostraram tão colaborativas, como foi o caso da [REDACTED], que durante todo o tempo não falou, tendo falado apenas um pouco no final. Houve ainda outro caso complexo, não pela sua falta de colaboração mas pelo facto de não compreender o que a criança estava a verbalizar. Nesta atividade consegui perceber que o facto de a nossa interação com as crianças poder ser considerada já bastante boa, facilita nos momentos de atividade.

Com estas actividades vamos conhecendo melhor as crianças, pois elas a cada segundo nos dão informações sobre a sua personalidade e gostos que são fundamentais para as pudermos orientar da melhor maneira de acordo com as suas necessidades e características. Por exemplo o [REDACTED], sei já que se trata de uma criança com dificuldade nas interações sociais, e através desta atividade pude observar que tem um tempo de concentração curto, uma vez que começou logo a olhar para o lado, acabando por se levantar e ir embora. Como futura educadora, devo

Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem ... práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades (Ministério da Educação, 1997, p. 25).

Ainda na terça-feira ocorreu uma situação que para fim foi bastante gratificante. Enquanto registávamos o discurso da criança, outras iam cortando pedaços de papel, e houve uma situação em que uma das crianças não estava a conseguir agarrar a tesoura e fazer o movimento de abrir a mão. Tentei explicar à criança como deveria fazer, exemplificando a acção. Depois pedi à criança para voltar a tentar e esta começou a abrir a mão correctamente, não querendo depois parar de cortar, uma vez que agora o conseguia fazer correctamente. Tenho noção que é uma pequena aprendizagem, mas foi importante para mim pois não tinha pensado em como se haveria de ensinar uma criança a utilizar uma tesoura, e de como elas precisam da nossa orientação para aprenderem.

Na quarta-feira, enquanto as crianças comiam a maçã e a educadora acolhia crianças que estavam a chegar, tive a oportunidade de contar uma história às crianças. Foi um momento difícil para mim, pois sinto que não lhes consegui captar a atenção, estando apenas quatro crianças a ouvir-me. Este é um aspecto em que devo melhorar, arranjando estratégias de lhes captar à atenção.

Ainda na quarta-feira decorreu a atividade de expressão motora, à qual nunca tinha tido a oportunidade de assistir. Deve-se ter em conta que para as crianças desta faixa etária,

Todas as actividades oferecidas ... devem levar ao uso do próprio corpo (escorregas, balanços, gangorras, ou através de brincadeiras de pulos, saltos, danças e correrias) para proporcionar os necessários estímulos a descobertas das noções sobre o seu próprio corpo e sua localização no espaço (orientação espacial) (Rizzo, 1989, p. 289).

Gostei bastante desta atividade, pois é possível observar a alegria das crianças no espaço do ginásio, a correrem e a realizarem jogos. Fiquei também surpreendida por as crianças se envolverem tanto na atividade preparada pela educadora, existindo apenas uma criança que se tenha negado a participar. Neste momento, tanto eu como a Leonor participámos, não tendo colaborado na intervenção uma vez que se tratava da primeira vez que presenciávamos este momento. Foi também importante para nós observar como as crianças reagem a este espaço para quando for a nossa vez de intervir termos noção do que fazer.

Relativamente à interação com as crianças penso que tem evoluído ao longo de todos os dias de prática. Para tal, são importantes os momentos no salão, onde brincamos com elas, os momentos de transição, em que mostramos às crianças que também somos um adulto a respeitar na sala e os momentos do almoço e do lanche. Esta interação com as crianças possui grande importância uma vez que

as interações com adultos de confiança proporcionam combustível emocional para os bebés e as crianças mais pequenas necessitam para formar um sentido de si próprias e para compreenderem o mundo físico e social ... enfatiza, então, a centralidade das relações de confiança, que deverão pautar-se pela positividade, reciprocidade, consistência e continuidade (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 46).

Tanto eu como a Leonor já sabemos de que forma é orientado o almoço e o lanche, o que na minha opinião ajuda para um melhor funcionamento destes momentos, em vez de estarmos lá um pouco “perdidas”. O facto de já estarmos dentro da rotina da sala das “Andorinhas”, foi um fator fundamental esta semana.

No que diz respeito à interacção com os intervenientes penso que tem corrido bem. Temos sido muito bem recebidas e queremos ao máximo dar o nosso melhor e ajudar naquilo que nos for possível. Sinto que com esta equipa tenho muito a aprender como futura educadora.

Outro aspeto que considero ter sido fundamental esta semana, tanto para mim como para a Leonor, foi a ajuda da educadora na escolha da nossa investigação para a tese. As conversas que tivemos e os conselhos que nos deu, foram importantes para nós, de modo a alargarmos a nossa visão e a orientar-nos. Sentimos muito esse apoio da parte da educadora, o que nos deu ainda mais força.

## Bibliografia

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. BIBLIOGRAPHY

Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S.(2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.

Rizzo, G. (1989). *Educação Pré-Escolar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

---

## REFLEXÃO 5

### REFLEXÃO 5 - DOS DIAS 4, 5 E 6 DE ABRIL

Esta semana ficou marcada por ter sido a primeira vez que a Leonor entreviu sozinha neste contexto, sendo o meu papel de observar e auxiliar em tudo o que fosse necessário, apoiando-a. Penso que no geral foi uma semana positiva, em que nos deparamos com diferentes obstáculos e os tentámos sempre ultrapassar, mesmo que sem sucesso. Sinto que são estes momentos que nos proporcionam aprendizagens significativas para o nosso crescimento como educadoras.

Sendo o meu papel esta semana mais direccionado para o auxiliar a intervenção da minha colega, tive maior disponibilidade para poder fazer um registo mais preciso dos comportamentos das crianças. Em conversa com a professora Alzira, compreendi que a observação não é apenas importante no início, mas sim ao longo de todo o tempo, e que devemos estar sempre atentas para recolher evidências, para quando da construção da planificação consigamos ir ao encontro das necessidades da criança. Ou seja, percebi que nestas últimas semanas tinha deixado um pouco de parte a observação e registo, o que é um erro, e como tal, esta semana tentei ter maior atenção a estes pormenores, observando e registando no caderno, fotografando as evidências mais pertinentes. Como exemplo, na terça-feira de manhã, no momento do acolhimento, algumas crianças estavam a brincar com plasticina na mesa dos jogos, nomeadamente o [REDACTED] a [REDACTED] e a [REDACTED]. A determinado momento, as crianças deixaram de brincar individualmente, partilhando a atividade, no que eles diziam que estavam todos juntos a cozinhar, sendo que uns faziam as batatas e outro as cenouras. O [REDACTED], às 9h08m chamou-me para me mostrar o que estava a fazer e dizer “estou a cozinhar cenouras” (Fotografia 1). Este foi um momento interessante para mim, pois constatei que as crianças, num momento em que podiam brincar individualmente optaram por brincar em conjunto, desenvolvendo as relações com o outro e as relações sociais.

Foi também interessante observar como estas três crianças utilizavam utensílios como facas, imitando o que vêm em suas casas, e por algumas vezes partilharam entre eles esses mesmo objectos. Este é um fator que consta na nossa planificação das rotinas, nomeadamente nas competências na Formação Pessoal e Social, que a criança consiga mostrar capacidade de partilha com os outros.



Fotografia 1 – [REDACTED] a cozinhar

É necessário realizar estas observações ao longo do tempo uma vez que, *observar ajuda a construir relacionamentos, revelando a singularidade de cada criança – incluindo o temperamento, as potencialidades, a personalidade, o estilo de trabalhar e o modo preferido de expressão da criança* (Jablon, Dombro & Dichtelmiller, 2009, p.23). Segundo Papalia, Olds & Feldman (2001), existem dois tipos de observação, a naturalista e a laboratorial, e neste caso, a observação por mim utilizada é a naturalista pois nesta *os investigadores observam as crianças nos seus ambientes reais. Os investigadores não tentam alterar o comportamento ou o ambiente; apenas registam o que observam* (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p. 38).

Relativamente à atividade orientada, penso que a maior dificuldade sentida foi a de conseguir “controlar” o grupo. Senti que a Leonor em diversas situações não conseguiu captar a atenção das crianças o que dificultou o desenrolar de toda a atividade. Aqui tentei ao máximo auxiliar a minha colega, mas tal como ela, senti

muitas dificuldades. Um aspeto que penso que pode ter dificultado este momento foi o facto de neste dia estarem presentes as dezanove crianças. Em conversa conjunta, reflectimos e percebemos que temos que tentar ter as crianças no tapete menos tempo, não prolongando o momento, e temos que arranjar estratégias para as cativar. Seguido a este momento do tapete, as crianças fizeram cada uma, um desenho, aqui já em pequeno grupo. Durante este momento à medida que ia auxiliando a minha colega, tentei também ir observando o grupo, pois temos que estar sempre atentas a todas as crianças e não apenas às que estão a realizar a atividade. Senti dificuldade da parte da Leonor em conseguir estar orientar o grupo ao mesmo tempo que observava as restantes crianças, e sabendo eu que essa é também uma dificuldade minha tentei apoiá-la nesse momento. Nos restantes momentos do dia considero que a Leonor conseguiu orientar de forma bastante positiva o grupo, não sendo quase necessária a intervenção da educadora ou a minha. Penso que já demonstra u bom sentido de liderança para esta fase da prática.

Na quarta-feira, a atividade orientada foi a de movimentar ao ritmo dos sons, no ginásio, em que as crianças formaram um círculo e consoante a música faziam os movimentos (Fotografia 2).

Penso que as músicas escolhidas foram as indicadas e que as crianças estavam muito interessadas e empenhadas, no entanto existiu um problema relacionado com o som. Quando experimentámos o som, eu e a Leonor não nos lembrámos que no momento da atividade iria existir alguma agitação e que provavelmente as crianças iriam falar, e como tal, achámos que se ouvia bem, o que não aconteceu. Devido à agitação da atividade, por diversas vezes tornou-se difícil ouvir a música o que condicionou o funcionamento da atividade.

Para uma próxima vez devemos ter em conta estes pormenores que fazem muita diferença. A atividade em si, penso que foi enriquecedora para as crianças uma vez que estava dentro do que tinha sido falado com as crianças na semana passada, os animais, e estava também em conformidade com o que estamos a falar de momento com as crianças, o corpo. A Leonor manteve uma postura correta e ao longo do tempo tornou-se mais flexível. O único ponto negativo que tenho a apontar foi o facto de ela não ter exemplificado primeiro como eram os movimentos, e tratando-se de crianças de três e quatro anos é fundamental esse momento. No entanto, a educadora alertou para este fator e auxiliou.

Esta semana, em conversa com as crianças a partir do livro da “mamã pôs um ovo”, sentimos que as crianças demonstram curiosidade em aprender mais coisas sobre o corpo humano. Como tal, pensámos em aproveitar este interesse das crianças para fazer o trabalho de metodologia por projeto. Sentimos alguma dificuldade sobre como o havemos de fazer, uma vez que ainda não realizámos pesquisa suficiente. Iremos realizar uma pesquisa mais aprofundada para compreender se podemos dar continuidade a este projeto e como o fazer.

Relativamente à planificação, temos vindo a fazer algumas alterações que consideramos pertinentes para que esta se torne um utensílio útil para nós. Temos tido também muito apoio e auxílio da nossa educadora, que nos tem ajudado a melhorar a planificação, tornando-a mais completa. Considero este exercício de reformulação da planificação fundamental, de modo a ficarmos mas flexíveis, e também porque,

Planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização (...) Este planeamento terá em conta as diferentes áreas de conteúdo e a sua articulação, bem como a previsão de várias possibilidades que se concretizam ou modificam (Ministério da Educação, 1997, p. 26).

## **Bibliografia**

- Jablon, J., Dombro, A., & Dichtelmiller, M. (2009). *O Poder da Observação - do nascimento aos 8 anos*. São Paulo: Artmed.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw Hill.



Fotografia 2 – Movimentos ao ritmo do som

---

## **REFLEXÃO 13**

### *REFLEXÃO DOS DIAS 30 E 31 DE MAIO E 1 DE JUNHO*

Durante estes três dias da Prática Pedagógica em Jardim de Infância, na Instituição “██████████”, foi a vez da minha colega intervir.

Esta semana ficou marcada pela presença da nova educadora. Para mim, este é um aspeto difícil, principalmente por se tratar do final da Prática. Ao longo de todo o semestre fomos habituando gradualmente a uma forma de trabalhar. Todo o processo requer tempo e visto que faltam apenas três semanas para finalizar a prática tenho dificuldades em conseguir acompanhar o novo ritmo e habituar-me a ele. Como futura profissional tenho que estar preparada para trabalhar em equipa com a maior variedade de pessoas, no entanto, sinto que nesta nova adaptação o processo tem de ocorrer de forma muito mais rápida. Aqui, não temos oportunidade de ter um período de observação que nos permite conhecer a pessoa. No entanto, a [REDACTED] deu-nos espaço para continuarmos o trabalho que temos vindo a fazer. O tipo de trabalho e forma de estar das educadoras é diferente. Considero que ambas têm aspectos muito positivos e só tenho a ganhar por poder experienciar estes dois métodos.

Algo que a [REDACTED] valoriza muito, e que se calhar não demos a atenção necessária é nos momentos de higiene. Quando chegámos à sala das “Andorinhas” percebemos que eles já eram bastante autónomos, especialmente nas idas à casa de banho, e como tal, não fizemos o acompanhamento adequado. Por mais autónomas que as crianças sejam, devemos fazer sempre o acompanhamento para conferir se o estão a fazer de forma correta. Esta semana, com o conselho da educadora [REDACTED] compreendemos que devemos gastar mais tempo na formação de hábitos, e como tal, dirigi-me sempre com as crianças à casa de banho, de modo a observar se realizavam de forma correta, auxiliando e explicando àqueles que não o estavam a fazer correctamente. Alertei para o facto de não devermos utilizar muita água nem muito papel. Esta sensibilização foi algo que a [REDACTED] teve em atenção, promovendo uma conversa com as crianças, onde explicou de que forma se deveriam lavar as mãos. A formação de hábitos não diz respeito apenas no momento de higiene, e tem como objectivos:

levar a criança a tornar-se, gradativamente, independente e capaz de dirigir sua própria atividade; levar a criança a assumir, gradativamente, atitudes de cuidado e preservação da sua própria vida e dos animais e vegetais à sua volta; levar a criança a desempenhar comportamentos facilitadores da sua vida social, baseada na compreensão de seus propósitos (Rizzo, 1989, p. 49).

Esta semana, penso que existiram várias lacunas no momento da manta, desde não conseguirmos manter o grupo controlado a estarmos demasiado tempo na manta, o que faz com que as crianças comecem a dispersar, perdendo a atenção. Em semanas anteriores já conseguimos gerir de forma muito mais organizada o grupo, utilizando estratégias para lhes captar a atenção. No entanto, esta semana, voltámos a sentir uma grande dificuldade em manter o grupo calmo. Tal como percebi em conversa com a educadora [REDACTED], não devemos pensar nas atividades antes da rotina estar bem consolidada, ou seja, o fundamental é que consigamos orientar o grupo durante todo o dia, e que consigamos incutir neles as formas de estar correctamente. Só depois de consolidada a rotina, podemos partir para atividades de desenvolvimento. Um momento da rotina muito importante é o momento da manta, e este não deve acontecer sem que exista planificação do mesmo.

O planeamento para a hora da roda é importante a fim de que não ocorram contratempo. Temos percebido que os professores mais bem-sucedidos com a roda frequentemente têm uma agenda escrita que inclui uma ou duas alternativas no caso de as crianças não responderem ao que foi apresentado (Devries & Zan, 1998, p. 117).

De acordo com o que aconteceu esta semana, percebi que deveríamos estar preparadas com mais do que uma estratégia, caso as crianças não correspondessem à primeira, que foi o que aconteceu. Ao longo de todo o semestre fomos experimentando estratégias diferentes de dinamizar o momento da manta, mas nunca planificámos uma estratégia de recurso caso a primeira não resultasse. É um aspeto que pretendo melhorar nas próximas intervenções.

Nesta semana, gostaria de realçar uma situação que presenciei. No início da nossa prática as crianças não compreendiam correctamente a utilidade do quadro de presenças, fazendo esse momento de forma automática e muito através da repetição. Seguindo o conselho da professora Alzira, ao longo do tempo, fomos gastando mais tempo no preenchimento do quadro, dando-lhe maior destaque, com o intuito de as crianças compreenderem como se preenche e o que significa o que estão a preencher. Com o passar do tempo fui-me apercebendo que as crianças começaram a dar maior importância ao quadro, e esta semana pude observar a [REDACTED] a fazer um desenho livre do quadro das presenças. De forma autónoma, a [REDACTED] agarrou numa folha e colocou-se ao lado do quadro, e à medida que ia observando o quadro ia desenhando. Observei sem intervir, e quando finalizou o seu desenho a [REDACTED] veio ter comigo mostrando-me e dizendo “é o nosso quadro das presenças, com o nome dos meninos todos”. Para mim, esta é uma evidência de como as crianças dão cada vez mais maior importância ao quadro das presenças.

Relativamente à atividade orientada de terça-feira, penso que existiram falhas tanto da parte da Leonor como da minha parte. No que diz respeito à Leonor, sinto que ela se perdeu um pouco quando as crianças começaram a dispersar, e que não consegui agarrar de novo o grupo. Quanto a mim, no momento em que se deu esta maior desorganização deveria ter ajudado mais a Leonor. No momento, pensei neste ponto, se

deveria intervir e ajudar a Leonor, ou se deveria deixá-la continuar. Com medo de estar a intrometer-me na sua intervenção fiquei um pouco à parte, mas compreendo agora que o que fiz não é o mais correto. Mesmo não devendo intervir quando é a semana da minha colega, quando se trabalha em equipa devemos sempre ajudar, e naquela situação a minha obrigação era de ajudar a acalmar o grupo. Numa próxima situação não pensei duas vezes e ajudarei a minha colega.

Um aspeto positivo da intervenção da Leonor, foi o facto de ter dado oportunidade a todas as crianças de mexerem nas plantas que levou (Fotografia 1). Como já referi em reflexões anteriores é muito importante todos as crianças terem oportunidade de ter contacto com os materiais. Outro aspeto que considero que a Leonor teve uma atitude muito correta foi no momento em que as crianças ficaram mais agitadas. Esta agitação ocorreu pois com as plantas vinham muitas formigas, que começaram a andar sobre a manta. Assim que as crianças viram as formigas, direcionaram as suas atenções para elas (Fotografia 2), deixando completamente de parte as plantas. Neste momento, a Leonor percebeu que o seu interesse eram as formiga e deu então espaço às crianças para observarem as formigas. Esta atitude da Leonor demonstra que ela compreende que se deve partir sempre dos interesses das crianças e que devemos dar espaço e tempo, seguindo os seus interesses. Não era algo planificado, mas notando o interesse das crianças considero que a Leonor fez bem ao deixá-las observar. *Reconhecer o desejo da criança é, em suma, reconhecê-la como sujeito que sente, actua, pensa e deseja; e esse, já o dissemos, é um dos aspectos básicos da acção educativa pré-escolar* (Zabalza, 2001, p.110).

De seguida, ocorreu outro momento menos bom derivado à agitação da manta. De modo a tentar acalmar as crianças, a Leonor passou para o momento seguinte. No entanto, no meio da agitação ela acabou por levar mais crianças para a manta do que estava planificado. O planificado eram duas crianças, e ela numa primeira vez levou cinco. De imediato ela percebeu que eram muitas crianças, e que deste modo não iria conseguir auxiliar todas as crianças. Já tínhamos pensado nesse aspeto, daí termos planificado serem apenas duas crianças e fazerem o desenho em simultâneo, no entanto, no meio da agitação penso que a Leonor se perdeu um pouco, e também eu não a avisei. Numa próxima vez, devemos ter mais calma, pensar, e só depois agir, pois se tínhamos planificado assim, deveríamos ter concretizado. Assim, a Leonor esteve com cinco crianças na mesa, tendo dificuldade a auxiliar (Fotografia 3). Também eu senti dificuldade em registar os seus desempenhos ao mesmo tempo que tentava orientar as restantes crianças pela sala.

Ambas nos apercebemos do erro, e os grupos seguintes já foram de apenas duas crianças, o que facilitou tanto a atividade como o auxílio da nossa parte.

Foi um dia bastante complicado que nos fez repensar na nossa forma de estar na manta com as crianças, e na importância de arranjarmos diversas estratégias.

Na quarta-feira realizaram-se as actividades do dia Mundial da criança, e na parte da manhã, antes do teatro, a educadora [REDACTED] propôs que colocássemos música na sala para as crianças brincarem e que se pudessem vestir (Fotografia 4). Para mim este foi um momento importante tanto para as crianças como para nós. A grande parte das crianças estava com muita disposição para brincar, e na minha opinião, estes momentos fortalecem os nossos laços com as crianças bem como as crianças fortalecem os laços com os seus pares. O educador tem um papel fundamental no fortalecimento dos laços, pois ele pode criar situações para tal, como foi este momento em que todas brincavam em roda. *Os adultos podem ajudar as relações das crianças mais novas com os seus pares, colocando-as junto destes, orientando o seu jogo e sugerindo-lhes estratégias para usar no contacto com as outras crianças* (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.386).

Todo este dia foi preparado de modo a fortalecer estas relações, bem como o momento seguinte, do teatro, ou momento de zumba (Fotografia 5), em que todas as crianças dançaram em conjunto.

Este dia não foi planificado por nós, mas é importante para nós estarmos presentes e observarmos de que modo se pode dinamizar um dia desta importância.



Fotografia 1 – David a observar a planta



Fotografia 2 – Interesse pelas formigas



Fotografia 3 – Exploração e desenho na mesa



Fotografia 4 – Crianças mascaradas



Fotografia 5 - Zumba

Na parte da tarde ocorreu ainda uma situação muito interessante, em que as crianças da sala dos “Patinhos” vieram mostrar às “Andorinhas” a tartaruga que tinham na sua sala. Esta situação promove a interacção entre salas, que desde o início tem vindo a acontecer. Foi também bom, pois as crianças puderam tocar na tartaruga (Fotografia 6), perdendo o medo. Esta atividade fortalece também a comunicação das crianças, pois,

Para poderem comunicar, as crianças têm que compreender as ideias formuladas pelas outras pessoas, devem ser capazes de se exprimir sobre o assunto que esteja a ser tratado e têm que ser capazes de entregar esta informação numa sequência de acontecimentos e de experiências que aumentem a sua compreensão do mundo em que vivem (Brickman & Taylor, 1991, p. 74).

Em todos os momentos o educador deve orientar o grupo, dando segurança, aspeto que nos falhou esta semana, mas que tentaremos melhorar nas seguintes.

Esta semana fica também marcada por ter terminado o meu ensaio investigativo.



Fotografia 6 – Tocar na tartaruga

## Referências Bibliográficas

Brickman, N., & Taylor, L. (1991). *Aprendizagem Activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Devries, R., & Zan, B. (1998). *A Ética na Educação Infantil*. São Paulo: Artmed.

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw Hill.

Rizzo, G. (1989). *Educação Pré-Escolar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Zabalza, M. (2001). *Didáctica da Educação Infantil*. Rio Tinto: Edições ASA.

---

## REFLEXÃO 7

### REFLEXÃO DOS DIAS 18, 19 E 20 DE ABRIL

Esta semana ficou marcada por ter sido a intervenção individual da Leonor, sendo o meu papel de auxiliar em tudo o que fosse necessário. No geral, penso que foi uma semana positiva, em que algumas das estratégias por nós utilizadas de modo a conseguir orientar de melhor forma o grupo resultaram.

Uma das estratégias utilizadas esta semana ocorreu no momento da manta. Normalmente temos tido algumas dificuldades em orientar o grupo, devido às suas fortes personalidades e ao facto de ainda não nos verem como um líder a respeitar. Face a estas nossas dificuldades, reflectimos muito em conjunto e chegámos à conclusão que deveríamos arranjar estratégias que os cativassem, que fossem novas, de modo a captar-lhes a atenção. Assim, esta semana, à medida que as crianças iam arrumando os brinquedos e sentando-se na manta, coloquei uma música calma. As crianças estranharam, e a Leonor foi incentivando a que estas a ouvissem, tendo para isso que fazer pouco barulho. A nossa intenção era a de colocar a música apenas nos momentos iniciais, mas como reparámos que estava a correr muito bem, decidimos prolongar a música até ao final do momento da manta. Assim, comeu-se a fruta, cantou-se os bons dias, registaram-se as presenças e realizou-se a atividade da exploração de cheiros, sempre com a música de fundo. Sempre que a Leonor notava que as crianças se começavam a dispersar, alertava que se tinha de fazer menos barulho para se conseguir ouvir a música. Na minha opinião foi uma estratégia que resultou muito bem. Para o futuro, temos que pensar em novas estratégias, e não utilizar sempre a mesma porque senão as crianças começam a habituar-se e perde-se o efeito de novidade.

Ainda na manta, esta semana a Leonor tentou aproveitar o quadro das presenças para o trabalhar com as crianças. Muitas das crianças não compreendem bem para que serve o quadro e de que forma se preenche. É necessário que exista um trabalho contínuo e que se auxilie as crianças sempre que estas demonstrem dificuldades, tal como aconteceu. A Leonor auxiliou as crianças alertando as restantes que deveriam estar com atenção ao que o colega estava a fazer. A Leonor aproveitou ainda para que as crianças fizessem o exercício de contagem, auxiliando sempre quando não o conseguiam como aconteceu com o [REDACTED], que não conseguia realizar a contagem correctamente. A Leonor contou de novo com ele explicando-lhe o que estava a fazer de incorrecto (Fotografia 1).



Fotografia 1 – Leonor a auxiliar o preenchimento do quadro das presenças

Durante todo este momento da manta, tentei sentar-me perto das crianças que estavam mais irrequietas de modo a tentar acalmá-las antes que perturbassem os restantes amigos.

Mais tarde, em conversa com a professora Alzira, percebemos que uma das razões pela qual as crianças perdem um pouco a atenção durante o preenchimento das presenças pode estar relacionado com o posicionamento das crianças em relação ao quadro. Este quadro encontra-se numa parede ao lado das mesas, o que torna com que fique escondido. Na manta, muitas das crianças sentadas, ficam de costas para o quadro. Depois de reflectirmos sobre este aspeto e de falarmos com a educadora, decidimos, após o seu consentimento, alterar a disposição da sala. Esta alteração como foi feita na quarta-feira à tarde, ainda não sabemos qual o resultado da nova organização da sala. A disposição da sala deve ser pensada tendo em conta o grupo de crianças, *consequentemente, os espaços educativos não podem ser todos iguais* (Craidy & Kaercher, 2001, p. 73).

Na quarta-feira fomos à biblioteca, e tal como todas as saídas, traz uma responsabilidade muito grande. No entanto, penso que as crianças também compreendem que quando saímos à rua temos que ter cuidado, e por isso no percurso também elas se mantiveram bastante atentas. O percurso até à biblioteca e posteriormente até à escola, correu bastante bem. Já me sinto com maior flexibilidade para estar atenta a diversas situações. Na biblioteca, as crianças portaram-se bastante bem, uma vez que ainda na escola a Leonor tinha proporcionado uma conversa com as mesmas sobre como nos devemos comportar numa biblioteca. Penso que a atividade na biblioteca foi lúdica e que as crianças gostaram, como se pode observar na Fotografia 2, em que estão todas com atenção ao conto da história.

Considero que quem organizou esta atividade dinamizou pensando nas crianças e na sua faixa etária, pois de seguida proporcionou às crianças que colassem as riscas da zebra de acordo com a história. Foi muito interessante observar as diferentes formas que cada criança utilizou para colar, e achei muito bom que deixassem colar de acordo com o que a criança queria e não impondo a ordem correta. Na Fotografia 3 é possível ver o empenho das crianças e em como os resultados estavam a ficar tão diferentes.

Esta semana deu-se continuidade ao trabalho por projeto sobre o corpo humano, de acordo com os interesses das crianças. Uma vez que a parte da pesquisa já está finalizada, procedeu-se à fase seguinte, que consistiu em realizar duas silhuetas, em que numa as crianças colocaram o que descobriram sobre o exterior do corpo humano e na outra o que descobriram sobre o seu interior. Está a ser muito interessante realizar este projeto com as crianças, pois ao longo do tempo vamos vendo o seu interesse crescer, querendo mostrar aos pais o que fizeram e participando.

Relativamente à Leonor, penso que conseguiu orientar de forma positiva todos os momentos da rotina, pedindo ajuda sempre que sentia alguma dificuldade.

### **Bibliografia**

Craidy, C., & Kaercher, G. E. (2001). *Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.



Fotografia 2 – Conto da história



Fotografia 3 – Atividade na biblioteca

---

## **REFLEXÃO 8**

### **REFLEXÃO DOS DIAS 26 E 27 DE ABRIL**

Esta semana ficou marcada por ter sido a minha intervenção e também por se tratar de uma semana em que intervimos apenas um dia, devido ao feriado que ocorreu na segunda-feira, o 25 de Abril.

No que diz respeito à terça-feira, sinto que no momento da manta tem vindo a existir uma evolução. Este grupo de crianças sempre foi complicado, e uma das nossas maiores dificuldades era e é sem dúvida conseguir captar-lhes a atenção, mantendo-os na manta durante algum tempo, especialmente para concretizar as rotinas. As rotinas diárias são um momento muito importante uma vez que,

Para além da organização do ambiente, os adultos também planeiam uma rotina diária consistente que apoie a aprendizagem ativa. Esta rotina permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia pré-escolar (...) Através de uma rotina diária comum, focalizada em volta de oportunidades para aprendizagem ativa, as crianças e os adultos constroem o sentido de comunidade (Hohmann & Weikart, 2011, p. 8).

Devido a esta dificuldade sentida, tanto eu como a Leonor sentimos necessidade de arranjar estratégias que pudessem ser cativantes e que despertassem o interesse das crianças. Com isto em vista, falámos diversas vezes com a educadora [REDACTED] e também com a professora Alzira, e ambas concordaram que deveríamos arranjar estratégias que solucionassem esta situação. Como já referi na semana passada, optámos por utilizar uma música durante todo o momento da manta. Este elemento surpresa resultou, e pude observar uma melhoria no comportamento das crianças, talvez por se tratar de algo novo. Esta semana pretendemos arranjar outra estratégia, de modo a não utilizar a mesma, pois como as crianças já conheciam poderia não resultar tão bem. Assim, esta semana optámos por utilizar dedoches, na esperança que as crianças os achassem interessantes e ficassem curiosas e atentas. No entanto, na terça-feira de manhã uma das crianças levou para a sala uma caixa de música para mostrar aos colegas. Acabei por aproveitar essa caixa de música para funcionar como estratégia, utilizando os dedoches na parte da tarde. Como as crianças não conheciam aquela caixa de música, permaneciam bastante atentas para ouvir, ainda mais porque se tratava de uma música bastante conhecida deles. Penso que fiz bem ao aproveitar a caixa de música, pois é sempre melhor partir de algo que as crianças gostem. A criança que a trouxe ficou feliz por a mostrar aos colegas enquanto as restantes permaneciam atentas à música. Na parte da tarde, acabei por utilizar os dedoches e penso que também funcionaram de modo bastante positivo. As crianças queriam interagir com eles, e permaneciam em silêncio para que os dedoches continuassem na sala. Na minha opinião, a introdução destes elementos surpresa tem sido fundamental para que possamos captar a atenção do grupo.

Relativamente ao quadro das presenças esta semana, tentámos incidirmos naquilo que também temos como competência na nossa planificação “realiza contagens termo a termo no preenchimento do quadro de presenças; desenvolve o conceito de cardinalidade na contagem das crianças presentes na sala; compreende a tabela de dupla entrada durante o preenchimento do quadro de presenças”. Sinto que as crianças ainda não compreendem bem o quadro e a forma de o preencher, e é por isso que temos despendido algum tempo nesta rotina. Com o intuito de criar um espaço que proporcione melhor esta aprendizagem, a semana passada alterámos a organização da sala e só esta semana a podemos testar. De acordo com o que ocorreu nestes dois dias penso que esta nova organização facilita o acesso das crianças ao quadro das presenças, bem como facilita a visão das crianças que têm do mesmo, permitindo assim que acompanhem a marcação de todas as presenças.

Ainda no momento da manhã houve uma situação que me despertou à atenção. A [REDACTED], enquanto brincava com a plasticina estava a criar um verdadeiro jogo de faz de conta, dividindo a plasticina em “massinhas pequenas”, para construir depois o seu “bolo” (Fotografia 1). Reparo que por diversas vezes esta criança tem estes comportamentos, umas vezes sozinha, outras em grupo. Este tipo de situações são positivas para a criança uma vez que,



Fotografia 1 – [REDACTED] a fazer um “bolo”

Através da imitação e do faz-de-conta as crianças organizam aquilo que compreendem e ganham sentido de mestria e controlo sobre os acontecimentos que testemunharam ou nos quais tomaram parte – fazer o pequeno almoço, ir para o trabalho, ir a uma festa (...) Fazer-de-conta e representar papéis tendem a ser atividades francamente sociais, e parecem ter um efeito positivo no desenvolvimento social e de linguagem das crianças (Hohmann & Weikart, 2011, p. 494).

Durante os dois dias desta semana demos continuidade ao nosso trabalho por projeto, tendo finalizado na quarta-feira, faltando apenas a apresentação aos colegas. No âmbito deste projeto, na terça-feira surgiu uma situação muito boa. Uma criança, a [REDACTED], levou para a sala algo que construiu em casa com os pais relativamente ao corpo humano. Foi notória a alegria da criança e em como esta queria mostrar aos colegas. Assim, dei primeiro oportunidade à [REDACTED] de mostrar aos amigos da sala o que fez em casa com os pais, explicando o processo e o que representava cada coisa (Fotografia 2), e mais tarde, fomos em conjunto mostrar à sala dos Patinhos, explicando na mesma o processo (Fotografia 3).



Fotografia 2 – [REDACTED] a mostrar aos colegas o seu trabalho



Fotografia 3 – Andorinhas a mostrarem aos Patinhos o trabalho da Maria Estrela

Gostei particularmente deste momento pois senti que as crianças estão entusiasmadas com o projeto, estando todas a ter uma participação ativa, trabalhando em grupo. Foi também interessante saber que os pais se interessam na vida escolar dos filhos, querendo ajudar e participar nela. A participação dos pais é cada vez mais importante pois,

Os pais são os primeiros educadores e professores das crianças. São os primeiros adultos a desempenhar um papel importante no desenvolvimento e no processo de aprendizagem das crianças. O lar é o primeiro ambiente de aprendizagem com que a criança contacta (Brickman & Taylor, 1991, p. 238).

A atividade de expressão motora de quarta-feira, foi dividida em duas partes. Uma primeira parte onde se voltou a realizar um percurso, com o intuito de avaliar o equilíbrio nas crianças que ainda faltavam, e na segunda parte realizando um jogo tradicional “o jogo dos sacos” (Fotografia 4). Primeiramente fiz corridas de duas crianças, passando depois para corridas de quatro crianças, uma vez que senti que as crianças já tinham interiorizado as regras. A realização destes jogos desenvolve as crianças a nível motor, e são muito importantes para o desenvolvimento das competências sociais. Segundo o Ministério da Educação, *os jogos de movimento com regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem* (Ministério da Educação, 1997, p. 59). Na minha opinião, correu muito bem uma vez que as crianças estavam entusiasmadas, querendo todas participar. Foi um pouco difícil para mim controlar este entusiasmo das crianças, e por muitas vezes senti dificuldade em fazer-me ouvir.



Fotografia 4 – Jogo dos sacos

No geral, penso que foi uma semana onde consegui evoluir relativamente ao captar a atenção das crianças, tendo no entanto de continuar a batalhar neste sentido. Relativamente às actividades propostas, estas estiveram relacionadas com a proximidade do dia da mãe, daí a realização do postal para a mãe.

Um aspeto que considero negativo esta semana, foi a leitura da história, primeiro porque alterei a estratégia de leitura a meio e segundo, porque li demasiado rápido para crianças desta faixa etária. No futuro, tenho que ter este fator mais em atenção, como também preparar melhor as perguntas que faço no final da história, de modo a promover o reconto por parte das crianças, fazendo-as pensar e raciocinar.

## Bibliografia

Brickman, N., & Taylor, L. (1991). *Aprendizagem Activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.  
Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.  
Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

---

## REFLEXÃO 9

### REFLEXÃO DOS DIAS 2, 3 E 4 DE MAIO

Esta semana ficou marcada por ter sido a intervenção da Leonor, sendo o meu papel de auxiliar em tudo o que fosse necessário. Penso que no geral, mantivemos uma boa postura, tentando responder de forma positiva a tudo o que nos surgia. Com o passar do tempo sinto que devemos procurar maior autonomia, o que por algumas vezes não acontece. Em algumas situações ficamos ainda um pouco presas, como por exemplo quando é altura de chamar as crianças para ir à casa de banho. Visto que já estamos num momento avançado desta Prática Pedagógica, penso que devemos tentar melhorar este aspeto, pois um dia, como futuras educadoras, não teremos ninguém a auxiliar-nos como faz agora a educadora [REDACTED].

Relativamente a segunda-feira devo salientar a construção de um placard na entrada do [REDACTED]. Foi a primeira vez, desde que estamos na instituição, que participamos na construção de um placard para colocar na entrada. Participámos em todo o processo, realizando actividades com as crianças que tinham em vista o próprio placard. Foi importante para mim este momento pois foi algo novo e com o qual ainda não tinha tido contacto. Para a elaboração do placard foi necessário realizar uma contextualização que teve de ser melhorada pela educadora. No entanto, foi importante para nós termos oportunidade de realizar esta contextualização para termos noção de como se deve fazer, das dificuldades que se sentem e do que se deve ter em conta. Foi uma situação de aprendizagem para nós.

Na terça-feira, tivemos a oportunidade de participar em mais uma saída com as crianças. Desta vez, fomos até ao Mercado Santana participar numa atividade de Segurança Rodoviária, organizada pela ACP-Kids. Foi

uma atividade interessante que alertou as crianças para os perigosos que corremos ao andar na estrada e os cuidados que devemos ter. No geral, penso que correu bem, e eu estive sempre atenta a qualquer situação que pudesse acontecer. Nas saídas à rua devemos ter sempre maior atenção às crianças, pois um momento de distração pode ser crucial. Após a realização da atividade e uma vez que ainda tínhamos tempo até ao almoço, dirigimo-nos até ao jardim para as crianças brincarem um pouco. Também aqui me tentei manter o mais alerta possível, não deixando as crianças afastarem-se. Este tipo de situações requerem maior responsabilidade da minha parte, e penso que ter tido estas oportunidades me tem feito crescer e evoluir, estando cada vez mais à vontade neste papel.

Na parte da tarde, as crianças fizeram a apresentação aos colegas das silhuetas que construíram previamente no projeto do corpo humano. Esta apresentação pertence à fase 4 de um trabalho por projeto, fase de divulgação/avaliação. Nesta fase,

Expõe-se uma sistematização visual do trabalho nos átrios de entrada e nos corredores, elaboram-se álbuns, portefólios, divulga-se. Uma experiência culminante ocorre: é uma espécie de celebração, um meio simbólico de reconhecer o que foi conquistado e apreendido pelo grupo durante o projecto, avalia-se o trabalho, a intervenção dos vários elementos do grupo, o grau de entre-ajuda, a qualidade da pesquisa e das tarefas realizadas, a informação recolhida, as competências adquiridas. Formulam-se novas hipóteses de trabalho e, eventualmente, nascem novos projectos e ideias que serão posteriormente explorados (Vasconcelos, s/d, p.16).

Cada grupo de criança apresentou à vez a silhueta que realizou, explicando às crianças o que esta continha (Fotografias 1 e 2).

Foi muito importante para mim este momento, pois pude observar que as crianças com este projeto realizaram muitas aprendizagens. Penso que foi um projeto interessante para elas e que lhes captou o interesse desde o início.

A quarta-feira foi dedicada à realização de um bolo. Na tentativa de dinamizarmos nós próprias uma saída, para este dia, planificamos a confecção de



Fotografia 1 – Apresentação da silhueta

um bolo, e para tal foi necessário ir com as crianças a uma mercearia local e perto do [redacted], comprar os ingredientes necessário. Primeiramente promovemos uma conversa com o grupo, explicando o que iríamos fazer. Acho que é sempre necessário conversar com as crianças, dando-lhes a conhecer aquilo que vai acontecer. Desde logo pude sentir o entusiasmo das crianças que quiseram participar. Depois dirimo-nos então á mercearia tentando promover os hábitos de segurança rodoviária. Uma vez que não podíamos ir todos à mercearia ao mesmo tempo, fomos em pequenos grupos, enquanto que as restantes crianças esperavam num espaço adjacente à mercearia. Foi muito complicado para mim manter as crianças neste espaço, pois sendo um local novo elas queriam correr bastante e tive dificuldade em fazer-me ouvir. Cada grupo de crianças que ia à mercearia estava encarregue de comprar um ingrediente. Fiquei bastante surpreendida por observar que todas as crianças respeitaram todas as regras de boa educação, dizendo bom dia, pedindo por favor e agradecendo no fim (Fotografia 3). Antes da realização da atividade esperava que nem todas fossem respeitar estas regras e que não mostrassem interesse na mesma, o que não aconteceu. De seguida, dirigimo-nos de novo para o Ninho, onde confecionamos o bolo. Todas as crianças tiveram oportunidade de participar, o que é muito importante. As crianças mostraram-se sempre interessadas, sendo todas bastante participativas (Fotografia 4). Gostei bastante de realizar esta atividade e penso que no geral correu bem e correspondeu às nossas expectativas. Acho também que foi pertinente uma vez que foi uma atividade que englobou muitas áreas. Senti que foi uma atividade significativa para as crianças, devido ao interesse que mostravam, e para nós foi importante para promovermos a nossa autonomia e confiança. Considero que são estas actividades que nos ajudam a evoluir, onde podemos arriscar e reflectir sobre o que aconteceu.



Fotografia 2 – Apresentação da silhueta

ouvir. Cada grupo de crianças que ia à mercearia estava encarregue de comprar um ingrediente. Fiquei bastante surpreendida por observar que todas as crianças respeitaram todas as regras de boa educação, dizendo bom dia, pedindo por favor e agradecendo no fim (Fotografia 3). Antes da realização da atividade esperava que nem todas fossem respeitar estas regras e que não mostrassem interesse na mesma, o que não aconteceu. De seguida, dirigimo-nos de novo para o Ninho, onde confecionamos o bolo. Todas as crianças tiveram oportunidade de participar, o que é muito importante. As crianças mostraram-se sempre interessadas, sendo todas bastante participativas (Fotografia 4). Gostei bastante de realizar esta atividade e penso que no geral correu bem e correspondeu às nossas expectativas. Acho também que foi pertinente uma vez que foi uma atividade que englobou muitas áreas. Senti que foi uma atividade significativa para as crianças, devido ao interesse que mostravam, e para nós foi importante para promovermos a nossa autonomia e confiança. Considero que são estas actividades que nos ajudam a evoluir, onde podemos arriscar e reflectir sobre o que aconteceu.



Fotografia 3 – Crianças na mercearia



Fotografia 4 – Confecção do bolo

Esta semana realizei também a segunda tarefa para a minha investigação.

Foi uma semana importante e que apesar das duas saídas à rua, tive oportunidade de realizar aprendizagens significativas para o meu futuro como educadora. Relativamente à Leonor, orientou bem os momentos da rotina bem como das actividades.

### **Bibliografia**

Vasconcelos, T. (s/d) *Trabalho por projeto na educação de infância*. Lisboa: Ministério da Educação .

---

## **REFLEXÃO 4**

### ***REFLEXÃO DOS DIAS 29 E 30 DE MARÇO***

Esta semana ficou marcada por ter sido a primeira vez que intervimos nesta prática. Tratando-se de uma intervenção conjunta, tanto eu como a minha colega atuámos em conjunto, tentando nunca nos sobrepormos e intervirmos ao mesmo tempo. É sempre difícil intervir em conjunto pois por mais que tenhamos preparada a forma como vamos atuar, no momento, por causa dos imprevistos, nunca sabemos bem até que ponto podemos ir, e se a nossa parceira quer intervir. Tentámos ao máximo ter cuidado com essa situação, e penso que o conseguimos moderar, uma vez que também não foi a primeira vez que intervimos em conjunto. Desta forma, sentimo-nos sempre mais amparadas, sendo um aspeto positivo, pois se por alguma razão nos sentimos inseguras ou perdidas a nossa parceira apoia-nos, não se notando tanto a nossa fragilidade. Esta é uma forma de valorizarmos o trabalho em equipa, e de nos habituarmos a ele, pois no futuro iremos trabalhar com outras pessoas e é importante que saibamos fazê-lo.

O trabalho em equipa é um processo interactivo. Ao trabalhar numa equipa os adultos utilizam muitos dos mesmos princípios curriculares e das mesmas estratégias que usam quando trabalham com as crianças. No seu melhor, o trabalho em equipa é um processo de aprendizagem pela acção que implica um clima de apoio e de respeito mútuo (Hohmann & Weikart, 2011, p. 130).

Uma vez que se tratou de uma semana de intervenção, todos os momentos são orientados por nós, e nesse aspeto devemos agradecer à educadora que nos dá espaço para que tal aconteça. Sinto que é importante para mim ter este espaço, pois mesmo que ainda não me sinta completamente à vontade, sei que é desta forma que tenho oportunidade de aprender e de evoluir. Muitas vezes ocorreram situações em que tinha dúvida se podia ou não chamar as crianças, se as devia encaminhar, como deveria de lhes chamar a atenção, mas tendo oportunidade de passar por estas situações de dúvida, vou aprendendo e ao longo do tempo penso que se tornará mais fácil. Como educadora devo estar bem presente nas rotinas e saber de que forma funcionam, para poder apoiar as crianças sempre que precisam, e sei que *alguns instrumentos frequentes em jardins-de-infância – quadros de presenças, quadro de tarefas e outros – podem facilitar a organização e a tomada de consciência de pertença a um grupo* (Ministério da Educação, 1997, p. 36), e como tal, tentei ao máximo dar importância a estes momentos da rotina. Devemos dar elevado valor às rotinas, uma vez que,

Para além da organização do ambiente, os adultos também planeiam uma rotina diária consistente que apoie a aprendizagem ativa. Esta rotina permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia pré-escolar (Hohmann & Weikart, 2011, p. 8).

Relativamente às actividades realizadas, não foram realizadas da melhor forma possível. A atividade de terça-feira consistia em as crianças preencherem uma tabela de dupla entrada de acordo com as características dos animais. Decidimos realizar esta atividade, uma vez que a criança já tinham previamente abordado estes assuntos com a educadora, e tínhamos como objetivo fazer uma consolidação dos conhecimentos das crianças, relativamente ao número de patas, ao tipo de revestimento e ao habitat de diferentes animais. Começámos por explicar às crianças de que forma teriam que preencher o quadro, e posteriormente cada grupo de duas crianças preencheria a tabela relativa a um animal. Antes de realizarmos a atividade pensámos que esta seria uma boa forma de rever os conhecimentos e que todas as crianças seriam capazes de preencher a tabela. No entanto, com o decorrer da atividade fomos percebendo que se tratava de uma tabela muito complexa para crianças de três e quatro anos e que estas não conseguiam fazer a leitura horizontal e vertical, fazendo o cruzamento dos dados. Uma das razões pela qual a nossa tabela não resultou foi pelo facto de dentro da nossa tabela, estarem três tabelas. As crianças ainda têm dificuldade em compreender como se devem preencher este tipo de tabelas e têm também dificuldade nas relações espaciais, que estavam a trabalhar com esta tabela. No futuro, antes de realizarmos actividades com tabelas deste género, devemos primeiro explorar os quadros de presença e só mais tarde passar para tabelas deste género. Outro fator que condicionou esta atividade foi o facto de a nossa tabela não ter linhas visíveis que pudessem servir de auxílio às crianças. As nossas linhas eram apenas a lápis, o que não é correto. Deveríamos ter colocado linhas a cores, diferenciado as cores consoante o conteúdo. A criança que preenchia a primeira linha da tabela até o conseguia fazer, mas as crianças seguintes sentiam dificuldades. Com o auxílio da professora Alzira, compreendemos que não poderíamos continuar a nossa atividade daquela forma, e

acabámos por adaptar a tabela para que todas as crianças preenchessem sempre a primeira linha. Este foi um conselho dado pela professora Alzira, que nos foi muito útil, uma vez que tanto eu como a minha colega, ao vermos as crianças sem conseguirem preencher o quadro não estávamos a conseguir encontrar uma solução. Uma criança onde podemos observar como esta mudança de estratégia resultou foi o [REDACTED]. O Daniel, ao início, não estava a conseguir compreender onde deveria colocar a cruz, colocando sempre na primeira fila. Depois de alterarmos a tabela, o [REDACTED] conseguiu preencher correctamente a tabela. Outra criança em que isto também se verificou foi a [REDACTED], que depois de alterada a tabela conseguiu preenche-la correctamente. Finalizada esta atividade, sinto que deveria ter pensado melhor nos materiais e se seriam ou não adequados para crianças destas idades. Deveria também ter gasto mais tempo na preparação dos materiais.

Através desta atividade, tivemos também em atenção o sentido de número da criança. Tivemos sempre em atenção de pedir às crianças que nos dissessem que número era aquela, primeiro por ordem e depois alternadamente, para perceber se as crianças os reconhecem realmente ou se apenas os dizem por ser ordenado. Podemos observar que existem crianças que não identificam nenhum número, como é o caso do [REDACTED], mas também existem crianças que identificaram todos os números, como a [REDACTED]. O número que a maior parte das crianças teve dificuldade em identificar foi o zero, uma vez que este representa o nada, e as crianças ainda não compreendem nem têm noção do que é o zero, o nada. Devemos sempre tentar que as crianças construam as noções matemáticas, uma vez que

...o papel da matemática na estruturação do pensamento, as suas funções na vida corrente e a sua importância para aprendizagens futuras, determina a atenção que lhe deve ser dada na educação pré-escolar, cujo quotidiano oferece múltiplas possibilidades de aprendizagens matemáticas (Ministério da Educação, 1997, p. 73).

No que diz respeito à atividade de expressão motora realizada na quarta-feira, senti dificuldade em controlar o tempo, ou seja, penso que fomos demasiado rápidas, dando pouco tempo às crianças para se movimentarem. É uma situação onde ainda me sinto muito pouco à vontade, uma vez que nunca tínhamos estado neste contexto, mas devido à sua importância sei que tenho que procurar estratégias para me sentir mais à vontade e para que o momento flua mais naturalmente. No entanto, penso que as crianças gostaram da atividade e acho que estava relacionada com a atividade do dia anterior, o que é sempre positivo, conseguir interligar as actividades. Ainda na quarta-feira, realizámos em grande grupo a atividade dos cuidados a ter com os animais. Esta atividade consistiu em proporcionar uma conversa com o grupo, para que estas dissessem quais eram os cuidados que se devem ter com os animais. Uma vez que ainda não conseguimos captar totalmente a atenção das crianças, por vezes foi difícil fazermos-nos ouvir, e foi necessária a intervenção da educadora. Contudo, todas as crianças deram ideias, que escrevemos numa cartolina para irmos lembrando. É importante realizarmos actividades em grande grupo uma vez que *o tempo em grupo grande ... é um tempo para que todo o grupo possa partilhar informação importante e participar em actividades que são próprias para grupos maiores* (Hohmann & Weikart, 2011, p. 402).

Quero também realçar o momento da leitura da história às crianças. Sendo um grupo considerado difícil, pensava que enquanto estivéssemos a ler a história, não conseguíssemos captar a atenção de todas as crianças, o que não se verificou. Todas as crianças se mostraram muito interessadas, prestando atenção, à excepção de apenas uma criança, o [REDACTED]. Foi um momento positivo para mim pois senti que pela primeira vez conseguimos captar a atenção de todo o grupo, o que pode ter acontecido por as crianças ainda não conhecerem aquela história.

Considero que os restantes momentos da rotina aconteceram de forma normal, e que podemos contar sempre com o apoio tanto da educadora bem como da auxiliar, o que é muito importante para mim.

Relativamente à nossa planificação, sinto que a construída por nós é útil, no entanto, sinto ainda muita dificuldade na construção da mesma. Sempre tive dificuldade em saber como escrever as intencionalidades, e essa dificuldade ainda se mantém. Espero que com o passar do tempo consiga compreender de que forma o posso fazer da maneira mais adequada.

No geral, foi uma semana que me proporcionou aprendizagens importantes e que me fez reflectir muito sobre os acontecimentos.

## **Bibliografia**

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.  
Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

# ANEXO IV: Planificações em Contexto de Jardim de Infância I

## PLANIFICAÇÃO 9

A desenvolver de 23/05/2016 a 25/05/2016

Sala: Andorinhas

Interveniente: Anne Sousa

**Intencionalidade educativa:** Criar oportunidades de complexificar saberes lógicos matemáticos; Fomentar a participação em grupo; Criar situações promotoras do desenvolvimento da motricidade fina e global; Fomentar a interpretação, sistematização e comunicação; Fomentar a identificação e nomeação de diferentes sementes; Fomentar a capacidade de recontar; Promover a capacidade de escuta e identificação; Incentivar a tomada de decisões; Fomentar a identificação e nomeação de diferentes cores;

### Competências a desenvolver em cada área e domínio:

Formação Pessoal e Social:	Expressão e Comunicação:			Conhecimento do Mundo:
	Expressões Dramática; Musical	Motora; Plástica e	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Respeita e escuta os outros, durante o jogo de escuta;</li> <li>-Mostra capacidade de participar ativamente no jogo do tubarão;</li> <li>- Demonstra capacidade de decisão na escolha dos lápis a utilizar no desenho da lagarta.</li> <li>-Identifica a voz do outro no jogo do lenço.</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Controla os movimentos de forma voluntária no jogo do tubarão;</li> <li>-Agarra e manipula corretamente os lápis de cera na pintura da lagarta;</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Sistematiza e comunica oralmente na conversa em grande grupo sobre a história;</li> <li>-Usa frases sintaticamente corretas na observação do seu feijão.</li> <li>-Reconta oralmente momentos da história “A Lagartinha Muito Comilona”;</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Forma padrões, na pintura da lagarta;</li> <li>- Agrupa as sementes, na exploração das sementes;</li> <li>- Mede o seu feijão no momento de observação e registo do mesmo.</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nomeia e identifica diferentes sementes, na exploração das sementes;</li> <li>- Observa e explora diferentes sementes; na exploração das sementes;</li> <li>- Nomeia e identifica as cores, na pintura da lagarta.</li> </ul>

### Atividades:

**Atividade 1: *Explorando as sementes***- exploração em pequenos grupos de três tipos de sementes diferentes (feijão, grão e milho). (segunda-feira à tarde).

**Atividade 2: “A Lagartinha Muito Comilona”** - Leitura da história “A Lagartinha muito comilona”. Preenchimento em grande grupo de uma lagarta com diferentes cores. (terça-feira de manhã).

**Atividade 3: *Padrões*** – Em pequenos grupos, pintura de uma lagarta com lápis de cera. (terça-feira de manhã).

**Atividade 4: *Explorando as sementes***- exploração em pequenos grupos de três tipos de sementes diferentes (feijão, grão e milho). (terça-feira à tarde).

**Atividade 5: *Jogo do tubarão***- as crianças interpretam papéis de tubarão e marinheiros, tendo o tubarão como objetivo apanhar os marinheiros, estando estes em segurança quando se encontram em cima do barco (colchões). (quarta-feira de manhã).

**Atividade 6: *Jogo de escuta***- em grande grupo, as crianças estão de olhos vendados, indo cada criança individualmente ao centro, falar, de modo a que os restantes adivinhem a quem pertence a voz. (quarta-feira de manhã).

**Atividade 7: *Observação do feijão/ desenho***- Individualmente a criança observa o feijão germinado anteriormente com a família, medindo-o e desenhando o que observa. (quarta-feira de tarde).

### **Estratégias:**

**Atividade 1: *Explorando as sementes***- Colocar uma bacia com os diferentes tipos de sementes na manta, juntamente com algumas taças, ao alcance das crianças; Dar tempo às crianças para que explorem livremente; Incentivar as crianças à formação de conjuntos; Elogiar quando o fazem corretamente; Orientar o pensamento da criança para que observe as diferenças entre as sementes; Incentivar a que utilizem as taças como utensílios, se assim o entenderem; Auxiliar sempre que necessário.

**Atividade 2: “*A Lagartinha Muito Comilona*”** – Ler expressivamente a história, enfatizando os números; Incentivar as crianças a recontar a história; Questionar sobre os acontecimentos da história; Dar tempo; Mostrar um desenho de uma lagarta por preencher; Preencher parte da lagarta, obedecendo a um padrão; Pedir o auxílio das crianças para completar a lagarta; Dar tempo para a criança observar e participar; Auxiliar sempre que necessário; Elogiar.

**Atividade 3: *Padrões***- Distribuir os materiais; Pedir à criança que escolha duas cores nomeando-as e identificando-as; Explicar que deve colorir a lagarta; Dar tempo à criança; Orientar o pensamento da criança para que se lembre de como foi completada a lagarta em grande grupo; Auxiliar sempre que necessário; Elogiar a criança.

**Atividade 4: *Explorando as sementes***- Colocar uma bacia com os diferentes tipos de sementes na manta, juntamente com algumas taças, ao alcance das crianças; Dar tempo às crianças para que explorem livremente; Incentivar as crianças à formação de conjuntos; Elogiar quando o fazem corretamente; Orientar o pensamento da criança para que observe as diferenças entre as sementes; Incentivar a que utilizem as taças como utensílios, se assim o entenderem; Auxiliar sempre que necessário.

**Atividade 5: *Jogo do tubarão***- Preparar o material; Exemplificar o jogo; Escolher uma criança de forma aleatória para ser o tubarão; Mediar entusiasmos excessivos; Orientar dando indicações durante todo o jogo; Elogiar quando cumprem as regras do jogo.

**Atividade 6: *Jogo de escuta***- Sentar as crianças em roda na manta; Explicar e exemplificar o jogo; Vendar os olhos de todas as crianças; Escolher aleatoriamente crianças para irem ao centro da roda; Incentivar a criança que se encontra ao centro a falar; Orientar para que as restantes crianças do grupo permaneçam em silêncio, escutando com atenção; Dar tempo; Mediar entusiasmos excessivos; Elogiar; Orientar todo o momento.

**Atividade 7: *Observação do feijão/ desenho***- Dar à criança uma folha; instruir a criança que observe o feijão semeado com o auxílio da família; levar a criança a medir o seu tamanho; Incentivar a criança a desenhar o que observa; auxiliar sempre que necessário; elogiar a criança durante a sua observação.

**Nota:** A observação do feijão e o seu desenho vai ser realizada ao longo de cinco semanas para que as crianças possam acompanhar o desenvolvimento do feijão, registando-o.

**Recursos humanos:** Educadora; Auxiliar de ação educativa; 2 estagiárias; grupo de crianças.

**Recursos materiais:** Feijão; Milho; Grão; Uma bacia; Três taças; Livro “A Lagartinha Muito Comilona”; Dezanove lenços; Material de ginásio; Folhas com lagartas; Lápis de cera;

**Avaliação:** Descritor de desempenho

**Atividade de recurso:** \* Leitura da história “A tartaruga que queria dormir” e reconto em grupo pelas crianças.

Exploração de dedoches com a criação de diferentes histórias por parte das crianças.

\*para quem não vai à piscina.

## PLANIFICAÇÃO 10

A desenvolver de 30/05/2016 a 01/06/2016  
Interveniente: Leonor Brigas

Sala: Andorinhas

**Intencionalidade educativa:** Criar oportunidades de complexificar saberes lógicos matemáticos; Fomentar a participação em grupo; Criar situações promotoras do desenvolvimento da motricidade fina e global; Fomentar a interpretação, sistematização e comunicação; Fomentar a identificação e nomeação de diferentes partes de planta; Fomentar a capacidade de recontar; Promover a capacidade de escuta;

### Competências a desenvolver em cada área e domínio:

Formação Pessoal e Social:	Expressão e Comunicação:			Conhecimento do Mundo:
	Expressões Mótora; Dramática; Plástica e Musical	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Matemática	
<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Respeita e escuta os outros, durante a exploração da planta;</li> <li>- Mostra capacidade de participar ativamente na exploração da planta.</li> <li>- É empenhada no desenho da planta.</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Segura a folha com uma mão e pinta com a outra quando desenha a planta;</li> <li>-Agarra e manipula corretamente os pincéis quando desenham a planta.</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Sistematiza e comunica oralmente na conversa em grande grupo sobre a história;</li> <li>-Usa frases sintaticamente corretas na observação do seu feijão.</li> <li>-Reconta oralmente momentos da história;</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mede o seu feijão no momento de observação e registo do mesmo.</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nomeia e identifica as diferentes partes da planta, na exploração da planta;</li> <li>- Observa e explora diferentes sementes; na exploração das sementes;</li> </ul>

### Atividades:

Atividade 1: “História de uma flor” – Na manta, leitura da história “História de uma flor”, como forma de introdução ao momento seguinte (terça-feira de manhã).

Atividade 2: Conhecendo a planta – Em grande grupo, as crianças observam uma planta e os seus constituintes, explorando-a. (terça-feira de manhã).

Atividade 3 O que aprendi – Em pequenos grupos, as crianças desenham o que observaram e aprenderam sobre a planta e os seus constituintes. (terça-feira de manhã).

Atividade 4: Comemorações do dia Mundial da Criança – (quarta-feira).

Atividade 5: Observação do feijão/ desenho- Individualmente a criança observa o feijão germinado anteriormente com a família, medindo-o e desenhando o que observa. (quarta-feira de tarde).

## **Estratégias:**

**Atividade 1: “História de uma flor”** – Ler expressivamente a história; Incentivar as crianças a recontar a história; Questionar sobre os acontecimentos da história; Dar tempo; Lembrar o que já foi falado sobre plantas.

**Atividade 2: Conhecendo a planta** – Mostrar a planta; Questionar as crianças sobre o nome de cada constituinte da planta; Auxiliar; Dar oportunidade a cada criança para explorar a planta; Dar tempo; Incentivar a esperar pela sua vez dizendo “Todos vamos ter oportunidade de mexer”, “Temos de nos portar bem para mexermos na planta”; Elogiar as crianças.

**Atividade 3: O que aprendi** – Disponibilizar o material necessário na mesa; Alertar para os cuidados a ter com este material; Incentivar a que a criança desenhe o que observou e aprendeu; Colocar a planta de forma a que as crianças consigam observar enquanto desenhavam; Dar tempo; Elogiar as crianças; Registrar as ideias da criança.

**Atividade 4: Comemorações do dia Mundial da Criança**

**Atividade 4: Observação do feijão/ desenho**- Dar à criança uma folha; instruir a criança que observe o feijão semeado com o auxílio da família; levar a criança a medir o seu tamanho com o auxílio de uma tira de papel; Incentivar a criança a desenhar o que observa; auxiliar sempre que necessário; elogiar a criança durante a sua observação.

**Nota:** A observação do feijão e o seu desenho vai ser realizada ao longo de cinco semanas para que as crianças possam acompanhar o desenvolvimento do feijão, registando-o.

**Recursos humanos:** Educadora; Auxiliar de ação educativa; 2 estagiárias; grupo de crianças.

**Recursos materiais:** Uma planta; Livro; Folhas; Material de escrita.

**Avaliação:** Descritor de desempenho

**Atividade de recurso:** \* Leitura da história “A tartaruga que queria dormir” e reconto em grupo pelas crianças.

Exploração de dedoches com a criação de diferentes histórias por parte das crianças.

\*para quem não vai à piscina.

---

## **PLANIFICAÇÃO 1**

### **Esquemática da temática animais/ Jogo tradicional “o rei manda”**

A desenvolver de 29/03/2016 a 30/03/2016

Sala: Andorinhas

Intervenientes: Anne Sousa e Leonor Brigas

**Intencionalidade educativa:** Criar situações promotoras da concentração e atenção; Fomentar a interpretação, sistematização e comunicação. Incentivar a criança a lembrar conteúdos previamente abordados; Criar oportunidades de complexificar saberes lógico-matemáticos; Promover o desenvolvimento da motricidade global; Fomentar a participação em grupo; Promover a participação num ambiente socio moral.

Formação Pessoal e Social:	Expressão e Comunicação:			Conhecimento do Mundo:
	Expressões Motora; Dramática; Plástica e Musical	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Matemática	
<p>A criança:</p> <p>Segue as regras da sala, com responsabilidade;</p> <p>Respeita a opinião do outro;</p> <p>Escuta os outros;</p> <p>É empenhada na concretização das atividades;</p> <p>Revela capacidade de atenção e concentração;</p> <p>Mostra capacidade de participar em momentos de grupo;</p> <p>Segue as orientações do adulto.</p>	<p>A criança:</p> <p>Controla os movimentos de forma voluntária;</p> <p>Realiza movimentos locomotores com coordenação;</p> <p>Representa situações do seu quotidiano.</p> <p>Agarra e manipula corretamente o pincel (com cola).</p> <p>Espalha corretamente a cola.</p>	<p>A criança:</p> <p>Reconta oralmente momentos da história.</p> <p>Participa ativamente nas conversas em grande grupo;</p> <p>Relembra conteúdos abordados previamente;</p>	<p>A criança:</p> <p>Preenche uma tabela de dupla entrada;</p> <p>Realiza contagens termo a termo dos animais.</p>	<p>A criança:</p> <p>Identifica e nomear diferentes animais;</p> <p>Identifica as características dos diferentes animais;</p> <p>Nomeia cuidados a ter com os animais;</p> <p>Associa os animais aos seus habitats.</p>

Competências a desenvolver em cada área e domínio:

Atividades:

- Atividade 1: História “Mariluz Avestruz” e seu reconto;  
 Atividade 2: Quadro síntese dos animais e cuidados a ter com estes;  
 Atividade 3: Jogo tradicional “o rei manda”.

Estratégias:

- Atividade 1: Ler com expressividade a história; Dar tempo à criança para recontar a história; Colocar questões de modo a orientar o pensamento da criança.  
 Atividade 2: Colocar questões (exemplos); Dar tempo para a criança dar a sua opinião; apresentar o quadro de dupla entrada, dando exemplos de preenchimento. Pedir ao grupo para formar pares; auxiliar na formação dos pares; dialogar em grande grupo sobre os cuidados a ter com os diferentes animais; escrever no quadro as ideias do grupo sobre os cuidados a ter com os animais; incentivar as crianças a participar na sua vez.  
 Atividade 3: Explicar às crianças as regras do jogo; pedir às crianças para formar um círculo; dar orientações durante o jogo (andar como um kanguru); dar tempo às crianças para acalmarem; dar orientações durante o retorno à calma.

Recursos humanos: Educadora; Auxiliar de ação educativa; 2 estagiárias; grupo de crianças

Recursos materiais: Quadro síntese; livro “Mariluz Avestruz”; materiais riscadores.

Avaliação: Descritor de desempenho.

Atividade de recurso: Jogo tradicional “o lencinho”, no salão orientado pelas estagiárias.

## PLANIFICAÇÃO 12

A desenvolver de 13/06/2016 a 15/06/2016  
Interveniente: Leonor Brigas

Sala: Andorinhas

**Intencionalidade educativa:** Criar oportunidades de complexificar saberes lógicos matemáticos; Fomentar a participação em grupo; Criar situações promotoras do desenvolvimento da motricidade fina e global; Fomentar a interpretação, sistematização e comunicação; Fomentar a identificação e nomeação de diferentes cores; Fomentar a capacidade de recontar; Promover a capacidade de escuta; Criar oportunidade de observar seres vivos.

### Competências a desenvolver em cada área e domínio:

Formação Pessoal e Social:	Expressão e Comunicação:			Conhecimento do Mundo:
	Expressões Motora; Dramática; Plástica e Musical	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Matemática	
<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Respeita e escuta os outros, durante a divulgação do projeto;</li> <li>- Mostra capacidade de participar ativamente na exploração da planta;</li> <li>- É empenhada no desenho da planta.</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Segura a folha com uma mão e pinta com a outra quando desenha a planta;</li> <li>-Agarra e manipula correctamente os pincéis quando desenhavam a planta.</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Usa frases sintaticamente corretas na observação do seu feijão.</li> <li>-Reconta oralmente momentos da história;</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conta os balões no ginásio;</li> <li>- Mede o seu feijão no momento de observação e registo do mesmo.</li> <li>- Compara os diferentes tamanhos do feijão ao longo das semanas no momento de observação do feijão;</li> <li>- Compreende o gráfico de barras.</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nomeia e identifica as diferentes partes da planta, na exploração da planta;</li> <li>- Identifica e nomeia as cores dos balões no ginásio.</li> </ul>

### Atividades:

**Atividade 1: Finalização dos desenhos da planta** – Na sala, em pequenos grupos, as crianças desenhavam o que observaram e aprenderam sobre a planta e os seus constituintes (segunda-feira de tarde).

**Atividade 2: História “A tartaruga que queria dormir”** – Na manta, leitura da história “A tartaruga que queria dormir” (terça-feira de manhã).

**Atividade 3 Divulgação do projeto da sala dos Patinhos** – Na sala, o grupo dos Patinhos apresenta o seu projeto “As tartarugas”(terça-feira).

**Atividade 5: Conclusão da observação do feijão/desenho-** Individualmente a criança observa o feijão germinado anteriormente, medindo-o e desenhando o que observa (terça-feira de tarde).

**Atividade 6 : Brincando com balões**– No ginásio, em grande grupo as crianças brincam livremente com balões ao som de diferentes músicas (quarta-feira de manhã).

**Atividade 7: Prendas** – Na sala, em grande grupo, as crianças recebem uma lembrança oferecida pelas estagiárias (quarta-feira de manhã).

**Atividade 8:Brincadeira livre com as crianças (despedida)** – lanchar no quintal, numa manta, seguido de brincadeira livre. (quarta-feira de tarde).

## **Estratégias:**

**Atividade 1: Finalização dos desenhos da planta** – Mostrar a planta; Questionar as crianças sobre o nome de cada constituinte da planta; Auxiliar; Dar oportunidade a cada criança para explorar a planta; Dar tempo; Disponibilizar o material necessário na mesa; Alertar para os cuidados a ter com este material; Incentivar a que a criança desenhe o que observou e aprendeu; Colocar a planta de forma a que as crianças consigam observar enquanto desenhavam; Elogiar as crianças; Registrar as ideias das crianças.

**Atividade 2: História “A tartaruga que queria dormir”** – Ler expressivamente a história; Incentivar as crianças a recontar a história; Questionar sobre os acontecimentos da história; Dar tempo;

**Atividade 3: Divulgação do projeto da sala dos Patinhos** – Incentivar as crianças a ouvirem com atenção; Alertar para que devemos respeitar os colegas da sala dos Patinhos; Mediar entusiasmos excessivos.

**Atividade 4:**

**Atividade 5: Conclusão da observação do feijão/desenho**- Dar à criança uma folha; Instruir a criança a que observe o feijão semeado; Levar a criança a medir o seu tamanho com o auxílio de uma tira de papel; Incentivar a criança a desenhar o que observa; Auxiliar sempre que necessário; Elogiar a criança durante a observação; Incentivar a criança a observar a evolução do tamanho do feijão.

**Atividade 6: Brincando com balões**– Disponibilizar os balões pelo ginásio; Explicar às crianças o que vai acontecer; Apelar às crianças que devem brincar de forma moderada; Incentivar as crianças a ouvirem a música; Dar tempo às crianças; Incentivar as crianças a brincarem com os balões ao mesmo tempo que ouvem a música; Elogiar as crianças; Mediar exageros excessivos;

**Atividade 7: Prendas** – Aparecer com uma caixa surpresa; Questionar as crianças sobre se sabem o que a caixa contém; Dar tempo às crianças para pensarem; Dar oportunidade a todas as crianças de darem a sua opinião; Criar suspense sobre o que sairá da caixa; Mostrar às crianças o que está na caixa; Explicar que é o nosso último dia com as andorinhas e por isso queremos dar-lhes uma prenda para nunca se esquecerem de nós; Dar a prenda (uma andorinha de cartolina com uma fotografia) a cada criança; Dar tempo para observarem a prenda; Incentivar as crianças a guardarem a prenda na mochila.

**Atividade 8: Brincadeira livre com as crianças (despedida)** – Explicar às crianças que o lanche será no quintal; Levar as crianças até ao local onde irão lanchar (manta com almofadas e um lençol); Incentivar as crianças a sentarem-se e a aproveitarem o momento; Distribuir o lanche pelas crianças; Apelar as crianças a que devem ter cuidado a lanchar; Orientar as crianças durante todo o momento; Criar um momento de diálogo entre as crianças e as estagiárias; Explicar às crianças que irão brincar no quintal; Elogiar as crianças.

**Recursos humanos:** Educadora; Auxiliar de ação educativa; 2 estagiárias; grupo de crianças.

**Recursos materiais:** Uma planta; Livro; Material de escrita; Balões;

**Avaliação:** Descritor de desempenho

**Atividade de recurso:** \* Leitura da história “A tartaruga que queria dormir” e reconto em grupo pelas crianças.

Exploração de dedoches com a criação de diferentes histórias por parte das crianças.

\*para quem não vai à piscina.

---

## ANEXO V: Transcrições dos vídeos para o ensaio investigativo

### Tarefa 1 - 27 de abril

Alexandre

**Duração:** 10m4s

Investigadora: Já podes brincar.

O Alexandre dirige-se para os materiais. Senta-se e olha para a investigadora.

Investigadora: Podes brincar à vontade. Brinca.

O Alexandre agarra num carro amarelo e começa a brincar com ele. De seguida agarra num carro vermelho e junta ao amarelo. Agarra numa peça de lego verde e volta a agarrar no carro vermelho fazendo-o andar no chão. Coloca o carro amarelo ao lado vermelho, e uma peça de lego verde na frente dos carros na horizontal e uma peça de lego verde atrás dos carros, na horizontal (Fotografia 1). De seguida retira a peça verde de trás dos carros e agarra no carro vermelho, fazendo-o andar para trás. Coloca a peça verde de novo atrás no carro amarelo e leva o carro vermelho para perto dos outros materiais. Brinca com o carro amarelo. Olha para os materiais e agarra num carro azul. Brinca com ele, andando para a frente e para trás e rodando. Agarra com a mão direita num carro vermelho. Na mão esquerda tem o carro azul. Coloca o carro vermelho atrás do azul e agarra noutro carro azul. Coloca uma peça de lego verde na vertical perto de outra peça verde que também se encontrava na vertical. Coloca o carro azul ao lado de uma das peças verdes. Vai para agarrar uma peça de lego azul, hesita, e agarra numa verde, igual às outras duas. Coloca a peça de lego verde ao lado do carro azul. Retira o carro azul de entre as peças verdes e coloca lá o carro amarelo com a frente virada para os materiais. Coloca as peças verdes na mesma posição, com o encaixe para o mesmo lado. Agarra no carro azul e coloca-o ao lado de uma das peças verdes, com a frente virada para os materiais. Agarra num carro vermelho e coloca-o ao lado do carro azul com a traseira virada para os materiais. Afasta o carro vermelho do azul e coloca entre eles uma peça verde na mesma posição que as outras peças verdes. Agarra numa peça de lego azul e coloca-a ao lado do carro vermelho na mesma posição que as restantes peças (Fotografia 2). Agarra numa peça de lego azul e coloca-a ao lado da outra peça de lego azul. Agarra num carro azul e coloca-o ao lado da última peça que colocou. Agarra num carro azul e coloca-o ao lado do outro carro azul. Agarra numa peça azul e coloca-a ao lado do carro azul, com os encaixes virados para cima (Fotografia 3). Agarra num carro amarelo e coloca-o ao lado da peça azul. Agarra numa peça vermelha e coloca-a ao lado do carro amarelo, com os encaixes virados para cima. Agarra num carro vermelho e coloca-o ao lado da peça vermelha. Agarra numa peça vermelha e coloca-a ao lado do carro vermelho, com os encaixes virados para cima. Procura nos materiais e agarra um carro amarelo, colocando-o ao lado da peça vermelha. Agarra no carro azul, olha para a sua fila, olha de novo para os materiais e agarra numa peça verde colocando-a ao lado do carro amarelo. Coloca o carro azul que tinha na mão ao lado da peça verde (Fotografia 4).



Fotografia 1 – brincadeira com peças de lego e carros



Fotografia 2 – peça, lego peça, lego, peça, lego



Fotografia 3 – padrão ABAB



Fotografia 4- continuação do padrão ABABA

Agarra num carro amarelo e numa peça verde. Coloca o carro amarelo no chão e coloca a peça verde ao lado do carro azul, com os encaixes virados para cima. Agarra no carro amarelo e coloca-o ao lado da peça verde. Retira o último carro colocado e brinca com ele. Olha para a sua fila. Retira um carro azul. Começa a retirar os carros e a colocá-los em fila. Retira os carros por ordem. Primeiro retira o último que colocou, depois o penúltimo, depois o antepenúltimo (Fotografia 5), e assim sucessivamente. Coloca os carros em fila. (*conversa com a investigadora*). Retira todos os carros pela frente. Ao retirar o sexto carro, como não consegue movê-lo para a frente porque está lá a fila dos carros, retira-o por trás. Conta as peças de lego, quando questionado pela investigadora. Conta os carros, quando questionado pela investigadora. Depois de finalizada a conversa com a investigadora continua a retirar os carros e a colocá-los em fila (Fotografia 6). Depois de retirar os carros todos, começa a colocar os carros de novo entre as peças de lego. Agora coloca o último carro que retirou no lugar do primeiro carro que retirou e o penúltimo carro que retirou no lugar do

segundo carro que retirou (Fotografia 7). Depois de os dois primeiros carros colocar por ordem, coloca os restantes aleatoriamente. Separa duas peças vermelhas e coloca entre elas um carro azul. O Alexandre perde o interesse.



Fotografia 5 – retira os carros por ordem



Fotografia 6 – fila de carros



Fotografia 7 – continuação da fila de carros

### Conversa com a investigadora:

**Investigadora:** Muito bem A. Porque é que tu agarraste nesses materiais? O que é que tu estás a agarrar? É o quê que tu tens aí A? O que é que tu estás a agarrar? Como é que isso se chama? Tu conheces? (a criança nunca responde)

A investigadora aproxima-se e apontando para um carro pergunta:

**Investigadora:** Como é que isto se chama?

**Alexandre:** Carro.

**Investigadora:** É um carro. Muito bem. Então e porque é que agarraste nesse material, nesse carro? O quê que tu estás a fazer? Dizes-me o que é que tu estás a fazer? Está a ficar tão giro. Porque é que tu fizeste assim?

**Alexandre:** Porque eu queria.

**Investigadora:** Porque tu querias. Muito bem. Então e porque é que quiseste fazer assim, sabes? É porque fica giro? É o quê? Tu sabes o que é que tu fizeste? Porque é que fizeste assim? Porque tu querias. Então e quantas peças tens aqui? Tu sabes?

**Alexandre:** (vai apontando com o dedo) Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.

**Investigadora:** Dez, tens dez. E carros? Quantos carros é que tens?

**Alexandre:** (vai apontando com o dedo) Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.

---

## Tarefa 1 - 27 de abril

### **Duarte**

**Duração:** 11m16s

O Duarte olha para os materiais de pé, observa o que há e diz o que vê “*Livros, peças, legos e carros?*”. Aproxima-se dos materiais, senta-se, agarra um carro amarelo e brinca com ele, imitando o som de um carro. Olha de novo para os materiais, encolhe os ombros, e volta a brincar com o carro amarelo. Agarra numa peça de puzzle grande. Agarra noutra peça de puzzle grande e diz “*quero fazer este puzzle grande*”. Tenta juntar as duas peças de puzzle. Não consegue. Agarra outra peça de puzzle grande e tenta juntá-la. Tenta de várias maneiras. Observa os materiais e agarra outra peça de puzzle grande. Olha para as restantes, larga a que agarrou e agarra outra. Tenta encaixar essas peças de puzzle. Depois de várias tentativas diz “*não dá*”. Agarra noutra peça de puzzle grande e tenta encaixá-la. Desiste e diz “*vou fazer uma cidade*”, agarrando em duas peças de puzzle grandes. Coloca as peças de puzzle grandes todas em cima umas das outras, empilhando-as (Fotografia 1) e diz “*vou fazer primeiro uma casa*”. Depois de empilhar as peças exclama “*é uma casa*”. Agarra num carro azul e coloca-o ao pé do monte das peças dizendo “*esta casa tem carros*”. Agarra num carro amarelo e também o coloca junto às peças com a frente do carro virada para fora (Fotografia 2). Agarra num carro amarelo e coloca-o junto às peças, entre o carro azul e o amarelo, com a frente virada para fora. Faz o mesmo com um carro vermelho. Depois com um carro azul ao lado do outro carro azul. Agarra num carro vermelho e faz o mesmo colocando-o ao lado do carro vermelho (Fotografia 3). Agarra num carro amarelo e faz o mesmo. Agarra nas restantes peças grandes e coloca-as em cima das outras dizendo “*e esta peça para por, o resto, as outras*”. Continua a colocar os carros, agora um azul. Depois outro azul. Coloca um carro vermelho por último em cima das peças (Fotografia 4).



Fotografia 1 – peças de puzzle empilhadas



Fotografia 2 – dois carros na mesma forma



Fotografia 3 – criança coloca os carros todas com a mesma lógica



Fotografia 4 – parte final

Agarra nas peças de puzzle pequenas e tenta encaixá-las. Conta os carros (*conversa com a investigadora*). Diz “*este carro grande é em cima*”. Agarra num lego verde e diz “*quero fazer outra casa*”. Agarra numa peça de lego verde e coloca-a ao pé da outra dizendo “*ei este é igual*” (Fotografia 5). Agarra numa peça de lego verde e diz “*outro igual*”, encaixando-o nos outros dois. Agarra numa peça de lego verde e diz “*outro*”, encaixando-a nas restantes peças de lego verde (Fotografia 6). Retira a última peça de lego verde, agarra numa peça de lego verde que estava nos materiais e encaixa-a nas outras dizendo “*olha aqui são escadas*” (Fotografia 7). Agarra numa peça de lego verde, depois numa vermelha e coloca-a em cima da verde. Tenta encaixar as “*escadas*” na peça de lego vermelha e diz “*ups, parti as escadas*”. Volta a encaixar as peças de lego verde de maneira a formar as “*escadas*”. Retira a peça de lego vermelha e tenta agora encaixar as “*escadas*” directamente na peça de lego verde (Fotografia 8).



Fotografia 5 – igualdade de duas peças



Fotografia 6 – outra peça igual



Fotografia 7 – escadas com peças de lego verdes



Fotografia 8 – encaixe das peças de lego

Conta as peças de lego verde quanto a investigadora lhe pergunta quantas peças tem ali. Agarra numa peça de lego vermelha das pequenas e coloca-a na sua construção dizendo “*assim as escadas têm isto, é para andar*”. Agarra numa peça de lego azul grande e exclama “*ahh tenho isto!*”, olha para a peça, larga-a e agarra outra peça de lego azul grande. Agarra numa peça de lego vermelha grande e tenta encaixá-la à azul dizendo “*vou fazer outra escada*”. Larga a peça de lego azul e agarra outra peça de lego azul. Depois de as encaixar, a azul por baixo, a vermelha por cima, agarra outra peça de lego azul grande e encaixa-a por cima da vermelha (Fotografia 9). Encaixa esta última construção na outra que já tinha feito e diz “*assim*”. Conta as peças desta nova construção, sem a investigadora perguntar nada. Agarra na construção, ela parte-se e o Duarte diz “*oh, a minha linda escada, estragou-se, agora tenho de fazer outra vez*”. Volta a construir, agora de diferente forma (Fotografia 10). Ao colocar uma peça de lego grande na sua construção afirma “*este não cabe*”, agarra uma peça de lego pequena azul e coloca-a nesse sítio. Depois agarra numa peça de lego vermelha pequena e coloca-a na construção, junto a uma peça de lego vermelha grande e diz “*este vai para o vermelho*”. Depois diz “*não há mais legos*”. Coloca a sua construção ao pé da torre das peças de puzzle e dos carros e diz “*vai para a casa dos carros*” (Fotografia 11). Agarra num livro e coloca-o ao lado da sua construção da “*escada*”. Agarra nas peças de puzzle pequenas e diz “*vou fazer casas, todas*”, colocando quatro peças umas em cima das outras, todas viradas para cima. Diz “*vou fazer duas casas*”. Agarra num livro e coloca-o por cima do outro. Ao mexer na construção das escadas, cai uma peça que ele depois retira, retirando ainda outra dizendo “*este não dá, este também não dá*”. Coloca outro livro por cima dos outros dois. Agarra noutro livro e coloca-o em cima dos outros três já colocados. Procura nos materiais e agarra o último livro, colocando-o por cima dos outros, sempre com a capa virada para cima, e diz “*pronto, esta casa já está feita*”. Diz “*só falta a outra, a pequena*” referindo-se à das peças de puzzle pequenas. Coloca os livros ao pé das restantes construção e diz “*vou por esta ao pé dos carros*” (Fotografia 12). Exclama “*esta é a minha cidade*”. Agarra em mais peças de puzzle pequenas e coloca-as sobre as que já tinha empilhado. Agarra nas peças de puzzle pequeno que já agrupou e coloca-as em cima dos livros. Separa as peças de puzzle pequeno em dois montes dizendo “*assim duas casas*”. Coloca, ao mesmo tempo, uma peça de puzzle

pequeno em cima de cada monte e diz “Uma, duas”. Repete “Duas”, exemplificando com os dedos (Fotografia 13).



Fotografia 9 – encaixe de peças azuis e vermelhas



Fotografia 10 – nova construção com peças de lego



Fotografia 11 – construção de peças de legos



Fotografia 12 - construções



Fotografia 13 – identificação do número dois com os dedos

Continua a colocar as peças de puzzle pequeno nos montes, colocando sempre uma em cada monte. As peças não estão todas viradas para cima. O Duarte diz “a minha cidade, mas a minha cidade é de brincar” (Fotografia 14). Afasta as peças que não utilizou da sua cidade.

### **Conversa com a Investigadora:**

**Investigadora:** Olha, agora podes vir brincar com estes brinquedos. Está bem?

**Duarte:** Deixa-me ver o que está aqui.

**Investigadora:** Não, agora é para brincaremos com os brinquedos. São esses brinquedos Duarte.

**Duarte:** Livros, peças, legos e carros?!

**Investigadora:** Vai lá ver.

**Duarte:** Deixa ver mais. Deixa ver o que tá aí. É como?

**Investigadora:** O que é que está aí? É para tu brincaremos como tu quiseres. E mais, o que é que está mais aí D?

**Duarte:** Ahh, puzzle!

**Investigadora:** Puzzle?

**Duarte:** Sim! Quero fazer este puzzle grande. (passado algum tempo) Não dá.

**Investigadora:** Já está?

**Duarte:** Vou fazer uma cidade.

**Investigadora:** Queres fazer uma cidade?

**Duarte:** Sim. Vou fazer primeiro uma casa. Uma casa.

**Investigadora:** Uma casa? Estás a fazer uma casa?

**Duarte:** Esta casa é dos carros. É a casa dos carros. É a casa dos carros pequenos. Pi pi.

**Investigadora:** Duarte.

**Duarte:** Agora vou à volta. E esta peça é para por o resto, das outras. Assim. Os carros vão ficar felizes por ter uma casa tão grande.

**Investigadora:** Os carros vão ficar felizes?

**Duarte:** Sim.

**Investigadora:** Então e porque é que tu escolheste esse material?

**Duarte:** Porque quero, material, é material. Quero fazer estes.

**Investigadora:** Olha, então e quantos carros é que estão ali? Conta lá.

**Duarte:** Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez. Este carro grande é em cima.

**Investigadora:** Então e o que é que tu fizeste? O que é que tu estás a fazer?

**Duarte:** Um remoinho.

**Investigadora:** Um remoinho. E mais Duarte, o que é que tu queres fazer mais?

**Duarte:** Quero. Quero fazer outra casa. Ei, este é igual, a este.

**Investigadora:** É o quê diz lá?

**Duarte:** Este é igual a este. São iguais.

**Investigadora:** Muito bem.

**Duarte:** Outro igual. Outro. Olha aqui, escadas.

**Investigadora:** São escadas. E são escadas e são iguais como tu disseste.



Fotografia 14 – Cidade de brincar

**Duarte:** Ups, parti a escada. Já a arranjo.  
**Investigadora:** Então e porque é que escolheste esse material para fazer as escadas?  
**Duarte:** Porque ia fazer uma casa. As escadas estão giras.  
**Investigadora:** Então e porque é que fizeste assim?  
**Duarte:** Porque estou a fazer a minha casa.  
**Investigadora:** Muito bem. E quantas peças tens aí? Aí na mão?  
**Duarte:** Um, dois, três, quatro, cinco. Assim as minhas escadas têm isto.  
**Investigadora:** E o que é que é isso?  
**Duarte:** É para andar.  
**Investigadora:** Para andar.  
**Duarte:** Mas a minha casa mora muito longe. Mora noutra sítio. Em Leiria, muito longe. É noutra sítio, onde está, onde está uma, uma escola.  
**Investigadora:** Então e mais, o que é que tens aí mais?  
**Duarte:** Ahh, tenho isto. Vou fazer outra escada. Vou fazer outra. Assim.  
**Investigadora:** Muito bem. Porque é que fizeste assim?  
**Duarte:** Porque é giro. Oh, a minha linda escada, estragou-se. Agora tenho de fazer outra vez. Assim. O que é aquilo?  
**Investigadora:** Aquilo é uma cadeira.  
**Duarte:** Um banco.  
**Investigadora:** Um banco. E mais Duarte, não queres brincar mais?  
**Duarte:** Sim.  
**Investigadora:** Então faz lá, brinca lá.  
**Duarte:** Tenho de ir buscar aquele banco.  
**Investigadora:** Não, só assim no chão. Não queres brincar mais D?  
**Duarte:** Sim. Este não cabe. Este vai para o vermelho. Não há mais legos.  
**Investigadora:** Não há mais legos?  
**Duarte:** Os outros não dão. Têm coisas para cima. Mas eu gosto das escadas só assim. Vai para a casa dos carros. Agora vou fazer casas. Duas. Vou fazer duas casas. Vou fazer duas casas. Ups, olha este não dá. Este também não dá. Eu gosto de escadas só assim. Esta casa está feita.  
**Investigadora:** Essa está feita.  
**Duarte:** Só falta a outra, fazer. Só falta a pequena. Vou por esta ao pé dos carros. Esta é a minha cidade.  
**Investigadora:** É a tua cidade, tão gira.  
**Duarte:** Eu moro nesta cidade. É muito longe, é muito longe esta cidade. É muito longe.  
**Investigadora:** É longe? É onde?  
**Duarte:** Mas a minha casa não é mais perto. Moro um bocadinho perto, mas não é aqui. Perto. Perto é aqui. É uma casa e outra. Assim, duas casas. Uma, duas. Duas. Duas!  
**Investigadora:** Já está?  
**Duarte:** Sim!  
**Investigadora:** Então o que é que tu fizeste?  
**Duarte:** A minha cidade.  
**Investigadora:** Fizeste a tua cidade. Boa.  
**Duarte:** Mas esta cidade é de brincar.  
**Investigadora:** Pois. Estes não queres, estes não ficam na tua cidade?  
**Duarte:** Não.  
**Investigadora:** Porquê?  
**Duarte:** Esses têm coisas altas.

---

## **Tarefa 1 - 27 de abril**

**Margarida**

**Duração: 11m36s**

A Margarida dirige-se aos materiais e permanece a olhar para eles, agarrando depois nas peças de puzzle grandes. Tenta fazer o puzzle com as peças grandes. Agarra noutra



**Fotografia 1 –  
padrão com carros**

peça de puzzle grande e tenta encaixá-la noutra. Consegue encaixar e exclama “é aqui”. Continua a agarrar nas peças de puzzle grandes. De seguida agarra num carro azul com uma mão e num carro amarelo com a outra. Bate-os de frente. Vira-os ao contrário, com a parte de baixo do carro para cima. Agarra noutra carro azul. Junta-o com o amarelo e anda com os dois numa mão. Agarra noutra carro azul e junta-o ao primeiro que agarrou juntando-os e agarrando com a mesma mão. Neste momento tem numa mão um carro azul e um amarelo e na outra mão dois azuis. Larga-os no chão, fica com um carro azul numa mão e com a outra mão vai buscar outro carro azul. Agarra numa peça de puzzle pequena mas rapidamente perde o interesse largando-a. Coloca dois carros azuis em fila. Depois coloca o amarelo atrás da fila, atrás do azul. Depois agarra num carro azul e coloca-o atrás do amarelo dizendo “eu estou a fazer uma roda”. Agarra num carro azul e coloca-o atrás do último que colocou. Agarra num carro vermelho e coloca-o na outra ponta da roda. Todos os carros têm a frente virada para o mesmo lado. Agarra num carro vermelho e coloca-o na roda à frente do vermelho já colocado. Conta os carros. Agarra num carro amarelo e coloca-o à frente do vermelho. Neste momento a roda possui carros desta forma: azul, azul, amarelo, azul, azul, vermelho, vermelho, amarelo. Agarra num carro amarelo e coloca-o no meio da roda. Começa a retirar os carros da roda colocando lado a lado. Coloca dois carros azuis lado a lado. Coloca um carro amarelo à frente dos dois azuis. Coloca de seguida um amarelo na vertical. Ou seja, neste momento tem dois azuis na vertical, um amarelo na horizontal, à frente dos azuis, e coloca agora um amarelo da mesma forma que os azuis, mas à frente do carro amarelo. Coloca um carro azul ao lado do amarelo. Depois um carro azul na horizontal, dois vermelhos na vertical e um amarelo na horizontal (Fotografia 1). Coloca outro carro vermelho ao lado do último colocado. Agora, agarra nas peças de lego grandes. Primeiro uma vermelha, depois uma azul, encaixando-a na vermelha, depois uma verde, encaixando-a na azul, depois uma azul, depois outra azul, depois uma vermelha. Ao não conseguir encaixar a peça vermelha coloca-a no chão. Agarra numa peça verde e coloca-a em cima da azul. Vermelho, azul, verde, azul, azul, verde. Agarra numa peça de puzzle grande e coloca-a em cima da torre de peças de lego. Retira-a e com o auxílio dessa peça conta as peças de lego. Agarra noutra peça de lego grande. Larga as peças de puzzle e agarra num carro vermelho colocando-o ao lado da sua torre de peças de lego. Agarra de novo nas peças de puzzle grande. Agarra num livro. Abre o livro. Começa a imitar os animais do livro. Começa de novo, contando uma história. Ao contar a história utiliza os termos “muito pequenino”, “muito pequenina”. Enumera diversos animais. Agarra noutra livro. Olha para as páginas do livro e mostra.

### **Conversa com a investigadora:**

**Margarida:** Quero fazer um jogo.

**Investigadora:** então faz, faz o que tu quiseres.

**Margarida:** Achas que é daqui?

**Investigadora:** Eu não posso dizer nada Margarida, és tu.

**Margarida:** Não é. É, é daqui. Tá tá tá tá. Este já está, agora quero brincar com os carros.

**Investigadora:** Brinca como tu quiseres.

**Margarida:** Estão partidos. Tenho que chamar a polícia. Tinoni tinoni ninoni. Oh, tenho que levar este. Ninoni ninoni ninoni. Oh, isto é o que, não tem nada. Vá, olha, eu estou a fazer uma roda.

**Investigadora:** Está a fazer uma roda? E porque é que agarraste nesse material? Porque é que agarraste nos carros?

**Margarida:** Porque eu queria fazer uma roda.

**Investigadora:** Então o que é que tu estás a fazer?

**Margarida:** Uma roda.

**Investigadora:** E porque é que fizeste assim?

**Margarida:** Porque os carros são assim.

**Investigadora:** Então e quantas peças é que tu tens aí? Quantos carros é que tens aí, oh conta lá.

**Margarida:** Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Pronto, está fechadinha. Está fechadinha.

**Investigadora:** Está fechadinha?

**Margarida:** Hum, hum. Oh, outro carro. Fica aqui na roda. (...) estou a fazer um grupo com os carros. Este assim, e este assim, e este assim e este assim. Agora vou, outro carro. Este carro é muito giro. O outro carro, aah está ali, mas o outro vermelho? Quero fazer um castelo agora.

**Investigadora:** Faz.

**Margarida:** Tou a brincar.

**Investigadora:** Então e porque é que agarraste nesse material?

**Margarida:** Porque eu quero fazer um castelo.

**Investigadora:** Então e o que é que estás a fazer?

**Margarida:** Um castelo.

**Investigadora:** Um castelo. Então e porque é que fizeste assim o castelo?

**Margarida:** Porque o castelo da princesa é assim.

**Investigadora:** Ah é assim o castelo da princesa. Então e quantas peças é que tens aí? Conta lá.

(...)

**Margarida:** Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Agora preciso de um carro para fazer uma coisa.

(...) A princesa quer subir ao castelo, mas como?? Com os carros! Mas só que uma torre não é com os carros. Vamos ver que este carro dá para subir. Pois dá! Dá para subir. Livros! Não é ninguém. Oh são meninos. São meninos daquela idade. (sons de animais) Vou começar assim. Era uma vez um pato que andava com caracóis, e depois estava um camarão, um pinguim, um polvo, uma baleia. Passaram por um polvo pequenino, uma águia muito pequenina, com a baleia muito pequenina, a estrela do mar muito pequenina. Pronto, acabou-se esta história. É uma história pequenininha.

---

## **Tarefa 2 – 4 de maio**

**Alexandre**

**Duração:** 9m32s

Dirige-se aos materiais e agarra numa laranja. Brinca com essa laranja. Pontapeia essa laranja com o pé e coloca-a perto de outras laranjas. Passa essa laranja de uma mão para a outra e assim sucessivamente. Roda essa laranja. Agarra noutra laranja e faz o mesmo com essa- neste momento roda uma laranja em cada mão. Agarra numa terceira laranja e roda-a. Agarra numa quarta laranja e coloca-a perto das que já usou. Dirige a sua atenção de novo para apenas uma laranja. Conta as laranjas quando questionado pela investigadora. Atira uma laranja em direcção a outra laranja. Faz o mesmo durante algum tempo. Concentra-se apenas numa laranja. Junta quatro laranjas. Volta a rodar uma laranja. Agarra numa quinta laranja e coloca-a junto às outras quatro (Fotografia 1). Roda uma das laranjas. Coloca uma laranja entre as pernas. Retira a laranja de entre as pernas. Tenta colocar a laranja entre as pernas.

**Nota:** Utiliza apenas as laranjas.



Fotografia 1 – conjunto de quatro laranjas

### **Conversa com a Investigadora:**

**Investigadora:** Agora podes brincar à vontade como tu quiseres, está bem Alexandre? Podes fazer o que tu quiseres. Olha podes brincar. (...) Ó A o que é que tu tens aí?

**Alexandre:** Uma laranja.

**Investigadora:** Uma laranja? E porque é que tu agarraste essa laranja? O que é que tu estás a fazer? Porque é que estás a brincar assim com essa laranja? Sabes?

**Alexandre:** Porque eu quero.

**Investigadora:** Então e quantas laranjas é que tu tens aí, conta lá. Quantas?

**Alexandre:** Não sei.

**Investigadora:** Então conta lá.

**Alexandre:** Uma, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, (volta a contar as mesmas) oito, nove.

**Investigadora:** Então e mais? O que é que tu queres fazer mais aí? Não queres brincar mais? O que é que tu tens aí? (...) Ó A, não queres brincar mais nada? Não queres fazer mais nada? (...) Ó A não queres brincar mais um bocadinho? Com as coisas que tu tens aí? O que é que tu tens mais aí? Não queres brincar com elas? Não queres ver o que é que tu tens aí? (...) Tu já viste bem todos os frutos que tens aí? Já viste A? (...) Não queres brincar mais A? (abana a cabeça negativamente) Não?

## **Tarefa 2 – 4 de maio**

### **Duarte**

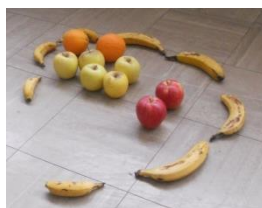
**Duração:** 12m4s

O Duarte senta-se ao lado dos materiais, agarra numa laranja e atira-a pelo chão. Agarra noutra laranja e atira-a da mesma forma, com as duas mãos, pelo chão, para o mesmo sítio onde atirou a anterior. Agarra numa terceira laranja e faz o mesmo que fez com as anteriores. Agarra numa quarta laranja e atira-a para o mesmo sítio, mas desta vez com apenas uma mão. Atira a quinta laranja da mesma forma. Faz o mesmo com as laranjas restantes, a sexta e sétima laranja. De seguida, o Duarte agarra numa maçã vermelha e atira-a da mesma forma e para o mesmo local onde tinha atirado as laranjas. Atira noutra maçã vermelha e faz o mesmo. De seguida, a criança olha para os materiais, agarra numa maçã verde e faz o mesmo processo de atirar que tem feito. De seguida faz o mesmo processo com duas maçãs verdes, e uma delas volta para trás ao que o Duarte vai até ela e atira-a para perto das restantes. Em seguida agarra numa banana e atira-a, para o local onde tem atirado a fruta. Atira outra banana. De seguida outra banana. O Duarte afirma que “aquela é pequena, aquela é grande”. De seguida agarra em três bananas pequenas numa mão e duas bananas grandes na outra mão, afirmando “pequenas” “grandes”. Mostra à investigadora primeiro as bananas pequenas e de seguida as grandes. Volta a atirar uma banana, desta vez grande. De seguida atira outra banana grande. Depois atira as três bananas pequenas restantes, uma de cada vez. Agarra numa maçã verde e atira-a. De seguida a criança agarra com uma mão uma maçã verde e com a outra mão uma maçã vermelha, atirando as duas ao mesmo tempo exclamando “não há melhor que atirar duas maçãs”. Agarra outra vez em duas maçãs, de duas cores, uma em cada mão, como fez anteriormente. Exclama novamente “não há melhor que atirar duas maçãs”, mas desta vez atira uma de cada vez, primeiro a maçã verde e de seguida a maçã vermelha. À medida que as atira diz “uma, duas”. De seguida agarra nas duas maçãs que sobram, uma em cada mão, uma verde e uma vermelha. Coloca sempre a maçã verde na mão direita e a vermelha na mão esquerda. Atira a maçã verde e de seguida a maçã vermelha. Em seguida começa a ir buscar os materiais dizendo “primeiro vou buscar as bananas”. Agarra em duas bananas e leva-as de novo para o local inicial. Agarra noutras bananas dizendo “vou fazer uma roda de bananas” e leva-as para perto das outras. De seguida agarra nas bananas restantes e leva-as a todas ao mesmo tempo. Faz uma roda com as bananas, todas com a curva virada para fora (Fotografia 1). Agora, o Duarte agarra em duas maçãs, uma verde e uma vermelha, uma em cada mão e coloca-as no centro da roda das bananas. Vai buscar mais duas maçãs, uma de cada cor e coloca-as no centro da roda ao lado das outras. De seguida agarra em duas laranjas e coloca-as dentro da roda, uma ao lado da outra. O Duarte afirma “vou buscar mais duas maçãs iguais” e agarra em duas maçãs verdes. Quando tem as duas maçãs, agarra numa terceira maçã verde e coloca-as às três dentro da roda, perto das outras maçãs verdes que já lá se encontram. Todas as maçãs estão colocadas com a parte do pau para cima. Agarra numa das maçãs verdes que estava mais longe e junta-a às restantes, juntado assim cinco maçãs verdes, e estando as duas maçãs vermelhas um pouco mais ao lado. De seguida a criança D vai buscar uma maçã vermelha e coloca-a dentro da roda junto às duas maçãs vermelhas que lá se encontram (Fotografia 2). Amachuca a roda que construiu e mistura os materiais afirmando “vou fazer assim como tu fizeste” numa alusão a como os materiais estavam disposto no início. Vai buscar as frutas que restam e coloca-as ao pé das que misturou. Em seguida, a investigadora auxilia o Duarte a agarrar nas frutas que foram para debaixo de um móvel. À medida que a criança as agarra coloca-as junto às outras. De seguida a criança afirma “vou fazer a minha cidade” agarrando numa laranja e numa maçã verde. De seguida agarra noutra maçã verde e coloca-a junto da primeira. Agarra numa laranja, de seguida numa maçã vermelha e numa banana e junta-as à sua “cidade”. Afirma que as bananas vão ser os carros e começa a juntar as bananas numa zona. Agarra primeiro em todas as bananas grandes. De seguida diz “as bananas pequenas vão ser os carros pequenos” e começa a agarrar nas bananas pequenas. Depois de agrupar as bananas todas, afirma “estão todos, vou fazer uma pessoa” e começa a agarrar nas bananas pequenas. Leva as bananas pequenas para outra zona e coloca-as duas a duas. Em seguida agarra em duas bananas grandes. Em seguida agarra numa maçã vermelha exclamando “vou buscar uma maçã, a maçã vai ser o nariz” e coloca-a entre os pares de bananas. Agarra em duas bananas grandes e coloca-a na sua “pessoa”. A disposição é então: três bananas de cada lado sendo duas pequenas e uma grande, uma maçã ao meio e uma banana grande por cima da maçã e outra por baixo da maçã (Fotografia 3). O Duarte exclama “falta os olhos, vou buscar duas maçãs”. Agarra em duas maçãs vermelhas e coloca-as na sua “pessoa” ao lado do nariz. Começa a fazer outra pessoa agarrando em duas laranjas que coloca lado a lado. Agarra em duas maçãs verdes que diz serem os olhos e coloca-as por cima das laranjas. Agarra em duas maçãs vermelhas (as últimas que se encontram na mistura de materiais) e leva-

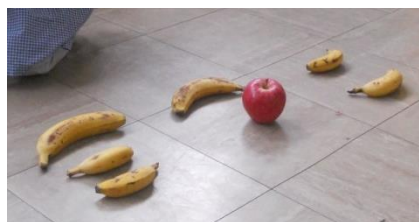
as para a primeira “pessoa”, sendo as mãos. Na primeira “pessoa” o Duarte utiliza apenas maçãs vermelhas. Utiliza as bananas que já se encontram lá para fazer os braços.



Fotografia 1 – roda de bananas



Fotografia 2 – disposição dos materiais



Fotografia 3 – representação de uma pessoa

### **Conversa com a Investigadora:**

**Investigadora:** Podes brincar com isso, como tu quiseres.

**Duarte:** Girar. Girar. Ganhei. Ganhei. Ups, mandei uma para ali para baixo, não faz mal. Vou mandar na ordem certa.

**Investigadora:** Mas o que é que tu estás a fazer?

**Duarte:** A arrumar as laranjas.

**Investigadora:** Diz lá, diz lá.

**Duarte:** Arrumar as laranjas.

**Investigadora:** Então e porque é que tu agarraste nas laranjas?

**Duarte:** Porque queria fazer assim para jogar um jogo, das laranjas que rola.

**Investigadora:** Então o que é que tu estás a fazer?

**Duarte:** A rolar as laranjas.

**Investigadora:** E porque é que fizeste assim?

**Duarte:** Olha, eu gosto, rolar maçãs e laranjas.

**Investigadora:** Essa também é uma maçã?

**Duarte:** É. Acho que vou mandar. Ganhei. Agora esta. Ups. Vem para aqui outra vez. Anda maçã. Não há melhor que mandar bananas.

**Investigadora:** Estás a mandar bananas? Porque é que estás a mandar bananas?

**Duarte:** Porque estas bananas são para mandar com coiso, para apanhar comida. Aquela é pequena e aquelas grandes.

**Investigadora:** Quais é que são pequenas e quais é que são grandes?

**Duarte:** Pequenas. Grandes. Agora estas e agora estas. E agora esta.

**Investigadora:** Muito bem.

**Duarte:** Agora a grande.

**Investigadora:** E essa é o quê?

**Duarte:** Banana grande! Vou mandar. Ganhei. Não há melhor que mandar a comida. Ups. Outra laranja, maçã. Ai ganhei. Não há melhor que mandar duas maçãs. Não há melhor que mandar duas maçãs. Uma, duas. E agora faltam estas duas. Acertei.

**Investigadora:** Então e agora?

**Duarte:** Agora vou buscar. Primeiro vou buscar as bananas. Vou fazer uma roda de banana. Roda de banana. Vou aqui e vou, vou buscar as coisas que mandei. Uma roda de bananas. Uma roda de banana. Roda de banana. Vou levar isto.

**Investigadora:** Então e o que é isso?

**Duarte:** Maçãs. Laranjas. Porque não há melhor que laranjas na cabeça. Vou buscar duas maçãs iguais.

**Investigadora:** Vais o quê?

**Duarte:** Maçãs iguais. Uma maçã igual, duas maçãs iguais. Esta maçã vai para aqui, esta maçã vai para aqui. Eu adoro maçãs. São o meu sabor favorito. Sou rápido como um trovão. Gostas?

**Investigadora:** Gosto.

**Duarte:** Fui eu que fiz.

**Investigadora:** Então e o que é que tu estás a fazer?

**Duarte:** Assim. Vou fazer assim como tu fizeste. Olha aqui, tu fizeste assim. Este. Agora vou fazer qualquer coisa. As outras estão ali debaixo.

**Investigadora:** Não as queres ir lá buscar?

**Duarte:** Sim.

**Investigadora:** Então vai lá.

**Duarte:** Não consigo lá chegar, com aquilo no chão.

**Investigadora:** Queres que eu te ajude?

**Duarte:** Sim. Não consigo com isto no chão. Obrigada pela maçã. Obrigada! Eu tenho uma borbulha.

**Investigadora:** É o quê?

**Duarte:** Vou fazer a minha cidade, como fiz ontem.

**Investigadora:** Ontem fizeste uma cidade?

**Duarte:** Agora vou fazer outra. Uma cidade com isto, as bananas, vou por aqui. Vão ser os carros. As bananas vão ser os carros, para andarem para um lado e para o outro. E as bananas pequenas vão ser os carros pequenos. Estão todos. Vou fazer uma pessoa. As bananas pequenas vão ser, isto, olha aqui.

**Investigadora:** Isso é o que Duarte?

**Duarte:** São as partes, os olhos, ficam assim, e isto é a boca. A boca é assim e eu pus uma boca que sorri. Vou buscar uma maçã. A maçã vai ser o nariz. E esta vai ser para aqui, vai ser a testa, e esta para aqui.

**Investigadora:** Muito bem.

**Duarte:** É melhor por isto mais para cima.

**Investigadora:** Muito bem Duarte.

**Duarte:** Falta os olhos. Vou buscar duas maçãs para fazer os olhos. Aqui as maçãs são os olhos. (...)

**Investigadora:** O que é que tu queres fazer mais?

**Duarte:** Outra pessoa. As laranjas vão ser estas. E as maçãs os olhos. Oh, estas maçãs vão para o outro, vão para este. Vou fazer as mãos. Então? Ela também tem braços, e tem de ter.

## **Tarefa 2 – 4 de maio**

### **Margarida**

**Duração:** 5m11s

A Margarida dirige-se até aos materiais e senta-se a olhar para eles. Agarra numa banana grande dizendo “vou fazer uma casa”, depois agarra noutra banana grande. Tenta juntá-las. Olha para a investigadora e depois utiliza uma banana como máquina fotográfica. Observa os materiais. Agarra numa maçã verde e roda com ela. Agarra numa laranja e junta-a à maçã verde dizendo que está a fazer um comboio. Coloca no seu comboio uma laranja, uma maçã verde, uma laranja, uma maçã vermelha, uma laranja. Tenta colocar uma banana por cima de uma maçã e laranja. Ao não conseguir coloca quatro bananas grandes em círculo (Fotografia 1). Conta as bananas que tem no círculo. “Uma duas três quatro”. Depois continua a contar as restantes bananas exclamando “oito”. Coloca as bananas pequenas dentro do círculo das bananas grandes, na mesma posição que as grandes. À medida que as coloca lá dentro vai contando “três, quatro, cinco, é cinco!”. Coloca duas maçãs verdes dentro do círculo (Fotografias 2 e 3). Quando questionada sobre o que é afirma “é uma roda gigante”. Pede à investigadora para não olhar para o que ela vai fazer. Junta os frutos num só grupo. Desmonta tudo o que fez misturando-os. Agarra numa maçã verde. Observa o material.



Fotografia 1 – Círculo de bananas



Fotografia 2 – construção com os materiais



Fotografia 3 – construção de outra perspetiva

### **Conversa a Investigadora:**

**Investigadora:** E tu agora vais ficar aqui comigo a brincar, pode ser? Queres brincar com isto?

**Margarida:** Sim.

**Investigadora:** O que é que nós temos aqui?

**Margarida:** Muitas coisas.

**Investigadora:** Então vá.  
**Margarida:** Vou fazer uma casa.  
**Investigadora:** Força.  
**Margarida:** Olha, olha aqui uma casa. Vou tirar uma fotografia.  
**Investigadora:** O que é que tu tens aí?  
**Margarida:** Bananas. Isto é para comer? Eu estou a fazer o quê? Estou a fazer um comboio.  
**Investigadora:** Estás a fazer um comboio? Vamos ver como fica o teu comboio.  
**Margarida:** Pronto já está, o meu comboio.  
**Investigadora:** Hum, muito bem.  
**Margarida:** Agora as bananas é aqui. Tu foste buscar as bananas porquê?  
**Investigadora:** Hum?  
**Margarida:** Foste buscar as bananas porquê? Foste buscar isto tudo porquê?  
**Investigadora:** Para tu brincares. Não queres brincar?  
**Margarida:** E para os amigos.  
**Investigadora:** E para os amigos também brincarem.  
**Margarida:** Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, oito! Este é uma, está aqui, três, quatro, cinco, é cinco! Pronto já está.  
**Investigadora:** É o quê?  
**Margarida:** É uma roda gigante. Vou fazer, não olhes. Não, não olhes, é uma surpresa para ti. É uma surpresa para ti está bem? Não olhes.  
**Investigadora:** Está bem.  
**Margarida:** Pronto.  
**Investigadora:** É o quê?  
**Margarida:** É uma roda gigante e um comboio até ali.  
**Investigadora:** E mais?  
**Margarida:** Vou fazer. Não olhes.  
**Investigadora:** Mas eu tenho que ver Margarida.  
**Margarida:** Mas é uma surpresa para a Anne e para a Leonor.  
**Investigadora:** Está bem.  
**Margarida:** Tu trouxeste isto porquê?  
**Investigadora:** Para tu brincares.  
**Margarida:** Não é para comer?  
**Investigadora:** Queres comer?  
**Margarida:** Então é isto.  
**Investigadora:** Não queres brincar mais?  
**Margarida:** Não.

---

### **Tarefa 3 – 11 de maio**

**Alexandre**

**Duração:** 10m23s

O Alexandre dirige-se aos materiais e agarra num copo transparente e numa bola de ténis e coloca a bola no copo. Retira a bola do copo e agarra noutra bola de ténis, ficando com uma em cada mão. Agarra na bola verde mais pequena e coloca-a ao pé das duas bolas de ténis. Tenta colocar uma das bolas de ténis por cima da outra bola de ténis. Agarra na terceira e última bola de ténis e junta-a às outras duas (Fotografia 1). Tenta coloca-las em fila, umas em cima das outras. Ao não conseguir coloca-as em fila no chão, agarra na bola verde, coloca-a em cima de uma das bolas de ténis e com a outra mão agarra noutra bola de ténis e coloca-a por cima da bola verde. Retira a bola verde e volta a fazer a torre só com bolas de ténis. Coloca por último a bola verde no cima da torre de bolas. Coloca uma bola de ténis num copo branco. Coloca outra bola de ténis num copo transparente. Olha para o copo e retira a bola. Agarra num copo branco e coloca lá a bola. Coloca a terceira bola de ténis noutro copo branco. Deita os três copos. Utiliza um copo transparente para retirar as bolas dos copos brancos e junta-as, primeiro em torre e depois em prisma triangular. Faz uma bola saltar. Depois faz



Fotografia 1 – conjunto de bolas de ténis

outra bola saltar. Agarra nelas para sentir o seu peso e fá-las saltar. Agarra as três bolas de ténis de uma vez, mas em fila, olha para elas e depois larga-as. Vai buscar as bolas de ténis. Tenta novamente fazer uma torre e coloca-as em prisma triangular. Brinca com essas três bolas de ténis. Faz saltar uma bola de cada vez. Repete o movimento de fazer saltar uma bola de cada vez, depois coloca-as em prisma triangular e atira-as. Vai busca-las. Coloca uma bola de ténis dentro de um copo branco e deita fora. De seguida coloca outra bola dentro do mesmo copo branco e deita fora. De seguida agarra na outra bola de ténis e coloca-a no mesmo copo branco. Depois agarra numa das bolas de ténis e tenta coloca-la por cima da bola que está no copo branco. Deita-as fora. Tenta colocar uma bola em cima da outra. Volta a colocar uma bola dentro do copo branco e tenta colocar outra bola de ténis por cima da bola que está no copo. Tira a bola do copo e volta a colocá-la lá três vezes. Retira a bola e tenta coloca-la por cima da outra bola de ténis. Agarra nas três bolas de ténis e tenta coloca-las umas em cima das outras. Junta as três bolas. Agarra as três bolas com as duas mãos. Deixa as bolas fugir e vai apanhá-las. Agarra num copo transparente. Coloca lá uma bola de ténis e atira-a e faz o mesmo com as outras duas bolas de ténis, da mesma forma (Fotografia 2). Vai buscar as bolas e tenta coloca-las umas em cima das outras, em torre. Agarra nas bolas de ténis, formando um prisma triangular, e coloca-as em redor da bola verde, ficando esta no centro. Retira a bola verde e faz um prisma triangular apenas com as bolas de ténis. Persiste em tentar colocar as bolas em cima umas das outras. Deixa cair uma bola de ténis em cima de um copo transparente e este fica amolgado. Observa o que aconteceu. Deixa cair outra bola de ténis em cima de um copo branco. Outra bola de ténis em cima de outro copo branco. Agarra em duas bolas de ténis e fá-las rodar ao mesmo tempo. Volta a deixar cair uma bola de ténis por cima do primeiro copo que amolgou. Repete o processo para outro copo branco. Depois agarra numa bola de ténis em cada mão e deixa-a cair à vez. Primeiro uma mão e a seguir a outra, e assim sucessivamente. Depois deixa cair duas vezes a bola de uma mão e em seguida duas vezes a bola da outra mão. Repete este movimento duas vezes. Coloca uma bola de ténis num copo branco. Retira-o e atira-o para cima do copo.



Fotografia 2 – tentativa de colocar uma bola de ténis num copo transparente

### **Conversa com a investigadora:**

**Investigadora:** Podes ir brincar. (...) Então o que é que tu tens aí na mão? O que é isso?

**Alexandre:** Bolas de ténis.

**Investigadora:** São bolas de ténis? Muito bem. Então e porque é que agarraste nesse material? Porque é que agarraste nessas bolas de ténis? Então e o que é que tu estás a fazer? Sabes Alexandre, o que é que tu estás a fazer com as bolas de ténis? É o quê? Conta lá?

**Alexandre:** Jogar.

**Investigadora:** Estás a jogar? Então e porque é que fizeste assim? Então e quantas peças tens lá na tua mão? Quantas bolas tens, conta lá.

**Alexandre:** Um, dois, três.

---

### **Tarefa 3 – 11 de maio**

**Duarte**

**Duração:** 12m33s

O Duarte dirige-se aos materiais, observa-os e começa a enumerá-los. Agarra num copo branco e atira-o. Agarra num copo transparente e vai colocá-lo ao lado do copo branco que atirou. Vai afastá-los. Agarra em dois copos transparentes e coloca-os ao lado do outro transparente dizendo “os copos brancos vão para aqui, os copos todos brancos vão para ali”. Agarra em dois copos brancos e coloca-os enfiados no outro copo branco. De seguida junta também aos copos transparentes, ficando três copos brancos em baixo e três copos transparentes em cima. Agarra num copo transparente e coloca-o do lado dos transparentes. Repete com outro copo transparente. De seguida com dois copos brancos, colocando-os no lado dos copos brancos. Agarra num comando e tenta abrir e finge que liga a televisão. Agarra numa colher amarela. Retira um dos copos transparentes e coloca lá dentro a colher. Retira outro copo transparente e coloca lá dentro duas colheres simples. Agarra numa colher amarela e coloca-a no copo onde tem a outra colher amarela. Faz o mesmo com as restantes colheres. Colheres amarelas num copo e colheres simples no outro copo (Fotografia 1). Finalizado, retira as colheres simples do copo e coloca-as todas no chão, ao lado

umas das outras, com a parte da colher todas para o mesmo lado. Depois de colocar as colheres simples em fila, agarra nas colheres amarelas e faz o mesmo processo. Coloca-as em fila, a seguir às simples, sempre com a colher para cima. Coloca agora copos transparentes por cima das colheres simples. A cada colher corresponde um copo (Fotografia 2). Faz o mesmo com as colheres amarelas, mas agora com copos brancos (Fotografia 3). Retira os copos, e agrupa-os ao lado. Começa a empilhar os copos. Ao reparar que empilhou branco, transparente, branco, para e retira os copos, empilhando por cor. Faz o mesmo com os restantes copos. Coloca os transparentes por cima e os brancos por baixo. Agarra nas colheres amarelas e coloca-as dentro da torre de copos, com a parte da colher virada para baixo. De seguida agarra as colheres simples e coloca-as no copo, também com a parte da colher virada para baixo. Agarra numa escova e coloca-a com os dentes virados para baixo. Em seguida, agarra nas três escovas iguais e coloca-as ao lado da outra, em fila, todas com os dentes para baixo (Fotografia 4).



Fotografia 1 – conjuntos de colheres por características



Fotografia 2 – correspondência colher-copo



Fotografia 3 – correspondência colher-copo por cor



Fotografia 4 – conjunto de escovas

Transporta as escovas de um sítio para outro, mas mantém a mesma disposição. Agarra em três colheres simples que estão no copo e coloca-as no chão, em fila. Transporta de novo as escovas na mesma posição, mas agora ao lado das três colheres. Coloca três colheres amarelas atrás das colheres simples, mas com a parte da colher virada para o mesmo lado. Coloca mais uma colher amarela e uma simples à sua frente. Agarra nas duas colheres simples que sobram e coloca-as junto às outras colheres simples (Fotografia 5). Agarra nas quatro colheres amarelas e começa a coloca-las em fila. Depois agarra nas simples e continua o seu comboio. Estão quatro colheres amarelas seguidas de seis colheres simples, todas viradas para o mesmo lado (Fotografia 6). Agarra nos copos, e continua o seu comboio, colocando primeiro os copos transparentes, virados para baixo. Depois de colocar os transparentes coloca os brancos (Fotografia 7). Depois começa de novo a empilhar os copos, começando pelo último que colocou no seu comboio. Quando chega às colheres, agarra numa de cada vez e coloca-a dentro dos copos, sempre com a parte da colher virada para baixo. No final, retira as colheres dos copos, espalha-as no chão e mistura-as. Coloca a bola verde dentro de um copo transparente. Tenta colocar uma bola de ténis dentro de um copo transparente. Ao ir buscar mais bolas, encontra uma escova e vai coloca-la ao lado das outras que tinha posto em fila. Traz duas bolas de ténis. Retira um copo e coloca lá uma bola de ténis. Coloca a outra bola noutra copo transparente. Em seguida, coloca as colheres simples num copo transparente dizendo “duas para cada um”, no entanto coloca três colheres. Depois coloca mais três colheres noutra copo.



Fotografia 5 - conjuntos



Fotografia 6 – comboio de colheres



Fotografia 7 – comboio de colheres e copos

### **Conversa com a Investigadora:**

**Investigadora:** Podes ir brincar com aqueles brinquedos, pode ser?

**Duarte:** Sim. Estão aqui comandos, e bolas, e colheres, e escovas, e copos! Os copos brancos vão para aqui, e os copos mais brancos, os copos que estão todos brancos vão para ali. Estes estão todos brancos, vão para aqui.

**Investigadora:** Posso ver? Porque é que tu agarraste nesse material?

**Duarte:** Para fazer isto.

**Investigadora:** Para fazer isso? Então e o que é que é isso?

**Duarte:** São copos.

**Investigadora:** São copos? E o que é que tu fizeste aí?

**Duarte:** Agora é os comandos. Abrir. Como isto se abre?

**Investigadora:** Não sei Duarte.

**Duarte:** Que tal assim, ligar a televisão. Vou fazer isto. Eu não preciso de uma bola grande. Vou por aí. Colheres! Vou fazer uma pizza, para comer a água. Agora carros. São carros de corrida. Vou fazer uma corrida. Os carros estão preparados. Agora outros carros. Carros, estão preparados. Vão num saco de cada vez, só que eu não tenho muitos. Os que têm muito branco vão para estes.

**Investigadora:** Então e o que é que tu estás a fazer agora?

Já vais ver. (...) Para por as colheres. Escorregas. Muitos escorregas. Escorregas.

**Investigadora:** São escorregas?

**Duarte:** Os escorregas vivem no parque infantil. Vou fazer um parque infantil com carros. O parque infantil também tem carros. Este é o parque infantil, vou por os escorregas. Está aqui os escorregas, e os outros escorregas. Isto é para pentear, mas agora são os escorregas. Os escorregas grandes e isto. Vou fazer o resto. Estes é os carros atrás. Só falta um. Este será o daqui, atrás, e este fica aqui. E estes são os últimos, no parque infantil. Agora um comboio. Depois vou usar isto, depois. É um comboio. Olha aqui, já acabou. Já acabou as colheres. Agora, os copos! Comboio de copos. Eu tenho o filme da rapunzel, tem um cabelo muito comprido. Agora as bolas. Ups deixar rolar uma bola. Não cabe, mas tem que caber, para ser um gelado. Vou buscar outra, vou fazer um gelado. Oh está aqui outra escova, vou pôr aqui, é uma escova normal. O resto é para as bolas, o resto é para as colheres.

---

### **Tarefa 3 – 11 de maio**

**Margarida**

**Duração:** 14m30s

A Margarida dirige-se aos materiais. Agarra numa bola verde e atira-a. Agarra numa colher de cabo amarelo e num copo transparente. Larga o copo e agarra noutra colher de cabo amarelo. Agarra noutra copo transparente, coloca-o ao lado do anterior e com a colher começa a realizar o movimento de passar de um copo para o outro. Coloca um dos copos por cima do outro. Com uma colher faz o movimento de levar a colher à boca. Agarra num comando e finge ver televisão. Agarra num copo branco e numa colher de cabo amarelo e finge beber, usando a colher para levar à boca. Coloca o copo na boca e finge beber. Agarra de novo na bola verde e atira-a. Olha para os materiais. Atira a bola verde de uma mão para a outra repetidamente. Agarra numa escova cor de rosa numa mão e com a outra mão agarra num copo transparente e numa colher de cabo amarelo. Agarra num comando, duas bolas e duas colheres, uma com cabo amarelo e outra de metal. Coloca a bola verde dentro do copo transparente e utiliza a escova cor de rosa para mexer, e de seguida utiliza a colher com cabo amarelo para mexer. Vai buscar aos materiais mais um copo branco, um transparente, uma bola de ténis e três colheres, duas de metal e uma de cabo amarelo. Junta aos materiais anteriores. Com uma colher finge “*tirar um bocadinho*” de um copo e colocar no outro, mexendo. Faz o movimento de passar de um copo para o outro. Vai colocar o copo no “forno”, com outro copo por cima a tapar. De seguida diz que vai fazer um batido de laranja, e coloca a bola de ténis dentro do copo branco. Finge comer. Finge lavar a bola de ténis e para isso utiliza uma colher e a escova cor de rosa. Vai buscar mais dois copos brancos e junta-os aos materiais que tem utilizado. Junta os três copos brancos, todos virados para o mesmo lado. Atira uma colher contra os copos. Atira um copo transparente dizendo “*vai para ao pé dos outros*”. Agarra noutra copo transparente e coloca-o ao pé dos outros. Repete com outro copo transparente. Agarra em dois copos brancos e junta-os aos restantes, dizendo “*pronto, já tenho aqui muita coisa*”. Agarra em duas bolas de ténis e diz “*duas bolas de pêlo*”. Agarra em duas escovas, penteia o cabelo e diz “*dois*”. Penteia uma bola de ténis com uma escova. Depois coloca a bola de ténis num copo transparente. De seguida penteia outra bola de ténis. Coloca a bola de ténis num copo branco, e junta-o ao outro copo com bola, dizendo “*são iguais ou não? Não!*”.

**Nota:** Não existe conversa com a investigadora, pois neste dia a criança nunca demonstrou interesse em falar, focando-se nos objetos.

---

## **Tarefa 4 – 18 de maio**

**Alexandre**

**Duração:** 11m16s

O Alexandre dirige-se aos materiais disponibilizados e agarra em grãos de milho. De seguida agarra em areia e coloca-a por cima de um bogalho. Agarra num bogalho com a mão e roda-o. Larga esse bogalho e agarra outro, rodando-o. Desliza o bogalho pela areia. Volta a fazer o mesmo caminho pela areia mas desta vez no sentido contrário. Brinca com esse bogalho. Agarra em areia e coloca-a por cima desse bogalho (Fotografia 1). Afasta as folhas e agarra em outros dois bogalhos. Agarra grãos de milho que estão na areia e junta-os. Com um bogalho faz buracos na areia. Depois de fazer um buraco e olha sempre para o bogalho. Com um bogalho em cada mão tenta agrupar a areia toda. Junta um bogalho aos outros dois e junta areia. De seguida, agarra noutro bogalho e junta-o aos restantes três e volta a juntar areia. Afasta os quatro bogalhos. Volta a colocar um bogalho de cada vez na areia. Volta a atirá-los para longe. Vai buscar o bogalho que ficou longe e volta a colocá-lo na areia fazendo um buraco e rodando-o. Repete. Com o bogalho, faz um círculo na areia (Fotografia 2). Larga o bogalho e agarra numa folha grande, colocando-a no centro do círculo de areia. Coloca areia por cima da folha, tentando tapá-la. Retira uma folha pequena que encontra e continua a tapar a grande com areia. Agarra na areia com a mão e coloca-a por cima dos locais onde ainda se vê a folha. Agarra na areia e mexe nela como se estivesse a sentir. Sacode as mãos. Retira a areia de cima da folha e agarra na folha. Sacode a folha. Observa a folha, e toca-lhe com as mãos. Agarra nela e começa a abaná-la rapidamente. Larga a folha grande agarrando agora numa pequena fazendo o mesmo procedimento de a abanar rapidamente para cima e para baixo. Bate com ela na areia. Larga a folha, e com as duas mãos começa a juntar a areia, fazendo um monte. Esfrega areia entre as mãos. Sacode as mãos e volta a agarrar em areia, sentindo-a. Repete várias vezes o procedimento. Brinca com a areia (Fotografia 3). Com uma mão agarra na areia e coloca-a na outra mão. Volta a juntar a areia em monte com as duas mãos. Agarra na areia que tem no monte, aperta e volta a colocá-la no monte. Agarra numa folha pequena e usa-a como concha, tentando agarrar areia. Coloca na sua mão a areia que conseguiu colocar na folha, e depois deixa-a cair. Agora agarra na areia com a sua mão e coloca-a sobre a folha pequena que tem na sua outra mão. Despeja a areia da folha no monte de areia. Volta a utilizar a folha como concha, colocando-a no monte e subindo com areia nela. Coloca a areia que conseguiu colocar na folha na sua outra mão. Fecha e abre a mão quatro vezes, apertando a areia. Repete o procedimento todo, desde utilizar a folha como concha. Limpa a areia das suas mãos. Com a mesma folha, mergulha-a na areia, como concha, tentando agarrar o máximo de areia nela. Coloca-a na outra mão. Repete o procedimento várias vezes. De seguida agarra na areia com as duas mãos e coloca-a por cima do bogalho. Agarra no bogalho e olha para ele. Abana o bogalho para cima e para baixo. Utiliza-o para fazer um buraco na areia e depois deixa-o cair. Agarra de novo no bogalho e volta a deixá-lo cair como uma bola. Repete quatro vezes. Agarra numa folha pequena e utiliza-a para juntar a areia.



**Fotografia 1 – cobre o bogalho com areia**



**Fotografia 2 – círculo na areia**



**Fotografia 3 – brincar com a areia**

**Nota:** Não existe conversa com a investigadora, pois neste dia a criança nunca demonstrou interesse em falar, focando-se nos objetos.

## **Tarefa 4 – 18 de maio**

**Duarte**

**Duração:** 12m33s

O Duarte dirige-se aos materiais. Agarra numa folha grande e atira-a. Agarra noutra folha grande e atira-a. Agarra numa folha pequena e atira-a. Vai buscar a primeira folha que atirou, e coloca-a ao lado da outra folha grande que atirou. Agarra em duas folhas pequenas e coloca-as ao lado da folha pequena que tinha atirado. Coloca as folhas grandes todas juntas e as pequenas também. Coloca-as a todas com o pau para o mesmo lado. Coloca as folhas todas em fila (Fotografia 1). Agarra num bogalho questionando “isto é o que?” e deixa-o cair ao chão. Nas folhas pequenas, junta num lado as viradas para cima e as viradas para baixo. Coloca um bocado de areia numa folha e depois coloca essa areia no chão, exclamando “é uma montanha!”. Com o auxílio de uma folha pequena, coloca areia nessa folha e retira os grãos de milho que se encontram misturados com a areia (Fotografia 2). Sacode as mãos. Agarra em areia e faz outro monte junto ao primeiro monte de areia que tinha feito. Agarra num grão de milho, junta os dois montes de areia e coloca o grão de milho no topo do monte de areia. Tapa o milho com areia. Sacode as mãos. Coloca os bogalhos todos junto ao primeiro bogalho que tinha atirado. Coloca alguma areia junto aos bogalhos. Retira areia do primeiro monte para colocar no monte que fez ao pé dos bogalhos (Fotografia 3). Repete várias vezes este procedimento. Retira o milho do primeiro monte de areia e coloca-o junto às folhas. Agarra na areia e coloca-a no outro monte. Leva a areia toda desse monte para o outro monte junto aos bogalhos. Coloca areia na folha e da folha para o monte. Repete o procedimento. Sempre que encontra milho, retira-o da areia. Utiliza a folha como concha. Sacode as mãos. Faz um novo monte de areia. Agarra nessa areia e vai colocá-la junto ao monte ao pé dos bogalhos. Volta a colocar areia na folha, e depois coloca essa areia no monte. Vai buscar uma folha grande e brinca com ela na areia. Continua a colocar areia no monte. Com um bogalho faz um buraco no monte de areia. Faz o mesmo com todos os bogalhos. Coloca a folha grande dentro do monte de areia. Bate com um bogalho no chão. Agarra nos grãos de milho e coloca-os no buraco do monte de areia. Tapa com areia.



Fotografia 1 – folhas em fila



Fotografia 2 – separar o milho da areia



Fotografia 3 – bogalhos junto a monte de areia

### **Conversa com a Investigadora:**

**Investigadora:** Já podes ir brincar.

**Duarte:** Ei, eu estive a falar daquilo. É o que eu disse. Vês. Mandas uma coisa e os pintos caem. É assim. Não há melhor que fazer folhas. Eu vou fazer isto, olha aqui. Depois muita areia. Este vai para os grandes. Primeiro vou por os grandes. Este vai para o grande e este vai para o grande. Este vai para o grande e este vai para o grande. Já está os grandes. Já estão os grandes. E os pequenos, faltam mais alguns, estão aqui. Depois vou levar isto, para fazer buracos. Isto é o quê?

**Investigadora:** O que é que tu achas que isso é?

**Duarte:** Castanha.

**Investigadora:** É um bogalho.

**Duarte:** Vou tirar daqui esta folha. Pronto, as folhas estão. Agora a areia. Uma montanha. Não quero o milho.

**Investigadora:** Diz lá, o quê?

**Duarte:** É areia.

**Investigadora:** É só areia?

**Duarte:** Vou buscar areia. Ponho, aqui. E depois vou buscar o milho. E vou buscar a outra areia, para por aqui. Vou fazer como fizemos, lá fora.

**Investigadora:** Lá fora onde?

**Duarte:** Já vês. Estava escondido. Vou buscar mais areia. Vou pôr aqui. Os bogalhos ficam aqui. Levo alguma desta areia, aqui. Vou buscar mais areia e pôr aqui. Vou buscar a outra areia e pôr aqui. Vou buscar a outra areia e pôr aqui. Está a chover. Vou buscar o milho e por aqui. Vou tirar a areia. Estava a fazer como fiz com farinha. Tu sabes que como pomos como a farinha está lá bicho. Os bichos acordam. Vês, faço uma montanha, com esta areia. Ei, tu sabes que a praia também tem areia. Eu estava a tentar encontrar o tesouro mas não encontrei. Tentei, mas não estava daquele lado, estava do outro. Não quero o milho. Olha, sujei-me. (...) e o que eu vou usar, para tirar dali o resto da areia?

**Investigadora:** Não sei, só pode ser com isto Duarte. O que é que tu tens aí?

**Duarte:** Areia.

**Investigadora:** É? Então e porque é que agarraste nesse material? Porque é que agarraste na areia?

**Duarte:** Porque é para fazer as montanhas.

**Investigadora:** Ah, então o que é que estás a fazer?

**Duarte:** Montanhas.

**Investigadora:** Muito bem. Então e porque é que fizeste assim, a montanha?

**Duarte:** Olha, as montanhas são assim, e eu adoro, montanhas. Eu até subi uma montanha. Até subi uma montanha e a minha mãe tirou-me uma foto. Areia. Agora vou buscar outro. Vou pegar na areia assim, e despejar para a mão, como o professor fez. O professor fez. Como nós fizemos, com os ovos, lembraste?

**Investigadora:** Lembro.

**Duarte:** É por isso que eu estou a fazer. Como nos ovinhos, e os ovinhos verdadeiros. Vou pôr outra montanha. Aqui, outro, outro, outro e outro. Eu vou fazer assim um buraquinho.

**Investigadora:** E porque é que estás a fazer um buraquinho?

**Duarte:** Para esconder isto. Para ser um tesouro

## **Tarefa 4 – 18 de maio**

### **Margarida**

**Duração:** 11m45s

A Margarida dirige-se aos materiais. Agarra num bogalho e questiona sobre o que é. Agarra nos restantes materiais e nomeia-os. Coloca areia em cima de uma folha grande, na zona central da folha. Coloca essa folha ao lado de uma folha igual. Agarra em areia e coloca-a no centro da folha que não tem areia, tornando-a igual à outra. Agarra numa terceira folha, também com areia no centro, e coloca-a ao lado das outras duas (Fotografia 1 e 2). Amachuca a areia das folhas. Sacode as mãos. Agarra num bogalho e coloca-o na folha do meio, por cima da areia. De seguida tenta enrolar o bogalho com a folha. Utiliza outra folha para enrolar o bogalho. Agarra em areia e coloca-a dentro das folhas enroladas. Faz força, e começa a desenrolar as folhas. Sacode as mãos. Mexe na areia. Observa a areia. Agarra num bogalho e coloca areia por cima dele. Consegue colocar areia dentro do bogalho. Faz buracos na areia com o bogalho. Retira as folhas e os bogalhos da areia. Coloca areia por cima do milho. Sacode as mãos. Agarra numa folha pequena. Agarra em areia e coloca por cima da folha pequena. Coloca um bogalho por cima da areia que está na folha. Coloca mais areia em cima do bogalho (Fotografia 3). Agarra noutra folha pequena e coloca-a por cima. O bogalho cai, ela amachuca a areia e coloca a folha por cima. Agarra na ponta das folhas e levanta-as (Fotografia 4).



Fotografia 1 – repetição do procedimento



Fotografia 2 – repetição (continuação)



Fotografia 3 – areia no bogalho



Fotografia 4 – construção com folhas, areia e um bogalho

Coloca mais areia e acalca com a mão. Retira a areia em excesso. Agarra num bogalho e coloca-o por cima

da areia. Retira o bogalho. Agarra na folha com areia e vai colocá-la noutro local. Agarra em três bogalhos, fingindo que são duas laranjas e um limão. Coloca dois bogalhos na areia e coloca areia por cima destes. Vai buscar a folha com areia que tinha colocado noutro local.

### **Conversa com a Investigadora:**

**Investigadora:** Já podes ir brincar.

**Margarida:** Isto é o quê?

**Investigadora:** Não sabes o que é?

**Margarida:** Não.

**Investigadora:** Chamam-se bogalhos.

**Margarida:** Bogalhos. Isto é areia. Isto são folhas. Bogalhos. Preciso de um bogalho. Preciso de uma areia. Preciso de uma areia para pôr. Tu fizeste isto para quem?

**Investigadora:** Para o Alexandre e para o Duarte.

**Margarida:** E também para mim.

**Investigadora:** E para ti.

**Margarida:** Vou fazer uma coisa. Tem pouca areia. E muita areia. E sabes porquê? Porque eu vou fazer uma festa, então vou precisar de batido. Eu ontem não fiz batido agora vou fazer. Um pedaço de areia, um pedaço daquilo, um pedaço das folhas. Ainda não há o copo. Vou pôr aqui. Assim, enrolar. O outro vai para aqui. Não estou a conseguir.. ai estou estou.. e depois, vai aquecer vai aquecer com areia e com o milho. O milho, a areia. Olha aqui. Depois o milho e a areia voltam a ser derretidos. E olha como derreteram, uh, magia. Vou fazer outra vez. Ei lavar as mãos? Isto é brilhantes pois é?

**Investigadora:** É areia.

**Margarida:** Mas também tem brilhantes a areia. Olha aqui brilhantes. Então tem ali brilhantes.

**Investigadora:** A areia é que é brilhante.

**Margarida:** Porquê?

**Investigadora:** Porque é a areia, tem cristaizinhos.

**Margarida:** Ah. Tenho que pôs areia aqui. Eu pôs uma ali, aqui dentro. Eles ali estão a fazer o quê?

**Investigadora:** Tu já vês, agora é aqui. Brinca aqui, agora.

**Margarida:** Primeiro é aqui? Primeiro?

**Investigadora:** Primeiro é aqui.

**Margarida:** Ah. Depois é ali? Na sala? Então é duas coisas. O Duarte fez duas coisas? Preciso de muita areia. Tu puseste aqui muita areia?

**Investigadora:** Tu achas que é muita areia?

**Margarida:** É. É muita areia para eu fazer o bolo. Bolo, para meter no forno. Já está, aqui, vamos esconder o milho.

**Investigadora:** Então e porque é que tu agarraste na areia? Porque é que agarraste nesse material?

**Margarida:** Porque é para esconder o milho para fazer o bolo.

**Investigadora:** Ah, então o que é que tu estás a fazer?

**Margarida:** O bolo.

**Investigadora:** E porque é que estás a fazer assim?

**Margarida:** Para o milho esconder-se. Estou a fazer assim, parece um castelo pois é? Parece, mas não é. Já está tudo tapado. Uau, têm brilhantes. Esta folha, o milho está aqui. Ah é verdade, na areia outra vez, muita areia. Outra vez. Vou agora, com cuidado, atirar isto. Assim. A outra folha? Oh, está aqui. Com cuidado, as folhas, está igual a esta pois está?

**Investigadora:** Estás a fazer o quê agora?

**Margarida:** Estou a fazer o bolo, estou a tirar isto. Não preciso destas folhas. Ainda não está aquecido. Ai ai ai. Está aqui uma vela. Eu faço um ano, só tenho uma vela. Agora, o bolo está a aquecer. Eu vou fazer o batido para o bolo ficar docinho, laranja e limão. E outra vez laranja pois é? Então, vou fazer. pôs aqui quatro, cinco. Pois é? Pôs aqui três.

**Investigadora:** Estão aí quantos?

**Margarida:** Laranja, laranja e limão. Preciso de muita areia. Ah o bolo já está aquecido. Já está há muitos minutos.

## **Tarefa 5 – 25 de maio**

**Alexandre**

**Duração:** 12m33s

O Alexandre dirige-se aos materiais. Agarra num feijão e coloca-o dentro de uma garrafa de plástico. De seguida fecha a garrafa com uma rolha verde. Agarra noutra garrafa e coloca dentro dela outro feijão. Fecha a garrafa com uma tampa verde. Coloca outro feijão dentro de outra garrafa de plástico e fecha a garrafa com uma rolha verde. Coloca outro feijão numa garrafa de plástico. Agarra numa rolha verde. Larga a rolha e coloca a garrafa no chão. Retira a rolha da primeira garrafa e coloca-a no chão. Retira a rolha das outras garrafas. Retira o feijão de dentro da última garrafa. Volta a colocar o feijão dentro da mesma garrafa. Com uma mão fica a agarrar essa garrafa e com a outra mão agarra noutra garrafa que ainda não possui nenhum feijão. Coloca as aberturas das garrafas juntas. Levanta ligeiramente uma das garrafas e faz deslizar o feijão de uma garrafa para a outra. Agarra numa das garrafas com feijão e numa que não tem feijão e faz o mesmo procedimento de deslizar o feijão de uma garrafa para a outra. Repete o procedimento com outras duas garrafas ainda não utilizadas, uma com feijão e outra sem feijão. Agarra num feijão e coloca-o dentro de uma garrafa que já contém um feijão. Agarra noutra feijão e coloca-o dentro da mesma garrafa, contendo agora três feijões. Agarra numa garrafa que contém um feijão e passa-o para dentro da garrafa que contém três feijões. Agarra numa garrafa vazia. Observa que não tem feijão e coloca-a no chão, agarrando numa garrafa que possui um feijão. Coloca esse feijão dentro da garrafa que tem quatro feijões, passando essa garrafa a ter cinco feijões. Faz o mesmo com outra garrafa que possui um feijão. A garrafa possui agora seis feijões. Observa as garrafas todas. Ao notar que não possui feijão dentro, começa a agarrar os feijões que se encontram espalhados pelo chão e coloca-os dentro da garrafa. No final a garrafa possui vinte feijões (Fotografia 1). Tenta colocar dentro da garrafa uma tampa verde, mas não consegue. Agarra numa garrafa sem feijões, junta-a à dos feijões pela abertura e faz o movimento para passar os feijões de uma garrafa para a outra. Aqui, vários feijões caem ao chão. Ao ficar um feijão na garrafa inicial, a criança A não desiste até o conseguir passar para a outra garrafa, que contém agora os feijões. Agarra os feijões que caíram ao chão e coloca-os na garrafa agora sem feijões, que anteriormente tinha os feijões. Depois, através do mesmo processo tenta passar os feijões que caíram para a garrafa que agora contém os feijões. Desta vez nenhum cai. Fecha a garrafa dos feijões com uma tampa verde. Tenta colocar uma tampa verde por cima da tampa verde que usou para fechar a garrafa. Coloca essa tampa no chão. Abre a garrafa e cheira. Vira a garrafa fazendo com que os feijões caiam. Agarra alguns feijões com a sua mão. Coloca os feijões que agarrou com a mão numa outra garrafa de plástico sem feijões. Agarra os feijões que se encontram no chão e coloca-os dentro dessa garrafa, um a um. Fecha a garrafa com uma tampa azul clara. Agarra em duas tampas azuis claras e fecha duas garrafas sem feijões. Tem agora três garrafas fechadas com tampas azuis claras, duas sem feijões e uma com os feijões. Junta as garrafas vazias uma à outra (Fotografias 2 e 3). Coloca as duas garrafas sem feijões juntas no chão e agarra na garrafa com os feijões, observando-a. Junta-a a uma garrafa sem feijões e sem tampa. Olha para as duas, percebe que são diferentes e separa-as. Abana a garrafa com os feijões. Retira a tampa azul clara da garrafa com os feijões e coloca-a noutra garrafa sem feijões. Utiliza uma tampa verde para fechar uma garrafa sem feijões. Utiliza outra tampa verde para fechar a garrafa com os feijões. Abana a garrafa dos feijões. Utiliza outra tampa verde para fechar uma garrafa sem feijões. Neste momento tem quatro garrafas com tampas verdes e uma com tampa azul claro.



**Fotografia 1 – 20 feijões numa garrafa**



**Fotografia 2 – garrafas sem feijões e de tampa azul**



**Fotografia 3 – conjunto de garrafas iguais**

**Nota:** Não existe conversa com a investigadora, pois neste dia a criança não demonstrou interesse em falar, focando-se apenas nos objetos.

## **Tarefa 5 – 25 de maio**

### **Duarte**

**Duração:** 15m30s

O Duarte dirige-se aos materiais. Agarra num feijão e coloca-o dentro de uma garrafa sem feijões. Agarra noutra garrafa e coloca-o dentro da mesma garrafa. Agarra noutra garrafa e coloca-o dentro da garrafa. Repete com mais três feijões e depois abana a garrafa. Agarra numa folha de jornal pequena e leva-a com a garrafa. Retira os feijões da garrafa e coloca-os em cima da folha de jornal. Coloca de novo um a um os feijões na garrafa. Fecha a garrafa com uma tampa azul escura e coloca um fio de lã amarelo à volta a entrada da garrafa. Tenta várias maneiras e acaba por desistir, começando a abanar a garrafa com os feijões, para cima e para baixo. Coloca o fio de lã amarelo em cima do jornal. Agarra na folha de jornal e coloca-a na parte de cima da garrafa. Retira a tampa. Faz força e acaba por furar a folha. Coloca o fio de lã amarelo à volta da tampa. Retira os feijões de dentro da garrafa e conta-os. Coloca de novo os feijões na garrafa enquanto faz contagem. Abana a garrafa e fecha com a tampa azul escura, afirmando que é uma maraca. Continua a abanar a garrafa, de diferentes formas. Agarra noutra garrafa, que está sem feijões e abana-a. Coloca dentro desta garrafa três feijões e fecha com uma tampa azul escura. Agarra de novo numa folha de jornal pequena e coloca-a sobre a garrafa fazendo um buraco como na anterior. Ao tentar fazer o buraco rasga a folha ao meio. Retira os feijões de dentro da garrafa e coloca-os sobre uma das metades da folha que rasgou. Deixa a garrafa aberta. Abre a outra garrafa que também contém feijões e coloca dentro dela os feijões que estão sobre a folha de papel. Agarra noutra garrafa sem feijões e coloca feijões que ainda não foram utilizados, contando. Amachuca uma folha de papel pequena e coloca-a dentro desta garrafa. Abana e observa a garrafa. Tenta passar os feijões desta garrafa para a primeira garrafa com feijões. Coloca pedaços de papel numa das garrafas vazias. Tem duas garrafas com papel e uma com feijões. Abana a garrafa com papel. Agarra numa tampa azul escura para fechar a garrafa com papel, mas muda de ideias e vai buscar uma tampa verde. Coloca um fio de lã amarelo à volta da tampa e dá um nó. Retira a tampa verde e coloca o fio de lã lá dentro e fecha de novo com a tampa verde. Agarra em mais feijões e coloca-os dentro da garrafa com feijões. Coloca os feijões um de cada vez. Agarra em dois fios de lã cor de rosa e um amarelo e coloca dentro da garrafa com feijões. Abana a garrafa. Agarra em mais fios de lã amarelos e coloca-os dentro da garrafa dos feijões. Abana a garrafa. Agarra em fios de lã cor de rosa e coloca-os dentro da mesma garrafa. Abana a garrafa. Agarra um fio de lã cor de rosa e tenta coloca-lo à volta da garrafa. Ao não conseguir, coloca-o dentro da garrafa. Abana a garrafa. Coloca um feijão que encontra e o resto da lã. Tenta coloca-la toda de uma vez na garrafa em vez de colocar fio a fio. Consegue colocar a lã toda. Abana a garrafa. Vira a garrafa para baixo e vê que não cai a lã. Coloca-a no chão virada para baixo. Depois coloca-a virada para cima. Agarra numa garrafa sem feijões ainda não utilizada e amachuca-a no meio. Coloca-a deitada no chão. Agarra em mais quatro garrafas sem feijões ainda não utilizadas e amachuca-as também no meio, e coloca-as também deitadas junto à primeira, todas viradas para o mesmo lado (Fotografia 1). Agarra na garrafa que contém lã e feijões e começa a retirar a lã e os feijões que consegue. Puxa os fios de lã. Quando a garrafa já se encontra sem feijões amachuca-a no meio e coloca-a junto às que amachucou anteriormente. Agarra numa folha de papel e vai colocá-la numa das garrafas que contém papel. Amachuca essa garrafa com papel e coloca-a junto ao grupo das garrafas amachucadas dizendo “*este vai ser o barco com papel*”. Sem querer dá um chuto nas garrafas e elas saem do sítio. Volta a colocá-las em fila, todas viradas para o mesmo lado. Muda a lã toda de lugar e junta os feijões todos juntos (Fotografia 2). Vai buscar a lã e coloca-a sobre o grupo dos feijões.



**Fotografia 1 – garrafas amachucadas todas na mesma posição**



**Fotografia 2 – conjunto de garrafas, feijões e lã**

## **Conversa com a Investigadora:**

**Investigadora:** Já está. Podes ir brincar.

**Duarte:** O que é isto?

**Investigadora:** É para tu brincare.

**Duarte:** Vou fazer fantasmas. Com buracos. Aqui. Vês? Tem coisas lá dentro. E depois tem uma corda. Eu vou prender. Pronto. Vês como ficou? Olha como ficou. Vou fazer os fantasmas. Um, dois, três.

**Investigadora:** Tens aí três?

**Duarte:** Um, quatro! Vês? É uma maraca. Como aquele que eu estava a tocar, lá em cima, ao pé do ginásio. Assim, tchu tchu tchu... isto é uma maraca. Vês? Agora vou pôr uma tampa. Agora um papel. Vês? Como ficou? Vês aqui? Os feijões. E este fica vazio. Este fica aberto assim, garrafa, abrir. Pôr lá os feijões e pronto, e a tampa, vou aqui, aquilo fica ali, esta garrafa tem dois feijões. Vou apanhar dois feijões, e vai ter lá dentro papel. Vou por lá dentro, só que é difícil por lá dentro. Vês? E o papel fica lá dentro. O papel que está aqui vai para ali para dentro. Para aqui. E este papel pequeno também, vai. E este papel vai para aqui. E este papel grande vai para aqui, este. Vês, como ficou? Parece que é uma nave espacial. É uma nave. Vou fechar este com uma tampa verde.

**Investigadora:** Porque é que vais fechar esse com uma tampa verde?

**Duarte:** Porque tem uma coisa verde. Posso por uma corda amarela, aqui, por cima. Vou fazer um lindo nó. Vou fazer um nó. Pronto. Vês? Queres ver ainda melhor? Por isto lá dentro, fechar assim, fecha, fecha. Para fazer assim. vou fazer de outra maneira. Este vai ficar com muitos, muitos feijões. E por um bocadinho disto lá dentro. Vou por este lá dentro. Vou por mais lá dentro. Aquele fica assim. Vês? Quem é que estava a mexer na porta?

**Investigadora:** Acho que é o vento.

**Duarte:** Vou por mais, oh está aqui outro feijão, vou apanhar. Isto é o quê?

**Investigadora:** Isso é lâ.

**Duarte:** Mas para que é que tu usaste lâ? Para trazer até aqui?

**Investigadora:** Porque é que tu estás a usar a lâ? O que é que estás a fazer com ela?

**Duarte:** Para por aqui na garrafa. Queres ver o que eu vou fazer? Vou pô-la lá dentro. Como ficou. E estas garrafas faço assim. Vês? Para serem os barcos.

**Investigadora:** É um barco?

**Duarte:** É. Para serem uma corrida, de barcos. Vou fazer mais. Está aqui outro.

**Investigadora:** Vais fazer o quê agora?

**Duarte:** Tirar a lâ. Vês? Este papel vai para onde? Vai para ali. Este precisa de mais papel. Vês? Tenho todos os barcos prontos.

**Investigadora:** Estão prontos? Muito bem Duarte.

**Duarte:** Estes barcos têm rodas. Tenho que por este aqui. Este vai ser um barco com papel. Oh, quase que ia batendo na areia. Já estão todos prontos, na corrida. Vou brincar mais. Olha aqui. Vou tirar a areia daqui. Vou por aqui, por aqui os feijões. Queres ver? Vou buscar a lâ. Está escondido.

---

## **Tarefa 5 – 25 de maio**

### **Margarida**

**Duração:** 12m30s

A Margarida dirige-se aos materiais. Olha para os materiais. Agarra num feijão com uma mão e com a outra mão agarra noutra feijão. Junta os dois feijões. Observa os dois feijões. Coloca os feijões no chão e agarra numa garrafa de plástico sem feijões. Em seguida agarra num fio de lâ grande cor de rosa e começa a colocá-lo dentro da garrafa. Abana a garrafa. Agarra num fio de lâ amarelo. Depois noutra fio maior também amarelo. Começa por colocar o fio de lâ amarelo mais pequeno na garrafa e depois o maior (Fotografia 1). Abana a garrafa. Coloca uma tampa verde na garrafa. Muda de ideias e coloca uma azul escura. Agarra numa folha de jornal pequena e coloca-a á volta da garrafa. Tenta enrolar a garrafa com o papel. Retira a tampa da garrafa e coloca mais feijões. Coloca os feijões um a um. Começa a colocar feijões noutra garrafa que está sem feijões. Conta os feijões. Agarra na garrafa que só tem feijões e passa-os para a garrafa que tem feijões e lâ. Abana esta garrafa. Coloca mais fios de lâ na garrafa. Sempre um fio de cada vez. Observa o que já tem

dentro da garrafa (Fotografia 2). Coloca mais feijões na garrafa sem feijões, onde anteriormente já tinha tido feijões. Coloca os feijões um a um e conta-os no final. Volta a passa-los para a outra garrafa, ficando esta de novo sem feijões. Coloca mais lã na garrafa com lã e feijões. Coloca um fio de lã cor de rosa grande metade dentro da garrafa, ficando a outra metade do lado de fora. Fecha a garrafa com a tampa. Abana a garrafa. Muda a tampa, mas para outra verde. Retira a tampa e agarra numa garrafa sem feijões que não tinha utilizado. Tenta passar os feijões para essa garrafa sem feijões, directamente da garrafa. Bate com a mão na garrafa para os feijões e a lã caírem. Auxilia com a mão, puxando a lã e passando-a para a garrafa nova. Ao não conseguir começa a colocar a lã dentro da garrafa nova mas com as suas mãos e não passando directamente da garrafa. Tenta passar os restantes feijões de uma garrafa para outra. Retira a lã toda com o auxílio das mãos. Coloca os restantes feijões na garrafa que contém agora todos os feijões.



Fotografia 1 – Margarida coloca lã dentro de uma garrafa



Fotografia 2 – preenchimento de garrafas de igual modo

### **Conversa com a Investigadora:**

**Investigadora:** Já podes ir brincar Margarida.

**Margarida:** Feijões? Ei, isto é uma sementinha, isto é um feijão que a sementinha vai para aqui. Mas ainda não cabe. Ainda a sementinha está com isto. Está duro. Não é mole. Uns fios. Eu quero este. Ei. Para aqui. Para aqui. Opa. Agora com a linha amarela. Precisa muita amarela. Esta, esta é mais pequenina e esta é mais grande. Quantas vou pôr? Duas? Primeiro esta, esta é muito pequenina, vou por aqui ao pé da cor de rosa. E agora esta grande vou pô-la, com a rosa que é grande também, já pus. Vou por com o amarelo. Tu sabias Anne? Agora vou por uma panta. Olha preciso de uma panta.

**Investigadora:** Precisas do quê?

**Margarida:** Uma panta para por aqui.

**Investigadora:** Uma planta?

**Margarida:** Não, isto para por aqui.

**Investigadora:** Aah, como é que se diz?

**Margarida:** Panta.

**Investigadora:** Uma tampa.

**Margarida:** Uma tampa. Esta, não, é uma azul. Ei, desculpa garrafa, não queria assustar-te. Pronto, agora, e também jornal? Oh, eu também preciso de jornal. Enrola, faz força, para as castanhas. Um castanhinhas novas. Vou tirar a tampa. Vou por castanhinhas. Sabes que estas castanhinhas são velhas, e eu vou cozê-las para ficar novas. Oh está a acabar? Não entornas mais! Eu preciso das duas garrafas para por uma, as castanhinhas velhas. Estas castanhinhas. Aquelas já estão novas, mas eu também vou cozê-las. Esta também está nova. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, oito. Mais uma fita. Olha vai ser uma planta. O que será? Agora vou por os feijões. Estão aqui os feijões. Mais fita. Mais muita fita. Ainda mais fita. É assim como fazes as castanhinhas.

**Investigadora:** É? Eu não sei, nunca fiz.

**Margarida:** É. Estou a fazer castanhinhas. Oh, falta mais feijões. Estão aqui quantos? Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Cinco! Olha, agora vamos fechar com uma tampa. Vou por isto, com esta parte, agora vou fechar muito fechadinho. Castanhinhas elas saltam, oh. Castanhas. Castanhinhas! Vou tirar com a minha tampa preferida. Agora, vou entornar para aqui. Agora vou entornar. Isto também estava aqui. Agora estão duas cheias de feijões, mas esta está cheia.

**Investigadora:** Diz lá Margarida?

**Margarida:** Esta está cheia.

**Investigadora:** Essa está cheia?

**Margarida:** Sim, aquela é tua

## **Tarefa 6 – 1 de junho**

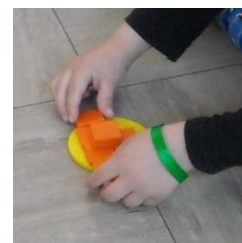
**Alexandre**

**Duração:** 10m40s

O Alexandre dirige-se aos materiais. Agarra numa peça cor de laranja. Coloca-a por cima de outra igual. Agarra em duas peças azuis iguais. Junta essas duas peças. Agarra numa terceira peça azul igual e junta-a às outras duas. Coloca quatro azuis iguais seguidas. Ao reparar que existe uma peça azul que tem duas peças laranjas nos seus lados, agarra em mais duas peças laranjas e coloca-as nos lados que ainda não estão ocupados (Fotografia 1). Desfaz e agarra nas quatro peças cor de laranja. Junta as quatro umas em cima das outras. Coloca-as no chão em fila. Com as quatro peças pequenas faz um quadrado grande. Ajeita para ficar um quadrado perfeito. Desfaz. Vai buscar mais uma peça cor de laranja igual às que tem na mão. Vai buscar outra. Larga todas no chão. Agarra num círculo amarelo grande e começa a colocar as peças cor de laranja por cima dele (Fotografia 2). Tenta de diferentes formas colocar as peças laranjas por cima da amarela. Quando consegue, agarra numa peça vermelha e coloca-a por cima das laranjas. De seguida agarra noutra peça vermelha e também a coloca por cima das laranjas. As peças caem. Volta a colocar as peças cor de laranja. Atira as peças para o chão e começa a colocá-las em cima de uma das peças vermelhas. Junta as peças todas de novo. Agarra nas peças vermelhas pequenas e coloca-as junto às laranjas. Começa a agarrar nas peças azuis e coloca-las em cima das vermelhas. Ou seja, por baixo estão as laranjas, depois as vermelhas e por cima as azuis. Quando finaliza as azuis coloca duas peças amarelas pequenas por cima das azuis. Em seguida agarra na peça vermelha grande e vai para a colocar no monte das peças. Observa e muda de ideias. Coloca essa peça vermelha no chão. Agarra nas restantes peças amarelas pequenas e faz uma torre com elas. Coloca essa torre por cima da peça amarela grande. Vai buscar as duas peças amarelas pequenas que tinha colocado no monte de peças e junta-as à torre das peças amarelas. Todas as peças pequenas amarelas, estão em cima umas das outras, por cima da peça amarela grande. O Alexandre agarra na peça vermelha grande e coloca-a por cima da torre das peças amarelas.



**Fotografia 1 – peças cor de laranja em volta da peça azul**



**Fotografia 2 – conjunto de peças cor de laranja**

Nota: Não existe conversa com a investigadora, pois neste dia a criança não demonstrou interesse em falar, focando-se apenas nos objetos.

---

## **Tarefa 6 – 1 de junho**

**Duarte**

**Duração:** 10m00s

O Duarte dirige-se aos materiais. Agarra numa peça azul e coloca-a no chão. Agarra em mais duas peças azuis iguais e coloca-as junto à primeira, em fila. Agarra noutra peça azul e coloca-a ao lado das restantes. Agarra numa peça amarela grande. Larga a peça amarela. Agarra nas outras duas peças azuis e coloca-as em fila, ao lado das restantes. Neste momento, tem sete peças azuis em fila, todas da mesma maneira (Fotografia 1). A criança constata que as peças são azuis. Agarra numa peça vermelha pequena e observa as suas características. Agarra noutra peça vermelha pequena e coloca-a por baixo da primeira. Faz o mesmo com outras três peças vermelhas pequenas, ficando todas em fila, na mesma posição. Coloca duas peças azuis ao pé de uma vermelha, uma de cada lado, exactamente da mesma maneira. Coloca outras duas peças azuis de lado de outra peça vermelha, tal como a primeira. De seguida coloca apenas uma peça azul de lado de uma vermelha. Faz mais duas junções de peças, vermelha e azul. Estas construções encontram-se todas umas debaixo das outras. As construções que apenas possuem uma peça azul, têm essa peça azul todas do mesmo lado, do lado direito (Fotografia 2). Retira todas as peças azuis e coloca uma cor de laranja junto à peça vermelha que está em último lugar. Coloca as peças azuis todas em fila. Agarra noutra peça cor de laranja e coloca-a do outro lado da peça vermelha, que já possui uma peça laranja de um lado (Fotografia 3).



Fotografia 1 – peças azuis em fila



Fotografia 2 – construções iguais

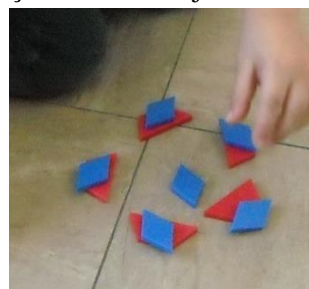


Fotografia 3 – fila de peças

Fica assim uma peça vermelha com duas cor de laranja, uma de cada lado. Vira estas três peças ao contrário, mas mantendo-as na mesma posição relativamente umas às outras. Retira as peças cor de laranja. Agarra numa peça azul e atira-a. Agarra nas duas peças cor de laranja e atira-as, uma de cada vez, para o mesmo sítio onde tinha atirado a peça azul. Refere que a peça laranja não é igual à azul mas sim igual à outra peça cor de laranja. Coloca em fila a peça azul e depois as duas cor de laranja. Vai buscar uma peça azul e coloca-a a seguir à laranja, ficando, azul, laranja, laranja, azul. Coloca duas peças vermelhas seguidas por cima das laranjas. Agarra nas peças azuis e vermelhas que tinha utilizado anteriormente e coloca-as junto à sua nova construção. Junta quatro peças vermelhas em fila. Faz um círculo com cinco peças vermelhas, todas com a parte mais pequena virada para fora. Coloca uma peça azul no centro do círculo. Coloca outra peça azul por cima da peça azul que já está no círculo. Coloca mais três peças azuis por cima (Fotografia 4). Ao deixá-las cair começa a colocar uma peça azul por cima de cada peça vermelha do círculo. Coloca depois duas peças azuis no centro do círculo (Fotografia 5). Coloca duas peças laranjas a sair do círculo, em fila. Vai buscar as restantes peças cor de laranja e coloca-as na fila das peças cor de laranja.



Fotografia 4 – círculo de peças vermelhas



Fotografia 5 – peças azuis por cima de peças vermelhas

### **Conversa com a Investigadora:**

**Investigadora:** Podes ir brincar.

**Duarte:** O que vamos fazer com isto?

**Investigadora:** É o que tu quiseres Duarte. Tu já sabes.

**Duarte:** Que forma é esta?

**Investigadora:** Isso é um losango.

**Duarte:** Então vou por aqui. Outro losango e outro losango. Mas estas peças são todas iguais?

**Investigadora:** São?

**Duarte:** Tens outras formas? Estavam ali?

**Investigadora:** Não, essas não.

**Duarte:** Estas não? É só esta? (...) Vou por aqui outro losango. Outros. São azuis. Como os triângulos. E isto, sabes o que é?

**Investigadora:** É o quê?

**Duarte:** Tem esta parte e esta parte. É um quadrado. Vou continuar. É um morcego. Agora vou fazer outra cabeça, outro morcego. Que os morcegos existem, na noite. Na noite os morcegos acordam, a vão a casa comer. Eles gostam muito de meninos pequenos, e de meninas pequenas. Mas a bruna tem borbulhas, ele vai lá a casa comer e fica a bruna dentro do morcego com as borbulhas.

**Investigadora:** O que é que tu vais fazer mais?

**Duarte:** Outro morcego. Com uma orelha. E há mais morcegos só com uma orelha. Há mais morcegos com uma orelha.

**Investigadora:** São morcegos só com uma orelha.

**Duarte:** São estes. Estes têm duas orelhas. É fácil. Agora vou por isto aqui. Depois tiro as orelhas. E vou pô-las aqui. Para serem uns barquinhos. Agora viro. Cuecas! Cuecas de super-herói. Mas cortaste?

**Investigadora:** Não, são assim.

**Duarte:** Tens de pô-las ali.

**Investigadora:** Ainda não, é para tu brincares. Tens de brincar com elas primeiro.

**Duarte:** Ganhei. Ganhei. Esta não é igual.

**Investigadora:** Essa não é igual a quê?

**Duarte:** Àquela. Tem de ser igual aquela. Agora vou mandar esta. (...) Olha aqui. Vês? Têm todas as crianças medo disto. Será o quê? As crianças têm muito medo. O que achas que é?

**Investigadora:** Não sei D, diz-me tu, o que é?

**Duarte:** Um morcego de dois olhos e duas orelhas. O que é que achas, do morcego? É mesmo estranho.

**Investigadora:** Não.

**Duarte:** Só tenho de o acabar. E depois eu já junto as outras peças. Só que eu vou usar estas. Uma flor. Achas o quê?

**Investigadora:** É uma flor?

**Duarte:** Olha aqui. Estou a juntar.

**Investigadora:** Estás a juntar? Estás a juntar o quê?

**Duarte:** Isto. Para saberes o que é. É o quê?

**Investigadora:** Tu disseste que era uma flor.

**Duarte:** E é. Só que eu estou a juntar e depois por assim. Uma flor. Achas que é uma flor.

**Investigadora:** Acho.

**Duarte:** Agora vou fazer as pétalas que têm isto e depois por estes dois aqui, e depois estes vão ser assim. Vou buscar outros iguais àquele. Estes vão para esta mão. Estes, vou fazer aquilo. É a minha flor que está ali crescida.

**Investigadora:** É o teu feijão?

**Duarte:** É. Cresceu muito. Até ficar com estas partes. Mas ele está um bocadinho sem outra parte. Deve ter caído outra parte dele.

**Investigadora:** Boa Duarte.

**Duarte:** O que é que achas?

**Investigadora:** Acho que está muito bonito.

---

## **Tarefa 6 – 1 de junho**

### **Margarida**

**Duração:** 5m56s

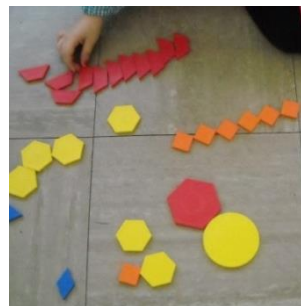
A Margarida dirige-se aos materiais e começa a manipula-los. Coloca uma peça vermelha, depois uma azul. Agarra numa peça laranja e diz “é muito pequenino”. Começa a colocar peças umas em cima das outras, sendo que a que está em baixo é a maior, e vão sempre diminuindo de tamanho. Não existindo peças mais pequenas que a laranja, começa a colocar mais peças laranjas, umas por cima das outras. Junta três peças amarelas iguais em fila. Agarra numa peça vermelha e diz “olha parece que isto é um bolinho”. Agarra numa peça laranja e coloca-a por cima de uma das amarelas que estão na fila. Faz o mesmo nas duas outras peças amarelas, coloca uma laranja por cima, tal como fez na primeira. Agarra numa amarela que ainda não tinha utilizado e coloca-a na fila. Em seguida, agarra numa peça laranja e coloca-a por cima da última amarela que colocou na fila. Repete o processo e conta as peças que já têm (Fotografia 1). A criança conta uma peça, ao conjunto da peça amarela com a laranja por cima. Cada conjunto, para a Margarida, é equivalente a uma peça. Destrói a construção. Junta duas peças vermelhas iguais. Em seguida coloca essas peças vermelhas no chão, em fila, juntando depois mais dez peças vermelhas, iguais, a essa fila (Fotografia 2). Agora, tem todas as peças em fila, do mesmo modo. Faz ao lado da fila vermelhas, outra fila com as peças cor de laranja (Fotografia 3).



**Fotografia 1 – Repetição de peça laranja por cima de peça amarela**



**Fotografia 2 – fila de peças vermelhas**





**Fotografia 3 – fila de peças cor de laranja**



Nota: Não existe conversa com a investigadora, pois neste dia a criança não demonstrou interesse em falar, focando-se apenas nos objetos.

---

## ANEXO VI: Análise das transcrições


Alexandre – Tarefa 1			
Categoria	Subcategoria	Evidências	
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	→Olha para os materiais e agarra num carro azul. → Olha para a sua fila.
		Audição	
		Tato	
		Paladar	
		Olfacto	
	Ordenação e Seriação		Retira um carro azul. Começa a retirar os carros e a coloca-los em fila. Retira os carros por ordem. Primeiro retira o último que colocou, depois o penúltimo, depois o antepenúltimo e assim sucessivamente. Coloca os carros em fila.
	Classificação	Cor	Agarra numa peça de lego azul e coloca-a ao lado da outra peça de lego azul. Agarra num carro azul e coloca-o ao lado da última peça que colocou. Cor: <b>azul</b>
		Forma	Retira um carro azul. Começa a retirar os carros e a coloca-los em fila. Retira os carros por ordem. Primeiro retira o último que colocou, depois o penúltimo, depois o antepenúltimo e assim sucessivamente. Coloca os carros em fila. 
		Tamanho	
		Cor e forma	
		Cor e tamanho	
Forma e tamanho			
Medição			
Previsão			
Comunicação		Oral – Alexandre: um, dois, três, quatro..	
Matemática	Padrões	Agarra num carro amarelo e coloca-o ao lado da peça azul. Agarra numa peça vermelha e coloca-a ao lado do carro amarelo, com os encaixes virados para cima. Agarra num carro vermelho e coloca-o ao lado da peça vermelha. Agarra numa peça vermelha e coloca-a ao lado do carro vermelho, com os encaixes virados para cima. Procura nos materiais e agarra um carro amarelo, colocando-o ao lado da peça vermelha. Agarra no carro azul, olha para a sua fila, olha de novo para os materiais e agarra numa peça verde colocando-a ao lado do carro amarelo. Coloca o carro azul que tinha na mão ao lado da peça verde. <b>Padrão ABABAB</b> 	
	Contagem	Conta as peças de lego, quando questionado pela investigadora. Conta os carros, quando questionado pela investigadora. <u>Alexandre:</u> (vai apontando com o dedo) Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez. <u>Investigadora:</u> Dez, tens dez. E carros? Quantos carros é que tens? <u>Alexandre:</u> (vai apontando com o dedo) Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.	
Brincadeira	Exploratória	Brinca com ele, andando para a frente e para trás e rodando.	
	Construtiva	Agarra com a mão direita num carro vermelho. Na mão esquerda tem o carro azul. Coloca o carro vermelho atrás do azul e agarra noutra carro azul. Coloca uma peça de lego verde na vertical perto de outra peça verde que também se encontrava na vertical. Coloca o carro azul ao lado de uma das peças verdes. Vai para agarrar uma peça de lego azul, hesita, e agarra numa verde, igual às outras duas. Coloca a peça de lego verde ao lado do carro azul Retira o carro azul de entre as peças verdes e coloca lá o carro amarelo com a frente virada para os materiais. Coloca as peças verdes na mesma posição, com o encaixe para o mesmo lado. Agarra no carro azul e coloca-o ao lado de uma das peças verdes, com a frente virada para os materiais. Agarra num carro vermelho e coloca-o ao lado do carro azul com a traseira virada para os materiais. Afasta o carros vermelho do azul e coloca entre eles uma peça verde na mesma posição que as outras peças verdes. Agarra numa peça de lego azul e coloca-a ao lado do carro vermelho na mesma posição que as restantes peças.	
	Faz de Conta		
	Jogo de regras		

**Duarte – Tarefa 1**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Evidências</b>	
<b>Processos Básicos da Ciência</b>	<u>Observação</u>	Visão	→O Duarte olha para os materiais de pé, observa o que há e diz o que vê “Livros, peças, legos e carros?”. → Olha de novo para os materiais, encolhe os ombros, e volta a brincar com o carro amarelo.
		Audição	
		Tato	
		Paladar	
		Olfacto	
	<u>Ordenação e Seriação</u>		
	<u>Classificação</u>	Cor	Depois agarra numa peça de lego vermelha pequena e coloca-a na construção, junto a uma peça de lego vermelha grande e diz “este vai para o vermelho”.
		Forma	Forma conjuntos quando agrupa os livros todos juntos, algumas peças de lego com a mesma forma juntas, as peças de puzzle grande e os carros á sua volta todos da mesma forma. 
		Tamanho	
		Cor e forma	Depois agarra numa peça de lego vermelha pequena e coloca-a na construção, junto a uma peça de lego vermelha grande e diz “este vai para o vermelho”.
		Cor e tamanho	
		Forma e tamanho	Agarra numa peça de puzzle grande. Agarra noutra peça de puzzle grande e diz “quero fazer este puzzle grande”. Tenta juntar as duas peças de puzzle. Não consegue. Agarra outra peça de puzzle grande e tenta juntá-la. Tenta de várias maneiras. Observa os materiais e agarra outra peça de puzzle grande. Olha para as restantes, larga a que agarrou e agarra outra. Tenta encaixar essas peças de puzzle. Depois de várias tentativas diz “não dá”. Agarra noutra peça de puzzle grande e tenta encaixá-la. Desiste e diz “vou fazer uma cidade”, agarrando em duas peças de puzzle grandes. Coloca as peças de puzzle grandes todas em cima umas das outras, empilhando-as. 
	<u>Medição</u>		→Agarra numa peça de lego verde e coloca-a ao pé da outra dizendo “ei este é igual” (Fotografia 5). Agarra numa peça de lego verde e diz “outro igual”, encaixando-o nos outros dois. → Diz “só falta a outra, a pequena” referindo-se à das peças de puzzle pequenas.
<u>Previsão</u>			
<u>Comunicação</u>		→ Depois de empilhar as peças exclama “é uma casa”. → Depois diz “não há mais legos”.	
<b>Matemática</b>	<u>Padrões</u>		
	<u>Contagem</u>	→Separa as peças de puzzle pequeno em dois montes dizendo “assim duas casas”. Coloca, ao mesmo tempo, uma peça de puzzle pequeno em cima de cada monte e diz “Uma, duas”. Repete “Duas”, exemplificando com os dedos.  → <u>Investigadora:</u> Olha, então e quantos carros é que estão ali? Conta lá. <u>Duarte:</u> Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez. Este carro grande é em cima. → Diz “vou fazer duas casas” → Agarra numa peça de lego verde e diz “outro”, encaixando-a nas restantes peças de lego verde. → Conta as peças desta nova construção, sem a investigadora perguntar nada.	
<b>Brincadeira</b>	<u>Exploratória</u>	Aproxima-se dos materiais, senta-se, agarra um carro amarelo e brinca com ele, imitando o som de um carro.	
	<u>Construtiva</u>	Construção da cidade (Fotografia 1 da transcrição).	

	<p><u>Faz de Conta</u></p>	<p>→ Coloca as peças de puzzle grandes todas em cima umas das outras, empilhando-as e diz “vou fazer primeiro uma casa”. Depois de empilhar as peças exclama “é uma casa”. Agarra num carro azul e coloca-o ao pé do monte das peças dizendo “esta casa tem carros”.</p> <p>→ Retira a última peça de lego verde, agarra numa peça de lego verde que estava nos materiais e encaixa-a nas outras dizendo “olha aqui são escadas”.</p> <p>→ Tenta encaixar as “escadas” na peça de lego vermelha e diz “ups, parti as escadas”.</p> <p>→ Agarra na construção, ela parte-se e o Duarte diz “oh, a minha linda escada, estragou-se, agora tenho de fazer outra vez”.</p>
	<p><u>Jogo de regras</u></p>	

Margarida – Tarefa 1

Categoria	Subcategoria	Evidências	
<b>Processos Básicos da Ciência</b>	<u>Observação</u>	Visão	<i>A Margarida dirige-se aos materiais e permanece a olhar para eles.</i>
		Audição	
		Tato	<i>Agarra num livro. Abre o livro.</i>
		Paladar	
		Olfacto	
	<u>Ordenação e Seriação</u>		
	<u>Classificação</u>	Cor	
		Forma	<p>→<i>Margarida: Hum, hum. Oh, outro carro. Fica aqui na roda. (...) estou a fazer um grupo com os carros. Este assim, e este assim, e este assim e este assim. Agora vou, outro carro. Este carro é muito giro. O outro carro, aah está ali.</i></p> <p>→ <i>Tenta fazer o puzzle com as peças grandes. Agarra noutra peça de puzzle grande e tenta encaixá-la noutra. Consegue encaixar e exclama “é aqui”. Continua a agarrar nas peças de puzzle grandes.</i></p> <p>→</p> 
		Tamanho	
		Cor e forma	<i>De seguida agarra num carro azul com uma mão e num carro amarelo com a outra. Bate-os de frente. Vira-os ao contrário, com a parte de baixo do carro para cima. Agarra noutra carro azul. Junta-o com o amarelo e anda com os dois numa mão. Agarra noutra carro azul e junta-o ao primeiro que agarrou juntando-os e agarrando com a mesma mão. Neste momento tem numa mão um carro azul e um amarelo e na outra mão dois azuis. Larga-os no chão, fica com um carro azul numa mão e com a outra mão vai buscar outro carro azul.</i>
		Cor e tamanho	
		Forma e tamanho	<i>Tenta fazer o puzzle com as peças grandes. Agarra noutra peça de puzzle grande e tenta encaixá-la noutra. Consegue encaixar e exclama “é aqui”. Continua a agarrar nas peças de puzzle grandes.</i>
	<u>Medição</u>		<i>Ao contar a história utiliza os termos “muito pequenino”, “muito pequenina”.</i>
	<u>Previsão</u>		
<u>Comunicação</u>		<p>→<i>Ao contar a história utiliza os termos “muito pequenino”, “muito pequenina”.</i></p> <p>→ <i>Nomeia o nome de diversos animais.</i></p> <p>→ <i>Começa a imitar os animais do livro. Começa de novo, contando uma história.</i></p>	
<b>Matemática</b>	<u>Padrões</u>	<p>→<i>Coloca dois carros azuis lado a lado. Coloca um carro amarelo à frente dos dois azuis. Coloca de seguida um amarelo na vertical. Ou seja, neste momento tem dois azuis na vertical, um amarelo na horizontal, à frente dos azuis, e coloca agora um amarelo da mesma forma que os azuis, mas à frente do carro amarelo. Coloca um carro azul ao lado do amarelo. Depois um carro azul na horizontal, dois vermelhos na vertical e um amarelo na horizontal.</i></p> <p><b>Padrão ABAB.</b> (A= dois carros na vertical; B= um carro na horizontal).</p> <p>→<i>Neste momento a roda possui carros desta forma: azul, azul, amarelo, azul, azul, vermelho, vermelho, amarelo.</i></p>	
	<u>Contagem</u>	<p><i>Investigadora: Então e quantas peças é que tu tens aí? Quantos carros é que tens aí, oh conta lá.</i></p> <p><i>Margarida: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Pronto, está fechadinha. Está fechadinha.</i></p>	
<b>Brincadeira</b>	<u>Exploratória</u>	<i>Começa a imitar os animais do livro. Começa de novo, contando uma história.</i>	
	<u>Construtiva</u>	Construção da torre.	
	<u>Faz de Conta</u>	<p>→<i>Margarida: Quero fazer um jogo.</i></p> <p><i>Investigadora: então faz, faz o que tu quiseres.</i></p> <p><i>Margarida: Achas que é daqui?</i></p> <p><i>Investigadora: Eu não posso dizer nada Margarida, és tu.</i></p>	


		<p><b><u>Margarida:</u></b> Não é. É, é daqui. Tá tá tá tá. Este já está, agora quero brincar com os carros.</p> <p><b><u>Investigadora:</u></b> Brinca como tu quiseres.</p> <p><b><u>Margarida:</u></b> Estão partidos. Tenho que chamar a polícia. Tinoni tinoni ninoni. Oh, tenho que levar este. Ninoni ninoni ninoni. Oh, isto é o que, não tem nada. Vá, olha, eu estou a fazer uma roda.</p> <p>→<b><u>Margarida:</u></b> Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Agora preciso de um carro para fazer uma coisa.</p> <p>(...) A princesa quer subir ao castelo, mas como?? Com os carros! Mas só que uma torre não é com os carros. Vamos ver que este carro dá para subir. Pois dá! Dá para subir. Livros! Não é ninguém. Oh são meninos. São meninos daquela idade. (sons de animais) Vou começar assim. Era uma vez um pato que andava com caracóis, e depois estava um camarão, um pinguim, um polvo, uma baleia. Passaram por um polvo pequenino, uma águia muito pequenina, com a baleia muito pequenina, a estrela do mar muito pequenina. Pronto, acabou-se esta história. É uma história pequenininha.</p>
	<p><u>Jogo de regras</u></p>	

Alexandre – Tarefa 2

Categoria	Subcategoria	Evidências	
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	
		Audição	
		Tato	
		Paladar	
		Olfacto	
	Ordenação e Seriação		
	Classificação	Cor	
		Forma	<p>→Roda essa laranja. Agarra noutra laranja e faz o mesmo com essa- neste momento roda uma laranja em cada mão. Agarra numa terceira laranja e roda-a. Agarra numa quarta laranja e coloca-a perto das que já usou.</p> <p>→ Agarra numa quinta laranja e coloca-a junto às outras quatro.</p>
		Tamanho	
		Cor e forma	
		Cor e tamanho	
		Forma e tamanho	
	Medição		
	Previsão		
Comunicação			
Matemática	Padrões		
	Contagem	<p>→Conta as laranjas quando questionado pela investigadora.</p> <p>→ <b>Investigadora:</b> Então e quantas laranjas é que tu tens aí, conta lá. Quantas?</p> <p><b>Alexandre:</b> Não sei.</p> <p><b>Investigadora:</b> Então conta lá.</p> <p><b>Alexandre:</b> Uma, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, (volta a contar as mesmas) oito, nove.</p>	
Brincadeira	Exploratória	Brinca com essa laranja. Pontapeia essa laranja com o pé e coloca-a perto de outras laranjas. Passa essa laranja de uma mão para a outra e assim sucessivamente. Roda essa laranja. Agarra noutra laranja e faz o mesmo com essa.	
	Construtiva		
	Faz de Conta		
	Jogo de regras		



Duarte – Tarefa 2

Categoria	Subcategoria		Evidências
<b>Processos Básicos da Ciência</b>	<u>Observação</u>	Visão	
		Audição	
		Tato	
		Paladar	
		Olfacto	
	<u>Ordenação e Seriação</u>		
	<u>Classificação</u>	Cor	
		Forma	→Agarra noutra laranja e atira-a da mesma forma, com as duas mãos, pelo chão, para o mesmo sítio onde atirou a anterior. Agarra numa terceira laranja e faz o mesmo que fez com as anteriores. Agarra numa quarta laranja e atira-a para o mesmo sítio, mas desta vez com apenas uma mão. Atira a quinta laranja da mesma forma. Faz o mesmo com as laranjas restantes, a sexta e sétima laranja. De seguida, o Duarte agarra numa maçã vermelha e atira-a da mesma forma e para o mesmo local onde tinha atirado as laranjas. Atira noutra maçã vermelha e faz o mesmo. De seguida, a criança olha para os materiais, agarra numa maçã verde e faz o mesmo processo de atirar que tem feito. De seguida faz, o mesmo processo com duas maçãs verdes, e uma delas volta para trás ao que o Duarte vai até ela e atira-a para perto das restantes. Em seguida agarra numa banana e atira-a, para o local onde tem atirado a fruta. Atira outra banana. De seguida outra banana. O Duarte afirma que “aquela é pequena, aquela é grande”.
			A criança atira primeiro todas as laranjas, depois maçãs e depois bananas.
		→ Em seguida começa a ir buscar os materiais dizendo “primeiro vou buscar as bananas”.	
		→ Agarra em duas bananas e leva-as de novo para o local inicial. Agarra noutras bananas dizendo “vou fazer uma roda de bananas” e leva-as para perto das outras. De seguida agarra nas bananas restantes e leva-as a todas ao mesmo tempo. Faz uma roda com as bananas, todas com a curva virada para fora.	
			→ <b>Duarte:</b> Agora vou buscar. Primeiro vou buscar as bananas. Vou fazer uma roda de banana. Roda de banana. Vou aqui e vou, vou buscar as coisas que mandei. Uma roda de bananas. Uma roda de banana. Roda de banana. Vou levar isto.
			De seguida agarra em três bananas pequenas numa mão e duas bananas grandes na outra mão, afirmando “pequenas” “grandes”. Mostra à investigadora primeiro as bananas pequenas e de seguida as grandes.
	Tamanho		
	Cor e forma	Agarra numa das maçãs verdes que estava mais longe e junta-a às restantes, juntado assim cinco maçãs verdes, e estando as duas maçãs vermelhas um pouco mais ao lado.	
Cor e tamanho			
Forma e tamanho			
<u>Medição</u>	→O Duarte afirma que “aquela é pequena, aquela é grande”.  →De seguida agarra em três bananas pequenas numa mão e duas bananas grandes na outra mão, afirmando “pequenas” “grandes”. Mostra à investigadora primeiro as bananas pequenas e de seguida as grandes.  → O Duarte afirma “vou buscar mais duas maçãs iguais” e agarra em duas maçãs verdes.  → De seguida diz “as bananas pequenas vão ser os carros pequenos” e começa a agarrar nas bananas pequenas.  → <b>Duarte:</b> Porque estas bananas são para mandar com coiso, para apanhar comida. Aquela é pequena e aquelas grandes.		
<u>Previsão</u>			
<u>Comunicação</u>	→Atirando as duas ao mesmo tempo exclamando “não há melhor que atirar duas maçãs”. → O Duarte exclama “falta os olhos, vou buscar duas maçãs”.		

Matemática	Padrões	De seguida agarra nas duas maçãs que sobram, uma em cada mão, uma verde e uma vermelha. Coloca sempre a maçã verde na mão direita e a vermelha na mão esquerda. Atira a maçã verde e de seguida a maçã vermelha.
	Contagem	→ Atirando as duas ao mesmo tempo exclamando “não há melhor que atirar duas maçãs”. → A medida que as atira diz “uma, duas”. → O Duarte afirma “vou buscar mais duas maçãs iguais” e agarra em duas maçãs verdes.
Brincadeira	Exploratória	Amachuca a roda que construiu e mistura os materiais afirmando “vou fazer assim como tu fizeste” numa alusão a como os materiais estavam disposto no início.
	Construtiva	→ De seguida a criança afirma “vou fazer a minha cidade” agarrando numa laranja e numa maçã verde. De seguida agarra noutra maçã verde e coloca-a junto da primeira. Agarra numa laranja, de seguida numa maçã vermelha e numa banana e junta-as à sua “cidade”. Afirma que as bananas vão ser os carros e começa a juntar as bananas numa zona.  → De seguida diz “as bananas pequenas vão ser os carros pequenos” e começa a agarrar nas bananas pequenas.  → Depois de agrupar as bananas todas, afirma “estão todos, vou fazer uma pessoa” e começa a agarrar nas bananas pequenas. Leva as bananas pequenas para outra zona e coloca-as duas a duas. Em seguida agarra em duas bananas grandes. Em seguida agarra numa maçã vermelha exclamando “vou buscar uma maçã, a maçã vai ser o nariz” e coloca-a entre os pares de bananas. Agarra em duas bananas grandes e coloca-a na sua “pessoa”. A disposição é então: três bananas de cada lado sendo duas pequenas e uma grande, uma maçã ao meio e uma banana grande por cima da maçã e outra por baixo da maçã. O Duarte exclama “falta os olhos, vou buscar duas maçãs”. Agarra em duas maçãs vermelhas e coloca-as na sua “pessoa” ao lado do nariz. Começa a fazer outra pessoa agarrando em duas laranjas que coloca lado a lado. Agarra em duas maçãs verdes que diz serem os olhos e coloca-as por cima das laranjas. Agarra em duas maçãs vermelhas (as últimas que se encontram na mistura de materiais) e leva-as para a primeira “pessoa”, sendo as mãos. Na primeira “pessoa” o Duarte utiliza apenas maçãs vermelhas. Utiliza as bananas que já se encontram lá para fazer os braços.
	Faz de Conta	→ <b>Duarte:</b> Vou fazer a minha cidade, como fiz ontem. <b>Investigadora:</b> Ontem fizeste uma cidade? <b>Duarte:</b> Agora vou fazer outra. Uma cidade com isto, as bananas, vou por aqui. Vão ser os carros. As bananas vão ser os carros, para andarem para um lado e para o outro. E as bananas pequenas vão ser os carros pequenos. Estão todos. Vou fazer uma pessoa. As bananas pequenas vão ser, isto, olha aqui. <b>Investigadora:</b> Isso é o que Duarte? <b>Duarte:</b> São as partes, os olhos, ficam assim, e isto é a boca. A boca é assim e eu pus uma boca que sorri. Vou buscar uma maçã. A maçã vai ser o nariz. E esta vai ser para aqui, vai ser a testa, e esta para aqui. <b>Investigadora:</b> Muito bem. <b>Duarte:</b> É melhor por isto mais para cima. <b>Investigadora:</b> Muito bem Duarte. <b>Duarte:</b> Falta os olhos. Vou buscar duas maçãs para fazer os olhos. Aqui as maçãs são os olhos. (...) <b>Investigadora:</b> O que é que tu queres fazer mais? <b>Duarte:</b> Outra pessoa. As laranjas vão ser estas. E as maçãs os olhos. Oh, estas maçãs vão para o outro, vão para este. Vou fazer as mãos. Então? Ela também tem braços, e tem de ter. este será o braço, com a mão. Esta será a mão. Vou fazer assim. É um jogo.
	Jogo de regras	






Margarida – Tarefa 2






Categoria	Subcategoria		Evidências
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	→A Margarida dirige-se até aos materiais e senta-se a olhar para eles. → Observa os materiais.
		Audição	
		Tato	Agarra numa maçã verde e roda com ela.
		Paladar	
		Olfacto	
	Ordenação e Seriação		
	Classificação	Cor	
		Forma	→Agarra numa banana grande dizendo “vou fazer uma casa”, depois agarra noutra banana grande. → Coloca no seu comboio uma laranja, uma maçã verde, uma laranja, uma maçã vermelha, uma laranja.
		Tamanho	
		Cor e forma	Coloca duas maçãs verdes dentro do círculo.
		Cor e tamanho	
		Forma e tamanho	→Coloca quatro bananas grandes em círculo. → Coloca as bananas pequenas dentro do círculo das bananas grandes, na mesma posição que as grandes.
	Medição		
	Previsão		
Comunicação		→Depois continua a contar as restantes bananas exclamando “oito”. → Quando questionada sobre o que é afirma “é uma roda gigante”.	
Matemática	Padrões		Coloca no seu comboio uma laranja, uma maçã verde, uma laranja, uma maçã vermelha, uma laranja.  Padrão <b>ABAB</b> (A = laranja e B = maçã)
	Contagem		→Conta as bananas que tem no círculo. “Uma duas três quatro”. Depois continua a contar as restantes bananas exclamando “oito”.  → À medida que as coloca lá dentro vai contando “três, quatro, cinco, é cinco!”.  → <b>Margarida:</b> Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, oito! Este é uma, está aqui, três, quatro, cinco, é cinco! Pronto já está.
Brincadeira	Exploratória		Olha para a investigadora e depois utiliza uma banana como máquina fotográfica.
	Construtiva		
	Faz de Conta		→Agarra numa banana grande dizendo “vou fazer uma casa”, depois agarra noutra banana grande. → Olha para a investigadora e depois utiliza uma banana como máquina fotográfica. → Agarra numa laranja e junta-a à maçã verde dizendo que está a fazer um comboio.
	Jogo de regras		

Alexandre – Tarefa 3

Categoria	Subcategoria	Evidências	
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	→ Olha para o copo e retira a bola. → Deixa cair uma bola de ténis em cima de um copo transparente e este fica amolgado. Observa o que aconteceu.
		Audição	
		Tato	
		Paladar	
		Olfacto	
	Ordenação e Seriação		
	Classificação	Cor	
		Forma	→ Agarra na terceira e última bola de ténis e junta-a às outras duas. → Agarra nas três bolas de ténis e tenta coloca-las umas em cima das outras. Junta as três bolas. Agarra as três bolas com as duas mãos. Deixa as bolas fugir e vai apanhá-las.
		Tamanho	
		Cor e forma	Coloca uma bola de ténis num copo branco. Coloca outra bola de ténis num copo transparente. Olha para o copo e retira a bola. Agarra num copo branco e coloca lá a bola. Coloca a terceira bola de ténis noutra copo branco. Deita os três copos. Forma : bola e copo. Cor: Transparente
		Cor e tamanho	
	Forma e tamanho		
Medição			
Previsão			
Comunicação			
Matemática	Padrões	→ Ao não conseguir coloca-as em fila no chão, agarra na bola verde, coloca-a em cima de uma das bolas de ténis e com a outra mão agarra noutra bola de ténis e coloca-a por cima da bola verde. (tentativa de padrão <b>ABAB</b> A = bola de ténis e B = bola verde).  → Coloca uma bola de ténis dentro de um copo branco e deita fora. De seguida coloca outra bola dentro do mesmo copo branco e deita fora. De seguida agarra na outra bola de ténis e coloca-a no mesmo copo branco. Depois agarra numa das bolas de ténis e tenta coloca-la por cima da bola que está no copo branco. Deita-as fora. Tenta colocar uma bola em cima da outra. Volta a colocar uma bola dentro do copo branco e tenta colocar outra bola de ténis por cima da bola que está no copo. Tira a bola do copo e volta a colocá-la lá três vezes.  → Depois agarra numa bola de ténis em cada mão e deixa-a cair à vez. Primeiro uma mão e a seguir a outra, e assim sucessivamente. Depois deixa cair duas vezes a bola de uma mão e em seguida duas vezes a bola da outra mão. Repete este movimento duas vezes. Progressão do padrão. 1º deixa cair uma vez a bola de cada mão e depois começa a deixar cair duas vezes a bola de cada mão. <b>ABABAABBAABB</b>	
	Contagem	<b>Investigadora:</b> Estás a jogar? Então e porque é que fizeste assim? Então e quantas peças tens lá na tua mão? Quantas bolas tens, conta lá. <b>Alexandre:</b> Um, dois, três.	
Brincadeira	Exploratória	→ Faz uma bola saltar. Depois faz outra bola saltar. Agarra nelas para sentir o seu peso e fá-las saltar.  → Brinca com essas três bolas de ténis. Faz saltar uma bola de cada vez. Repete o movimento de fazer saltar uma bola de cada vez, depois coloca-as em prisma triangular e atira-as. Vai busca-las.  → Persiste em tentar colocar as bolas em cima umas das outras. → Deixa cair uma bola de ténis em cima de um copo transparente e este fica amolgado. Observa o que aconteceu. Deixa cair outra bola de ténis em cima de um copo branco. Outra bola de ténis em cima de outro copo branco. Agarra em duas bolas de ténis e fá-las rodar ao mesmo tempo. Volta a deixar cair uma bola de ténis por cima do primeiro copo que amolgou. Repete o processo para outro copo branco. Depois agarra numa bola de ténis em cada mão e deixa-a cair à vez.	
		Construtiva	Construção da torre.
	Faz de Conta		
	Jogo de regras		



Duarte – Tarefa 3				
Categoria	Subcategoria	Evidências		
Processos Básicos da Ciência	<u>Observação</u>	Visão	<i>O Duarte dirige-se aos materiais, observa-os e começa a enumerá-los.</i>	
		Audição		
		Tato		
		Paladar		
		Olfacto		
	<u>Ordenação e Seriação</u>		<p>→ De seguida junta também aos copos transparentes, ficando três copos brancos em baixo e três copos transparentes em cima. Agarra num copo transparente e coloca-o do lado dos transparentes. Repete com outro copo transparente. De seguida com dois copos brancos, colocando-os no lado dos copos brancos.</p>  <p>→ Coloca agora copos transparentes por cima das colheres simples. A cada colher corresponde um copo. Faz o mesmo com as colheres amarelas, mas agora com copos brancos.</p>  <p>→ Agarra nas quatro colheres amarelas e começa a coloca-las em fila. Depois agarra nas simples e continua o seu comboio. Estão quatro colheres amarelas seguidas de seis colheres simples, todas viradas para o mesmo lado (Fotografia 6). Agarra nos copos, e continua o seu comboio, colocando primeiro os copos transparentes, virados para baixo. Depois de colocar os transparentes coloca os brancos.</p> 	
		<u>Classificação</u>	Cor	<p>→ Começa a empilhar os copos. Ao reparar que empilhou branco, transparente, branco, para e retira os copos, empilhando por cor. Faz o mesmo com os restantes copos. Coloca os transparentes por cima e os brancos por baixo.</p> <p>→ <b>Investigadora:</b> Podes ir brincar com aqueles brinquedos, pode ser?  <b>Duarte:</b> Sim. Estão aqui comandos, e bolas, e colheres, e escovas, e copos! Os copos brancos vão para aqui, e os copos mais brancos, os copos que estão todos brancos vão para ali. Estes estão todos brancos, vão para aqui.</p>
			Forma	<p>→ Agarra em dois copos brancos e coloca-os enfiados no outro copo branco. De seguida junta também aos copos transparentes, ficando três copos brancos em baixo e três copos transparentes em cima.</p> <p>→ Agarra numa escova e coloca-a com os dentes virados para baixo. Em seguida, agarra nas três escovas iguais e coloca-as ao lado da outra, em fila, todas com os dentes para baixo.</p>
	Tamanho			

		Cor e forma	<p>→Agarra em dois copos transparentes e coloca-os ao lado do outro transparente dizendo “os copos brancos vão para aqui, os copos todos brancos vão para ali”.</p> <p>→ Retira um dos copos transparentes e coloca lá dentro a colher. Retira outro copo transparente e coloca lá dentro duas colheres simples. Agarra numa colher amarela e coloca-a no copo onde tem a outra colher amarela. Faz o mesmo com as restantes colheres. Colheres amarelas num copo e colheres simples no outro copo.</p> <p>→ Coloca agora copos transparentes por cima das colheres simples. A cada colher corresponde um copo. Faz o mesmo com as colheres amarelas, mas agora com copos brancos.</p> <p>→Agarra nas quatro colheres amarelas e começa a colocá-las em fila. Depois agarra nas simples e continua o seu comboio. Estão quatro colheres amarelas seguidas de seis colheres simples, todas viradas para o mesmo lado (Fotografia 6). Agarra nos copos, e continua o seu comboio, colocando primeiro os copos transparentes, virados para baixo. Depois de colocar os transparentes coloca os brancos.</p>	   
		Cor e tamanho		
		Forma e tamanho		
	<u>Medição</u>		Em seguida, coloca as colheres simples num copo transparente dizendo “duas para cada um”, no entanto coloca três colheres.	
	<u>Previsão</u>			
	<u>Comunicação</u>		<p>→O Duarte dirige-se aos materiais, observa-os e começa a enumerá-los.</p> <p>→ Em seguida, coloca as colheres simples num copo transparente dizendo “duas para cada um”, no entanto coloca três colheres.</p>	
Matemática	<u>Padrões</u>	<p>→Começa a empilhar os copos. Ao reparar que empilhou branco, transparente, branco, para e retira os copos, empilhando por cor. <b>Padrão ABAB</b> (A = branco e B = transparente).</p> <p>→ Coloca três colheres amarelas atrás das colheres simples, mas com a parte da colher virada para o mesmo lado. Coloca mais uma colher amarela e uma simples à sua frente. Agarra nas duas colheres simples que sobram e coloca-as junto às outras colheres simples.</p>		
	<u>Contagem</u>	Em seguida, coloca as colheres simples num copo transparente dizendo “duas para cada um”, no entanto coloca três colheres.		
Brincadeira	<u>Exploratória</u>			
	<u>Construtiva</u>			
	<u>Faz de Conta</u>	<p>→Agarra num comando e tenta abrir e finge que liga a televisão.</p> <p>→ <b>Duarte:</b> Agora é os comandos. Abrir. Como isto se abre? <b>Investigadora:</b> Não sei Duarte.</p>		

		<p><b>Duarte:</b> <i>Que tal assim, ligar a televisão. Vou fazer isto. Eu não preciso de uma bola grande. Vou por aí. Colheres! Vou fazer uma pizza, para comer a água. Agora carros. São carros de corrida. Vou fazer uma corrida. Os carros estão preparados. Agora outros carros. Carros, estão preparados. Vão num saco de cada vez, só que eu não tenho muitos. Os que têm muito branco vão para estes.</i></p> <p><b>Investigadora:</b> <i>Então e o que é que tu estás a fazer agora?</i></p> <p><i>Já vais ver. (...) Para por as colheres. Escorregas. Muitos escorregas. Escorregas.</i></p> <p><b>Investigadora:</b> <i>São escorregas?</i></p> <p><b>Duarte:</b> <i>Os escorregas vivem no parque infantil. Vou fazer um parque infantil com carros. O parque infantil também tem carros. Este é o parque infantil, vou por os escorregas. Está aqui os escorregas, e os outros escorregas. Isto é para pentear, mas agora são os escorregas. Os escorregas grandes e isto. Vou fazer o resto. Estes é os carros atrás. Só falta um. Este será o daqui, atrás, e este fica aqui. E estes são os últimos, no parque infantil. Agora um comboio. Depois vou usar isto, depois. É um comboio. Olha aqui, já acabou. Já acabou as colheres. Agora, os copos! Comboio de copos.</i></p>
	<p><u>Jogo de regras</u></p>	

Margarida – Tarefa 3



Categoria	Subcategoria		Evidências
Processos Básicos da Ciência	<u>Observação</u>	Visão	<i>Olha para os materiais.</i>
		Audição	
		Tato	<i>Atira a bola verde de uma mão para a outra repetidamente.</i>
		Paladar	
		Olfacto	
	<u>Ordenação e Seriação</u>		
	<u>Classificação</u>	Cor	<p>→ Junta os três copos brancos, todos virados para o mesmo lado.</p> <p>→ Atira um copo transparente dizendo “vai para ao pé dos outros”. Agarra noutro copo transparente e coloca-o ao pé dos outros. Repete com outro copo transparente.</p>
		Forma	
		Tamanho	
		Cor e forma	<i>Agarra numa colher de cabo amarelo e num copo transparente. Larga o copo e agarra noutra colher de cabo amarelo.</i>
		Cor e tamanho	
<u>Medição</u>	<p>→ Agarra em dois copos brancos e junta-os aos restantes, dizendo “pronto, já tenho aqui muita coisa”.</p> <p>→ Coloca a bola de ténis num copo branco, e junta-o ao outro copo com bola, dizendo “são iguais ou não? Não!”.</p>		
<u>Previsão</u>			
<u>Comunicação</u>	<i>Agarra em dois copos brancos e junta-os aos restantes, dizendo “pronto, já tenho aqui muita coisa”.</i>		
Matemática	<u>Padrões</u>		
	<u>Contagem</u>		<p>→ Agarra em duas bolas de ténis e diz “duas bolas de pêlo”.</p> <p>→ Agarra em duas escovas, penteia o cabelo e diz “dois”.</p>
Brincadeira	<u>Exploratória</u>	<i>Atira a bola verde de uma mão para a outra repetidamente.</i>	
	<u>Construtiva</u>	<p><i>Coloca um copo por cima do outro.</i></p> <p>→ Agarra noutro copo transparente, coloca-o ao lado do anterior e com a colher começa a realizar o movimento de passar de um copo para o outro.</p> <p>→ Com uma colher faz o movimento de levar a colher à boca. Agarra num comando e finge ver televisão.</p> <p>→ Agarra num copo branco e numa colher de cabo amarelo e finge beber, usando a colher para levar à boca. Coloca o copo na boca e finge beber.</p> <p>→ Coloca a bola verde dentro do copo transparente e utiliza a escova cor de rosa para mexer, e de seguida utiliza a colher com cabo amarelo para mexer.</p> <p>→ Com uma colher finge “tirar um bocadinho” de um copo e colocar no outro, mexendo. Faz o movimento de passar de um copo para o outro. Vai colocar o copo no “forno”, com outro copo por cima a tapar. De seguida diz que vai fazer um batido de laranja, e coloca a bola de ténis dentro do copo branco. Finge comer. Finge lavar a bola de ténis e para isso utiliza uma colher e a escova cor de rosa.</p>	
	<u>Jogo de regras</u>		

Alexandre – Tarefa 4



Categoria	Subcategoria	Evidências		
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	→ Depois de fazer um buraco olha sempre para o bogalho. → Observa a folha, e toca-lhe com as mãos.	
		Audição	Larga a folha grande agarrando agora numa pequena fazendo o mesmo procedimento de a abanar rapidamente para cima e para baixo. Bate com ela na areia.	
		Tato	→ Agarra num bogalho com a mão e roda-o. Larga esse bogalho e agarra outro, rodando-o. → Agarra na areia e mexe nela como se estivesse a sentir. Sacode as mãos. → Observa a folha, e toca-lhe com as mãos. → Esfrega areia entre as mãos. Sacode as mãos e volta a agarrar em areia, sentindo-a. Repete várias vezes o procedimento. Brinca com a areia. → Fecha e abre a mão quatro vezes, apertando a areia.	
			Paladar	
			Olfacto	
	Ordenação e Seriação			
	Classificação	Cor	→ Agarra grãos de milho que estão na areia e junta-os.	
		Forma	→ Junta um bogalho aos outros dois (...) De seguida, agarra noutro bogalho e junta-o aos restantes três. → Volta a juntar a areia em monte com as duas mãos. Agarra na areia que tem no monte, aperta e volta a colocá-la no monte.	
			Tamanho	
			Cor e forma	
		Cor e tamanho		
		Forma e tamanho		
	Medição			
	Previsão			
	Comunicação			
Matemática	Padrões			
	Contagem			
Brincadeira	Exploratória	→ Agarra num bogalho com a mão e roda-o. Larga esse bogalho e agarra outro, rodando-o. Desliza o bogalho pela areia. Volta a fazer o mesmo caminho pela areia mas desta vez no sentido contrário. Brinca com esse bogalho. Agarra em areia e coloca-a por cima desse bogalho. → Volta a colocar um bogalho de cada vez na areia. Volta a atirá-los para longe. Vai buscar o bogalho que ficou longe e volta a colocá-lo na areia fazendo um buraco e rodando-o. Repete. Com o bogalho, faz um círculo na areia. → Agora agarra na areia com a sua mão e coloca-a sobre a folha pequena que tem na sua outra mão. Despeja a areia da folha no monte de areia. Volta a utilizar a folha como concha, colocando-a no monte e subindo com areia nela. Coloca a areia que conseguiu colocar na folha na sua outra mão. Fecha e abre a mão quatro vezes, apertando a areia. Repete o procedimento todo, desde utilizar a folha como concha. Limpa a areia das suas mãos. Com a mesma folha, mergulha-a na areia, como concha, tentando agarrar o máximo de areia nela. Coloca-a na outra mão. Repete o procedimento várias vezes. De seguida agarra na areia com as duas mãos e coloca-a por cima do bogalho. Agarra no bogalho e olha para ele. Abana o bogalho para cima e para baixo. Utiliza-o para fazer um buraco na areia e depois deixa-o cair. Agarra de novo no bogalho e volta a deixá-lo cair como uma bola. Repete quatro vezes. Agarra numa folha pequena e utiliza-a para juntar a areia.		
		Construtiva	Faz montes de areia.	
		Faz de Conta		
	Jogo de regras			



Duarte – Tarefa 4

Categoria	Subcategoria	Evidências	
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	
		Audição	
		Tato	
		Paladar	
		Olfacto	
	Ordenação e Seriação	<p>→ Coloca areia na folha e da folha para o monte. Repete o procedimento.</p> <p>→ Agarra numa folha grande e atira-a. Agarra noutra folha grande e atira-a. Agarra numa folha pequena e atira-a. Vai buscar a primeira folha que atirou, e coloca-a ao lado da outra folha grande que atirou. Agarra em duas folhas pequenas e coloca-as ao lado da folha pequena que tinha atirado. Coloca as folhas grandes todas juntas e as pequenas também. Coloca-as a todas com o pau para o mesmo lado. Coloca as folhas todas em fila.</p>	
	Classificação	Cor	
		Forma	
		Tamanho	
		Cor e forma	
		Cor e tamanho	
		Forma e tamanho	
	Medição	<p><b>Duarte:</b> Ei, eu estive a falar daquilo. É o que eu disse. Vês. Mandas uma coisa e os pintos caem. É assim. Não há melhor que fazer folhas. Eu vou fazer isto, olha aqui. Depois muita areia. Este vai para os grandes. Primeiro vou por os <b>grandes</b>. Este vai para o <b>grande</b> e este vai para o <b>grande</b>. Este vai para o <b>grande</b> e este vai para o <b>grande</b>. Já está os <b>grandes</b>. Já estão os grandes. E os <b>pequenos</b>, faltam mais alguns, estão aqui. Depois vou levar isto, para fazer buracos. Isto é o quê?</p>	
Previsão			
Comunicação	Coloca um bocado de areia numa folha e depois coloca essa areia no chão, exclamando “é uma montanha!”.		
Matemática	Padrões		
	Contagem	Alexandre: dois feijões.	
Brincadeira	Exploratória	<p>Com o auxílio de uma folha pequena, coloca areia nessa folha e retira os grãos de milho que se encontram misturados com a areia.</p>	
	Construtiva	<p><b>Duarte:</b> Já vês. Estava escondido. Vou buscar mais areia. Vou pôr aqui. Os bogalhos ficam aqui. Levo alguma desta areia, aqui. Vou buscar mais areia e pôr aqui. Vou buscar a outra areia e pôr aqui. Vou buscar a outra areia e pôr aqui. Está a chover. Vou buscar o milho e por aqui. Vou tirar a areia. Estava a fazer como fiz com farinha. Tu sabes que como pomos como a farinha está lá bicho. Os bichos acordam. Vês, faço uma montanha, com esta areia. Ei, tu sabes que a praia também tem areia. Eu estava a tentar encontrar o tesouro mas não encontrei. Tentei, mas não estava daquele lado, estava do outro. Não quero o milho. Olha, sujei-me. (...) e o que eu vou usar, para tirar dali o resto da areia?</p>	
	Faz de Conta	Corrida.	
	Jogo de regras		

Margarida – Tarefa 4

Categoria	Subcategoria	Evidências	
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão	Observa a areia.
		Audição	
		Tato	Amachuca a areia das folhas. Sacode as mãos.
		Paladar	
		Olfacto	
	Ordenação e Seriação		
	Classificação	Cor	
		Forma	<p>→ Coloca areia em cima de uma folha grande, na zona central da folha. Coloca essa folha ao lado de uma folha igual. Agarra em areia e coloca-a no centro da folha que não tem areia, tornando-a igual à outra.</p> <p>→ Agarra numa terceira folha, também com areia no centro, e coloca-a ao lado das outras duas.</p> 
		Tamanho	
		Cor e forma	
		Cor e tamanho	
		Forma e tamanho	
		Medição	<p>→ <b>Margarida:</b> Vou fazer uma coisa. Tem pouca areia. E muita areia.</p> <p>→ <b>Margarida:</b> Ah. Depois é ali? Na sala? Então é duas coisas. O Duarte fez duas coisas? Preciso de <b>muita</b> areia. Tu puseste aqui muita areia?</p> <p><b>Investigadora:</b> Tu achas que é <b>muita</b> areia?</p>
Previsão			
Comunicação	<p>→ Agarra nos restantes materiais e nomeia-os.</p> <p>→ <b>Margarida:</b> Bogalhos. Isto é areia. Isto são folhas. Bogalhos. Preciso de um bogalho. Preciso de uma areia. Preciso de uma areia para pôr. Tu fizeste isto para quem?</p>		
Matemática	Padrões		
	Contagem	<b>Margarida:</b> um, dois, três...	
Brincadeira	Exploratória	Agarra num bogalho e coloca-o na folha do meio, por cima da areia. De seguida tenta enrolar o bogalho com a folha. Utiliza outra folha para enrolar o bogalho. Agarra em areia e coloca-a dentro das folhas enroladas. Faz força, e começa a desenrolar as folhas. Sacode as mãos. Mexe na areia.	
	Construtiva	<p>Coloca um bogalho por cima da areia que está na folha. Coloca mais areia em cima do bogalho Agarra noutra folha pequena e coloca-a por cima. O bogalho cai, ela amachuca a areia e coloca a folha por cima. Agarra na ponta das folhas e levanta-as Coloca mais areia e acalca com a mão. Retira a areia em excesso. Agarra num bogalho e coloca-o por cima da areia. Retira o bogalho. Agarra na folha com areia e vai colocá-la noutra local.</p> 	
	Faz de Conta	<p><b>Margarida:</b> Vou fazer uma coisa. Tem pouca areia. E muita areia. E sabes porquê? Porque eu vou fazer uma festa, então vou precisar de batido. Eu ontem não fiz batido agora vou fazer. Um pedaço de areia, um pedaço daquilo, um pedaço das folhas. Ainda não há o copo. Vou pôr aqui. Assim, enrolar. O outro vai para aqui. Não estou a conseguir.. ai estou estou.. e depois, vai aquecer vai aquecer com areia e com o milho. O milho, a areia. Olha aqui. Depois o milho e a areia voltam a ser derretidos. E olha como derreteram, uh, magia. Vou fazer outra vez. Ei lavar as mãos? Isto é brilhantes pois é?</p> <p>→ <b>Margarida:</b> Estou a fazer o bolo, estou a tirar isto. Não preciso destas folhas. Ainda não está aquecido. Ai ai ai. Está aqui uma vela. Eu faço um ano, só tenho uma vela. Agora, o bolo está a aquecer. Eu vou fazer o batido para o bolo ficar docinho, laranja e limão. E outra vez laranja pois é? Então, vou fazer. pôs aqui quatro, cinco. Pois é? Pôs aqui três.</p>	
	Jogo de regras		

Alexandre – Tarefa 5

Categoria	Subcategoria		Evidências	
<b>Processos Básicos da Ciência</b>	<u>Observação</u>	Visão	<p>→ Observa as garrafas todas.</p> <p>→ Ao notar que não possui feijão dentro, começa a agarrar os feijões que se encontram espalhados pelo chão e coloca-os dentro da garrafa.</p>	
		Audição	Abana a garrafa com os feijões.	
		Tato	Agarra alguns feijões com a sua mão.	
		Paladar		
		Olfacto	Abre a garrafa e cheira.	
	<u>Ordenação e Seriação</u>			
	<u>Classificação</u>	Cor	<p>→ Fecha a garrafa dos feijões com uma tampa verde. Tenta colocar uma tampa verde por cima da tampa verde que usou para fechar a garrafa.</p> <p>→ Agarra em duas tampas azuis claras e fecha duas garrafas sem feijões.</p>	
		Forma	<p>→ Agarra num feijão e coloca-o dentro de uma garrafa que já contém um feijão. Agarra noutra garrafa e coloca-o dentro da mesma garrafa, contendo agora três feijões. Agarra numa garrafa que contém um feijão e passa-o para dentro da garrafa que contém três feijões. Agarra numa garrafa vazia. Observa que não tem feijão e coloca-a no chão, agarrando numa garrafa que possui um feijão. Coloca esse feijão dentro da garrafa que tem quatro feijões, passando essa garrafa a ter cinco feijões. Faz o mesmo com outra garrafa que possui um feijão. A garrafa possui agora seis feijões.</p> <p>→. Ao notar que não possui feijão dentro, começa a agarrar os feijões que se encontram espalhados pelo chão e coloca-os dentro da garrafa. No final a garrafa possui vinte feijões.</p> <p>→. Junta as garrafas vazias uma à outra.</p>	
		Tamanho		
		Cor e forma	Agarra num feijão e coloca-o dentro de uma garrafa de plástico. De seguida fecha a garrafa com uma rolha verde. Agarra noutra garrafa e coloca dentro dela outro feijão. Fecha a garrafa com uma tampa verde. Coloca outro feijão dentro de outra garrafa de plástico e fecha a garrafa com uma rolha verde.	
		Cor e tamanho		
		Forma e tamanho		
		<u>Medição</u>		
		<u>Previsão</u>		
	<u>Comunicação</u>			
<b>Matemática</b>	<u>Padrões</u>	<p>→ Agarra num feijão e coloca-o dentro de uma garrafa de plástico. De seguida fecha a garrafa com uma rolha verde. Agarra noutra garrafa e coloca dentro dela outro feijão. Fecha a garrafa com uma tampa verde. Coloca outro feijão dentro de outra garrafa de plástico e fecha a garrafa com uma rolha verde.</p> <p>→ Depois, através do mesmo processo tenta passar os feijões que caíram para a garrafa que agora contém os feijões. (a criança passa sempre um feijão de uma garrafa para outra).</p>		
<b>Brincadeira</b>	<u>Exploratória</u>	<p>→ Coloca as aberturas das garrafas juntas. Levanta ligeiramente uma das garrafas e faz deslizar o feijão de uma garrafa para a outra. Agarra numa das garrafas com feijão e numa que não tem feijão e faz o mesmo procedimento de deslizar o feijão de uma garrafa para a outra. Repete o procedimento com outras duas garrafas ainda não utilizadas, uma com feijão e outra sem feijão.</p> <p>→ Tenta colocar dentro da garrafa uma tampa verde, mas não consegue.</p> <p>→ Agarra numa garrafa sem feijões, junta-a à dos feijões pela abertura e faz o movimento para passar os feijões de uma garrafa para a outra. Aqui, vários feijões caem ao chão. Ao ficar um feijão na garrafa inicial, a criança A não desiste até o conseguir passar para a outra garrafa, que contém agora os feijões.</p>		
<u>Construtiva</u>				
<u>Faz de Conta</u>				
<u>Jogo de regras</u>				



**Duarte – Tarefa 5**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Evidências</b>	
<b>Processos Básicos da Ciência</b>	<u>Observação</u>	Visão	Abana e observa a garrafa.
		Audição	... começando a abanar a garrafa com os feijões, para cima e para baixo.
		Tato	Amachuca uma folha de papel pequena e coloca-a dentro desta garrafa.
		Paladar	
		Olfacto	
	<u>Ordenação e Seriação</u>		
	<u>Classificação</u>	Cor	
		Forma	→Agarra num feijão e coloca-o dentro de uma garrafa sem feijões. Agarra noutro feijão e coloca-o dentro da mesma garrafa. Agarra noutro feijão e coloca-o dentro da garrafa. Repete com mais três feijões e depois abana a garrafa.  → Tem duas garrafas com papel e uma com feijões.
		Tamanho	
		Cor e forma	
		Cor e tamanho	
		Forma e tamanho	
	<u>Medição</u>		<b>Duarte:</b> (...) Este vai ficar com <b>muitos, muitos</b> feijões. E por um bocadinho disto lá dentro. Vou por este lá dentro. Vou por <b>mais</b> lá dentro.
<u>Previsão</u>		Agarra numa garrafa sem feijões ainda não utilizada e amachuca-a no meio. Coloca-a deitada no chão. Agarra em mais quatro garrafas sem feijões ainda não utilizadas e amachuca-as também no meio, e coloca-as também deitadas junto à primeira, todas viradas para o mesmo lado.	
<u>Comunicação</u>		→Abana a garrafa e fecha com a tampa azul escura, afirmando que é uma maraca.	
<b>Matemática</b>	<u>Padrões</u>	→Agarra num feijão e coloca-o dentro de uma garrafa sem feijões. Agarra noutro feijão e coloca-o dentro da mesma garrafa. Agarra noutro feijão e coloca-o dentro da garrafa. Repete com mais três feijões e depois abana a garrafa. (Padrão – feijão dentro da garrafa, repetição do processo).  → Agarra em dois fios de lã cor de rosa e um amarelo e coloca dentro da garrafa com feijões. Abana a garrafa. Agarra em mais fios de lã amarelos e coloca-os dentro da garrafa dos feijões. Abana a garrafa. Agarra em fios de lã cor de rosa e coloca-os dentro da mesma garrafa. Abana a garrafa. Agarra um fio de lã cor de rosa e tenta coloca-lo à volta da garrafa. <b>Padrão ABAB</b> (A = ação e B = abanar a garrafa).	
	<u>Contagem</u>	→Retira os feijões de dentro da garrafa e conta-os.  → Coloca de novo os feijões na garrafa enquanto faz contagem.  → <b>Duarte:</b> (...) Vou fazer os fantasmas. Um, dois, três. <b>Investigadora:</b> Tens aí três? <b>Duarte:</b> Um, quatro! Vês? É uma maraca. (...), aquilo fica ali, esta garrafa tem dois feijões. Vou apanhar dois feijões, e vai ter lá dentro papel.	
<b>Brincadeira</b>	<u>Exploratória</u>	→Agarra numa folha de jornal pequena e leva-a com a garrafa. Retira os feijões da garrafa e coloca-os em cima da folha de jornal. Coloca de novo um a um os feijões na garrafa. Fecha a garrafa com uma tampa azul escura e coloca um fio de lã amarelo à volta a entrada da garrafa. Tenta várias maneiras e acaba por desistir, começando a abanar a garrafa com os feijões, para cima e para baixo.  → Continua a abanar a garrafa, de diferentes formas. Agarra noutra garrafa, que está sem feijões e abana-a. → Agarra numa garrafa sem feijões ainda não utilizada e amachuca-a no meio. Coloca-a deitada no chão. Agarra em mais quatro garrafas sem feijões ainda não utilizadas e amachuca-as também no meio, e coloca-as também deitadas junto à primeira, todas viradas para o mesmo lado.	
	<u>Construtiva</u>		
	<u>Faz de Conta</u>	→ <b>Investigadora:</b> É para tu brincares. <b>Duarte:</b> Vou fazer fantasmas. Com buracos. Aqui. Vês? Tem coisas lá dentro. E depois tem uma corda. Eu vou prender. Pronto. Vês como ficou? Olha como ficou. Vou fazer os fantasmas. Um, dois, três.	
	<u>Jogo de regras</u>		



Margarida – Tarefa 5

Categoria	Subcategoria	Evidências
Processos Básicos da Ciência	Observação	Visão → Olha para os materiais. → Observa os dois feijões. → Observa o que já tem dentro da garrafa
		Audição
		Tato
		Paladar
		Olfacto
	Ordenação e Seriação	
	Classificação	Cor Agarra num fio de lã amarelo. Depois noutro fio maior também amarelo.
		Forma → Junta os dois feijões. → Retira a tampa da garrafa e coloca mais feijões. Coloca os feijões um a um. Começa a colocar feijões noutra garrafa que está sem feijões.
		Tamanho
		Cor e forma
		Cor e tamanho
		Forma e tamanho
Medição	<b>Margarida:</b> (...) Esta, esta é mais pequenina e esta é mais grande. Quantas vou pôr? Duas? Primeiro esta, esta é muito pequenina, vou por aqui ao pé da cor de rosa. E agora esta grande vou pô-la, com a rosa que é grande também, já pus.	
Previsão		
Comunicação		
Matemática	Padrões	
	Contagem	→ Conta os feijões.  → <b>Margarida:</b> (...) Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, oito. Mais uma fita. Olha vai ser uma planta. O que será? Agora vou por os feijões. Estão aqui os feijões. Mais fita. Mais muita fita. Ainda mais fita. É assim como fazes as castanhinhas.  → <b>Margarida:</b> É. Estou a fazer castanhinhas. Oh, falta mais feijões. Estão aqui quantos? Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Cinco! Olha, agora vamos fechar com uma tampa.
Brincadeira	Exploratória	→ Coloca uma tampa verde na garrafa. Muda de ideias e coloca uma azul escura. Agarra numa folha de jornal pequena e coloca-a á volta da garrafa. Tenta enrolar a garrafa com o papel.  → Coloca mais lã na garrafa com lã e feijões. Coloca um fio de lã cor de rosa grande metade dentro da garrafa, ficando a outra metade do lado de fora. Fecha a garrafa com a tampa. Abana a garrafa. Muda a tampa, mas para outra verde.
	Construtiva	
	Faz de Conta	→ <b>Margarida:</b> Uma tampa. Esta, não, é uma azul. Ei, desculpa garrafa, não queria assustar-te. Pronto, agora, e também jornal? Oh, eu também preciso de jornal. Enrola, faz força, para as castanhas. Umas castanhinhas novas. Vou tirar a tampa. Vou por castanhinhas. Sabes que estas castanhinhas são velhas, e eu vou cozê-las para ficar novas. Oh está a acabar? Não entornas mais! Eu preciso das duas garrafas para por uma, as castanhinhas velhas. Estas castanhinhas. Aquelas já estão novas, mas eu também vou cozê-las.  → <b>Margarida:</b> É. (...) Vou por isto, com esta parte, agora vou fechar muito fechadinho. Castanhinhas elas saltam, oh. Castanhas. Castanhinhas! Vou tirar com a minha tampa preferida. Agora, vou entornar para aqui. Agora vou entornar. Isto também estava aqui. Agora estão duas cheias de feijões, mas esta está cheia.
	Jogo de regras	

Alexandre – Tarefa 6

Categoria	Subcategoria		Evidências
<b>Processos Básicos da Ciência</b>	<u>Observação</u>	Visão	<i>Observa e muda de ideias.</i>
		Audição	
		Tato	
		Paladar	
		Olfacto	
	<u>Ordenação e Seriação</u>		
	<u>Classificação</u>	Cor	
		Forma	
		Tamanho	
		Cor e forma	
		Cor e tamanho	<p>→Agarra nas restantes peças amarelas pequenas e faz uma torre com elas. Coloca essa torre por cima da peça amarela grande.</p> <p>→Agarra numa peça cor de laranja. Coloca-a por cima de outra igual.</p> <p>→ Agarra em duas peças azuis iguais. Junta essas duas peças. Agarra numa terceira peça azul igual e junta-a às outras duas. Coloca quatro azuis iguais seguidas.</p> <p>→ Desfaz e agarra nas quatro peças cor de laranja. Junta as quatro umas em cima das outras.</p>
	<u>Forma e tamanho</u>		
<u>Medição</u>			
<u>Previsão</u>			
<u>Comunicação</u>			
<b>Matemática</b>	<u>Padrões</u>		
	<u>Contagem</u>		
<b>Brincadeira</b>	<u>Exploratória</u>		
	<u>Construtiva</u>		<i>As peças caem. Volta a colocar as peças cor de laranja. Atira as peças para o chão e começa a colocá-las em cima de uma das peças vermelhas. Junta as peças todas de novo.</i>
	<u>Faz de Conta</u>		
	<u>Jogo de regras</u>		

**Duarte – Tarefa 6**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Evidências</b>		
<b>Processos Básicos da Ciência</b>	<u>Observação</u>	Visão	<i>Agarra numa peça vermelha pequena e observa as suas características.</i>	
		Audição		
		Tato		
		Paladar		
		Olfacto		
	<u>Ordenação e Seriação</u>			
	<u>Classificação</u>	Cor	<i>→ Agarra numa peça vermelha pequena e observa as suas características. Agarra noutra peça vermelha pequena e coloca-a por baixo da primeira. Faz o mesmo com outras três peças vermelhas pequenas, ficando todas em fila, na mesma posição.</i>	
		Forma		
		Tamanho		
		Cor e forma	<i>→ Agarra numa peça azul e coloca-a no chão. Agarra em mais duas peças azuis iguais e coloca-as junto à primeira, em fila. Agarra noutra peça azul e coloca-a ao lado das restantes. Agarra numa peça amarela grande. Larga a peça amarela. Agarra nas outras duas peças azuis e coloca-as em fila, ao lado das restantes. Neste momento, tem sete peças azuis em fila, todas da mesma maneira</i>	
		Cor e tamanho		
Forma e tamanho				
<u>Medição</u>				
<u>Previsão</u>				
<u>Comunicação</u>		<i>A criança constata que as peças são azuis.</i>		
<b>Matemática</b>	<u>Padrões</u>	<i>→ Coloca duas peças azuis ao pé de uma vermelha, uma de cada lado, exactamente da mesma maneira. Coloca outras duas peças azuis de lado de outra peça vermelha, tal como a primeira.</i>  <i>→ Vai buscar uma peça azul e coloca-a a seguir à laranja, ficando, azul, laranja, laranja, azul.</i> <b>Padrão ABBA</b>		
	<u>Contagem</u>	<b>Duarte:</b> <i>Outro morcego. Com uma orelha. E há mais morcegos só com uma orelha. Há mais morcegos com uma orelha.</i> <b>Investigadora:</b> <i>São morcegos só com uma orelha.</i> <b>Duarte:</b> <i>São estes. Estes têm duas orelhas.</i>		
<b>Brincadeira</b>	<u>Exploratória</u>			
	<u>Construtiva</u>	<i>Coloca duas peças azuis ao pé de uma vermelha, uma de cada lado, exactamente da mesma maneira. Coloca outras duas peças azuis de lado de outra peça vermelha, tal como a primeira.</i>		
	<u>Faz de Conta</u>	<b>Duarte:</b> <i>Tem esta parte e esta parte. É um quadrado. Vou continuar. É um morcego. Agora vou fazer outra cabeça, outro morcego. Que os morcegos existem, na noite. Na noite os morcegos acordam, a vão a casa comer. Eles gostam muito de meninos pequenos, e de meninas pequenas. Mas a bruna tem borbulhas, ele vai lá a casa comer e fica a bruna dentro do morcego com as borbulhas.</i> <b>Investigadora:</b> <i>O que é que tu vais fazer mais?</i> <b>Duarte:</b> <i>Outro morcego. Com uma orelha. E há mais morcegos só com uma orelha. Há mais morcegos com uma orelha.</i>		
	<u>Jogo de regras</u>			

Margarida – Tarefa 6

Categoria	Subcategoria	Evidências	
Processos Básicos da Ciência	<u>Observação</u>	Visão	
		Audição	
		Tato	
		Paladar	
		Olfacto	
	<u>Ordenação e Seriação</u>		
	<u>Classificação</u>	Cor	<i>Junta três peças amarelas iguais em fila.</i>
		Forma	
		Tamanho	
		Cor e forma	
		Cor e tamanho	<i>Não existindo peças mais pequenas que a laranja, começa a colocar mais peças laranjas, umas por cima das outras.</i>
		Forma e tamanho	
<u>Medição</u>	<i>Agarra numa peça laranja e diz “é muito pequenino”. Começa a colocar peças umas em cima das outras, sendo que a que está em baixo é a maior, e vão sempre diminuindo de tamanho.</i>		
<u>Previsão</u>			
<u>Comunicação</u>			
Matemática	<u>Padrões</u>	<i>Agarra numa peça laranja e coloca-a por cima de uma das amarelas que estão na fila. Faz o mesmo nas duas outras peças amarelas, coloca uma laranja por cima, tal como fez na primeira. Peça laranja por cima da amarela. ABA</i>	
	<u>Contagem</u>	<i>→ Repete o processo e conta as peças que já têm. → A criança conta uma peça, ao conjunto da peça amarela com a laranja por cima.</i>	
Brincadeira	<u>Exploratória</u>		
	<u>Construtiva</u>	Fotografia 1 da transcrição.	
	<u>Faz de Conta</u>		
	<u>Jogo de regras</u>		

## ANEXO VII: Reflexões em Contexto de Jardim de Infância II

### REFLEXÃO 1

#### *REFLEXÃO DOS DIAS 20, 21, 26, 27 e 28 DE SETEMBRO*

No âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância – Jardim de Infância II, do Mestrado de Educação Pré-Escolar, foi-me proposto a realização de uma reflexão relativamente aos acontecimentos das duas primeiras semanas, das minhas expectativas e dos meus receios. Esta terceira Prática Pedagógica será realizada no Jardim de Infância [REDACTED], uma instituição pública, o que difere das anteriores práticas. A educadora da nossa sala é a [REDACTED] sendo que a auxiliar de ação educativa ainda não está definida. O grupo de crianças desta sala tem entre dois e cinco anos de idade, existindo assim crianças que já frequentavam o jardim e crianças que entraram este ano.

Ao mudarmos de instituição depois de termos passado um ano na mesma, a ansiedade foi maior. Tudo era desconhecido para nós, e penso que estas duas primeiras semanas foram de adaptação para que no futuro possamos intervir com maior sucesso. A nível de espaço físico achei muito agradável e com todas as condições para proporcionar aprendizagens significativas às crianças. Relativamente ao grupo de crianças gosto muito da dinâmica que existe em que as crianças mais velhas ajudam as mais novas. Neste contexto é notório como as crianças são muito autónomas, algo que não acontecia tanto nas práticas anteriores. Devido a esta autonomia das crianças, por vezes fico um pouco sem saber o que fazer, visto que elas fazem quase tudo sozinhas. Nas próximas semanas tenho que me tentar integrar melhor nesta dinâmica, e perceber qual o meu papel neste espaço.

Uma vez que ainda se trata do início do ano, e como entraram várias crianças novas, as rotinas ainda não estão bem definidas, e como tal, foi difícil para mim compreender como é a rotina exata do dia para mais tarde intervir. No entanto com o passar do tempo penso que os momentos ficaram mais marcados.

Estas duas primeiras semanas ficaram marcadas pela nossa observação. Este processo é muito importante pois não conseguimos orientar um grupo de crianças se não as conhecermos bem, as suas particularidades e individualidades, os seus gostos, bem como se não conhecermos de forma clara a rotina do grupo. Só depois de realizada uma observação tanto das crianças, da sala bem como das rotinas é que nos é possível começar a intervir indo de encontro às necessidades das mesmas.

Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades (Ministério da Educação, 1997, p. 25).

Assim sendo, durante estas duas semanas a nossa maior preocupação, para além de criar laços com as crianças, foi a de observar. A observação foi feita através de observação direta, análise documental e registo fotográfico. Para além destas, de modo a completar a informação que precisamos, sempre que necessário recorremos à educadora, que se mostrou sempre disponível, para questionar algo que não conseguíssemos por nós encontrar resposta. Todas estas informações recolhidas ao longo destas duas semanas de observação serão muito úteis para realizar o nosso trabalho sobre a caracterização da instituição, meio, sala e crianças, mas também para conhecermos melhor o grupo de crianças, e assim quando intervirmos conseguirmos ir ao encontro dos seus interesses, algo que ao longo do tempo tentamos valorizar cada vez mais.

Nestas semanas, tivemos a oportunidade de observar um pouco do método da educadora [REDACTED], o que para mim é sempre importante, pois tento retirar o que considero de positivo de todas as educadoras cooperantes. Algo que gostei imenso de observar foi o facto de a educadora saber imensas músicas e lengalengas. Esta sempre foi uma batalha para mim, pois não sei muitas músicas, que é algo que cativa as crianças e num momento de maior agitação ou até mesmo num momento de transição, as músicas são sempre uma boa estratégia. Senti também que a educadora [REDACTED] consegue orientar de forma bastante positiva o grupo, ou seja, consegue cativá-los. As crianças onde se notam maiores dificuldades são aquelas que entraram este ano no jardim, e que ainda não estão habituados à dinâmica existente.

Outro aspeto que achei muito interessante foi o valorizarem muito o brincar e o espaço exterior. Muitas vezes tenho visto que o brincar acontece mais nos momentos de transição, mas aqui, pude observar que as crianças têm tempo para isso. Existe um intervalo de manhã e também depois de almoço onde as crianças brincam livremente no exterior, num parque de areia ou na relva.

O espaço exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.) que, por sua vez, podem ser trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações (Ministério da Educação, 2016, p. 27).

Deve ser dado tempo às crianças para elas brincarem, pois também aí desenvolvem diversas competências.

Do grupo de crianças as que senti serem mais desafiantes até ao momento foram a [REDACTED] e o [REDACTED]. A [REDACTED] é uma criança de dois anos, que entrou agora para o jardim, e como tal, ainda tem muita dificuldade em sentar-se na manta e permanecer com atenção, e em fazer o comboio, dispersando logo após entrar no comboio. Na minha opinião, esta criança precisa que se lhe explique o que vai acontecer, algo que já vi os amigos a fazerem. O [REDACTED], além de ter cinco anos, só agora entrou no jardim, e sinto que não está habituado a lidar com crianças nem a brincar com elas, procurando muito a companhia dos adultos. Estas duas semanas foram desafiantes para mim, devido a ser um contexto novo, mas penso que aos poucos conseguirei corresponder ao que me é pedido. Sinto que realizarei aprendizagens novas e significativas para mim uma vez que a dinâmica de um jardim de infância público é bastante diferente de um jardim privado.

### Referências bibliográficas

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

---

## REFLEXÃO 2

### REFLEXÃO DOS DIAS 3 E 4 DE OUTUBRO

Ao longo destes dois dias de prática, tanto eu como a minha colega tivemos o papel de auxiliar na intervenção da educadora. Considero que esta semana seja importante antes de iniciarmos a nossa intervenção autónoma, para podermos adquirir melhor as rotinas e o método de trabalhar da educadora. Sei que devo procurar o meu registo e a minha forma de trabalhar, mas considero que devo sempre respeitar o local onde estou a estagiar fazendo com que a minha intervenção corresponda o mais possível ao que normalmente acontece. Este aspeto é também importante para as crianças, para que não exista uma grande diferença entre os dias em que somos nós estagiárias a intervir e os dias em que é a educadora a intervir. A maior preocupação devem ser sempre as crianças, e como tal devemos proporcionar um ambiente calmo e constante, em que a criança consiga perceber o que vai suceder em seguida, sem existirem muitas alterações da norma.

No que diz respeito ao orientar os momentos, senti algumas dificuldades. Já percebo de que forma ocorrem mas ainda sinto alguma ansiedade, que ao longo do tempo tem vindo a desaparecer. Tentei sempre que possível auxiliar a educadora e ser autónoma. Não consigo ter noção se fui bem sucedida, mas tentei ter iniciativa nos momentos em que as crianças estavam a realizar actividades, e ajuda-las e orientá-las, sem ser necessário que a educadora me alertasse. Como ainda me sinto um pouco insegura, sinto que a educadora teve a necessidade de por vezes me alertar ou até mesmo dizer para fazer algo com uma criança, o que eu agradeço. Gostei particularmente de auxiliar as crianças numa atividade em que estas estavam a pintar e circular os números de um calendário dos meses de setembro e outubro. Pela primeira vez desde que estou neste contexto, senti que estava a orientar o pensamento da criança, auxiliando-a a compreender o raciocínio que deveria ter para concluir esta atividade. Ainda nesta atividade, num momento fiquei a auxiliar sozinha três crianças. Ainda sinto muita insegurança quando estou sozinha com um grupo de três ou mais crianças. Como educadora terei de o fazer, e por vezes com grupos muito maiores, e como tal, sei que é uma das dificuldades que tenho que batalhar muito e tentar ultrapassar.

Um aspeto que considero ser novo para mim é o facto de existirem várias crianças com cinco anos. Até hoje apenas tinha estado em creche e num grupo de crianças com três e quatro anos de idade. Mesmo que as crianças com quatro anos de idade sejam muito semelhantes às crianças com cinco anos de idade, são notórias muitas características diferentes, que como educadora tenho que ter a capacidade de potenciar e desenvolver. Com cinco anos, por exemplo, a nível do grafismo, a criança *já alcança a cena já organizada em conjunto único, o que prova o nível de organização do pensamento e a orientação espacial já estabelecida* (Rizzo, 1989, p. 292).

Sendo a primeira vez que estou com crianças desta faixa etária ainda me sinto numa fase de experimentação em como as devo auxiliar, uma vez que estas são bastante autónomas a todos os níveis.

Para além de ser uma semana em que era suposto auxiliar a intervenção da educadora, continuei também a registar o que considerava mais pertinente da minha observação.

Observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental da recolha de informação. Porém, essa observação não se pode limitar às impressões que os/as educadores/as vão obtendo no seu contacto diário com as crianças, existindo um registo que lhes permita contextualizar o que foi observado e situar essas informações no tempo (Ministério da Educação, 2016, p. 13).

Relativamente à ação da educadora observei que esta coloca muito as crianças no processo da ação, o que eu considero um aspeto muito enriquecedor. Uma evidência desta situação foi o facto de perguntar às crianças onde querem colocar/expor o trabalho realizado em conjunto. Deste modo torna-se muito mais significativo para a criança. Outra evidência que considero pertinente para exemplificar a inclusão das crianças na ação é o facto de serem as próprias crianças a escreverem a data. Cada dia, uma das crianças mais velhas escreve no papel o dia, a data e o tempo com uma caneta. Nesta rotina de escrever o dia, a educadora aproveita e desenvolve outras competências das crianças, como por exemplo o identificar e nomear as cores. Cada dia da semana possui uma cor, e a criança que escreve tem que encontrar a cor correspondente ao dia em questão. Outra estratégia que observei e considerei interessante foi, agarrando numa caneta com uma cor perguntar às crianças quem tinha calças daquela cor, dando tempo às crianças para pensarem e responderem. Ainda neste momento a educadora desenvolve competências a nível da linguagem, quando pede por exemplo às crianças uma palavra que comece com F, outra que comece com E, e assim sucessivamente, enquanto a criança escreve a palavra FEIRA. Neste processo, existe um auxílio entre todas as crianças. Este auxílio entre as crianças vai criando uma dinâmica muito interessante em que as próprias crianças se questionam umas às outras, como foi o caso do [REDACTED], que ao escrever a data, sendo dia quatro, perguntou aos amigos quem tinha quatro anos e esperou pelas suas respostas.

É notório como as crianças mais velhas têm presente esta dinâmica e como tentam auxiliar os mais novos.

## Referências Bibliográficas

Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Rizzo, G. (1989). *Educação Pré-Escolar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

---

## REFLEXÃO 5

### REFLEXÃO DOS DIAS 24, 25 E 26 DE OUTUBRO

Nestes três dias de prática foi a minha vez de intervir, sendo a primeira vez que intervenho sozinha neste contexto. Foram três dias de aprendizagens que me serão extremamente úteis para o futuro e que pretendo reflectir de modo a evoluir com as adversidades surgidas. À Leonor, coube o papel de auxiliar em tudo o que fosse necessário, e senti da parte dela um empenho grande, ajudando-me sempre que podia, dando-me no entanto o espaço que precisava para intervir. Sempre trabalhamos bem em equipa, mas com o passar do tempo a nossa dinâmica tem melhorado fazendo com que tudo flua de maneira mais natural.

No que diz respeito às actividades propostas, gostaria de salientar o avental de histórias.

De modo a irmos ao encontro do que a professora Alzira nos pediu, de arranjarmos novas estratégias de contar histórias, todas as semanas temos tentado inovar na forma como contamos a história. Para esta semana planeámos utilizar um avental de histórias (Fotografia 1) e contar a história à medida que íamos introduzindo elementos. Era um momento para o qual estava bastante receosa uma vez que se tratava de uma forma de contar a história em que não teria nenhum suporte para me guiar. Para precaver alguma situação treinei várias vezes o conto da mesma. Na minha opinião correu bem e as crianças mostraram-se entusiasmadas e curiosas por se tratar de algo diferente. Ao longo da história as crianças iam dando as suas dicas e eu tentei aproveitar e integrar na história a maior parte delas. Devido ao facto de as crianças darem tantas dicas e deste ser um exercício novo e difícil, nem sempre consegui dar atenção ao que as crianças diziam, como foi o caso de uma criança dizer “o coelho não pode ir no meio da estrada”, e eu simplesmente ter dito “não faz mal”. Deveria ter tomado mais atenção ao que aquela criança disse.

A partir da história, tentei criar uma ligação com os cinco sentidos, que iria ser o tema da semana. Esta ligação não se encontra espelhada na nossa planificação, e como tal, em conversa tanto com a educadora como com a professora Alzira, percebemos que a nossa planificação não está u documento fácil de ser



Fotografia 1 - avental das histórias

compreendido por outras pessoas e não mostra as interligações que na prática nós fazemos. É possível afirmar que a nossa planificação está mais pobre do que a nossa intervenção. Para corrigir esta situação, eu e a Leonor iremos modificar a estrutura da mesma e tentar explicitar melhor o que ocorre nas actividades. Planear é um processo importante que faz parte de um ciclo e

Implica que o/a educador/a reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização. Planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagens não previstas, para tirar partido delas (Silva *et al.*, 2016, p. 15).

Na segunda-feira da parte da tarde as crianças construíram um gráfico sobre o número dos seus sapatos. Este tipo de actividades, quanto bem trabalhadas são muito enriquecedoras para as crianças, fazendo-as pensar, raciocinar e chegar a respostas. No entanto, ainda é uma área em que não consigo tirar o melhor proveito do que ali temos. As crianças conseguiram contar o número de pares de sapatos, mas eu deveria ter registado esse número no gráfico para as crianças fazerem a associação ao número, o que eu não me lembrei. Outro aspeto que a educadora me alertou foi que deveria ter escrito o título a letras maiúsculas, pois as crianças não estão a aprender o manuscrito. Este é um aspeto que dificilmente me voltarei a esquecer. Ainda nesta atividade falhei várias vezes na linguagem que utilizei. Um educador, sendo um exemplo para as crianças tem que ter especial atenção na linguagem que utiliza em todos os momentos, e por vezes, estando tão concentrada na tarefa do momento não penso na forma como estou a falar para as crianças, como ocorreu nesta atividade em que dizia “quantos sapatos” em vez de “quantos pares de sapatos”. Um par de sapatos tem dois sapatos, e ao perguntar daquela forma as crianças poderiam ter-me contando cada um dos sapatos em vez do par. Ainda nesta atividade, e no que diz respeito à avaliação, tínhamos pretendido avaliar se a criança interpreta os dados apresentados no gráfico de barras. Recorrendo ao nosso descritor de competências é possível observar que as crianças mais de cinco anos o fizeram com facilidade, e das mais novas, apenas a Laura se destacou respondendo à pergunta “quantos pares de sapatos estão no número 24” “Dois”. Em algumas crianças não foi possível observar.

Algo que a educadora nos alertou foi que devemos utilizar mais os quadros para registar aquilo que as crianças dizem, as suas ideias, o que querem descobrir. Indo ao encontro disto mesmo, na terça-feira em conversa com as crianças, uma delas começou a falar do cheirar. Eu e a Leonor já tínhamos planeado o que iríamos trazer no dia seguinte para elas cheirarem, mas senti naquele momento que devia aproveitar o que aquela criança estava a dizer. Assim, perguntei às crianças se existia alguma coisa que elas gostassem que nós trouxéssemos para cheirarem, ao que elas logo deram respostas. Decidi utilizar o quadro para registar as ideias das crianças (Fotografia 2), bem como o nome da criança que deu a ideia para na quarta ainda sabermos quem tinha sido. Alterámos assim o que tínhamos planeado, mas fomos ao encontro dos interesses das crianças, planeando com elas o que iríamos fazer no dia seguinte. Tentei dar tempo para que todas pudessem pensar e dar uma ideia. No dia seguinte voltámos em conjunto a ver o que estava escrito neste quadro, quais as ideias e de quem eram, para dar continuidade à atividade. Na minha opinião foi mais enriquecedor para as crianças desta forma do que sermos nós a levarmos coisas para eles cheirarem.



Fotografia 2 - ideias das crianças

Na avaliação do desenho criativo, pretendíamos observar se a criança atribuíra significado ao seu desenho. Para isto registámos o que a criança nos dizia na folha e utilizámos registo fotográfico. Foi interessante observar os diferentes resultados obtidos e os diferentes significados. Todas as crianças atribuíram significado ao seu desenho, no entanto de maneiras muito diferentes. O [REDACTED], desenhou a partir de um caule (Fotografia 3), aproveitando esse caule para fazer um corpo ao qual acrescentou barriga, cabeça, mãos e pés e dizendo que tudo “é um boneco”. Um significado bastante diferente foi o da [REDACTED] (Fotografia 4), que a partir de uma folha desenhou uma árvore, uma folha, uma castanha, sol e céu, tudo elementos mais relacionados com o próprio elemento que escolheu.



Fotografia 3 - Desenho criativo do [REDACTED]



Fotografia 4 - desenho criativo da [REDACTED]



Fotografia 5 - registo final do dia

Esta semana realizei também uma aprendizagem muito importante. Se no final do dia conversarmos com as crianças sobre o que fizeram nesse dia e o que aprenderam torna-se mais fácil para elas interiorizarem essas aprendizagens. Para tal, é importante utilizarmos mais uma vez o quadro para registarmos as aprendizagens das crianças, registarmos o que elas nos dizem. Fiz este momento apenas na quarta-feira (Fotografia 5) mas desta forma as crianças relembram e consolidam as aprendizagens. É um momento importante que devemos privilegiar, procurando que haja sempre espaço para que ela aconteça.

No geral, penso que a semana foi positiva. A minha maior dificuldade foi conseguir orientar o grupo, controlar fazendo-me ouvir, mas penso que com o tempo conseguirei melhorar neste aspeto. Em relação aos tempos, acho que fui conseguindo controlar sempre.

### **Referências Bibliográficas**

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação

---

## **REFLEXÃO 7**

### *REFLEXÃO DOS DIAS 7, 8 E 9 DE NOVEMBRO*

Esta semana de prática pedagógica em contexto de Jardim de Infância II, no Jardim de Infância [REDACTED], ficou marcada por ter sido a minha semana de intervir sendo o papel da Leonor de auxiliar em tudo o que fosse necessário.

No que diz respeito à segunda-feira sinto que não consegui que as crianças realizassem o reconto da história de forma adequada. Em conversa com a professora Alzira percebi que no reconto caiu muito no erro de dar a palavra às crianças mais velhas, por estas se mostrarem mais interessadas em participar, mas com isto, por vezes esqueço-me das crianças mais novas fazendo-as perder a concentração rapidamente. Tendo isto em consideração, durante o resto da semana tentei integrar mais as crianças mais novas, fazendo-as participar e deste modo mantêm-se mais concentradas no que está a acontecer. Era algo que fazia inconscientemente, mas agora tenho especial atenção em não dar a palavra sempre às mesmas crianças. É um aspeto em que ainda preciso de evoluir.

Ainda sobre a segunda-feira, gostaria de reflectir sobre a atividade “Brincando com os padrões”. Esta era uma atividade que quando foi pensada senti que era muito pertinente, pois eu iria auxiliar a crianças e dar-lhe tempo para reproduzir o seu padrão, colando no final numa folha. No entanto, após a realização da mesma, não sinto que tenha sido significativa para as crianças. Uma das razões para achar isto talvez tenham sido os materiais (milho, grão e feijão). As crianças não estavam entusiasmadas e apenas realizavam um padrão, com o meu auxílio. Também a colagem na folha não correu como o esperado, aqui também pelo acto de serem materiais pesados e de difícil colagem. Penso que é importante trabalharmos os padrões, no entanto não senti que as crianças estivessem a achar a atividade prazerosa, o que é importante. No futuro, tenho que planear outra atividade para desenvolver estas competências.

A terça-feira foi um dia muito importante para mim, pois gostei muito da atividade de construir um livro. Foi uma atividade em que todas as crianças estiveram envolvidas e mostraram empenho. Pretendíamos avaliar se as crianças representam e recriam plasticamente uma história utilizando diferentes materiais, e foi possível observar que todas as crianças o fizeram, sugerindo mesmo formas de ilustrar a história. Com esta atividade tentei introduzir alguns conceitos como “artistas” e “ilustrações”, de modo a que as crianças comecem a compreender o seu significado. Para as ilustrações juntaram-se crianças em grupo, e ao contrário do que eu pensava as crianças ao longo do dia foram-se sempre lembrando dos elementos do seu grupo, chamando-os eles mesmo. Foi uma atividade onde existiu trabalho de equipa e cooperação, pois no momento de realizar as ilustrações umas crianças ficavam encarregues de cortar, outras de colar, outras de procurar imagens, etc. não existiram conflitos, aceitando todos o papel uns dos outros em prol do sucesso.

No final deste dia, as crianças tiveram ainda a oportunidade de apresentar a sua ilustração aos amigos, explicando sobre o que falava a parte da história deles e o que tinham desenhado (Fotografia 1). Na minha opinião é importante promovermos estes momentos de apresentação aos colegas, para que as crianças se vão habituando e sentindo mais à vontade. Os grupos foram pensados de modo a integrarem crianças mais velhas com crianças mais novas, e deste modo, as mais velhas vão auxiliando as mais novas, e estas vão compreendendo esta dinâmica de apresentar e em que consiste. Neste momento, foi necessário a educadora [REDACTED] me auxiliar na condução do momento, pois eu não estava a



Fotografia 1 - apresentação aos amigos

conseguir orientar o pensamento da criança. É algo para que me deveria ter preparado melhor, pensando nas perguntas que iria fazer às crianças, pois o importante não era o que as crianças tinham utilizado mas se estas conseguiam explicar sobre o que falava aquele momento.

No que diz respeito à quarta-feira, utilizámos uma estratégia nova para contar a história, neste caso, eu e a Leonor realizámos uma interpretação da lenda de São Martinho e demos em seguida oportunidade às crianças de também elas poderem representar. Sinto que temos diversificado bastante na forma como contamos as histórias, que mesmo não correndo sempre bem nos proporcionam momentos de aprendizagem, para no futuro podermos melhorar. Penso que é um aspeto positivo, o estarmos constantemente a arriscar em algo novo para cativar as crianças. Relativamente às crianças representarem, foi a maneira de ir ao encontro dos seus interesses e de as começar a habituar a estas situações. Quando questionei as crianças sobre quem queria representar quase todas responderam afirmativamente, existindo poucas que disseram que não, como a [REDACTED] e o [REDACTED]. Demos oportunidade às crianças de decidir se queriam ou não, não as obrigando a fazer algo que não queriam. Foi muito interessante observar como as crianças mais novas todas quiseram representar, sendo que a [REDACTED] conseguiu dizer as falas enquanto que a [REDACTED] necessitou que eu dissesse as falas por ela. Mesmo tendo auxiliado as crianças foi uma forma de as crianças se desinibirem e desenvolverem competências. Com esta atividade aprofundaram os conceitos de teatro, palco, espectadores e atores. O teatro na pré-escola *não pode ser considerado uma atividade de rotina como a história, mas deve, de vez em quando, tomar o seu lugar. Muitas histórias infantis prestam-se admiravelmente bem à adaptação para teatro* (Rizzo, 1989, p. 254). O teatro infantil é bastante rico para as crianças pois possui muitos objectivos tais como a recreação em que as crianças canalizam a sua imaginação, descarregam tensões, aliviam descargas emocionais e resolvem conflitos de ordem afectivo-emocional; a instrução, onde as crianças ampliam experiências e vocabulário e a educação, onde a criança desenvolve a atenção, observação, imaginação, entre outros (Rizzo, 1989).

Também na quarta-feira ocorreu uma situação nova para mim neste contexto com a qual ainda não me sinto muito à vontade, mas que é importante para a minha formação como futura educadora. Esta situação foi as crianças irem apresentar aos meninos da outra sala o livro que tinham criado no dia anterior. Sendo algo novo para mim, não sabia bem como orientar o momento e foi necessário questionar a [REDACTED]. Foi importante fazermos um pequeno treino daquilo que as crianças iam dizer. Já na outra sala, senti dificuldades em orientar a situação sendo muito necessária a intervenção da [REDACTED]. Foram experiências que as crianças gostaram e mostraram bastante entusiasmo.

Ao longo da semana fui sentido dificuldade em conseguir orientar o grupo no momento de atividade, pois enquanto algumas estão a concretizar as actividades as restantes estão a brincar nas áreas, ficando um ambiente ruidoso e conturbado. Em conversa com a educadora compreendi que uma maneira de ultrapassar esta situação consiste em orientar também as brincadeiras, não deixando as crianças tão livres pela sala e pelas áreas. Na quarta-feira tentei já colocar esta estratégia em prática e enquanto eu estava com as crianças a decorar a capa, as restantes estavam na manta com a Leonor a fazer um jogo. Foi ainda algo muito rudimentar que pretendo melhorar nas próximas intervenções.

## Referências Bibliográficas

Rizzo, G. (1989). *Educação Pré-Escolar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

---

## REFLEXÃO 4

### *REFLEXÃO DOS DIAS 17, 18 E 19 DE OUTUBRO*

Estes três dias de prática foram destinados à intervenção da minha colega, sendo o meu papel o de auxiliar em tudo o que fosse necessário, bem como realizar algumas actividades alternativas à atividade principal. No geral, penso que foi uma semana bastante positiva pois a Leonor conseguiu orientar o grupo em todos os momentos.

Logo na segunda-feira, ache interessante observar que a [REDACTED], uma das crianças mais novas que entrou este ano na instituição já começa a interiorizar a dinâmica e as rotinas da sala. No início, esta era uma criança que raramente estava sentada ou com atenção. Neste momento, mesmo não sendo regular, começo a reparar que ela começa a compreender as dinâmicas, o que se torna importante pois *Uma rotina coerente é uma estrutura. Liberta igualmente crianças e adultos da preocupação de terem de decidir o que vem a seguir e permite-lhes usar as suas energias criativas nas tarefas que têm entre mãos* (Hohmann, Banet & Weikart,

1979, p. 81). Como evidência desta afirmação, na segunda-feira de manhã, no momento em que as crianças diziam o que tinham feito no fim de semana, observei que a [REDACTED] permaneceu bastante tempo sentada, sem dispersar, com atenção à conversa, chegando mesmo a colocar o dedo no ar para falar e esperando pela sua vez. Foi uma atitude que me despertou a atenção uma vez que se trata de uma das crianças mais novas na sala.

Ainda no seguimento deste momento, quando as crianças estavam a dizer o que tinham feito no fim de semana, penso que a Leonor orientou muito bem o momento, dando oportunidade a todas as crianças para falar e moderando os entusiasmos excessivos que iam ocorrendo. Notou-se que é algo que as crianças gostam e na minha opinião é importante darmos espaço às crianças para falarem, dizendo o que fizeram e se gostaram. Deste modo cada criança se sentirá única e especial. Este momento possui grande importância uma vez que

A criança é todo um borbulhar de emoções que necessita de expandir a qualquer momento. Vive todos os seus dias como um longo dia, rico em experiências sobre as quais produz sentimentos. Ora, esses sentimentos têm de ser exteriorizados e interpretados e, muitas vezes, necessitam de ser desconstruídos e trabalhados (Sampaio *et al*, 2014, p. 32).

Ao longo de toda a semana fomos tendo sempre alguma dificuldade em terminarmos actividades com todas as crianças. Sinto que é enriquecedor ter planificado várias actividades diferentes para o dia e semana, no entanto, sinto que temos deixado muitas crianças sem realizarem as respectivas actividades. Tentámos sempre concluir o que tínhamos planificado dando seguimento no dia seguinte, mas penso que temos que adquirir um ritmo maior para conseguirmos realmente concretizar o planificado com todos. Outro aspeto que ocorre é que por querermos dar fim às actividades pois queremos que todas as crianças tenham essa oportunidade, por vezes acabamos por não dar o tempo necessário que a criança necessita nem lhe dar atenção mais individualizada como ocorreu na elaboração da borboleta em que chegámos a ter nove crianças em simultâneo a realizar a atividade. Sei que os mais velhos não necessitam dessa supervisão tão constante, mas precisam sempre de uma orientação, como aconteceu com a [REDACTED], que estava a agarrar com a mão errada no pincel.

Na terça-feira de manhã, na atividade do mapa dos aniversários, alterámos o que tínhamos planificado. Na minha opinião faz sentido realizar essa alteração porque no momento foi o rumo que a atividade levou e as crianças estavam entusiasmadas, sendo importante aproveitar esse entusiasmo. Não estava planificado logo no momento da manhã as crianças colocarem a sua fotografia no mês correspondente, mas criou-se um momento de magia com a caixa, de onde saíam as fotos, e proporcionou-se então desta forma (Fotografia 1). Mais uma vez, penso que a Leonor esteve bem em não se cingir à planificação, alterando-a no momento de acordo com o que as crianças estavam a demonstrar querer, uma vez que o educador pode *reformular a sua intervenção, de modo a incentivar os progressos de todas e cada uma das crianças* (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 18). Com esta alteração existiu a oportunidade de as crianças trabalharem a noção de número, pois contaram as diferentes caixas, procuraram as suas caixas desenvolvendo o seu raciocínio lógico.



Fotografia 1 - criança a colocar foto no mapa dos aniversários

Durante toda a semana foi realizado um trabalho muito importante da área da formação pessoal e social, nomeadamente a construção da sua identidade. Esta, *passa pelo reconhecimento das características individuais e pela compreensão das capacidades e dificuldades próprias de cada um* (Silva *et al*, 2016, p. 34).

Penso que a sequência das actividades foi oportuna, e para isso foi essencial o apoio da educadora [REDACTED] que nos fez pensar e compreender a importância dessa mesma sequência para as crianças. As crianças começaram por realizar uma representação de si próprias, das suas características externas. Depois, o mapa dos aniversários também remete para uma característica individual de cada um, começando a poderem comparar com as dos amigos. Em seguida, ao observarem as suas alturas e o seu peso estão a intensificar as noções de si próprio. Por último, realizámos a reflexão final, onde as crianças compararam as suas características com as dos seus colegas. Nestas idades é importante existir esta partilha de informação e comparação de características pois,

Neste processo de construção de identidade e da auto-estima, o reconhecimento das características singulares de cada criança desenvolve-se simultaneamente com a perceção do que tem em comum e do que a distingue de outros (Silva *et al*, 2016, p. 34).

No que diz respeito aos restantes momentos, penso que a Leonor conseguiu controlar bem os tempos, dinamizando sempre com uma canção ou um mini jogo, de modo a captar a atenção das crianças.

No que a mim diz respeito, mesmo sendo o nosso trabalho planeado em conjunto, tentei não me intrometer na intervenção da minha colega auxiliando naquilo que ela precisasse. As actividades que orientei, no geral,

penso que ocorreram de forma positiva, existindo o problema referido anteriormente de não conseguir acompanhar bem todas as crianças.

### Referência Bibliográficas

Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. (1979). *A criança em ação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.  
Sampaio, A., Xavier, A., Magalhães, C., Oliveira, D., Pacheco, D., Mota, P., et al. (2014). *Pedagogia da consideração pela criança - Inovar em educação de infância*. Porto: Positivagenda - Edições Periódicas e Multimédia, Lda.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação

---

## REFLEXÃO 12

### REFLEXÃO DOS DIAS 12, 13 E 14 DE DEZEMBRO

Esta semana de prática pedagógica em contexto de Jardim de Infância II, no Jardim de Infância [REDACTED], ficou marcada por ter sido a vez de a Leonor intervir sendo o meu papel de auxiliar em tudo o que fosse necessário.

Relativamente à manhã de segunda-feira, experimentámos uma nova estratégia para realizar o reconto da história contada. Ao longo do tempo temos percebido que a dinamização deste modo auxilia para o sucesso da atividade, sendo que as crianças se mantêm mais atentas, entusiasmadas e curiosas. Assim, para o reconto, decidimos utilizar imagens da história para construir um estendal de histórias (Fotografia 1). Refletindo sobre o momento, penso que esta é uma boa estratégia a utilizar, no entanto existiram alguns aspectos que não forem bem pensados por nós. Um dos aspectos negativos foi o facto de termos utilizado todas as imagens da história, o que levou ao outro aspeto negativo, que foi o caso de este momento se ter alongado muito. No momento em que iniciámos o



Fotografia 1 - [REDACTED] a colocar imagem no estendal de histórias

reconto as crianças já estavam sentadas à muito tempo e deveríamos ter optado por fazer alguns exercícios de movimento. Tal não aconteceu e deu-se logo início ao reconto. De início, as crianças estavam bastante entusiasmadas e com atenção, e permaneciam assim até ser a sua vez de colocar a imagem no estendal, mas assim que já tinham ido começavam a dispersar, dificultando assim que existisse calma no momento. Com tudo as crianças estiveram 1h25min sentadas nas almofadas, o que é imenso tempo para crianças desta idade. Deveríamos ter colocado menos imagens e não deixar as crianças tanto tempo sentadas.

Ainda sobre a segunda-feira gostava de destacar um momento que não ocorreu durante o nosso tempo de intervenção. Eu e a Leonor tivemos a oportunidade de poder assistir à reunião de pais que ocorreu á noite. Para mim, esta oportunidade é uma mais valia, pois este é um momento raro e poderemos assistir para ver como é muito importante. Esta interação com as famílias é algo que existe sempre, mas nem sempre é fácil. Foi importante para mim observar de que modo se deve conduzir uma reunião deste tipo, de que forma abordar os pais, quais as questões a colocar entre outros aspetos. Foi a segunda vez que tive esta oportunidade, sendo que a primeira foi num contexto de creche, muito diferente do actual, bem como o tipo de reunião.

Ao longo do ano, o/a educador/a vai dando conta do desenvolvimento do processo educativo e do progresso das aprendizagens das crianças, através de reuniões e contactos informais com os pais/famílias. Um diálogo que facilite relações de confiança mútua permite aos pais/famílias expor as suas opiniões, expectativas e dúvidas e ser esclarecidos sobre as opções tomadas pelo/a educador/a (Silva *et.al*, 2016, p. 19).

Na terça-feira surgiu um momento em que deixámos de parte aquilo que tínhamos planificado para ir ao encontro dos interesses das crianças. Esta situação surgiu no momento da manhã, quando as crianças foram para o salão para ouvir uma história que estava a ser projectada. Finalizada a história, estava planificado as crianças realizarem alguns movimentos, mas neste momento as crianças começaram a dizer que queriam ouvir mais histórias, pedindo à Leonor para contar outra. Deste interesse que as crianças mostraram, decidimos deixar de parte o que tínhamos planificado e realizar então o que as crianças nos pediam. Deste modo, contaram-se mais duas histórias, e por fim ouviram-se músicas de natal. Para mim este foi um momento importante pois não nos podemos manter completamente fiéis à planificação, ou seja, temos que ter capacidade de ser flexíveis e seguir os interesses das crianças, nomeadamente quando estes surgem. Penso que a nossa opção foi a correta, pois o que ficou por fazer pode ser realizado noutra altura, enquanto que aquilo que as crianças queriam e pediram só tinha significado para elas naquele momento.

Na quarta-feira tivemos a oportunidade de assistir com as crianças a um teatro (Fotografia 2) e visitar o museu dos legos. Este foi um dia diferente pois esta visita implicou que fossemos de autocarro até à cidade. Antes deste dia, estava um pouco ansiosa com a forma como este dia iria decorrer, uma vez que nunca tínhamos saído durante tanto tempo da escola com eles. No entanto, reflectindo sobre o dia, correu bastante bem e considero que as crianças são bastante autónomas e conseguem seguir e respeitar as regras para andar na rua. Este grupo de crianças é bastante curioso e durante todo o momento mostraram-se atentos ao que os rodeava e faziam questões. No teatro, tiveram uma postura muito boa, mostrando saber estar neste espaço e ver a peça de teatro, que no final afirmaram ter gostado muito. Neste dia, sendo que eu e a Leonor tentámos ajudar-nos ao máximo, sem existir a distinção entre a que atuava e a que auxiliava. Sempre que sentia ser necessário orientava eu o grupo, pois neste dia, mais importante do que a nossa intervenção era assegurar que tudo corria bem.



Fotografia 2 - teatro

Já na escola, à tarde, as crianças conseguiram fazer um registo do que tinha acontecido de manhã, lembrando-se dos momentos, dos sítios que tinham visitado, das personagens da história do teatro, entre outros aspectos. Isto demonstra que são crianças habituadas a pensar, e que prestam atenção ao que as rodeia, sabendo dizer o que gostaram mais e o que gostaram menos.

No que diz respeito à intervenção da Leonor, sinto-a mais confiante nesta fase e com uma maior flexibilidade.

### **Referências Bibliográficas**

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

---

## ANEXO VIII: Planificações em Contexto de Jardim de Infância II

### PLANIFICAÇÃO 6

<u>Dia da semana</u>	<u>Plano de Atividades Orientadas</u>
Segund a-feira	<p style="text-align: center;"><b><i>Início do conto da história “A fada partiu a asa” (de manhã)</i></b></p> <p>A estagiária inicia este conto relembando e sensibilizando as crianças para a chegada do dia do pijama, fala sobre a importância deste dia, o que costuma acontecer, que na semana seguinte no dia do pijama todos veem de pijama para o jardim, promovendo ainda uma conversa sobre os seus pijamas, como dormem, quem os deita culminado com o facto de existir sempre uma história para dormir, falando da existência de uma história que chegou para elas. Com o auxílio das imagens do livro conta às crianças a primeira parte da história “A fada partiu a asa”, levando depois as crianças a realizarem o seu reconto.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Promover a Compreensão de que a leitura é uma atividade que proporciona prazer e satisfação.</p> <p><u>Área:</u> Expressão e comunicação</p> <p><u>Domínio:</u> Linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p><u>Competência:</u> Ouve atentamente a história mostrando prazer e satisfação.</p> <p style="text-align: center;"><b><i>Vamos ouvir a música do pijama (de manhã)</i></b></p> <p>A estagiária apresenta às crianças o áudio da música “Só te quero abraçar” de Agir, alertando as mesmas para a importância de estar em silêncio e ouvir atentamente a música uma vez que a vamos aprender para depois cantar todos juntos.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Promover situações de cooperação com outros no processo de aprendizagem</p> <p><u>Área:</u> Formação Pessoal e Social</p> <p><u>Competência:</u> Revela interesse e gosto por aprender uma música</p> <p style="text-align: center;"><b><i>Vamos descobrir a coreografia da música “Só te quero abraçar” (de manhã)</i></b></p> <p>No salão as crianças ouvem e veem a música e coreografia da música “Só te quero abraçar”, a estagiária incentiva as crianças a ouvirem atentamente e após algumas visualizações orienta as crianças a imitarem os gestos apresentados auxiliando em todo o momento, elogiando ainda a participação das crianças.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Criar situações para apreciar diferentes manifestações coreográficas</p> <p><u>Área:</u> Expressão e Comunicação</p> <p><u>Domínio:</u> Educação Artística</p> <p><u>Competência:</u> Tem prazer em expressar-se de forma rítmica através do corpo</p> <p><u>Avaliação:</u> Descritor de desempenho</p> <p style="text-align: center;"><b><i>A colher de madeira das fadas (de manhã)</i></b></p> <p>Ainda no salão a estagiária explica às crianças que irão realizar um jogo de estafetas distribuindo as crianças por dois grupos, as crianças são alertadas de que deverão trabalhar em equipa e que é necessário que uma criança de cada grupo à vez se dirija até à ponta do salão com uma colher de pau na mão e dentro da colher encontra-se um cubo de açúcar, as crianças mais velhas podem ter mais do que um cubo, o objetivo é realizar o percurso sem deixar cair o cubo até entregar a colher de pau a outro elemento da equipa. Ganha a equipa que terminar primeiro. A estagiária auxilia sempre que necessário, incentivando ao trabalho em equipa para conseguirem ganhar.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Promover situações de deslocamento e equilíbrio</p> <p><u>Área:</u> Expressão e Comunicação</p> <p><u>Domínio:</u> Educação Física</p> <p><u>Competência:</u> Desloca-se pelo espaço em equilíbrio</p> <p><u>Avaliação:</u> Descritor de desempenho</p> <p style="text-align: center;"><b><i>Ler parte da história “A fada partiu a asa” (de tarde)</i></b></p> <p>A estagiária relembra com as crianças a história contada da parte da manhã e lê para estas mais uma parte da história, incentivando no final para o seu reconto.</p>

	<p><u><b>Intencionalidade:</b></u> Promover a Compreensão de que a leitura é uma atividade que proporciona prazer e satisfação.</p> <p><u><b>Área:</b></u> Expressão e comunicação</p> <p><u><b>Domínio:</b></u> Linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p><u><b>Competência:</b></u> Ouve atentamente a história mostrando prazer e satisfação.</p> <p style="text-align: center;"><b>Asas de cartão (de tarde)</b></p> <p>Apelando ao facto de existirem fadas na história a estagiária promove uma conversa com estas questionando-as se também elas gostariam de ser fadas, sugerindo que se podem construir asas para as crianças de forma a que também estas possam ser fadas. A estagiária distribui as crianças pela mesa assim como o material necessário para a sua realização, as crianças contornam o formato das asas num pedaço de cartão (AnexoI) pintando em seguida o mesmo com a cor que desejarem, a estagiária auxilia ao longo de todo o momento e incentiva as crianças a fazerem sozinhas.</p> <p><u><b>Intencionalidade:</b></u> Criar situações promotoras do desenvolvimento das capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas</p> <p><u><b>Área:</b></u> Expressão e comunicação</p> <p><u><b>Domínio:</b></u> Educação Artística</p> <p><u><b>Competência:</b></u> Representa e cria plasticamente, vivências da história</p> <p><u><b>Avaliação:</b></u> Asas criadas pela criança</p>
Terça-feira	<p style="text-align: center;"><b>Conto de mais uma parte da história “A fada partiu a asa” (de manhã)</b></p> <p>A estagiária relembra com as crianças as partes da história já contadas e com o auxílio de imagens conta às crianças a terceira parte da história “A fada partiu a asa”, levando depois as crianças a realizarem o seu reconto.</p> <p><u><b>Intencionalidade:</b></u> Promover a Compreensão da mensagem oral</p> <p><u><b>Área:</b></u> Expressão e comunicação</p> <p><u><b>Domínio:</b></u> Linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p><u><b>Competência:</b></u> Relata acontecimentos da história</p> <p style="text-align: center;"><b>Vamos ouvir a música do pijama (de manhã)</b></p> <p>A estagiária relembra as crianças do facto de no dia anterior terem ouvido a música “Só te quero abraçar”, ouvindo novamente a mesma para que a possam aprender, a estagiária incentiva as crianças a ouvirem com atenção reproduzindo no fim o que ouviram, repetindo algumas vezes a mesma.</p> <p><u><b>Intencionalidade:</b></u> Fomentar a interpretação com intencionalidade expressiva-musical</p> <p><u><b>Área:</b></u> Expressão e comunicação</p> <p><u><b>Domínio:</b></u> Educação artística</p> <p><u><b>Competência:</b></u> Canta canções com controlo progressivo da melodia</p> <p style="text-align: center;"><b>P de Pijama (de manhã)</b></p> <p>Em grande grupo as crianças pensam sobre palavras começadas com P, tal como a palavra pijama, a estagiária regista no quadro as sugestões das crianças, incentivando a que todas participem dizendo pelo menos uma palavra. As crianças podem sugerir outras iniciais. No final as crianças agrupam as palavras de acordo com o seu número de sílabas.</p> <p><u><b>Intencionalidade:</b></u> Fomentar a tomada de consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras.</p> <p><u><b>Área:</b></u> Expressão e Comunicação</p> <p><u><b>Domínio:</b></u> Linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p><u><b>Competência:</b></u> Descobre e refere palavras que começam da mesma forma</p> <p><u><b>Avaliação:</b></u> Registo no quadro</p> <p style="text-align: center;"><b>Vamos encontrar as fadas (de tarde)</b></p> <p>No jardim a estagiária previamente esconde fadas, tantas quantas as crianças do grupo, explicando depois às mesmas que cada uma deve encontrar uma fada, dirigindo-se depois para junto da estagiária. Ao longo de todo o momento a estagiária vai incentivando as crianças a que procurem as fadas dando pistas de locais onde estas se podem encontrar, às crianças que encontrem a sua fada incentiva-as a que vão auxiliar as crianças que ainda não conseguiram descobrir a sua fada. A estagiária orienta todo o momento, dá tempo às crianças para que procurem e auxilia sempre que necessário.</p> <p><u><b>Intencionalidade:</b></u> Fomentar a solidarização com os outros</p>

	<p><u>Área:</u> Formação Pessoal e Social  <u>Competência:</u> Demonstra comportamentos de apoio e interajuda, por iniciativa própria ou quando solicitado.  <u>Avaliação:</u> Descritor de Desempenho</p> <p style="text-align: center;"><b><i>Ler parte da história “A fada partiu a asa” (de tarde)</i></b></p> <p>A estagiária relembra com as crianças a história contada até então ao longo dos diferentes momentos, lendo para estas mais uma parte da história, incentivando no final para o seu reconto.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Promover a Compreensão de que a leitura é uma atividade que proporciona prazer e satisfação.  <u>Área:</u> Expressão e comunicação  <u>Domínio:</u> Linguagem oral e abordagem à escrita  <u>Competência:</u> Ouve atentamente a história mostrando prazer e satisfação.</p> <p style="text-align: center;"><b><i>Vamos fazer fadas pequeninas (de tarde)</i></b></p> <p>As crianças são lembradas da existência de fadas e de que precisamos de decorar a nossa sala de forma a transforma-la num mundo de fadas, a estagiária ouve e regista as ideias das crianças sobre o que se poderia fazer para decorar a nossa sala e sugere que se façam pequenas fadas para colocar pela sala. As crianças são distribuídas pelas mesas e com o auxílio de pequenos paus de gelado e papel crepe decoram o pau transformando-o numa pequena fada (Anexo II). A estagiária orienta e auxilia ao longo de todo o momento.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Criar situações promotoras do desenvolvimento das capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas  <u>Área:</u> Expressão e Comunicação  <u>Domínio:</u> Educação Artística  <u>Competência:</u> Introduce nas suas produções plásticas elementos visuais para representar temáticas e histórias</p>
Quarta-feira	<p style="text-align: center;"><b><i>Conto da última parte da história “A fada partiu a asa” (de manhã)</i></b></p> <p>A estagiária relembra com as crianças as partes da história já contadas e com o auxílio das imagens do livro conta às crianças a última parte da história “A fada partiu a asa”, levando depois as crianças a realizarem o seu reconto de toda a história, lembrando os principais momentos.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Promover a Compreensão da mensagem oral  <u>Área:</u> Expressão e comunicação  <u>Domínio:</u> Linguagem oral e abordagem à escrita  <u>Competência:</u> Relata acontecimentos da história  <u>Avaliação:</u> Descritor de desempenho</p> <p style="text-align: center;"><b><i>Jogo da apanhada da fada diabrete (de manhã)</i></b></p> <p>No salão a estagiária distribui as crianças pelo espaço explicando que vão fazer um jogo de apanhada. Uma criança será a fada diabrete e terá colocado as asas feitas na segunda-feira e terá ainda como adereço uma varinha mágica. A criança que faz de fada diabrete tenta apanhar as restantes tocando-lhes com a varinha mágica, as crianças apanhadas devem permanecer paradas até que uma outra criança a salve tocando-lhe e ambas devem bater palmas e dizer “eu acredito em fadas”. A estagiária orienta todo o momento auxiliando sempre que necessário.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Fomentar a participação em jogo seguindo orientações ou regras  <u>Área:</u> Expressão e Comunicação  <u>Domínio:</u> Educação Física  <u>Competência:</u> É capaz de compreender e esquematizar as regras do jogo</p> <p style="text-align: center;"><b><i>A fada curiosa (de manhã)</i></b></p> <p>A estagiária surge na sala caracterizada de fada curiosa pedindo a ajuda das crianças para ajudarem a descobrir se a água se mistura com tudo. Em grande grupo na zona das mesas no chão em cima de uma manta (retirar mesas) a estagiária apresenta diversos materiais como por exemplo açúcar, sal, areia, arroz, azeite, entre outros. Levando as crianças a serem curiosas e querem descobrir se será que tudo se mistura com água. A estagiária pede às crianças que prevejam o que vai acontecer registando no quadro, em seguida</p>

<p>experimentam verificando no final a validade das suas previsões registando novamente no quadro. A estagiária incentiva a que todas as crianças prevejam o que vai acontecer, auxiliando sempre que necessário e orientando todo o momento.</p> <p><b>Intencionalidade:</b> Fomentar a apropriação do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas: questionar, colocar hipóteses, experimentar, recolher informação, organizar e analisar a informação</p> <p><b>Área:</b> Conhecimento do Mundo</p> <p><b>Competência:</b> Demonstra envolvimento no processo de descoberta e exploração</p> <p><b>Avaliação:</b> Registo fotográfico e descritor de desempenho</p> <p style="text-align: center;"><b>Brincar no Mundo das Fadas (de tarde)</b></p> <p>As crianças com as asas de papel colocadas brincam pela sala em pequenas brincadeiras orientadas pelas estagiárias, como por exemplo, serem fadas cozinheiras e fazerem comer na casinha, serem fadas mecânicas e trabalharem na garagem, serem fadas</p> <p><b>Intencionalidade:</b> Criar situações promotoras de prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração</p> <p><b>Área:</b> Formação Pessoal e Social</p> <p><b>Competência:</b> Envolve-se em situações de brincadeira de forma espontânea</p>
---

**Recursos humanos:** Educadora; 2 estagiárias; 1 Assistente operacional; grupo de crianças.

**Recursos materiais:** Colheres de pau; cubos de açúcar; cartão; Água; Garrafas de água; açúcar; sal; arroz; azeite; areia; fadas; mantas; livro a “a fada partiu a asa”; Música “Só te quero Abraçar”.

**Avaliação:** Descritor de desempenho (Anexo III)

**Bibliografia:**

Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., et al. (2009). Despertar para a ciência Atividades dos 3 aos 6. Lisboa: Ministério da Educação .

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação .

## PLANIFICAÇÃO 10

**Contextualização:** A presente planificação surge dos interesses das crianças para a descoberta de informações sobre a Lua, tratando-se um projeto que está a ser desenvolvido pelas crianças ao longo das últimas semanas. Esta surge também devido à época em que nos encontramos (Natal) e teve por base sugestões das próprias crianças. Deste modo ao longo da semana iremos abordar conteúdos da Lua bem como realizar enfeites de Natal. Trata-se de uma semana mais focada em educação artística.

<u>Dia da semana</u>	<u>Plano de Atividades Orientadas</u>
Segunda-feira	<p style="text-align: center;"><b>Leitura da história “O Natal do Texugo Rabugento” (de manhã)</b></p> <p>A estagiária conta de forma expressiva a história “O Natal do Texugo Rabugento”, entoando com diferentes vozes. A estagiária questiona as crianças sobre o que aconteceu na história realizando assim um reconto conjunto observando as imagens da história em que todos terão oportunidade de participar, incentivando as crianças mais novas a darem o seu contributo fazendo-lhes questões acessíveis para que possam participar com sucesso. Durante este reconto com o auxílio de imagens as crianças criam um estendal de histórias com essas mesmas imagens.</p> <p><b>Intencionalidade:</b> Criar situações de uso da linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação.</p> <p><b>Área:</b> Expressão e comunicação</p> <p><b>Domínio:</b> Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p><b>Competência:</b> Relata acontecimentos, mostrando progressão não só na clareza do discurso como no respeito pela sequência dos acontecimentos.</p> <p style="text-align: center;"><b>Pinheirinho (de manhã)</b></p> <p>Em grande grupo as crianças relembram a música escolhida na semana anterior, ouvindo-</p>

a uma vez mais. A estagiária incentiva as crianças a lembrarem o que aconteceu na música identificando os elementos principais (pinheiro, bolas, luzes, barbas branquinhas). Após escolhidos os elementos principais vamos escolher em conjunto que gestos que podemos associar ao elemento, de forma a mimar a música. Ao longo de todo o momento vão sendo executados os movimentos, as crianças são incentivadas a participar e elogiadas pelas suas ideias.

Intencionalidade: Promover o desenvolvimento do sentido rítmico

Área: Expressão e Comunicação

Domínio: Educação Artística

Subdomínio: Dança

Competência: Interpreta pequenas sequências de movimento dançado, de forma coordenada e apropriada à temática.

#### ***As crateras (de manhã)***

A estagiária lembra em conjunto com as crianças o que foi descoberto sobre a lua, chegando à descoberta feita na semana anterior de que a lua tem crateras, e orienta o pensamento das crianças para o facto de ainda não ter sido feito nada alusivo a essa descoberta. As crianças sugerem soluções e a estagiária surge com cereais cheerios que podem servir de crateras para a lua. Num pedaço de papel cenário Desenha-se uma lua grande e as crianças colam as “crateras” da mesma. Todas as crianças têm oportunidade de colar uma cratera.

Intencionalidade: Fomentar a apreciação de diferentes manifestações de artes visuais expressando a sua opinião

Área: Expressão e comunicação

Domínio: Educação Artística

Competência: Emite opiniões sobre o seu trabalho

Avaliação: Análise da criação da lua

#### ***Enfeitando o nosso Jardim (de manhã)***

As crianças continuam a construir decorações para a nossa sala e entrada. Em pequenos grupos são distribuídas pela sala, realizando pinturas e colagens de enfeites, são distribuídos todos os materiais necessários. Em simultâneo as crianças terminam a decoração do Pai Natal que irá ficar na Porta da nossa sala. A estagiária incentiva as crianças a participarem com mais ideias de decorações e elogia o seu trabalho.

Intencionalidade: Promover o desenvolvimento de capacidades expressivas e criativas através de experimentação e produções plásticas

Área: Expressão e Comunicação

Domínio: Educação Artística

Competência: Tem prazer em explorar e utilizar modalidades diversificadas de expressão visual.

Avaliação: Análise dos enfeites de Natal

#### ***Descobrimo os padrões de Natal (de tarde)***

A estagiária lembra as crianças sobre a época natalícia e sobre as ideias que as crianças deram numa outra semana sobre o que gostariam de fazer, lembrando para o facto de terem sugerido a criação de bengalas de Natal. Neste momento surge da caixa mágica os materiais necessários para a realização das bengalas (tintas, folhas de papel). Em pequenos grupos as crianças realizam a sua bengala tal como aparece no Anexo I. Ao longo de todo o momento a estagiária incentiva as crianças a realizarem sozinhas tentando perceber que cor se segue, se surgir, com as crianças mais velhas a estagiária explica que estão a criar um padrão com a sua bengala. As crianças devem criar o seu padrão com duas cores (branco e vermelho) tal como a bengala de natal, utilizando tinta em dois dedos, um dedo com cada tinta e depois assim vão construindo a sua bengala.

Intencionalidade: Reconhecer e operar com elementos descobrimo e referindo propriedades identificando padrões

Área: Expressão e Comunicação

Domínio: Matemática

Competência: Constrói um padrão

Avaliação: Análise da bengala construída

#### ***Coroas de Natal (de tarde)***

	<p>A estagiária relembra as crianças da época Natalícia e da necessidade de levar algo para oferecer para casa apresentando uma sugestão de presente (coroa de Natal), surgindo este da caixa mágica. Na mesa são distribuídos às crianças os materiais necessários para a concretização de coras de natal, sendo auxiliados sempre que necessário durante a sua realização e elogiados pelo seu desempenho.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Promover o desenvolvimento das capacidades expressivas através de experimentações e produções plásticas</p> <p><u>Área:</u> Expressão e comunicação</p> <p><u>Domínio:</u> Educação Artística</p> <p><u>Competência:</u> Representa e recria plasticamente vivências da cultura utilizando diferentes materiais</p>
Terça-feira	<p style="text-align: center;"><b>“Papá, apanhas-me a Lua?” (de manhã)</b></p> <p>A estagiária informa as crianças para a existência de uma surpresa, que surgirá num outro local, sendo necessário que as crianças se dirijam formando um comboio até ao salão. No salão as crianças sentam-se e observam a história “Papá, apanhas-me a Lua?” que está a ser projetada, a estagiária procede à leitura expressiva da história, levando no final as crianças a realizarem o seu reconto. Durante este reconto a estagiária incentiva as crianças a relembrem o que aprenderam sobre a lua e a falarem sobre as suas diferentes fases, tal como aparece na história.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Criar situações promotoras de compreensão que a leitura é uma atividade que proporciona prazer e satisfação</p> <p><u>Área:</u> Expressão e Comunicação</p> <p><u>Domínio:</u> Linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p><u>Competência:</u> ouve atentamente a história, mostrando prazer e satisfação</p> <p style="text-align: center;"><b>O movimento da Lua, Terra e Sol (de manhã)</b></p> <p>No salão as crianças são lembradas dos movimentos da lua da terra e do sol que foram descobertos numa semana anterior. A estagiária pede a ajuda de três voluntários que vão em simultâneo fazer os movimentos, uma criança é a lua outra a terra e outra o sol. O sol fica parado enquanto a Terra gira à sua volta, ao mesmo tempo a Lua está a girar em torno da Terra. Após o primeiro grupo a estagiária incentiva a que todas as crianças vão experimentar, auxiliando sempre que necessário e elogiando as crianças.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Criar situações promotoras de domínio de movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrio</p> <p><u>Área:</u> Expressão e Comunicação</p> <p><u>Domínio:</u> Educação Física</p> <p><u>Competência:</u> Apropria-se da diversidade de possibilidades motoras</p> <p><u>Avaliação:</u> Descritor de desempenho</p> <p style="text-align: center;"><b>Descobrimo os sons (de manhã)</b></p> <p>Na manta a estagiária surge com diferentes instrumentos, questionando as crianças se sabem qual o seu nome e para que servem, dando tempo para que todos possam pensar e responder. Em seguida a estagiária pergunta às crianças se querem brincar com eles e apresenta diversas imagens ilustrativas dos mesmos. Explica às crianças que se trata de um jogo em que cada imagem corresponde um som e esse som só pode ser feito quando aparece a imagem. São distribuídos às crianças os instrumentos e é exemplificado o jogo. Em seguida cria-se em conjunto uma sequência sonora para executar, as crianças devem estar atentas e o seu instrumento apenas deve tocar quando aparece a respetiva imagem. A estagiária auxilia sempre que necessário e incentiva as crianças a ouvirem atentamente os sons que os instrumentos produzem tentando identificá-los como fortes ou fracos.</p> <p><u>Intencionalidade:</u> Criar situações de identificação e discrição de sons que ouve quanto às suas características rítmicas melódicas e tímbricas.</p> <p><u>Área:</u> Expressão e comunicação</p> <p><u>Domínio:</u> Educação Artística</p> <p><u>Subdomínio:</u> Música</p> <p><u>Competência:</u> Identifica sons instrumentais</p> <p><u>Avaliação:</u> Descritor de desempenho</p>

	<p style="text-align: center;"><b><i>Carta de Natal (de manhã)</i></b></p> <p>A estagiária promove uma conversa com as crianças onde explica que esta é uma época de paz e amizade, em que devemos ser bons uns para os outros e na importância da família e dos amigos. A estagiária surge com um envelope dizendo que este se encontrava no nosso correio. É lida a carta às crianças, esta provem de um Jardim da Cruz da Areia de crianças que decidiram desejar um feliz Natal a outros meninos, escolhendo a nossa sala. A estagiária propõe às crianças escreverem uma carta a desejar feliz natal aos meninos da outra escola como resposta. A estagiária explica que antes de pedirmos prendas temos que pensar nos amigos e por isso desejar feliz natal a outros meninos. Em grande grupo, as crianças dão ideias sobre o que escrever na carta. A estagiária incentiva as crianças a esperarem pela sua vez para falarem. A estagiária regista as ideias das crianças numa folha. Em seguida as crianças desenham em pequenas folhas o que desejarem para juntar à nossa carta e entregar aos meninos da sala Laranja.</p> <p><b><u>Intencionalidade:</u></b> Fomentar o desenvolvimento do respeito pelo outro e pelas suas opiniões.</p> <p><b><u>Área:</u></b> Formação Pessoal e Social</p> <p><b><u>Competência:</u></b> Espera pela sua vez de intervenção nos diálogos, dando oportunidade aos outros de intervirem.</p> <p style="text-align: center;"><b><i>Adivinhas (de tarde)</i></b></p> <p>A estagiária surge na manta com uns cartões de adivinhas, essas adivinhas já são do conhecimento das crianças devendo estas saber as suas respostas. Após recordarem as adivinhas aprendidas na semana anterior a estagiária sugere que devemos fazer os nossos próprios cartões das nossas adivinhas, podendo para isso utilizar cartolinas para escrever a adivinha e depois as crianças ilustram a resposta da adivinha.</p> <p><b><u>Intencionalidade:</u></b> Promover a compreensão que a leitura é uma atividade que proporciona prazer e satisfação</p> <p><b><u>Área:</u></b> Expressão e comunicação</p> <p><b><u>Domínio:</u></b> Linguagem Oral e Abordagem à escrita</p> <p><b><u>Competência:</u></b> Ouve atentamente rimas e adivinhas mostrando prazer e satisfação</p> <p><b><u>Avaliação:</u></b> Descritor de desempenho</p> <p style="text-align: center;"><b><i>Enfeitando o nosso Jardim (de tarde)</i></b></p> <p>As crianças continuam a construir decorações para a nossa sala e entrada. Em pequenos grupos são distribuídas pela sala, realizando pinturas e colagens de enfeites, são distribuídos todos os materiais necessários. Em simultâneo as crianças terminam a decoração do Pai Natal que irá ficar na Porta da nossa sala. A estagiária incentiva as crianças a participarem com mais ideias de decorações e elogia o seu trabalho.</p> <p><b><u>Intencionalidade:</u></b> Promover o desenvolvimento de capacidades expressivas e criativas através de experimentação e produções plásticas</p> <p><b><u>Área:</u></b> Expressão e Comunicação</p> <p><b><u>Domínio:</u></b> Educação Artística</p> <p><b><u>Competência:</u></b> Tem prazer em explorar e utilizar modalidades diversificadas de expressão visual.</p> <p><b><u>Avaliação:</u></b> Análise dos enfeites de Natal.</p>
Quarta-feira	<p style="text-align: center;"><b><i>Saída em grupo (de manhã)</i></b></p> <p>No período da manhã as crianças irão até à cidade de Leiria, ver um teatro e realizar algumas atividades de Natal.</p> <p style="text-align: center;"><b><i>Registo da saída (de tarde)</i></b></p> <p>Em grande grupo a estagiária questiona as crianças sobre o que aconteceu e o que mais gostaram da saída naquela manhã, registando as suas ideias numa folha de papel cenário. A estagiária incentiva todas as crianças a participarem dando a sua opinião, ouvindo os outros e aceitando as suas ideias. Após o registo a estagiária leva as crianças a pensarem sobre a falta de uma ilustração neste registo. As crianças vão em pequenos grupos ilustrar a folha de papel de cenário que contém a informação relativa à saída dessa manhã.</p> <p><b><u>Intencionalidade:</u></b> Promover situações de organização de informação de forma ativa</p> <p><b><u>Área:</u></b> Conhecimento do Mundo</p> <p><b><u>Competência:</u></b> Participa na organização da informação</p>

**Recursos humanos:** Educadora; 2 estagiárias; Assistente operacional; grupo de crianças.

**Recursos materiais:** Material de decoração, imagens do livro papá, apanhas-me a Lua?; computador; projetor; imagens de instrumentos musicais; instrumentos musicais; livro “O Natal do texugo rabugento” de Paul Bright; trapilho; molas; cheerios.

**Avaliação:**

Análise da bengala construída

Análise dos enfeites

Análise da Lua grande

Descritor de desempenho (Anexo III)

**Fundamentação metodológica:** Optámos pelas estratégias apresentadas anteriormente para o decorrer da semana, uma vez que consideramos ser as mais adequadas aos nossos objetivos. De modo a promover a calma e o respeito pelo outro, tentamos levar as crianças e esperarem pela sua vez colocando o dedo no ar e a ter um tom de voz baixo, tentamos também inculcar nas crianças espírito crítico sendo estas muitas vezes as próprias a advertirem os colegas quando por exemplo não esperam pela sua vez de falar ou falam muito alto. Como forma de captar a atenção das crianças tentamos mudar a disposição das mesmas na manta, levando-as a ficar curiosas pelo que será o motivo da mudança. Outro método utilizado para agarrar a atenção das crianças prende-se pela diversificação de formas de contar histórias. Ao nível das atividades orientadas tentámos sempre que a criança realize primeiro ajudando apenas se for estritamente necessário, pois acreditamos que as crianças têm potencial para realizar as atividades com sucesso.

**Bibliografia:**

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.